

• DOSSIÊ DE REGISTRO •

FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE
SANTO ANTÔNIO EM BARBALHA

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN
SUPERINTENDÊNCIA DO CEARÁ

DOSSIÊ DE REGISTRO

FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA

Dossiê apresentado ao Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para a avaliação da pertinência do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, como Patrimônio Cultural Brasileiro.

FORTALEZA, 2015.

Ministro da Cultura
JUCA FERREIRA

Presidente do Iphan
JUREMA MACHADO

Procurador-Chefe no Iphan
RONALDO GALLO

Diretor do Departamento de
Articulação e Fomento
LUIZ PHILIPPE TORELLY

Diretor do Departamento de
Patrimônio Material e Fiscalização
ANDREY SCHLEE

Diretor do Departamento de
Planejamento e Administração
MARCOS JOSÉ SILVA RÊGO

Diretor do PAC Cidades Históricas
ROBSON DE ALMEIDA

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
VANDERLEI DOS SANTOS CATALÃO

Coordenação Geral de Identificação e Registro
MÔNIA SILVESTRIN

Coordenação de Identificação
IVANA CAVALCANTE

Coordenação de Registro
CLÁUDIA VASQUES
DIANA DIANOVSKY
ELLEN KROHN
LUCIANA LUZ
PEDRO CLEROT

Superintendência do Iphan no Ceará
DIVA FIGUEIREDO

Divisão Administrativa
FRANCISCA MOTA BARBOSA

Divisão Técnica
ALEXANDRE JOSÉ M. JACÓ

Técnicos
ELISABETE R. GONÇALVES
IGOR DE MENEZES SOARES
ÍTALA BYANCA M. DA SILVA
JEFERSON HAMAGUCHI

Consultores
MARIA ROSALETE P. LIMA
SIMONE PEREIRA DA SILVA

Bolsistas PEP/Iphan
JANA RAFAELLA MACHADO
JOÃO PAULO VIEIRA

Estagiários
ADSON RODRIGO PINHEIRO
ELIONARDO SARAIVA
AMANDA QUEIROZ
GÉRSICA VASCONCELOS
JOÍSA DA SILVA ALVES
JUAN MARQUES
KELVIA LIMA
MÁRCIA RÉGIA RODRIGUES
MARINA MAIA

Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha
ANTÔNIO DE LUNA

Coordenação de Patrimônio Cultural
JOSÉ SOARES NETO

Técnicos
GORETTI PEREIRA LIMA
THEÓFILO EBERT SAMPAIO

INRC
FUNDAÇÃO PADRE IBIAPINA

Coordenadores
OCÉLIO TEIXEIRA DE SOUZA
RENATA MARINHO PAZ
SANDRA NANCY BEZERRA

CONSULTORES
JÖRN SEEMANN
JOSÉ CARLOS DOS SANTOS
RENATO DANTAS

Pesquisadores
AMANDA TEIXEIRA
AURELIANO GONDIM
CÍCERA PATRÍCIA BEZERRA
ELIANE P. DOS SANTOS
GERALDO M. BARBOSA
JUCIELDO ALEXANDRE
LUCIANA R. DE MELO
SIMONE PEREIRA DA SILVA

Fotografias
JEFERSON HAMAGUCHI
JOÃO JOSÉ RESCALA
MAURÍCIO ALBANO
PADRE PAULO GURGEL

Revisão final
IGOR DE MENEZES SOARES
ÍTALA BYANCA M. DA SILVA
MARIA ROSALETE P. LIMA

Revisão textual e normatização
JOÍSA DA SILVA ALVES

DOSSIÊ
SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN/CE

Textos
ELIONARDO SARAIVA
IGOR DE MENEZES SOARES
ÍTALA BYANCA M. DA SILVA

Fotografias
JEFERSON HAMAGUCHI
JOÃO JOSÉ RESCALA
MAURÍCIO ALBANO
PADRE PAULO GURGEL

Revisão textual e normatização
AMANDA QUEIROZ
ELISABETE R. GONÇALVES

Diagramação
ALEXANDRE JOSÉ M. JACÓ

À memória do carregador Cícero Ricart (Careca).

FESTA DE SANTO ANTÔNIO

A festa de Santo Antônio
Em Barbalha é de primeira
A cidade toda corre
Prá ver o pau da bandeira (bis)

Olha quanta alegria, que beleza
A multidão faz fileira, hoje é dia
Vamos buscar o pau da bandeira
Homem, menino e mulher
Todo mundo vai a pé
A cachaça na carroça
Só num bebe quem num quer

Só se houve o comentário
Lá na igreja do Rosário
Que a moça pra ser feliz
Reza assim lá na matriz:

Meu Santo Antônio, casamenteiro
Meu padroeiro, esperei o ano inteiro (bis)

COMPOSITORES: ALCIMAR MONTEIRO
& JOÃO PAULO JUNIOR
INTÉRPRETE: LUIZ GONZAGA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. IDENTIFICAÇÃO.....	19
1.1. O Sítio: Barbalha e o Cariri cearense	19
Barbalha.....	19
O Cariri.....	29
A água e o Cariri	31
A produção canavieira no Cariri.....	38
1.2. A devoção a Santo Antônio.....	43
1.3. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio	51
Carnavalização	56
Folclorização.....	59
1.3.1. A Trezena de Santo Antônio	66
1.3.2. O Corte.....	72
1.3.3. O Carregamento	78
1.3.4. A Benção da Bandeira e o Desfile dos Folguedos	93
Reisados	125
Ordens Penitentes	139
Capoeira	144
Incelências	148
Dança de São Gonçalo	151
Os Sítios Farias e Santo Antônio e os Folguedos.....	153
Lapinha	160
Quadrilhas Juninas	161
As Bandas Cabaçais.....	164
2. O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO.	196
3. RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA.....	200
3.1. Mobilização social dos detentores e ações de salvaguarda já realizadas	200
3.2. A Sustentabilidade da celebração.....	206
3.3. Salvaguarda do Carregamento do Pau da Bandeira.	207
3.4. Salvaguarda do Desfile dos Grupos de Folguedos e das Bandas Cabaçais.	212
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	214
ANEXOS.....	223
ANEXO I – RELAÇÃO DE PESSOAS ENTREVISTADAS PARA A PESQUISA	
ANEXO II – INRC DA FESTA DO PAU DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA	
ANEXO III – DOCUMENTÁRIO FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO	

INTRODUÇÃO

Em 1941, o Iphan enviou o restaurador João José Rescala (1910-1986) ao Ceará para realizar um inventário da arquitetura tradicional do estado, sendo Barbalha uma das cidades visitadas¹. Na documentação produzida pelo restaurador, temos a Igreja Matriz de Santo Antônio, com o pau da bandeira a sua frente. Esse foi o registro fotográfico mais remoto que encontramos de algum elemento da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

A bandeira do padroeiro não recebeu do pesquisador atenção e, provavelmente, ele deve ter se posicionado ao fazer a fotografia de forma com que o mastro não atrapalhasse a vista do templo religioso. Passados quase 60 anos da missão pioneira de Rescala, o Iphan voltou seu olhar novamente para a cidade de Barbalha, porém, dessa vez o Pau da Bandeira tornou-se o protagonista.



Imagem 01: Igreja Matriz de Santo Antônio, 1941.

Autor: João José Rescala.

As ações referentes à preservação do patrimônio cultural de natureza imaterial, no âmbito da Superintendência do IPHAN no Ceará (Iphan-CE), principiam de forma mais sistemática com o denominado *Projeto Cariri* no início dos anos 2000.

O Projeto consistia na elaboração de inventários, utilizando-se da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), de alguns bens culturais localizados

¹ Para ver mais sobre o inventário realizado por João José Rescala: NASCIMENTO, José Clewton. **Rescala no Ceará (1941):** apontamentos sobre a arquitetura tradicional cearense. In. SOARES, I. de M.; SILVA, Í. B. M. da (Org.). **Cultura, política e identidades:** Ceará em perspectiva. Fortaleza: Iphan, 2014. v.1, p. 415-439.

na região do Cariri – dentre eles a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha.

O Projeto Cariri, que iniciou em 2001, fundamentou-se em parceria entre o Iphan-CE, a Fundação de Desenvolvimento Tecnológico do Cariri (FUNDETEC) e Universidade Regional do Cariri (URCA), implicando a estruturação de “escritório técnico” como base de apoio aos trabalhos que iriam ser desenvolvidos, localizado na URCA. Ainda que as ações do Projeto Cariri não tenham resultado em bens registrados no Ceará, não há como discutir a importância do referido projeto como relevante núcleo de aprendizado e formação, na medida em que possibilitou aos seus bolsistas integrantes, estudantes de graduação dos cursos de história, ciências sociais, geografia e biologia, o contato com professores de reconhecida experiência e formação.

Em meio a várias dificuldades e problemas, o Iphan-CE, em 2011, concluiu a realização de inventário sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. O trabalho de pesquisa e campo, bem como a elaboração do inventário propriamente, coordenado e desenvolvido pela professora Renata Marinho Paz e sua equipe, possibilitou a construção de referências importantes acerca dos distintos momentos desta manifestação, bem como de seus minuciosos elementos.

Ao abordarmos uma festa considerada tradicional como é a Festa do Pau da Bandeira, sobretudo tecendo considerações sobre a composição de um inventário e o desenvolvimento do processo de registro de tal manifestação, gostaríamos talvez de pensá-la como um conjunto de práticas e discursos que configuram uma determinada paisagem da cidade de Barbalha.

Conquanto a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio seja uma manifestação sujeita a novas dinâmicas e reformulações a cada ano, não deixa de ser uma referência paisagística na medida em que se delinea – por meio de imagens, relatos, memórias, políticas, propagandas – a construção de alguns sentidos concernentes a determinados espaços e práticas, tornando-os centrais nos discursos e percepções envolvendo a instrumentalização de noções como identidade, tradição, cultura, cultura popular etc.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, assim como outras manifestações, é um emaranhado de vozes que partem de lugares de fala, por vezes, bastante distintos. É óbvio que nossa compreensão sobre a Festa não se restringe às relações entre os participantes ligados às manifestações e ritualizações consideradas centrais, tais como o corte, carregamento, hasteamento, missas e trezena; a festa, de forma ampla, é um complexo interdependente que, decerto, se modela e remodela em conformidade à atuação de indivíduos e grupos sociais, os quais, de algum modo, estão envolvidos com sua ritualização, produção, divulgação, financiamento e organização.

Albuquerque Júnior nos faz algumas considerações bem interessantes sobre festas ao mencionar que não seria seu propósito tratá-las como “manifestações autênticas do povo, como espaços de um mundo cultural à parte, paralelo ou resistente à dominação”; para o autor, as festas seriam “espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes”. Neste sentido, cabe-nos ainda mencionar mais algumas palavras concebidas pelo referido historiador, o qual faz menção ao fato de tais disputas não aludirem tão somente aos sentidos e significados atribuídos a determinada festa, mas também às práticas, às regras e aos códigos que, de alguma forma, lhe atribuem concreção².

Em verdade, ao tempo que nos organizávamos a fim de contribuir, da melhor maneira possível, com o andamento do processo de Registro da Festa de Santo Antônio, transformava-se nossa capacidade de perceber e entender tal bem cultural. As nossas reflexões sobre a festa nos levavam a abranger nossa compreensão sobre alguns termos muito utilizados quando se pauta determinadas manifestações culturais, como a referida festa, tais como tradição e identidade.

Portanto, a cada passo que dávamos visando a encaminhar ações cujos propósitos referiam-se ao processo de registro da festa no livro das Celebrações, sentíamos a plena necessidade de ampliar nossa visão de forma a torná-la não mais restrita ao plano do movimento ritualístico, da narrativa pré-concebida daquilo que se espera sobre a Festa do Pau da Bandeira. A festa, portanto, nos exigia um tanto mais de acuidade e, sobretudo, reflexão acerca de nossas ações, como historiadores e técnicos ligados a uma instituição cujos objetivos traçados aludem sobretudo à preservação, promoção e salvaguarda do patrimônio cultural.

As distintas reuniões de que participávamos nos indicava claramente outra dinâmica alusiva à festa; os conflitos emergiam e se aproximavam, evidenciando-nos as disputas, os desejos e ânsias que visualizavam o poder de dar corpo e significado àquele evento. De certo modo, conforme nos percebíamos como parte ativa em um processo de reconfiguração da festa, já que estávamos a discutir e empreender ações com vistas ao registro daquela manifestação, passávamos, pouco a pouco, a compreender que, de um modo geral, as festas necessariamente apresentam outra face, nenhum pouco menos relevante, quando pensamos em sua legibilidade.

Portanto, para além dos sujeitos que protagonizam os elementos ritualísticos das manifestações, os quais, decerto, contribuem para a concretização de uma festa como um evento de grandes dimensões, torna-se relevante mencionar que, de forma alguma, não se restringe a estes elementos; configura-se, pois, também na logística e empenho

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP. v. 7, n. 1, p.147, jun. 2011.

administrativo em fazê-la acontecer, com seus shows, horários e programações definidos, recursos, contratações, licitações etc.; a festa se delineia também nas inúmeras matérias jornalísticas, contratadas ou não, nas memórias e esquecimentos propagados, nos ensaios fotográficos e publicações, nas teses e dissertações, assim como nas ideias difundidas e aceitas, na divulgação, nas produções literárias, vídeos, documentários, reportagens veiculadas em programas televisivos, nas políticas, concebidas e instituídas, nas rezas e outras manifestações de fé, compartilhadas, bem como no cotidiano e exercício da política e nos caminhos e descaminhos da imaginação.

Tal percepção é resultado da experiência de dialogarmos com vários sujeitos, por motivos diferentes, de forma a apresentá-los as razões e necessidades de nosso trabalho no âmbito da cidade de Barbalha, quando retomamos o desenvolvimento do inventário para registro da celebração, em 2010. Em um primeiro momento, por exemplo, tivemos que tecer algumas considerações e explicações, mesmo que não tivéssemos respostas tão claras e propagáveis, sobre o longo e demorado processo que se arrastou desde os primeiros anos em que se deu início o referido “projeto cariri”, sem que resultasse, por parte do Iphan, ações concretas ou considerações coerentes acerca dos rumos que levaram as ações desenvolvidas até então.

As dúvidas, questionamentos e críticas nos guiaram em um primeiro momento; afinal, estávamos ali, em Barbalha, a fim de levar adiante um trabalho que já deveria estar conclusivo ou muito próximo do fim, e não estava. Não contamos os momentos em que tivemos que calmamente ouvir críticas e reclamos, corriqueiramente duvidosos e reticentes quanto as nossas palavras e futuras ações. Em verdade, tivemos que recomeçar os trabalhos praticamente do zero, já que apenas tivemos contato com algum material deixado pela coordenação anterior sem qualquer organização prévia ou conteúdo que nos levasse a identificar uma pesquisa ou inventário desenvolvido sobre a festa. Por sorte, em contato com a professora Renata Marinho Paz, que coordenara o inventário pela FUNDETEC/URCA, a fim de saber um pouco mais sobre os trabalhos realizados e, sobretudo, sobre os resultados obtidos, pudemos entrar em contato com uma cópia do que fora produzido e isso nos permitiu empreender continuidade ao processo interrompido.

Não restam dúvidas de que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, como construção paisagística de Barbalha, reflete sobremaneira uma referência cultural da cidade; a festa sintetiza, portanto, a ideia de uma coerência comunitária da sociedade de Barbalha expressa por meio de construções ritualísticas e performáticas que convergem a um elemento central – a fé em Santo Antônio. A composição de um inventário sobre a festa, e mais do que isso, a possibilidade de registro da celebração como “patrimônio cultural brasileiro” gerava, como bem falamos anteriormente, um princípio de suspeita e dúvida, completamente justificado, ao tempo que fomentava, quando o diálogo já estava em curso,

certo movimento de ansiedade que provocava a busca, por parte de alguns sujeitos envolvidos, pela interlocução e o desejo de participar; afinal, estávamos a tratar de algo sobre o qual, a princípio, muito menos tínhamos, nós forasteiros, a dizer.

As dúvidas e questionamentos que nos eram postos dirimiam-se com certo vagar, e para isso fizemos algumas reuniões nas quais presentes estiveram jornalistas, professores, carregadores, políticos e outros tantos representantes da sociedade de Barbalha, que, por vezes, se posicionavam contundentemente em suas colocações, como já bem falamos, o que nos levava a mais explicações ou explanações sobre a nova formação que estava à frente de tal processo, bem como acerca do processo em si, referente ao registro da Festa do Pau da Bandeira.

Com vistas a dar prosseguimento ao processo de registro, desenvolvemos algumas ações, conforme estabelece a Resolução 001, de 03 de agosto de 2006, aludindo aos procedimentos a fim de se levar adiante o processo administrativo de Registro dos bens culturais de natureza imaterial. Ou seja, encaminhamos a contratação de serviços fotográficos, realização de documentário, exposições, ao passo que dialogávamos com a Secretaria de Cultura e de Turismo de Barbalha e com o Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), vinculado ao IPHAN, de forma a encaminhar da melhor maneira possível o requerimento quanto ao registro, bem como a completa documentação necessária visando a tal propósito; enfim, íamos, dentro de nossas possibilidades técnicas, dialogando e oportunizando que outras partes interessadas, por razões diversas, na festa, assim como no próprio registro da manifestação, pudessem se pronunciar de alguma maneira e empreendessem, assim, alguma comunicação ainda que entremeada por conflitos.

Na documentação que enviamos ao DPI/Iphan, constando requerimento alusivo ao Registro bem como um dossiê inicial acerca da festa, que nos foi repassado pela Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha, trazia, a princípio, referências distintas quanto à denominação do bem cultural em questão; alguns documentos, pois, reportavam à “Festa de Santo Antônio”, outros à “Festa do Pau de Santo Antônio”, enfim, havia algumas diferenças que implicavam problemas no que cerne ao encaminhamento do requerimento já que no artigo 4º da Resolução 001, de 03 de Agosto de 2006, há menção referente à necessidade de denominação e descrição sumária do bem para o qual se estava solicitando o Registro.

A partir de tal questão houve algumas reuniões cujos propósitos eram nos permitir levar adiante discussões sobre os rumos que estavam sendo dados em se tratando do processo de Registro da festa e a resolução de algumas pendências, como a que abordamos anteriormente. As reuniões nos exigia função de mediação afinal estávamos a tratar de temas que perpassavam instrumentos e políticas pertinentes ao IPHAN, o que nos permitia enxergar algum delineamento e configuração das vozes presentes e, de certo

modo, como tais sujeitos iam dialogando entre si, buscando e expondo legitimidade, conflitando; desta forma, os sentidos e os significados daquela tradição, acerca da qual estávamos a nos debruçar, nos remetiam necessariamente a pensar em negociação, em política, de forma ampla.

As tradições, sobretudo as que se tornam símbolo ou marca de uma cidade, acompanham as mudanças e diferenças que resultam do jogo e embates da vida urbana. A ressemantização e transformações que envolvem tais práticas culturais, por vezes, exige dramática negociação; em outros momentos, e não são tão raros, expõem o desejo autárquico e narcisista de decisões unívocas, pouco afeitas aos desenlaces democráticos. É certo, entretanto, que em face à configuração política municipal aproximar-se dos desígnios da festa, não há dúvidas de que a negociação partindo de lugares de fala assim como de sujeitos distintos transcorre com certa constância.

Uma reunião, por exemplo, da qual participamos e que certamente foi bastante interessante ocorreu no plenário da câmara dos vereadores; lá estavam dezenas de carregadores, vereadores, o Prefeito de Barbalha e outros interessados. O tema central da reunião não foi propriamente o processo de Registro, mas algumas questões referentes à festa do padroeiro, envolvendo, sobretudo, o processo de carregamento e óbvio que a retomada dos trabalhos ligados ao registro deveria, naquela ocasião, ser anunciada e, de algum modo, apresentada e discutida. Basicamente, foram os primeiros passos de nossos trabalhos em Barbalha; nesta ocasião específica, portanto, como se tratava de uma reunião em que fomos apresentados à comunidade, a questão retrocitada da mediação não se aplicou.

Voltando ao início do parágrafo anterior em que falávamos sobre o quão interessante nos afigurava tal reunião, mormente quando algumas questões chaves foram postas, apresentadas, há que se mencionar que o primeiro ponto que nos tornou mais atenciosos referiu-se ao destaque e às reclamações provindas dos carregadores os quais teciam considerações quanto à relação que se estabelecera, quando do carregamento do “pau de Santo Antônio”, entre eles e os membros da polícia, que acompanhavam a festa, principalmente quando os carregadores atingiam a zona urbana de Barbalha. O que se pronunciava, ao longo da ocasião, é que o comportamento policial durante as festas anteriores apresentava-se um tanto quanto pouco condizente, pois, com o universo do processo de carregamento. Os relatos acusavam a ação policial de equivocadamente violenta, incapaz de compreender a lógica subversiva, inversiva e de fé que caracteriza as ações dos carregadores.

Desta forma, aos olhos de quem chegava pelas primeiras vezes a fim de presenciar, vivenciar a Festa de Santo Antônio, em Barbalha, e, de certo modo, poucos elementos conhecera - apenas algumas imagens correntes veiculadas em jornais ou

televisão, bem como as lembranças fortuitas de relatos de quem já a visitara por motivos e propósitos distintos -, as manifestações que chamavam atenção e, portanto, enchiam os olhos de interesses referiam-se de algum modo aos elementos considerados tradicionais. Apenas com o tempo, deixando um pouco de lado a vermelhidão do barro que contextualiza uma grande parte do carregamento, assim como o colorido disperso das roupas de tantos brincantes e os sons característicos de cada uma das manifestações presentes ao longo da festa, íamos atentando para o restante, para os bastidores, apertos de mão, reclamos e, mesmo, alaridos que nos permitiam, como indícios, ver e pensar aquela tradição de uma maneira distinta.

A experiência da tradição se forja vinculando passado e presente, explicitando, de algum modo, permanências. A tradição nos remete a elementos, dentre os quais os discursivos, que expressam e indicam relações incontestáveis entre o passado, ou melhor, o passado comum referente à ideia de um coeso grupo social e o seu presente. Posto que as práticas tradicionais sejam permeadas por descontinuidades e recriações, as narrativas e elementos que indicam continuidade tornam-se imprescindíveis, como a estabelecer uma outra ideia de relação temporal; tais práticas chamam o passado ao presente e buscam construir uma coerência narrativa entre temporalidades distintas, concebendo a origem de determinada união, as razões para vínculos e sentimentos comunitários e identitários.

Océlio Teixeira de Souza, tecendo considerações sobre a festa, elenca três momentos que considera fundamentais para a sua compreensão na medida em que a ocorrência de algumas transformações levam a mudanças que, de certa maneira, influenciam a forma como se desenvolve tal manifestação. O primeiro refere-se à atuação do pároco José Correia Lima, estendendo-se aproximadamente de 1928, quando ocorre a criação³ da manifestação⁴, à década de 40; nesse primeiro momento o referido autor considera predominante o aspecto religioso.

O segundo momento seria da década de 40 até os primeiros anos da década de 70. O autor afirma que, a partir da década de 40, ocorrerá a “carnavalização da festa”⁵,

³ É importante mencionar que Océlio Souza, embora faça menção ao ano de 1928 como de criação da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha/CE, constituindo, inclusive a primeira referência no que concerne ao período estudado, deixa claro que a devoção a Santo Antônio, em Barbalha, principia em 1778, quando “o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá [...] solicitou ao Visitador Manoel Antônio da Roxa [...] licença para construir uma capela em louvor ao Santo de Lisboa” SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 18.

⁴ Océlio Souza afirma ser inadequado falar em “festa” quando a abordagem se refere ao primeiro momento proposto já que basicamente havia o carregamento e hasteamento, além de outros rituais católicos. A caracterização da manifestação enquanto “festa” dar-se-á a partir do segundo momento, portanto, quando ocorre a carnavalização da manifestação. SOUZA, Océlio. op. cit. p. 20.

⁵ Segundo Océlio Souza, a concepção de carnavalização utilizada em seu trabalho parte de Bakhtin Mikhail Bakhtin, que compreende a carnavalização como uma inversão de valores, uma “concepção

implicando, portanto, ampliação no que se refere à participação popular em detrimento de um teor mais religioso da manifestação, que caracterizou a fase anterior conforme já mencionamos. A festa não mais estaria restrita e atrelada aos rituais católicos, ainda que, sem lugar a dúvidas, a instituição continuasse a expressar fundamentalmente momentos centrais e imprescindíveis ao longo de toda a celebração.

Por fim, como terceira fase indicada pelo autor, pode-se dizer que tal caracterização nos remete a aspectos da configuração atual da festa. Ou seja, no domingo em que ocorre o carregamento e hasteamento do pau da bandeira, logo pela manhã, por volta de cinco horas, alguma movimentação já vai ocorrendo, sobretudo o som inconfundível das bandas cabaçais que principiam a trilha de um roteiro cujo propósito central é construir a ideia de um espaço que remete os expectadores a expressões que supostamente aludem a noções como “cultura brasileira” e “cultura popular”.

Outros tantos folguedos se posicionam e vão tomando conta do espaço; sob o sol a pino e a cumplicidade retumbante da Igreja Matriz e do casario antigo, os sons, movimentos e coloridos das manifestações, além do exotismo de tantas presenças ilustres para quem inevitavelmente os olhares convergem, marcam o tom da diferença e da mistura organizada. No mesmo domingo no qual os grupos de folguedos se manifestam dispersos pelas adjacências do largo onde se encontra a Igreja Matriz, e que desfilam como uma marcha seguindo a bandeira de Santo Antônio, ocorre o carregamento do “pau” por um percurso de aproximadamente seis quilômetros, provindo dos sítios Flores ou São Joaquim até o local destinado ao hasteamento do “pau da bandeira de Santo Antônio”.

O carregamento – que, decerto, é um dos momentos centrais da festa – reúne uma porção de homens dedicados ao esforço enorme de levar adiante, em seus braços e ombros, a condução, em direção ao local de hasteamento, de uma árvore desgalhada, cuja extensão chega a vinte e dois metros, ou mais, e o peso a aproximadamente duas toneladas, duas toneladas e meia, estando um pouco mais leve no dia em que será transportada por ser posta a secar, ao longo de quinze dias, na chamada “cama do pau”, exatamente durante o intervalo entre o dia em que ocorre o corte da árvore e o referido carregamento. Após visível tenacidade e esforço realizado, assim como recompensado, em meio às brincadeiras de duplo sentido, ou demonstrações várias de virilidade, como nas simulações de embates corporais ou consumo demasiado da “cachaça do Senhor Vigário”, a festa, nos dias que seguem, apresenta seu fervor religioso nos noitários e procissões até o dia 13 de junho, data em que se celebra o santo padroeiro de Barbalha. Os passos e demonstrações de fé dividem as expectativas com atrações artísticas que visitam a cidade neste período e que atraem uma porção de interessados ao parque da cidade.

de mundo e de vida em oposição à concepção de mundo e de vida da cultura oficial”. SOUZA, Océlio, op. cit. p. 48.

A festa vai sendo construída na proximidade entre os novos elementos que passam a incorporar a lógica e configuração da manifestação como um grande evento cultural e turístico da cidade de Barbalha, capaz de dar visibilidade ao município, atraindo milhares de pessoas que se deslocam em busca do movimento, das atrações musicais e, sem dúvida alguma, da irreverência das narrativas que garantem o poder milagroso do “pau de Santo Antônio” - capaz de levar ao altar a moça que lhe toque com muita fé ou que venha a bebê-lo em chá, assim como o interesse refere-se às manifestações ritualizadas de fé, sobretudo quando se trata de uma experiência que não se pode vislumbrar em quaisquer paragens; a tradição, portanto, torna-se um atrativo a parte.

A busca pelo tradicional, e aí referimo-nos às nossas percepções quando em Barbalha chegávamos a nossas primeiras viagens, não deixa de ser um interesse pelo outro; a idealização do outro localizado em um passado cristalizado em trajes, músicas, rezas, artefatos e determinados movimentos que, a uma certa distância, imprime toda a coerência de uma manifestação que já não se evidencia tão facilmente, sobretudo nos grandes centros urbanos; é como se tais manifestações sobre as quais estamos a falar expressassem valores e interesses que de jeito algum reportam às conformidades da vida urbana, às transformações e velocidade dos avanços tecnológicos, aos individualismos, excessos de consumo e paranoias de uma complexa rede de relações que caracterizam eminentemente a vida contemporânea.

As distintas matérias de jornais sobre a Festa do Pau de Santo Antônio nos permitem evidenciar certa paisagem delineada. O inventário desenvolvido pelo Iphan, assim como todo o processo visando ao registro de tal bem cultural, ao passo que dialoga com todo um aparato narrativo e imagético construído ao longo de décadas, que sem dúvida referencia diversos sentidos atribuídos à cidade e à manifestação, reforça e institui a festa como símbolo inquestionável que se refere à ideia de uma tradição, de uma trajetória comum de determinado grupo social.

A Festa de Santo Antônio configura uma “comunidade imaginada”⁶ que passa a tê-la como referência de lugar de origem; quase como um símbolo pátrio que, de alguma forma, indica semelhantes, estrangeiros, indica reconhecimento. A Festa de Santo Antônio, na medida em que, por sua enorme dimensão, atrai atenções de toda a mídia do Estado, além da mídia de veiculação nacional, como alguns programas de televisão, torna-se um forte elemento de reconhecimento de Barbalha e dos barbalhenses. Durante a festa, o mundo parece convergir seus olhares, que se expressam nas inúmeras câmeras, reportagens e turistas curiosos que indicam claramente o interesse forasteiro.

⁶ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 32.

A ideia de identidade, ao tempo que indica o desenvolvimento de um trabalho ideológico muitíssimo bem elaborado, delimita, exclui, assim como constrói a ideia quase incontestável e coerente de um passado comum. Sob a égide das identidades culturais correm narrativas que se debruçam na experiência compartilhada e nas lembranças, que também denotam, sem lugar a dúvidas, certa cumplicidade, amparada, pois, em um tempo distante.

A continuidade torna-se elemento sem o qual a ideia de identidade perderia o passado como forte instrumento de sua concepção. Destarte, memória e história afiguram-se de forma relevante em tais processos. Na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, evidenciam-se, claramente, descontinuidades que geram fricções e discussões à medida que expressam mudanças no âmbito do que seria a estabilidade ritualística. As mudanças ou atualizações por que passa a festa nem sempre se aproximam dos elementos ritualizados, mas surgem geralmente como estratégia cujo propósito seria a implementação de novos atrativos com vistas à ampliação do público, dos consumidores da festa.

Le Goff menciona que os documentos são monumentos na medida em que são produtos sociais, resultam “do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária e involuntariamente – determinada imagem de si próprias”⁷. Torna-se, portanto, imprescindível desconsiderarmos a ideia de naturalidade quando estamos a tratar de bens culturais, de forma a se perceber que a atribuição de valor é o resultado de relações sociais, de relações envolvendo distintos sujeitos, e seus discursos, dotados de interesses vários, implícitos ou explícitos, e menos uma característica inata aos referidos bens culturais; como afirma Márcia Chuva, “não há patrimônio dado *a priori*”⁸.

O patrimônio cultural, as tradições e as identidades não deixam de ser um conjunto de discursos e práticas por meio dos quais se vão conformando sempre narrativas de sentidos. Os significados vão ganhando corpo quando da idealização e construção do curso, no calor dos embates, das formulações e reformulações de argumentos e assertivas. No jogo de tais representações⁹, as narrativas se vão delineando, forjando coerências, ao tempo que se instituem símbolos, códigos, regras tácitas.

E assim, em meio aos instrumentos, às políticas que nos conformam o cotidiano da atividade técnica, própria de um órgão público cuja função é a preservação do patrimônio

⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 538.

⁸ CHUVA, Márcia. A história como instrumento na identificação dos bens culturais. In: MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Resende (Org.). **Inventários de Identificação: Um panorama da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998, p. 243.

⁹ Reportamo-nos ao conceito de representação concebido por Roger Chartier, segundo o qual seriam construções de sentido de forma a tornar o mundo compreensível nos termos instituídos e legitimados por determinados grupos sociais. CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

cultural, percebemo-nos, por vezes, camuflados de técnicos, enrijecidos pelo rigor de legislações e orientações jurídicas, administrativas que se chocam brutalmente com os profissionais que trazemos para além da função técnica; afinal, não há uma mera fantasia e uma vestimenta que nos tornem historiadores; somos, tão simples assim; e é sempre um alívio saber que a única rigidez que nos apetece leva-nos ao rigor do método, do uso das fontes e da escrita, e é bom que assim seja.

No capítulo inicial do dossiê encontraremos a descrição dos principais bens culturais que integram a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. No segundo capítulo são elencados alguns aspectos da celebração que justificam o seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Brasileiro. E no último capítulo, temos as recomendações para a salvaguarda do bem.

Ressalta-se que compõem também o dossiê de registro da Festa do Pau da Bandeira o seu INRC, coordenado pela Profa. Dra. Renata Marinho Paz, o documentário dirigido pelo cineasta Rosemberg Cariry e a documentação fotográfica produzida pelos fotógrafos Maurício Albano e Jeferson Hamaguchi.

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. O Sítio: Barbalha e o Cariri cearense

Barbalha

A cidade de Barbalha tem sua origem também associada à devoção a Santo Antônio. Foi a partir da Fazenda Barbalha, cuja capela tinha como orago o referido santo, que a cidade se desenvolveu. Conforme Océlio Teixeira de Souza:

A devoção a Santo Antônio, em Barbalha, remonta a 1778, quando o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, quarto proprietário da fazenda Barbalha, considerado pelos historiadores locais como o fundador de Barbalha, solicitou, ao Visitador Manoel Antônio da Roxa, que naquele ano estava em visita à Freguesia de São José dos Cariris Novos (hoje Missão Velha), licença para construir uma capela em louvor ao santo de Lisboa. A licença foi concedida pelo Visitador e confirmada pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Diogo de Jesus Jardim. A capela foi construída, sendo benzida e entregue ao proprietário da fazenda Barbalha pelo 6º Vigário de Missão Velha, padre André da Silva Brandão, em 23 de dezembro de 1790.¹⁰

Em agosto de 1838, por meio da Lei n. 130, de 30 de Agosto, Barbalha foi elevada à freguesia, desmembrando-se da freguesia de Missão Velha, tendo como orago Santo Antônio¹¹. Em 1846, passava Barbalha, por meio da Lei n. 374, de 17 de agosto, à condição de vila; trinta anos após tornar-se vila, Barbalha foi elevada à categoria de cidade, pela Lei n. 1740, de 30 de Agosto de 1876. Maria Yacê Carleial menciona que a "pretensa exatidão" de tais datas informa sobre transformações político-administrativas por que passou Barbalha, no entanto, não é capaz de fazer verificar que, no decurso desse período, entre 1846 e 1876, os engenhos e a produção canavieira se tornaram não só o esteio econômico de Barbalha, mas também "elemento determinante na formação social e cultural daquela população"¹².

¹⁰ SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. p. 18.

¹¹ STUDART, Guilherme. Descrição do municipio de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Economica, 1888, t. II, p. 9.

¹² FEIJÓ DE SÁ, Maria Yacê Carleial. **Os homens que faziam o Tupinambá Moer: experiência e trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. p. 42.



Imagem 02: Vista da cidade de Barbalha, 2010.

Autor: Maurício Albano

Barbalha faz parte da região do Cariri, a qual nos oitocentos se restringia a cinco localidades: Crato, Barbalha, Missão Velha, Milagres e Jardim¹³. Limita-se Barbalha ao Norte e a Leste com Missão Velha; a Oeste com o Crato e a Sul com a Chapada do Araripe, de onde nascem as diversas vertentes que cortam o território barbalhense. A cidade de Barbalha "assenta sobre uma colina, á margem direita do Salamanca; ao nascente passa o Riacho do Ouro, formado com o Riacho do Batoque outro grande e fertil valle. Esta acima do mar 488 metros" ¹⁴.

Francisco Freire Alemão, membro da Comissão Científica de Exploração, nos idos de 1860, passou por Barbalha e observou que a referida vila estava "assentada no alto dum monte". Barbalha inspirou boas impressões do citado botânico, que a considerou "muito superior" a algumas vilas adjacentes por onde também teve a oportunidade de passar, como Exu, em Pernambuco, e Jardim. Além disso, observou Freire Alemão, existia em Barbalha uma porção de "casas novas caiadas e um ou dois sobrados". A Igreja Matriz de Barbalha também foi objeto das apreciações de Freire Alemão, que a considerou grande,

¹³ CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem: Uma Análise do Cariri no Século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 39, 2011, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, ANPEC, 2011, p. 2. Disponível em: <http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000-b3c878c112b2367b0dd6c566dce85b2d.pdf>. Acesso em: 01/07/2015.

¹⁴ STUDART, Guilherme. Geographia Physica e Politica da Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará.** Fortaleza, Typ. Minerva, t. XXIV, 1910. p. 131.

mas um tanto maltratada¹⁵. Guilherme Studart, em 1888, também teceu alguns comentários sobre a Matriz de Barbalha, cerca de 30 anos após as palavras pronunciadas por Freire Alemão. Guilherme Studart diz que a população e a riqueza de Barbalha estavam circunscritos a uma espaço de aproximadamente três léguas. Segundo o autor:

Possue a cidade optima, e bem paramentada Matriz, que mede 88 palmos de frente e 206 de fundo; uma casa de caridade inaugurada a 28 de Março de 1869, devida, como as de outros muitos pontos da Província, ao zelo apostólico do Padre Ibiapina, na qual se achão agasalhadas 41 pessôas, sendo a mor parte ophans desvalidas; um cemitério com bonita capella, o qual mede 116 palmos de frente e 392 de fundo e está collocado n'um alto, o que lhe dá vista pittoresca para todos os lados, sobretudo para o lado do grande Brejo do Salamanca; boa casa de camara, com segurissima cadeia [...], uma cacimba publica, á margem direita do brejo, obra de importancia e utilidade; 2 escolas publicas frequentadas por 93 alumnos do sexo masculino e 65 do femenino; um pequeno collegio com 16 alumnos e 2 aulas nocturnas. Conta 2 pharmacias, 19 lojas de fasenda, molhados e ferragens, 16 tavernas alem do crescido numero de vendólas¹⁶.

Temos outras referências relevantes acerca da transformação urbana de Barbalha desde a segunda metade do século XIX. Na vila de Barbalha, em 1857,

[...] existem 320 cazas de telhas, e 470 de palha, 4 edeficios publicos, sendo uma Igreja matriz, uma caza de Caridade com uma boa Capella no sentro, uma Caza de mercado publico, uma Caza que serve de Cadêa publica, e a municipalidade¹⁷.



Imagem 03: Igreja Matriz de Santo Antônio, 1941.

Autor: João José Rescala

¹⁵ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão:** Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007. p. 60.

¹⁶ STUDART, 1888, op. cit., p. 11-12.

¹⁷ Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Fundo: Câmara Municipal. Série: Correspondências Expedidas (1857-1860).



Imagem 04: Rua da Matriz – Atual Casarão Hotel, 1941.

Autor: João José Rescala

Em 1888, o número de casas em Barbalha chegava a 738, das quais 6 eram sobrados; em 1910, o número chegava a 1.000 casas e 16 sobrados. As transformações urbanas a que nos referimos refletiram o desenvolvimento da produção agrícola e comercial local, na medida em que a criação de animais não se fazia tão expressiva como em outras localidades do Ceará. A criação de gado em Barbalha, em 1888, chegou a apenas 5.000 cabeças envolvendo todas as espécies. Não podemos dizer que houve em Barbalha um eminente avanço econômico, no entanto cabe destacar que no âmbito da província cearense de Barbalha, figurou dentre os espaços mais proeminentes, em face sobretudo ao acesso facilitado a certas correntes de água - Caldas, Farias, Santa Rita, S. Joaquim, Mello, Brejão, Cocos, Loanda, dentre outras, as quais, por meio das levadas, oportunizavam que a produção agrícola local tivesse melhor desenvolvimento.

Na medida em que a agricultura figurava como principal atividade econômica de Barbalha¹⁸ e de outras localidades do Cariri, observamos certo conflito que se processou entre produtores agrícolas e criadores. Irineu Pinheiro observa que, embora a fertilidade do solo do Cariri e suas águas perenes tenham-no fadado à agricultura, o processo de colonização da região ocorreu principalmente a partir dos criatórios de gado. O progresso das fazendas de criar acabou por entrar em choque com os agricultores que pouco a pouco foram se tornando numerosos e economicamente preponderantes¹⁹.

¹⁸ Em 1872, a população de Barbalha era de 12.000 habitantes. Em 1881, chegava a 16.000 almas, dos quais 75% da população ocupada se dedicavam às lides agrícolas.

¹⁹ PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009. p. 45.

Basicamente a questão se centrava na perspectiva da divisão dos espaços da vila que deveriam se destinar a uma e a outra atividade. A Câmara Municipal de Barbalha se pronunciou sobre a representação emitida por alguns dos seus moradores, que requeriam providências imediatas atinentes à criação de gados em determinados espaços, os quais seriam mais propícios ao cultivo de certos gêneros agrícolas relevantes para a economia da vila de Barbalha e da província cearense. Dentre os argumentos utilizados como premissa fundamental na citada representação, enviada à Câmara Municipal de Barbalha, temos que a criação de gados “prejudica a industria agrícola; porque havendo mais terrenos próprios para a agricultura, e havendo impossibilidade de cercal-os todos para preservar as plantações ficão estas expostas a destruição dos gados”²⁰.

Um documento partindo da Câmara Municipal de Barbalha e encaminhado à Assembleia Provincial do Ceará, em 11 de junho de 1855, solicitava a criação de três artigos de posturas limitando a criação de gados em determinados espaços de vila, considerados mais apropriados ao desenvolvimento agrícola: “do Citio ‘Venha vêr’ inclusive para cima por hum e outro lado do Brejo até as serras”²¹. A Lei n. 616 de 17 de janeiro de 1854, aprovando os artigos de posturas da Câmara Municipal de Barbalha, apresenta alguns artigos abordando a restrição referente à criação de gados em certas localidades consideradas apropriadas ao desenvolvimento de atividades agrícolas. O artigo 14, por exemplo, faz menção ao fato de que ninguém poderia ter nas “terras de plantar deste municipio gado vaccum e cavallar”; somente os animais imprescindíveis aos diversos trabalhos ligados à agricultura seriam permitidos, desde que acompanhados por pastores, cerrados em currais ou amarrados. Havia, portanto, multa prevista aos donos de animais encontrados soltos e a reincidência obrigava os proprietários dos animais a ressarcir os danos causados às lavouras. Da mesma forma, o artigo 15 proibia a criação de porcos, cabras e ovelhas em tais localidades, havendo a possibilidade de tais animais serem mortos, ou pena de multa e também a obrigação de pagamento atinente às lavouras destruídas pelos donos dos animais que haviam provocado os referidos danos²².

Em Barbalha, portanto, em acordo às observações prestadas pelo Delegado de Polícia do termo, havia certa dificuldade em se criar “estacadas” que pudessem separar os

²⁰ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Parecer emitido pela Câmara Municipal de Barbalha referente à representação que alguns moradores do município fizeram acerca da criação de gados em algumas localidades de Barbalha (Documento incompleto, não apresenta data e destinatário). Caixa: 21 A, pasta 1 (1847-1856), fl. s/n.

²¹ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha à Assembleia Provincial do Ceará. Caixa: 21 A, pasta 1 (1847-1856), fl. s/n.

²² OLIVEIRA, Almir de; BARBOSA, Ivone Cordeiro (Org.). **Leis Provinciais: estado e cidadania (1835-1861)**. Compilação das Leis Provinciais do Ceará - compreendendo os annos de 1835 a 1861 pelo Dr. José Liberato Barroso. Ed. fac-sim. Fortaleza: INESP, 2009. p. 449.

terrenos dedicados aos criatórios e aqueles voltados principalmente aos desígnios agrícolas, na medida em que na referida vila não abundavam madeiras em quantidades suficientes a fim de servirem à construção das citadas “estacadas”, que lograriam impedir que os gados transpusessem certos limites, adentrando e destruindo determinadas áreas que prioritariamente serviam à agricultura. Ademais, “não há a vista do que fica ponderado, essa abundancia de agoas para dar-se em caso de serem as correntes e levadas obstruídas pelos gados”²³.

Podemos observar, seguindo os documentos camarários de Barbalha, que os conflitos entre criadores e plantadores deixou algumas marcas indeléveis na economia da citada localidade. As considerações prestadas acerca dos rumos econômicos de Barbalha indicam corriqueiramente que os criatórios eram a parte diminuta do município, enfatizando a ideia de vocação agrícola de Barbalha.

Em 3 de agosto de 1881, a Câmara Municipal de Barbalha, respondendo à Circular nº 639, de 27 de abril do mesmo ano, teceu amplamente considerações sobre a dinâmica econômica de Barbalha. No citado documento da Câmara, os “ramos da industria” barbalhense se concentravam basicamente no comércio e na agricultura. Os criatórios de gado também se figuravam dentre os ramos da economia da cidade, conquanto tal atividade não expressasse a mesma relevância se comparada às duas que mencionamos anteriormente. Ademais, havia também “pequenas e pobres fabricas, que fazem boas redes, cobertores, e fazendas eroças de algodão que se prestão convenientemente para o vestuário da população que se occupa da agricultura”. Além disso, há que se fazer menção a outros estabelecimentos produtivos:

Fabricas de cigarros, que os fazem p^o.o município; olarias em que se fabricão bons vasos para agua, optimo tijolo de ladrilho e telha para este e os municípios vizinhos; carpinteiros, ferreiros, pedreiros, marceneiros, pintores, que se occupão na construção de toda qualidade de obras e predios deste município, e no preparo dos engenhos de moer canna, aviamento de fazer farinha e de toda obra necessárias ao movimento da agricultura, commercio, sem que se precise de nenhuma pessoa de fora, nem nenhum para a obras mais finas, como altares, mobilhas²⁴.

A produção agrícola de Barbalha, considerado um espaço essencialmente produtor de gêneros agrícolas, resumia-se a cana de açúcar, arroz, fumo, mandioca, milho, feijão, algodão e batatas, que atendiam a uma demanda interna do município e das localidades adjacentes. O cultivo de cana, conforme já fizemos observar considerando o Cariri de um modo amplo, gerava a produção de uma quantidade pequena de açúcar,

²³ APEC. Fundo: Câmara Municipal. Série: Correspondências Expedidas. 25 out. 1854.

²⁴ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha à Assembleia Provincial do Ceará. Caixa: 21 A, pasta 7 (1847-1856), fl. s/n.

atendendo a uma necessidade interna de Barbalha ao tempo que a produção de aguardente era bem maior, contemplando uma demanda interna de Barbalha e dos “certões vizinhos”, ficando o valor da canada entre 320 e 500 réis. A rapadura também era produzida em grandes quantidades, chegando a uma produção de 20 mil cargas²⁵, das quais 4 mil ficavam no âmbito de Barbalha ao passo que 16 mil eram vendidas aos comerciantes de outras localidades.

Em 1884, na cidade de Barbalha havia 62 engenhos²⁶ que produziam entre 18 a 20 mil cargas de rapadura²⁷ - 2.000.000 de rapaduras por ano -, ou seja, 2.000 toneladas do produto. No mesmo ano, a produção de cachaça chegava entre 100 e 130 mil litros por ano. Já a produção de farinha girava em torno de 800 mil a 1 milhão de litros; a produção de arroz, milho e feijão ultrapassava 2 milhões de litros. A produção de farinha girava em torno de 800 mil a 1 milhão de litros. Já a produção de milho, arroz e feijão, tinha uma colheita que chegava a mais de 2 milhões de litros e a produção de tabaco atingia de 15 a vinte mil quilos²⁸.



Imagem 05: Engenho Tupinambá, município de Barbalha, 1941.

Autor: João José Rescala.

²⁵ Uma carga de rapadura referia-se a 100 rapaduras, que pesava, cada uma, aproximadamente 2 libras.

²⁶ Em 1888, existiam em Barbalha 36 engenhos de ferro, 31 engenhos de madeira e 28 alambiques.

²⁷ Cada rapadura pesava aproximadamente 1 quilo.

²⁸ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Presidente da Província do Ceará, Sátyro de Oliveira Dias. 11/03/1884. Caixa: 21 A, pasta 7 (1847-1856), fl. s/n.

No que concerne à produção de fumo, temos que tal gênero cultivado e produzido em Barbalha atendia às necessidades dos comerciantes do Crato, Missão Velha, Jardim e Milagre. Além de tais produções apresentadas, podemos observar que em Barbalha:

[...] produz café, que, sendo exportável pelo seu preço mesmo em cavallos, infelizmente não se tem cultivado, nem mesmo para as necessidades do município; assim como optimas mangas, bananas, cajus, imbus, goiabas, ananáz, côco, e outras muitas fructas, tendo tbem as indigenas piquy, cajuy, puçás, mangába, côco de palmeira e outras; piquy em quantidade extraordinariamente grande²⁹.

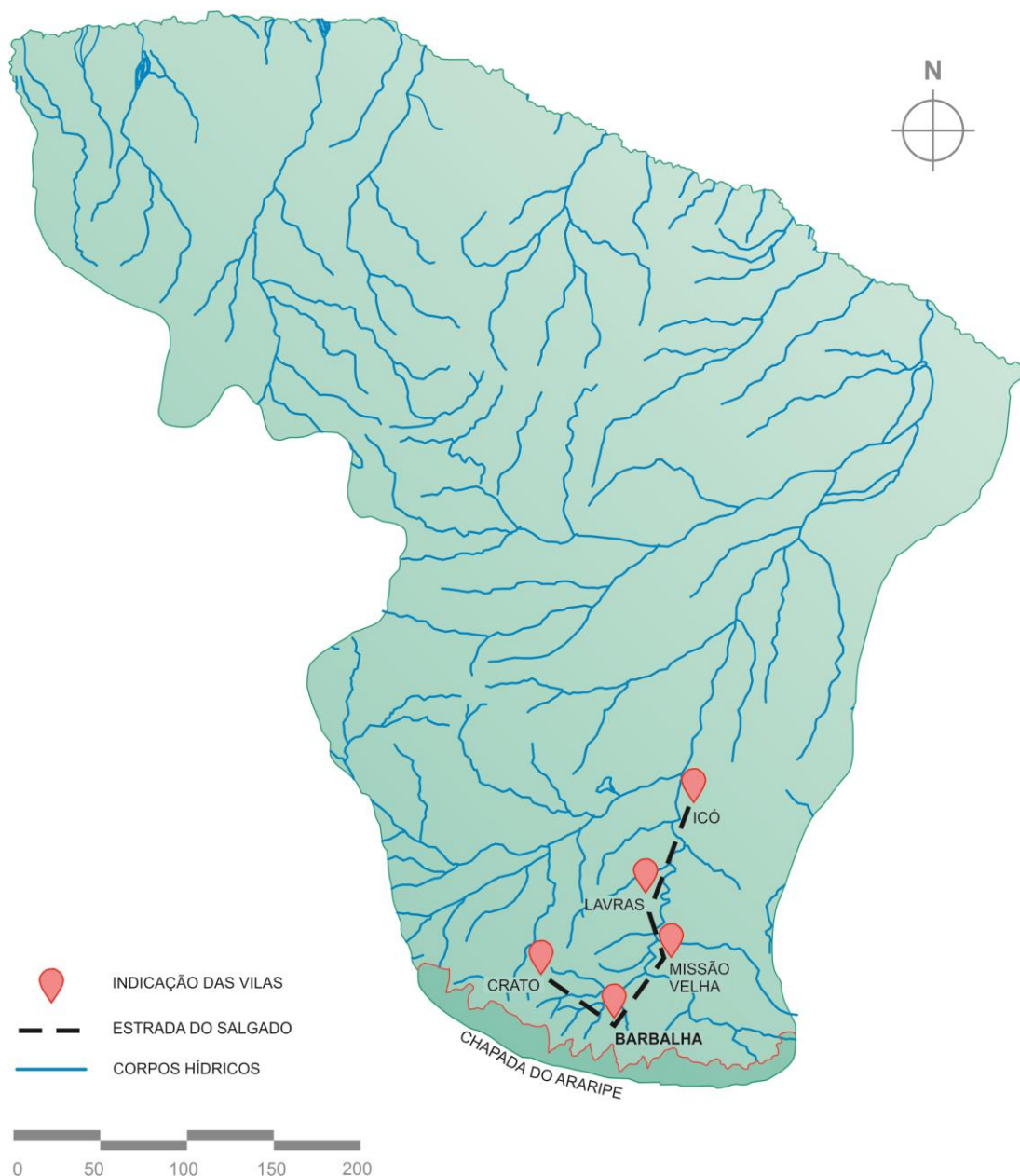
As produções mais importantes para a economia de Barbalha, em 1887, conforme nos permite observar Guilherme Studart referia-se a:

2:800.000 kilos de rapadura de optima qualidade; 32.000 canadas de aguardente, 4.000 arrobas de assucar branco, 200 arrobas de café, 1.500 de tabaco, 5.000 kilos de borracha de mangabeira, 10.000 quartas de arroz (80 litros a quarta), 4.000 quartas de milho e 2.000 de feijão³⁰.

Na medida em que Barbalha, na segunda metade do século XIX, tinha a maior parte de sua economia centrada na produção agrícola, os grandes entraves elencados ao seu "progresso" econômico aludiam à longa distância existente entre a citada localidade e um dos portos da província, como o da Capital e o de Aracati, bem como ao fato de a principal estrada - do Salgado -, por onde corriam a maior parte das mercadorias barbalhenses, não comportar o transporte realizado por meio de carros, mas somente nas costas de animais. Estipulava-se que se pela estrada do Salgado o transporte de mercadorias fosse empreendido por carros de bois, e não no lombo de burros, como era corrente, a tendência era se quadruplicar o quantitativo de produtos comercializados.

²⁹ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha à Assembleia Provincial do Ceará. Caixa: 21 A, pasta 7 (1847-1856), fl. s/n.

³⁰ STUDART, Guilherme. Descrição do Municipio de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Typ. Econômica, 1888, t. II, p. 12.



Mapa 01: Estrada do Salgado

Fonte: APEC. Fundo Câmara Municipal. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e outros. Correspondência expedida pela Câmara Municipal de Barbalha destinada ao Presidente da Província do Ceará, Francisco Ignácio Marcondes Homem de Melo. 01/06/1866, Caixa 21-A, pasta 4, Fls. s/n.

Nem sempre havia alguma demanda dos locais próximos à Barbalha no que se refere à produção de arroz, feijão, farinha e milho, já que eram gêneros comumente cultivados em outras paragens, principalmente quando havia maior regularidade dos períodos chuvosos. Em tempos mais secos, quando a produção de tais gêneros, que figuravam como elementos básicos da alimentação no âmbito de quase toda província cearense, era mais exígua, demandando que estes produtos fossem adquiridos em distintas localidades, Barbalha tornava-se um dos espaços provinciais capazes de fornecer tais

gêneros, atendendo, na medida do possível, às necessidades de populações que viviam em tais locais mais secos, onde, portanto, era mais difícil quaisquer intentos e esforços agrícolas:

Ao plantar leguas e mais leguas de mandiocas sobre a extensa e larga serra do Araripe, que divide, pelo lado do sul, esta Comarca do estado de Pernambuco e da Cidade do Jardim d'este Estado; de modo que, não obstante a horrível secca qui, pela falta de chuvas, açouta a todos os sertões circunvizinhos e que vão afluindo diariamente em grande numero para todos os pontos d'este Cariry, está esta Intendencia convicta de que inesgotáveis serão os celeiros de farinha³¹.

O relato dos efeitos da seca de 1877-1879 por sobre a cidade de Barbalha nos permite perceber a diferença entre as condições produtivas deste referido município e outras localidades, aproximadas ou não, de onde partiram milhares de indivíduos em busca de melhores condições de sobrevivência, alocando-se em espaços que consideravam oferecer maiores possibilidades às suas subsistências, em face à disponibilidade de recursos encontrados, sobretudo água e alimentos. Os documentos produzidos pela Câmara Municipal de Barbalha, sobre os quais pudemos nos debruçar, mencionam claramente que a população de Barbalha não foi acometida pelas agruras do período de estiagem a que nos referimos. Aproximadamente 26 vertentes³² de água, maiores e menores, que nascem na serra do Araripe e que por meio das "levadas" banhavam algumas dezenas dos engenhos situados na localidade eram apontadas como o principal esteio da população barbalhense nos períodos de seca. Barbalha teria recebido migrantes não só do Ceará, mas também da Paraíba e do Rio Grande do Norte. De Barbalha, poucos teriam partido no período de seca, ao passo que a imigração foi demasiada.

Portanto, os recursos hídricos, desde meados do século XIX, caracterizaram de forma marcante as localidades que compunham o Cariri cearense, e Barbalha não foi uma exceção. Guilherme Studart, por exemplo, em 1888, tece as seguintes considerações:

No limite Sul do município principalmente é que está, por assim dizer, toda sua importância, porquanto por ahí encontrão-se as nascentes donde partem as aguas por levadas, que são utilizadas na irrigação dos terrenos de cultura.

As nascentes mais notáveis pela abundancia de suas aguas, e das quaes algumas são apreciadas pelos efeitos therapeuticos, são as seguintes: Caldas, a principal d'ellas, Farias, Santa Rita, S. Joaquim, Sacco, Podre, Santa Cruz, Macahyba, S. Antonio, Mello, Brejão, Cocos e Loanda³³.

³¹ APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Governador do Estado do Ceará José Clarindo de Queiroz. 15/06/1891. Caixa: 21 B, pasta 9 (1847-1921), fl. s/n.

³² A principal é o rio Salamanca.

³³ STUDART, Guilherme. Descrição do Municipio de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Typ. Econômica, 1888, t. II, p. 10.

Os códigos de posturas referentes a Barbalha³⁴, em face à relevância de tais fontes de água para a localidade, tornavam-se espaços sujeitos ao rigor das normas vigentes. Os proprietários de terras, situados no brejo do rio Salamanca eram obrigados, por exemplo, em acordo ao artigo 12, a providenciar a limpeza do referido rio a cada ano, no mês de outubro, sob pena de 2 réis de multa e 4 réis se houvesse reincidência. Havia no código de posturas de Barbalha, uma clareza quanto à proibição referente ao desvio empreendido por quaisquer indivíduos das “aguas, que vierem das serras da cabeça da Onça inclusive, e do Salgueiro para baixo, as quaes só servirão para uso das casas e bebidas de animaes”. Outra proibição constante no citado código referia-se à impossibilidade de se lavar animais, pessoas, roupas ou outros elementos que poderiam sujar as águas das fontes de “serventia publica” de Barbalha. É relevante observarmos que não somente em Barbalha houve preocupações voltadas a normatizar os usos referentes às distintas fontes hídricas, mas em diversas vilas cearenses eram apresentadas, em seus códigos de posturas, referências sobre os comportamentos e cuidados necessários para com rios, riachos, lagoas e córregos que cortavam seus territórios.

O Cariri

A região do Cariri cearense localiza-se ao sul do Ceará, conformando fronteira com outros três estados brasileiros: Pernambuco, Piauí e Paraíba. As cidades que configuram o Cariri cearense são: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda, Caririáçú, Farias Brito e Santana do Cariri³⁵. Segundo Manuel Correia de Andrade, a umidade do Cariri decorre da existência da Chapada Sedimentar do Araripe, na medida em que as chuvas que recaem sobre ela:

[...] se infiltram e aprofundam pelas camadas de arenito³⁶ permeáveis, até encontrar porção impermeável. Forma-se o lençol subterrâneo que escoar, devido à inclinação das camadas, em direção ao território cearense, onde volta ao solo através de uma série de fontes com regime permanente³⁷.

³⁴ Lei n. 646 de 17 de janeiro de 1854. In: CEARÁ (Província). **Leis provinciais** (1835 – 1861). Compilação das Leis Provinciais do Ceará. Org. Almir Leal de Oliveira e Ivone Cordeiro Barbosa. -ed. Fac. Similada -. Fortaleza: INESP, 2009. Tomo II, p. 448-452.

³⁵ GONÇALVES, Naudiney de Castro. "**O fogo não está morto**": engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. 35.

³⁶ Rocha sedimentar formada pelo acúmulo de grãos de areia.

³⁷ ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. São Paulo: Cortez, 2005. p. 55.

Segundo Antônio Bezerra³⁸, o processo colonizador que atingiu o território cearense subiu o rio Jaguaribe em direção ao Cariri, espaço que se tornou imediatamente atrativo pelas “terras ricas de humus” e da “vegetação opulenta”, um “verdadeiro Eldorado dos exploradores”. Antônio Bezerra³⁹ refere-se às crescentes solicitações por terras no Cariri, entre os anos de 1714 e 1735, a fim de expressar o quanto tal espaço extasiara os colonizadores e exploradores que por lá chegaram no início do século XVIII.

O avanço colonizador e o povoamento do vale do Jaguaribe foi tão intenso a partir do século XVIII que, segundo Pompeu Sobrinho, toda a extensão do rio Jaguaribe, em 1725, estava povoada e, portanto, já era bem conhecida; “da barra às cabeceiras, nos altos sertões dos Inhamuns, e o mesmo se dava com os seus principais afluentes, inclusive o rio Salgado, primitivamente chamado Jaguaribe-mirim”⁴⁰.

O início do processo de exploração e ocupação do Cariri deu-se em um período posterior ao que ocorrera nas imediações do Icó, permitindo a Bezerra⁴¹, com isso, justificar a inexistência de referências sobre o Cariri em documentação a que teve acesso, do século XVII. Segundo Antônio Bezerra:

O rio Salgado era ainda desconhecido do lugar ocupado pelo município de Lavras para cima, quando o capitão-mór Manuel Rodrigues Ariosa, natural do Rio-Grande, ambos com possessões no baixo Jaguaribe, por compras que haviam feito aos primeiros sesmeiros da data do Jaguaribe, nos anos de 1696 e 1697, pediram e obtiveram data de 3 léguas para cada um, em 12 de janeiro de 1703, que começava da Cachoeira dos Cariris até entestar com o fim da lagôa dos Cariris⁴².

Nas primeiras décadas do século XVIII, já havia fazendas, nas proximidades de Icó, cujos criatórios atingiam 4.000 cabeças de gado⁴³. Em face a uma população constituída por poucos habitantes, bem como a um comércio não tão volumoso, muito clara era a disparidade entre o grande número de reses nos criatórios dispersos pelo território cearense e sua população diminuta, cujo potencial de compra e consumo estava muito abaixo do que ofertava a produção. Raimundo Girão⁴⁴ refere-se a tais questões de modo a justificar as razões que levaram à necessidade de se comercializar o excedente do gado, que se multiplicava no Ceará, em direção a localidades mais distantes onde havia

³⁸ BEZERRA, Antônio, **Algumas Origens do Ceará**. Fortaleza: Editora Fundação Waldemar Alcântara, 2009. p. 112.

³⁹ Ibid., p. 115.

⁴⁰ SOBRINHO, Thomaz Pompeu. Povoamento do nordeste brasileiro. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Tomo LI, 1937. p. 134.

⁴¹ BEZERRA, op. cit, p. 108.

⁴² Id.

⁴³ Ibid., p. 243.

⁴⁴ GIRÃO, Raimundo. **História econômica do Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2000. p. 80.

claramente uma maior demanda, como na zona da mata pernambucana, no recôncavo baiano e nas zonas de mineração.

A água e o Cariri

José de Figueiredo Filho observa que a água é um elemento fácil de se encontrar pelo Cariri. Segundo o autor, as nascentes e os olhos d'água no "sopé do Araripe" tornavam o lado cearense da chapada do Araripe menos seco e, portanto, mais "pródigo" que o lado pernambucano⁴⁵. O referido autor observa que a relevância econômica do Cariri, desde o período colonial se refere ao "cultivo da cana e seus engenhos" ⁴⁶, permitindo ao autor aproximar e comparar o Cariri cearense à zona da mata pernambucana e aos brejos paraibanos. Segundo José de Figueiredo Filho, o Cariri é "uma ilha verdejante cercada da zona sertaneja criadora"⁴⁷.

Da mesma maneira, Antônio Martins Filho, referindo-se ao Cariri, menciona que desde o processo de colonização da região a meados das primeiras décadas do século XX, quando se debruçou e escreveu sobre o Cariri cearense, situado ao sul do Ceará, portanto no decurso de aproximadamente dois séculos, o Cariri tornara-se imprescindível celeiro econômico e produtivo, atendendo aos intentos comerciais e às necessidades de subsistência referentes a distintos espaços adjacentes, do Ceará e de outros estados. O Cariri, como as serras úmidas e o litoral cearense, durante os períodos de estiagem, tornavam-se espaços de convergência migratória de indivíduos que buscavam melhores condições de sobrevivência distantes dos secos sertões⁴⁸.

A cana de açúcar foi o gênero agrícola que permitiu ao Cariri, ao longo do século XVIII e XIX, algum desenvolvimento econômico. Aires de Casal, tecendo observações sobre o Ceará em 1816, menciona que as canas "prosperam em muitas partes; mas o seu suco quase todo é destilado em aguardente, ou reduzido em rapaduras, que são pedaços de açúcar mascavado com forma de tijolo, que se lhe dá moldes cavados em madeira" ⁴⁹. George Gardner, quando de sua passagem pela Cariri, presenciou corriqueiramente o processo de fabricação da rapadura, realizado em engenhos caracterizados pelo autor como construções toscas, ou seja, sem grandes refinamentos técnicos. Segundo o viajante inglês, a

⁴⁵ FIGUEREDO FILHO, José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri**: Documentário da Vida Rural. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 34.

⁴⁶ Ibid., p. 21.

⁴⁷ Id.

⁴⁸ MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011. p. 242.

⁴⁹ AIRES DE CASAL, Manuel. **Corografia Brasílica ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por Hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato (T. 1)**. Rio de Janeiro: Imprensa Regia, 1817. p. 258.

“moagem e o cozimento do suco da cana” se processavam concomitantemente. As canas passavam três vezes pelas moendas, que totalizavam três unidades, de maneira a extrair todo o suco disponível, sem que houvesse perdas, “donde escorre para um cocho feito do tronco da árvore”.

Deste cocho parte do líquido é levado, de tempos em tempos, a pequenos tachos de metal, dos quais havia, justapostos em pequenas aberturas sobre uma fornalha arqueada. Nas diferentes fases do processo, à medida que se faz a evaporação, o suco é despejado de um tacho em outro, até adquirir a desejada consistência. Transfere-se então para uma cuba escavada em sólida madeira e que se chama gamela. Aí fica algum tempo para que se resfrie, sendo então lançado em formas de madeira do tamanho do tijolo comum, embora algumas se façam com a metade deste tamanho. Tiradas das formas, ficam a endurecer ainda por dias e estão prontas para o mercado. As grandes vendem-se em Crato por dois vinténs, em Icó por oito e em Aracati por quatro⁵⁰.

Portanto, nos engenhos do Cariri o açúcar não se configurou como principal produto comercial. Em princípios da segunda metade do século XIX, Freire Alemão e outros membros da Comissão Científica de Exploração⁵¹ visitaram o Cariri. Em suas andanças, foram a um sítio chamado Loanda, localizado em Missão Velha, o qual era um engenho produtor de cachaça e rapadura. O referido sítio ficava em um dos pontos de mais elevada altitude da Chapada do Araripe, de onde o mencionado botânico teve uma vista panorâmica do Cariri, “com seus sítios e canaviais e palmeiras por toda parte”⁵².

⁵⁰ GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 155.

⁵¹ A "Imperial Comissão Científica" ou "Comissão Exploradora das Províncias do Norte", ou mesmo "Comissão Científica de Exploração", criada em 1856, foi uma das ações promovidas e financiadas pelo governo imperial com vistas à integração e exploração do território de algumas províncias pouco conhecidas. Composta por cinco seções, conforme nos aponta Gustavo Braga – Botânica, Mineralogia e Geologia, Zoologia, Astronomia e Geografia, Etnográfica e Narrativa de Viagem -, a Comissão Científica foi presidida por Francisco Freire Alemão e o propósito de tal empreitada basicamente foi adentrar em locais pouco conhecidos pelo império e coletar material de forma a compor acervo do Museu Nacional. Cf. BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. p. 22. A Comissão Científica de Exploração, conforme verifica Lorelai Kury, foi “a primeira expedição científica brasileira”. Em cada uma das seções que compunham a Comissão Científica, considerando as orientações acerca dos trabalhos que deveriam levar adiante, verifica-se certas preocupações acerca das análises empreendidas quanto ao potencial econômico dos espaços percorridos, bem como dos materiais observados e coletados. Contudo, os trabalhos não se limitaram a propósitos voltados ao desenvolvimento de atividades econômicas. Cf. KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Acces, 2001. p. 29.

⁵² ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007. p. 37.



Imagem 06: Engenho do Senhor Zuca Sampaio, Barbalha, década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel.

Ao falar sobre a Serra do Araripe, Freire Alemão observa que o referido espaço não se tratava propriamente de uma serra, e sim de um “chapadão”. Ademais, menciona o botânico, aludindo às suas impressões no decurso de suas andanças por sobre a chapada, que:

A subida, começando num espigão, terá meia légua, corre obliquamente, mas tem lugares tão íngremes, que mais não pode ser; é o terreno da montanha estratificado e formado, a julgar pelo que vi na subida, duma turfa ou grés avermelhado chamado psamito – rocha mole, e em que o casco do animal faz moça e deixa sinal. No entanto sobem por ele até o alto carros vários e descem carregados provavelmente de lenha, para os engenhos. A vargem desde a cidade até o pé da serra não é plana, antes são bacias ou depressões, separadas por lombadas ou montes, ou melhor por espigões que procedem da fralda da serra, e se estendem mais ou menos longe. Enfim o terreno é ondulado. É todo cultivado principalmente de cana, para cujo beneficio é todo semeado de engenhos, por muito dos quais passamos. Tôdas essas plantações são regadas por meio de levadas trazidas das vertentes das abas da serra, que são numerosas e permanentes. Alguns engenhos me parecem movidos por água e é tudo muito povoado. O sol era ardente, a água borbulhava. E corria por toda parte, ora por levadas, ou regos artificiais, ora por correntes naturais. Com ela fertilizam, e regam as erras, movem engenhos etc. etc. Uma vegetação sempre verde. Tudo dá a êste país um aspecto bem distinto do sertão. É uma sorte de oásis, situado no centro, e confrontação de várias Províncias,

e rodeado por toda a parte de sertões. Aqui, como no litoral, se diz: ir ou vir do sertão⁵³.

Freire Alemão ainda observa que a presença da Comissão no Cariri, especificamente na Chapada do Araripe, deixava-os "ilhados", pois os espaços que circundavam o Cariri eram sertões áridos, impedindo quaisquer intenções dos membros da Comissão, caso houvesse algum período de estiagem, por mais breve que fosse, de sair em direção às outras localidades da província⁵⁴.

Torna-se relevante observar que, embora a cana de açúcar tenha sido um produto estratégico para a economia do Cariri, não é possível caracterizar a região, ao curso da segunda metade do século XIX, como um espaço monocultor. Freire Alemão ressalta que as "engenhocas de pau", algumas das quais em condições pouco propícias à produção, eram os estabelecimentos centrais referentes à produção comercial do Cariri, no entanto, outros gêneros agrícolas perfaziam tal paisagem produtiva, como o cultivo do arroz, da mandioca, do milho e do feijão, dentre outras culturas.

Maria Yacê Carleal observa que, ao longo do século XIX, os engenhos de rapadura cresciam, conquanto não fossem engenhos comparados aos que existiam na zona da mata nordestina, que eram maiores, melhor estruturados e voltados a atender principalmente a uma demanda comercial de mercados estrangeiros, que crescentemente devotavam seus interesses ao açúcar brasileiro. Os engenhos localizados no Cariri, ao curso do século XVIII e XIX, concentravam-se especificamente na produção de cachaça e rapadura, e atendiam basicamente as demandas referente a um mercado interno.

Ainda que a produção dos engenhos localizados na região do Cariri não tenha sido tão volumosa e economicamente expressiva se comparada a do nordeste açucareiro, tais engenhos, para que mantivessem plenamente sua produção, contaram com os esforços de muitos trabalhadores⁵⁵. Maria Yacê afirma que entre 20 e 30 operários era o contingente de mão de obra dos engenhos de rapadura do Cariri cearense. Embora houvesse acréscimo referente ao número de trabalhadores durante o período da moagem⁵⁶, "com a contratação

⁵³ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861)**. Organização e apresentação Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011. p. 190.

⁵⁴ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do estado do Ceará, 2000. p. 189.

⁵⁵ CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. Escavidão, núcleos familiares e mestiçagem: uma análise do Cariri cearense no século XIX. In: CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO (CODE), 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: 2011, IPEA. Disponível em:<<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area6/area6-artigo7.pdf>>. Acesso em: 24/02/2015.

⁵⁶ No período da moagem, diz Irineu Pinheiro que, sem cometer grandes exageros, "os cabras dos engenhos e suas famílias podem chupar canas, beber garapa, levar aos sábados para as suas casas

de temporários para os serviços de corte e transporte da cana”, a autora observa que havia uma quantia de mão de obra fixa visando ao desenvolvimento dos trabalhos correntes nos engenhos.



Imagem 07: Engenho Tupinambá, município de Barbalha, 1941.

Autor: João José Rescala.

José de Figueredo Filho, tecendo considerações sobre os engenhos de rapadura aproximadamente na metade do século XX, verifica que houve muitas transformações referentes aos antigos engenhos. O trabalho escravo utilizando-se das moendas de pau a fim de triturar as canas, por exemplo, eram elementos que remontavam ao século XVIII e XIX; os engenhos de pau, que no Brasil passaram a funcionar desde o século XVII, também foram desaparecendo com o passar dos anos, pois novas tecnologias foram designando os rumos produtivos dos engenhos. Aludindo às considerações prestadas por José de Figueiredo Filho sobre os engenhos de rapadura no Cariri cearense, Maria Yacê Carleial verifica que as crônicas do citado autor, mesmo que inconscientes, serviram como despedida a uma forma produtiva mais tradicional que caracterizou o Cariri até as décadas de 50 e 60 do século XX.

cabaças de mel”. A moagem, portanto, é o evento mais aguardado da "vida rural caririense", na medida em que é um período no qual os agregados dificilmente ficam sem trabalho e a alimentação torna-se mais farta; a vida dos engenhos fica um tanto mais adocicada já que o "mel, rapadura, alfenim, cana e garapa" podem ser consumidos em maior quantidade, ao bel prazer dos interesses de cada um. O autor observa que até nos porcos dos pobres o período da moagem repercute pois eles passam a ter direito à baba da rapadura. Cf. FIGUEREDO FILHO, José de. **Engenhos de rapadura do Cariri**: Documentário da vida Rural. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 30.



Imagem 08: Fabrico da rapadura no engenho do senhor Zuca Sampaio, Barbalha, década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel.



Imagem 09: Moenda do engenho do senhor Zuca Sampaio, Barbalha, década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel.

O vale do Cariri, como um todo, é um espaço mais propício ao desenvolvimento da produção agrícola se comparado a maior parte do território cearense, na medida em que é uma paisagem que se caracteriza por maior umidade em pleno contraste à sequeidão marcante das depressões sertanejas. A água é um elemento sempre marcante nas descrições que delineiam as localidades que conformam o Cariri cearense. Joaquim Alves, aludindo ao ano de 1945, observa que o Vale do Cariri era composto por 161 fontes perenes de água, das quais 23 em Jardim, 12 em Brejo Santo, 21 em Missão Velha, 75 no Crato e 30 em Barbalha.

Não são raras as referências sobre a fertilidade e as especificidades paisagísticas do Cariri já no século XIX. O Cariri e algumas das serras úmidas eram os espaços considerados mais adequados ao desenvolvimento agrícola cearense. No Relatório do Presidente da Província de 1840, há algum destaque dedicado às especificidades naturais do Cariri:

A nossa Província, nunca poderá competir com outras muitas do Imperio na abundancia dos produtos agrícolas: porque as terras mais apropriadas ao cultivo dos gêneros coloniais são somente as chapadas das altas Serras, e o fertelissimo valle do Cariri; o que pela longa distância, em que se acha dos portos de embarque e consequente dispêndio dos transportes, fica inteiramente inutilizado para o comercio de exportação⁵⁷.

O texto veiculado no jornal O Cearense, de 8 de dezembro de 1857, também ressaltou a fertilidade do Cariri:

Quem ignora que no interior da nossa provincia há terrenos uberrimos, capazes de toda producção em grande escala, como todo Cariri, uma parte da Ibiapaba, o principalmente estas serras visinhas de Maranguape, Aratanha, Acarape, e Baturité? Mas que desanimo não é para o nosso pobre agricultor ver chegar o tempo da safra, colher o fructo de sua lavoura, mas não pode-lo conduzir ao mercado para aproveitar o bom preço da safra, ou só podel o fazer por frete superior ao lucro que poderia tirar?⁵⁸

O Cariri enquadra-se, portanto, no que os pesquisadores Marcos José de Souza e Vlândia Pinto de Oliveira se referem como os "Enclaves Úmidos e Sub-Úmidos do Semi-Árido do Nordeste Brasileiro". Observam os autores que o semi-árido brasileiro configura 788.064 Km², equivalendo a 48% do Nordeste e 9,3% do Brasil. E especificam que no âmbito do semiárido há os tais enclaves úmidos e sub-úmidos, que são elencados da seguinte forma:

⁵⁷ Relatório que apresentou o exm. senhor doutor Francisco de Sousa Martins, presidente desta provincia, na ocasião da abertura d'Assemblea Legislativa Provincial no dia 1.o de agosto de 1840. Ceará, Typ. Constitucional, 1840, p. 10.

⁵⁸ BPGMP. Vias de comunicação. **O Cearense**. Fortaleza, n.1083, p.1, 08 dez. 1857.

1. Ceará - Enclave da Serra de Uruburetama, Enclaves das Serras Baturité, Maranguape e Pacatuba, Enclave da Serra da Meruoca, Enclave do Planalto da Ibiapaba, Enclave da Chapada do Araripe/Cariri; **2. Paraíba** - Enclave do Brejo da Borborema; **3. Pernambuco** - Enclave do Brejo da Borborema; **4. Alagoas** - Enclave do Brejo da Borborema; **5. Bahia** - Enclaves da Chapada Diamantina e das serras da Cadeia do Espinhaço; **6. Minas Gerais** - Enclave da Serra do Espinhaço⁵⁹.

Estes enclaves úmidos, também denominados de serras úmidas ou brejos de altitudes, são "montanhas isoladas de altitudes médias ou baixas (600-1200 m)" ⁶⁰ que se interpõem como barreiras à ação dos ventos alísios, provenientes do oceano atlântico, propiciando a ocorrência de chuvas orográficas⁶¹, "formando verdadeiras ilhas de umidade caracterizadas pela presença de floresta perenefolia (*mata úmida*), em meio a um ambiente dominado pela presença de caatinga" ⁶².

Portanto, em meio a terrenos pouco favoráveis à produtividade agrícola, como é a maior parte do semiárido nordestino, cabe observar que a relevância agrícola dos referidos enclaves caracteriza tais espaços, dada a alta produção, por exemplo, concernente à fruticultura, horticultura, café, cana de açúcar, dentre outros gêneros. A produção agrícola nesses espaços se dá basicamente "nos topos e nas encostas úmidas, onde o potencial natural permite uma exploração diversificada e contínua do solo" ⁶³.

A produção canavieira no Cariri

A possibilidade de uma boa produção de algodão, de café e de cana de açúcar referendava as considerações sobre a fertilidade de alguns dos espaços do Ceará. O "valle do Cariri, os que ficao entre as serras de Maranguape, Aratanha, Acarape, e Baturité, assim como as faldas dessas serras, e da Ibiapaba" ⁶⁴ expressavam as localidades que eram percebidas e exaltadas por sua fertilidade incomum. O potencial para a produção de café e cana referente a determinados "sitios", por tais gêneros serem cultivados em áreas mais

⁵⁹ SOUZA, Marcos José Nogueira; OLIVEIRA, Vlândia Pinto Vidal de. Os enclaves úmidos e sub-úmidos do semi-árido do nordeste brasileiro. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 05, n. 09, p.86, 2006.

⁶⁰ BETARD, F. ; PEULVAST, J. P. ; CLAUDINO-SALES, V. . Caracterização morfopedológica de uma serra úmida no semi-árido do Nordeste brasileiro: o caso do maciço de Baturité-CE. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, p.107, 2007.

⁶¹ Também são chamadas chuvas de relevo, provocadas quando uma massa de ar, carregada com certa umidade, se depara com uma barreira de relevo, provocando então o processo de condensação.

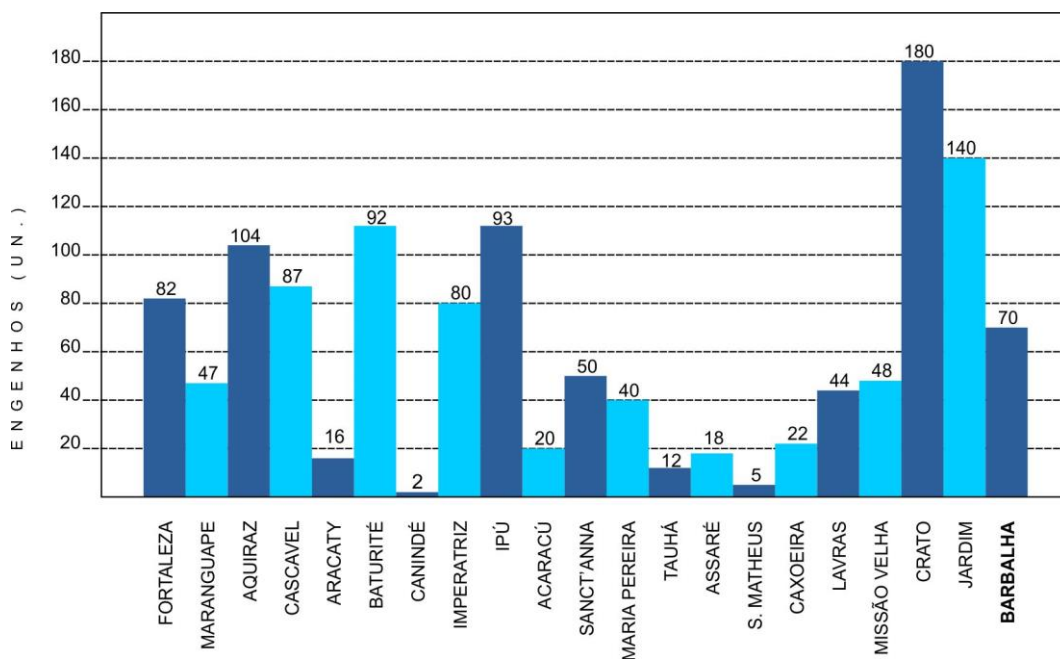
⁶² BETARD, F. ; PEULVAST, J. P. ; CLAUDINO-SALES, V. op. cit., p. 108.

⁶³ SOUZA, Marcos José Nogueira; OLIVEIRA, Vlândia Pinto Vidal. Os Enclaves Úmidos e Sub-Úmidos do Semi-Árido do Nordeste Brasileiro. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 05, n. 09, p.23, 2006.

⁶⁴ BPGMP. RELATORIO sobre o Estado do Ensaio Estatístico da provincia do Ceará em 1º de julho de 1858. **O Cearense**, n.1152, p.3, 24 ago. 1858.

úmidas, era de vez em quando citado em anúncios publicados nos principais jornais cearenses. Os espaços que ganhavam destaque pela sua fertilidade basicamente eram os que se localizavam nas "margens dos rios cobertos de mattas, nas faldas das serras, nos ipús (baxios do pé das serras)" ⁶⁵.

As localidades do Cariri, sobretudo Crato, Jardim e Barbalha apresentavam o maior número de engenhos:



Fonte: BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa Brasil. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. – ed. Fac. Sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. T1_Biblioteca Básica Cearense. Fac-símile da edição publicada em 1863, p. 362.

É relevante observar que os engenhos dedicados ao cultivo de cana de açúcar muito mais se destacavam pela produção e comércio de rapadura, que propriamente do açúcar. No Relatório do Presidente provincial cearense de 1848, Fausto Augusto de Aguiar menciona que a "cana de assucar, que, até ha pouco tempo, era somente aplicada para o mel e rapaduras, já vai sendo cada ves mais aproveitada para o fabrico de agoardente e assucar" ⁶⁶. E mais, complementa o Presidente, em seu Relatório, que não demoraria muito para que o açúcar consumido no Ceará, que quase completamente provinha de Pernambuco, fosse, em algum tempo, não mais importado, e sim produzido em sua

⁶⁵ Id.

⁶⁶ Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará, em 1º de julho de 1848. Ceará: Typographia de Francisco Luiz de Vasconcellos, 1848, p. 22. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/174/000022.html>>. Acesso em: 10/11/2014.

totalidade em terrenos do Ceará. Podemos também nos deparar com referências sobre o cultivo canavieiro no Ceará por meio de artigo publicado no jornal O Cearense:

A canna de assucar é o 3º gênero de cultura de grande valor. Posto que a canna, chamada crioula, fosse aqui importada pelos primeiros colonos, com tudo è sabido que até bem poucos annos a sua cultura era limitada ao fabrico de rapaduras em pequena escala. Ainda hoje pelo interior, e no Cariri, onde se contão alguns trezentos engenhos quase toda cultura da canna reduz-se a melaço, a rapaduras, e aguardente, que são exportados para as comarcas visinhas das províncias de Pernambuco, Parahiba, Bahia e Piauí. O mesmo acontece na Serra Grande e Ibiapaba. De pouco tempo á esta parte è que se introduzio o fabrico do assucar, e começou a exportar-se dos termos visinhos, capital, Maranguape, e Baturité.

VI.

Comparando as cifras da exportação dessas duas comarcas (Fortaleza, Baturité), pelos registros da alfândega nos 3 quinquennios de 1845 à 1860, acha-se o seguinte.

Quinquennios	Arroba	Valor official
1845 á 1850	334	740\$000
1850 á 1855	16:300	23:488\$000
1855 á 1860	126:000	247:324\$000

No 2º período o aumento sobre o 1º foi de 478 por cento quanto a produção e quanto ao valor de 3170 por cento. No 3º período o incremento sobre o 2º foi de perto de 800 por cento quanto a produção, e de 1080 quanto ao valor. [...]

Não temos dados para avaliar a produção total da canna em assucar, rapaduras, e melaço em toda a provincia, temos apenas informações de 20 municipios da provincia com 981 estabelecimentos grandes e pequenos de canna, e com 860 engenhos, e engenhocas.

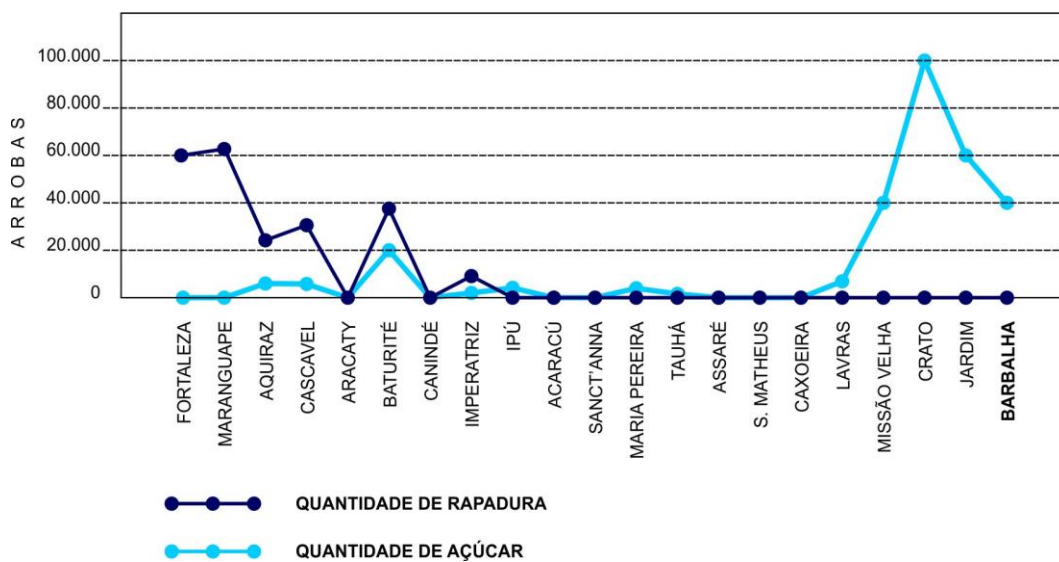
Presumindo que o consumo interior, e exportação por terra, e cabotagem não pode ser inferior á exportação para o estrangeiro; ou que vem a dar o mesmo resultado, que cada engenho produza em assucar, rapadura, e melaço, termo médio, um conto de reis, os engenhos dos 20 municipios darião 860 contos; e contando que os outros 9 municipios, entre os quaes entra Viçosa, Russas, e Pereiro tenham 140 engenhos terá a provincia, ao todo mil engenhos, e engenhocas de moer cana, produzindo mil contos⁶⁷.

A princípios da década de 50, do século XIX, já havia algumas referências sobre a exportação do açúcar produzido no Ceará, o qual ainda não atendia às exigências comerciais em comparação a outras províncias brasileiras, que, há algum tempo, comercializavam tal produto e, portanto, eram detentores de maior experiência no que concerne ao processo produtivo, além de possuírem maquinários que emprestavam celeridade e eficiência à produção deste gênero. Com vistas a evidenciar os primeiros passos da produção açucareira cearense, comparada a de outras localidades, observa o Presidente da Província cearense, em Relatório de 1852, que "sendo o produto ainda imperfeito, não póde competir no mercado com o de outras províncias mais adiantadas em

⁶⁷ O Cearense, n.1434, p.2, 25 abr. 1861.

seu fabrico; e, se essas vacilam com a competência dos assucares das colônias inglesas e do de beterraba, muito maior deve ser nossa vacilação" ⁶⁸.

Embora não tenhamos dados específicos sobre cada uma das localidades da província, deveremos fazer observar alguns números referentes à produção de açúcar e rapadura, no gráfico abaixo, de forma a que possamos verificar onde se estava a produzir em maiores quantidades os referidos gêneros na província cearense:



Fonte: BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. – ed. Fac. Sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. T1_Biblioteca Básica Cearense. Fac-símile da edição publicada em 1863, p. 362.

Embora no gráfico acima tenhamos, de maneira incompleta, informações sobre a produção de algumas localidades da província, podemos verificar, principalmente nos atendo aos dados referentes à produção de rapadura, as vilas que compunham o Cariri - Missão velha, Crato, Jardim e Barbalha - basicamente figuravam como a maior produção, em acordo aos números citados por Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. É importante ponderar que estes dados levantados por Thomaz Pompeu estão incompletos e, de certo modo, privilegiam a produção das localidades mais próximas do porto de Fortaleza. Cabe destacar que, para além da produção que se encaminhava às alfândegas, havia decerto uma parte desta produção que passava ao largo da fiscalização alfandegária.

Em fins do século XIX, no "Catalogo dos Productos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatoria do Rio de Janeiro", que posteriormente deveriam seguir à Exposição de Chicago, temos algumas informações relevantes sobre a produção canavieira no Ceará.

⁶⁸ Relatório do Excellentissimo Senhor Soutor Joaquim Marcos d'Almeida Rego, Presidente da Província do Ceará, à Assembleia Legislativa, na abertura da 1ª sessão ordinária de sua 9ª legislatura, em 1º de setembro de 1852. Ceará: Typographia Cearense, 1852, p. 17. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/178/000017.html>>. Acesso em: 10/11/2014.

Relatava-se, portanto, que a cana cultivada nos brejos do Cariri dificilmente era superada, considerando suas propriedades sacarinas, pela produção canavieira de outras localidades. Uma propriedade de 55 metros de comprimento "e outros tantos de largura" produzia em média 40 cargas de rapadura, 4.000 quilos, 80 arrobas de açúcar branco e 500 canadas de aguardente⁶⁹.

O citado documento especifica que, na última década do século XIX, quase todos os municípios cearenses produziam açúcar, no entanto, os espaços mais apropriados eram "Cascavel, Baturité, Serra Grande e Cariry, sendo que a canna do cariry e Serra Grande contém mais matéria saccharina que a de outros lugares" ⁷⁰. A produção açucareira do Cariri era comparável à soma da produção das demais localidades do Ceará. A produção de rapadura chegava a "25 mil milheiros ou 250 mil cargas de 100 rapaduras de 1 kilo sendo 25 mil toneladas, que são vendidas em grande parte para os Estados vizinhos de Piauí, Pernambuco, Parahyba e Bahia" ⁷¹.



Imagem 10: Armazém de rapadura, Barbalha, década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel.

⁶⁹ Catalago dos Productos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatoria do Rio de Janeiro pela Comissão Central do Ceará (1892-1893). **Documentos (Ciência e Tecnologia)**. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005. v. 1, p. 22.

⁷⁰ Id.

⁷¹ Ibid., p. 24.



Imagem 11: Descarga da rapadura, Barbalha, década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel.

1.2. A devoção a Santo Antônio

Câmara Cascudo menciona que Santo Antônio é um dos santos mais populares no Brasil. O autor observa que no Brasil, em 1940, existiam cerca de 70 localidades com o nome de Santo Antônio⁷². Atualmente, no Ceará, 11 municípios festejam Santo Antônio⁷³ - Chaval, Caridade, Quixeramobim, Fortaleza, Itaitinga, Ocara⁷⁴, Antonina do Norte, Araripe, Barbalha, Jardim e Barro. Em 29 de junho de 1938, o jornal *O Nordeste* teceu algumas considerações sobre a festa dedicada a Santo Antônio, na cidade de Quixeramobim:

⁷²CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002. p. 17-18.

⁷³ CARDOSO, Antônio Igor Dantas. **(In)visibilidade de espaços festivos: A centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. p. 56.

⁷⁴ Santo Antônio não é o padroeiro de Ocara e sim co-padroeiro.

Iniciaram-se os festejos religiosos com o hasteamento, a 30 de maio, da bandeira do invicto padroeiro, que foi conduzida, até o pé do mastro por gentis senhorinhas do set social local, seguidas de inumeráveis pessoas gradas, sob maviosos hinos sacros.

No dia seguinte, 31, começou a Trezena em homenagem ao Santo Orago, na matriz [...].⁷⁵

Entre o dia 9 e 12 de junho, ocorreram quermesses. Na véspera do dia de Santo Antônio, 13 de junho, ocorreu o que o jornal adjetiva como “mui animadíssimo Leilão de Santo Antônio”. No dia propriamente dedicado ao santo, ocorreu “solene missa cantada”, da qual participaram todos os sacerdotes que se encontravam em Quixeramobim. Após a missa que foi realizada pela manhã,

[...] a festa concluiu-se, á tarde, com a costumeira procissão de Santo Antônio, levado, em andor lindíssimo, em triunfo, pelas ruas principais da urbe, para que, carinhosamente, a todos, seus filhos, podesse abençoar-nos⁷⁶.

Portanto, o dia 13 de junho, data em que morreu Santo Antônio, precisamente em 13 de junho de 1231, é o dia no qual muitas cidades brasileiras o homenageiam. Santo Antônio foi, segundo Ronaldo Vainfas, o mais português de todos os santos, e a consequência disso é que ele teria se tornado também o mais brasileiro entre eles⁷⁷. Há uma relação muito forte entre os lisboetas e Santo Antônio. A explicação certamente decorre do fato de Fernando Martins de Bulhões, nome de batismo do santo, ter nascido na referida cidade⁷⁸. A partir de 1232, data em que o Papa Gregório IX canonizou Santo Antônio, em Espoleto na Itália, portanto um ano após a sua morte, a popularidade do referido santo cresceu e se consolidou em Lisboa⁷⁹, passando a ser conhecido como Santo Antônio de Lisboa ou Santo Antônio de Pádua, já que atuou durante algum tempo na cidade italiana. É interessante perceber que a forma como passou a ser conhecido Santo Antônio sofreu algumas apropriações em certos lugares, implicando que Santo Antônio passou a não ser chamado, em certas ocasiões e lugares, de Santo Antônio de Lisboa ou Pádua, e sim, por exemplo, de Santo Antônio dos Caminhantes, Santo Antônio dos Pobres ou, como ocorre no

⁷⁵ QUIXERAMOBIM – A tradicional festa de Santo Antônio. **O Nordeste**. Fortaleza, p.22, 29 jun. 1938.

⁷⁶ Id.

⁷⁷ VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**. São Paulo, n. 57, março/maio 2003, p. 28.

⁷⁸ Filho de Martin de Bulhões e de Maria Teresa Taveira, Fernando de Bulhões nasceu em Lisboa, em 15 de agosto de 1195 e morreu, aos 36 anos, decorrente possivelmente de uma moléstia denominada hidropsia, doença que dificulta a respiração do enfermo, em 13 de junho de 1231.

⁷⁹ SANTOS, Isabel Dâmaso. **Las fiestas de San Antonio em Lisboa**: Manifestaciones de cultura popular en espacio urbano. Disponível em: <<http://193.147.33.53/selicup/images/stories/actas4/comunicaciones/globalizacion/DAMASO.pdf>>. Acesso em: 28/05/2015.

pé da serra da Aratanha, no Ceará, em uma localidade denominada Pitaguari, de Santo Antônio do Buraco⁸⁰.

Ronaldo Vainfas diz que o jovem Fernando de Bulhões, por volta de 1210, após concluir seus estudos de humanidades – retórica, estilística, história, gramática, e dialética⁸¹ -, ingressou na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, no Mosteiro de São Vicente de Fora⁸², onde permaneceu por dois anos. Após ter ficado recluso junto aos “Regrantes de Santo Agostinho”, a Fernando de Bulhões, a seu pedido, foi “concedida a permissão para que passasse ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o principal centro da vida monástica portuguesa”⁸³. Em 1218, Fernando de Bulhões passou a exercer a função de porteiro do Mosteiro de Santa Cruz, permitindo-lhe então entrar em contato, já em 1219, com cinco Frades Menores⁸⁴ – Bernardo, Otton, Pedro, Adjuto e Acúrsio -, franciscanos, os quais se hospedaram no mosteiro de Santa Cruz na defluência da viagem que os levariam a Marrocos, norte da África, de modo que pudessem exercer suas devidas funções como missionários franciscanos, atuando a favor da fé e da Igreja Católica. O contato com os cinco frades teria exercido forte influência sobre Fernando de Bulhões, que se sentia impelido a "deixar a vida de contemplação do convento para vivenciar no mundo as experiências de Deus, sofrendo pela fé"⁸⁵.

O contato com os frades franciscanos teria sido um momento marcante na vida do jovem Fernando de Bulhões em face à toda a coragem e desprendimento missionário dos referidos frades. Ademais, há que se considerar que o padre Fernando também presenciou o transporte dos restos mortais dos mesmos cinco frades, provenientes do Marrocos, que haviam sido "martirizados pelos mulçumanos"; foram queimados em praça pública, em 16 de janeiro de 1220, uma vez que se negaram a renunciar publicamente à fé católica. Tal evento teria sido determinante, segundo alguns pesquisadores, para que o padre Fernando de Bulhões buscasse admissão na ordem franciscana dos frades menores. Em 1220, o padre Fernando foi aceito na ordem franciscana, adotando então o nome de Antônio, que, segundo Ronaldo Vainfas, pode ter sido uma homenagem à Santo Antônio Magno, "chamado em Portugal de Santo Antão"⁸⁶.

⁸⁰ PAU de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, p.5, 7 jun. 1987.

⁸¹ SANTOS, Rafael Bondani dos. **Martelo dos Hereges: Militarização e Politização de Santo Antônio no Brasil Colonial**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006. p. 23.

⁸² Fundado em 1147 por D. Afonso I, com vistas ao cumprimento de promessa feita em face à reconquista de Lisboa por meio de guerra contra os mouros.

⁸³ SANTOS, 2006, op. cit., p. 24.

⁸⁴ Fundada em 1209 por Francisco de Assis, o qual foi canonizado pela Igreja em 1228, dois anos após seu falecimento.

⁸⁵ SANTOS, 2006, op. cit., p. 27.

⁸⁶ VAINFAS, 2003, op. cit., p. 29.

César Augusto Tovar Filho, referindo-se ao pensamento de André Vauchez, tece considerações sobre a historicidade referente às distintas concepções acerca da trajetória dos santos na Europa ocidental. Segundo o autor, entre os séculos VI e VIII, a nobreza era uma condição essencial para que um indivíduo viesse a se tornar santo. Entre os séculos X e XI, o claustro da vida monástica revelava-se como uma pré-condição de santidade. Já entre os séculos XII e XIII, a pobreza e a renúncia tornavam-se características que poderiam demarcar e suscitar a canonização de um indivíduo. Percebemos, pois, que a trajetória de Fernando de Bulhões seguiu exatamente tais pressupostos; filho de uma família abastada, abdicou de toda a riqueza e privilégios familiares a fim de seguir uma vida tão somente dedicada à Igreja, à sua fé e aos pobres.⁸⁷

Rafael Brondani dos Santos observa que a mudança na vida do padre Fernando que passou a ser Antônio, Frei Antônio, refere-se não só a uma "vocação religiosa sincera"⁸⁸, mas também a um ato político, na medida em que no período que fez a devida opção pela mudanç a em sua ordem, 1220, o clero e a nobreza passavam por críticas em face a seus inúmeros privilégios, em detrimento de uma vida mais dura e destituída de maiores possibilidades materiais, que caracterizava a maior parte da população na Europa medieval. Os agostinianos, antiga ordem do padre Fernando de Bulhões, tinham fortes laços com o poder régio, ao passo que os franciscanos viviam exclusivamente a atender as necessidades da população mais pobre. Uma questão política, portanto, que envolvia também as distintas ordens ligadas ao clero católico.

Após ser ordenado como franciscano, Ronaldo Vainfas observa que Frei Antônio se tornou um "obstinado na defesa do cristianismo", disposto a lutar contra os hereges e morrer, se preciso, em nome de Deus. Viajou ao Marrocos, no norte da África, impelido pelo ideal de martírio e de combate a favor de Cristo. No entanto, em Marrocos, as condições precárias e as dificuldades impostas pelos conflitos religiosos e pelo meio natural obstaram as intenções de Frei Antônio, que fragilizado e doente teve que retornar   ermida de Santo Antônio, nos Olivais. A embarcação na qual viajava Frei Antônio tomou outros rumos ao ser atingida por tempestade, levando-o a terras italianas, ao estreito de Messina, na Sicília.⁸⁹ No período em que esteve em solo italiano, Frei Antônio "se notabilizou como orador e

⁸⁷ SILVA, Cesar Augusto Tovar. Santo Antônio de Lisboa: a construção da santidade e suas fontes hagiográficas. In: Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, XV, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 2.

⁸⁸ SANTOS, Rafael Brondani dos. **Martelo dos Hereges: Militarização e Politização de Santo Antônio no Brasil Colonial**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006. p. 28.

⁸⁹ VAINFAS, 2003, op. cit., p. 30.

combatente às heresias, o que lhe valeria a notabilidade popular como Martelo dos Hereges e a nomeação de mestre de teologia da Ordem pelo próprio Francisco de Assis”⁹⁰.

O culto a Santo Antônio, no Brasil, se popularizou no decorrer do processo da colonização portuguesa. O catolicismo que se espalhou pelos distintos rincões do Brasil colonial foi influenciado “pela mentalidade religiosa da Europa do século XVI”⁹¹, que buscou fomentar o culto em torno das trajetórias de vida de certos indivíduos, considerados exemplares pela absoluta dedicação em torno da Igreja e de sua fé em Deus⁹². A popularidade de Santo Antônio no Brasil foi tamanha que, nas palavras de Ronaldo Vainfas, nenhum outro santo contribuiu tanto para a nomeação de freguesias, vilas e cidades:⁹³

Só em Minas, até o século XIX, foram 118 localidades dedicadas ao santo de Lisboa, seguido de São Sebastião, com 88, e Santana, bem abaixo, com 27 citações. No período colonial, entre 1585 e 1650, dos 15 conventos fundados no Brasil pelos franciscanos, oito foram dedicados a Santo Antônio, dos quatro no Nordeste. Quanto a capelas de engenho em Pernambuco, Santo Antônio patrocinou nove oragos, empatando com Nossa Senhora do Rosário, seguido de perto por São João. Seu prestígio em Pernambuco era particularmente grande, mas não foi pequeno em várias outras capitânias⁹⁴.

A insegurança, as agruras e as dificuldades da vida no decurso da empresa colonial brasileira suscitou e intensificou a devoção em torno de um santo como Santo Antônio, muito popular em Portugal e reconhecido pelos inúmeros milagres praticados, bem como por sua disposição e interesse em empreender luta àqueles que se dispunham contra o catolicismo. O apego inicial a Santo Antônio no ambiente colonial se deu em face à necessidade de se defender militarmente o território. A “intervenção antonina no Brasil”, conforme menciona Rafael Brondani dos Santos, principiou no ano de 1595, em decorrência dos intentos franceses referentes à ocupação da cidade de Salvador⁹⁵.

Neste sentido, no período colonial brasileiro, Santo Antônio foi considerado peça fundamental e elemento imprescindível nos conflitos bélicos com vistas à preservação das posses territoriais portuguesas. Para tanto, foi “condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei”⁹⁶. Santo Antônio, no Brasil, atualizou sua fama como “martelo

⁹⁰ SILVA, 2012, op. cit. p. 3.

⁹¹ OLIVEIRA, Antônio Glauber Alves. **Para Além do sagrado**: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999. p. 77.

⁹² Id.

⁹³ VAINFAS, Op. Cit., 2003, p. 31.

⁹⁴ Id.

⁹⁵ SANTOS, Rafael Brondani dos. Santo Soldado: Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista. In: Simpósio Nacional de História (ANPUH), XXIII, 2005, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UFPR, 2005. p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0839.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

⁹⁶ VAINFAS, Op. Cit., 2003, p. 32.

dos hereges”, expressando, portanto, não só a luta contra os infiéis, mas também uma luta pela manutenção e posse do território brasílico⁹⁷. Teria Santo Antônio, pois, principiado a sua carreira militar na fortaleza da Barra da Bahia de Todos os Santos, em fins do século XVI, ao ser designado como soldado raso da unidade militar da referida fortaleza. A partir de então exerceu outras funções militares, foi promovido, assumiu patentes mais elevadas.



Imagem 12: Imagem de Santo Antônio na Igreja Matriz em Barbalha, 2015.

Autor: Jeferson Hamaguchi.

A popularidade de Santo Antônio não ficou restrita à América portuguesa. É relevante fazer menção que o processo de expansão colonial português por sobre o continente africano ensejou também a popularização de Santo Antônio por aqueles rincões. Marina de Mello e Souza observa que o projeto expansionista português, que visou sobretudo à incorporação de novas posses territoriais e a conversão à “palavra de Cristo” das populações nativas com as quais estavam entrando em contato, deixou marcas indeléveis na África Centro-Occidental, especificamente nas bacias do rio Zaire e Cuanga⁹⁸. A autora também observa que a conversão dos chefes Bacongo, como se denominava a população localizada nos territórios onde hoje se situam Congo e Angola, se deu a partir da incorporação e transformação do catolicismo oficial, em acordo à crença e aos ritos praticados pela cultura Bacongo.

⁹⁷ SANTOS, 2006, Op. Cit., p. 112.

⁹⁸ SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 172. Ver também: SOUZA, Marina de Mello e; VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 95-118, 1998.

É certo que a ortodoxia católica buscou impor certo ordenamento no decurso do processo de incorporação dos símbolos católicos pelos Bacongo. Um exemplo que nos oferece Marina de Mello e Souza refere-se ao movimento dos antonianos, que ocorreu em fins do século XVII, sendo liderado por Beatriz Kimpa Vita. A líder dos antonianos se dizia “possuída por Santo Antônio e frequentadora assídua do reino celeste, ao qual chegava por meio de sonos catalépticos”⁹⁹. Não demorou muito e a líder dos antonianos, Beatriz Kimpa Vita, foi condenada à fogueira, em 1706. A autora diz que, após a morte de Beatriz Kimpa, uma grande parte da população do reino do Congo continuou a cultuar a imagem de Santo Antônio, demonstrando a grande popularidade do santo naquela localidade.

Assim como o culto a Santo Antônio acompanhou o ritmo imposto pelo avanço colonial português, também cabe destacar que, no Brasil, a imagem de Santo Antônio não se limitou à ortodoxia do catolicismo português. Ronaldo Vainfas, por exemplo, diz que Santo Antônio, no século XVI, esteve associado à religiosidade indígena, como o caso da santidade indígena do Jaguaribe, no Recôncavo Baiano, “cujo líder tinha o nome de batismo de Antônio e foi sem dúvida o promotor da mescla católico-tupinambá tecida nos cultos da seita”¹⁰⁰. Também diz Vainfas que a imagem de Santo Antônio estava associada, em algumas das fontes inquisitoriais pesquisadas por ele, aos cultos afro-brasileiros, como os *calundus* e os *acotundá*¹⁰¹.

Outra questão interessante acerca do culto a Santo Antônio no Brasil, refere-se à comunidade de Pacoval, situada no município de Alenquer, no Pará, na margem direita do rio Curuá. Eurípedes Funes, que fez pesquisas junto à citada comunidade, diz que a maior parte dos moradores de Pacoval, aproximadamente 120 famílias, seriam “remanescentes dos mocambeiros do Inferno, afluente do rio Curuá, destruído em 1876 pelo governo provincial mediante o emprego de medidas suasórias”¹⁰². O padroeiro dessa comunidade remanescente de quilombo é Santo Antônio. Eurípedes observa que Santo Antônio exerceu a função de “guardião dos quilombolas”, devendo, portanto, alertá-los sempre que o perigo fosse iminente. “Em momento ele ficava de costa, era o sinal pro pessoal se arretirá”¹⁰³.

Ao tempo que Santo Antônio exerceu relevante função nas vidas de escravos brasileiros, não menos importante foi a sua popularidade perante os donos de escravos. A abrangência da fé em torno dos poderes do referido santo circulava de modo a atender a fins diametralmente opostos. Por um lado, a devoção lhe requeria o divino poder de apreensão do escravo fugido e, por outro, a crença nos poderes do santo tinham o propósito

⁹⁹ Id., *Ibid.*, p. 175.

¹⁰⁰ VAINFAS, Op. Cit., 2003, p. 31-32.

¹⁰¹ Id.

¹⁰² FUNES, Eurípedes A. Nasci nas Matas nunca Tive Senhor – história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. **Resgate** (Revista Interdisciplinar de Cultura). Campinas, p.138, n. 7, 1997.

¹⁰³ Id.

de impedir que as expedições que visavam caçar e punir os escravos fugidos obtivessem algum êxito.

Luiz Mott tece referências ao relato do frei franciscano Antônio de Santa Maria do Jaboaão, em 1761, no qual observa que um dos escravos do coronel Domingos Dias Coelho, que vivia em Sergipe del Rei, fugiu e levou consigo duas outras escravas. Deslocaram-se os escravos fugidos para um local denominado “sertões do Jacoca”, onde viveram por alguns anos. O citado coronel havia tentado por vários meios recuperar seus escravos fugidos, mas não obtivera sucesso em seus intentos. Voltou-se então a Santo Antônio. No relato do frei Antônio de Santa Maria do Jaboaão há menção que, após suplicar pela ajuda do santo, não demorou muito e chegou ao escravo um frade que não o deixou em paz enquanto não resolveu se entregar ao seu senhor¹⁰⁴.

Uma série de colonos, portanto, foram denunciados, outros chegaram a ser sentenciados pelo Tribunal da Inquisição de Lisboa, acusados de crimes diversos que, de algum modo, envolviam a atribuição do poder de recuperação dos cativos a Santo Antônio. Desde feitiçaria, na medida em que alguns dos acusados envolviam, de forma considerada indevida, Santo Antônio em suas manifestações ritualísticas com vistas a trazer o mais breve possível o escravo que desaparecera, até colonos que se referiam ao santo de forma desrespeitosa e, portanto, inaceitável. Luiz Mott cita o exemplo de Antônio Costa, um mameluco do Recôncavo Baiano, que para recuperar um de seus escravos fugidos, prometeu ao santo uma missa. Após conseguir seu escravo de volta, Antônio Costa se pronunciou da seguinte forma: “disse o velhaquinho de santo Antônio era azavieiro, que sabia muito que lhe não quisera recuperar o negro senão depois que lhe prometera a missa”¹⁰⁵. A fama de Santo Antônio não girou em torno apenas da recuperação de cativos. O poder do santo envolvia a possibilidade de achar pessoas e coisas, de um modo geral¹⁰⁶.

Ronaldo Vainfas observa que no período colonial havia grande intimidade entre Santo Antônio e seus devotos. O autor menciona que a documentação inquisitorial é o melhor caminho para se perceber tal intimidade. Assim como Luiz Mott, Vainfas ressalta que as blasfêmias proferidas contra Santo Antônio foram ferreamente combatidas, principalmente a partir da segunda metade do século XVI, quando se deu o fim do Concílio de Trento, que foi o símbolo mais expressivo da Igreja Católica contra a Reforma

¹⁰⁴ MOTT, Luiz. Santo Antônio, O Divino Capitão-do-Mato. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 125-126.

¹⁰⁵ Id., *Ibid.*, p. 127.

¹⁰⁶ O historiador Ronaldo Vainfas menciona que pode haver uma relação entre a fama do santo em recuperar coisas perdidas e a atribuição de Santo Antônio como um santo casamenteiro, já que, para Vainfas, “entre o perdido e o desejado a fronteira é muito tênue”.

Protestante¹⁰⁷. Dentre os comentários injuriosos contra Santo Antônio, com os quais se deparou Vainfas na documentação inquisitorial pesquisada, cita o historiador que o Donatário de Pernambuco foi denunciado no ano de 1540 por dizer que daria ao santo uma “candeia de merda”. Vainfas observa que a intimidade entre Santo Antônio e seus devotos ressalta o prestígio do santo, que se tornava uma via imprescindível para a resolução de maior parte dos problemas que no dia a dia afetavam as pessoas.

1.3. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio

A devoção a Santo Antônio na cidade de Barbalha tomada numa perspectiva diacrônica, ou seja, evidenciando os processos de transformação pelos quais ela passou, chegou-nos aos dias atuais como a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Antes de iniciarmos a descrição dos seus bens culturais, é importante esclarecer que o presente dossiê é um recorte da festa. De forma alguma conseguiríamos mencionar todo o universo de práticas, eventos e pessoas que construíram e constroem cotidianamente a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

Atentos ao constante processo de ressignificação pelo qual passa a devoção a Santo Antônio na cidade de Barbalha, desde a fundação da capela em sua homenagem no final do século XVIII até o século atual, no qual o Carregamento do Pau da Bandeira já pode ser acompanhado por aplicativo de celular¹⁰⁸, foi que decidimos propor, em intenso debate com os detentores do bem cultural, o registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, contemplando as principais práticas que compõem o ciclo festivo em homenagem ao padroeiro na cidade e que tem início no corte do Pau da Bandeira, cerca de 15 dias antes do início oficial da festa, e se encerra na grande procissão do dia 13 junho. Assim, são considerados fundamentais à caracterização da celebração: a Trezena de Santo Antônio (Missas, Noitários, Quermesse e Procissão), o Corte e Carregamento do Pau da Bandeira, a Bênção da Bandeira, a Missa Regional, o Desfile dos Folguedos e as Bandas Cabaçais.

Cabe esclarecer que o dia em que se inicia oficialmente a celebração é uma data móvel, pois o que de fato determinada a abertura dos festejos ao santo de Pádua na cidade de Barbalha é o dia 13 de junho, dia do santo no calendário da Igreja Católica e que encerra

¹⁰⁷ Ocorreu entre os anos de 1545 e 1563, na cidade de Trento, e expressou um movimento de reação da Igreja Católica à Reforma Protestante. Portanto o Concílio de Trento expressou o processo de Contrarreforma da Igreja Católica, implicando algumas medidas que ressoaram sobre as terras Brasileiras, bem como sobre outras localidades, como o foi o retorno e a intensificação das ações desenvolvidas pelo Tribunal do Santo Ofício.

¹⁰⁸ Aplicativo rastreia Pau da Bandeira na Festa de Sto. Antônio. **G1**, 28 maio 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/sao-joao/2015/noticia/2015/05/aplicativo-rastreia-pau-da-bandeira-na-festa-de-sto-antonio-em-barbalha.html>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

os festejos do padroeiro barbalhense. A partir do dia do santo são contados os treze dias que o antecedem, constituindo a Trezena de Santo Antônio, período em que a cidade de Barbalha permanece em festa. A partir da década de 1970, a festa passou a ter o seu início oficial sempre no domingo mais próximo ao início da Trezena, com objetivo de atrair um maior número de visitantes. A abertura oficial dos festejos ocorre no último domingo do mês de maio ou no primeiro domingo do mês de junho. A título de exemplo, em 2015 a abertura oficial da festa ocorreu no dia 31 de maio.

Outro aspecto relevante com relação aos bens e práticas culturais que constituem a festa do padroeiro de Barbalha é o discurso recorrente entre os moradores da cidade, incluindo as instituições, como a Prefeitura e a Paróquia de Santo Antônio, no qual a celebração é dividida em “festejos religiosos” e “festejos sociais”, numa analogia, respectivamente, entre sagrado e profano. Nas narrativas que constroem a celebração, a classificação de uma determinada prática cultural como “religiosa” ou “social” altera-se conforme os grupos enunciativos de tais discursos. Um exemplo é o da Paróquia de Santo Antônio, que durante muitas décadas, definia o hasteamento do pau da bandeira como um evento “religioso”, porém considerava o ritual do carregamento como “social”, negando o caráter sagrado que a prática assumia para os carregadores. Tensões de tal natureza cresceram principalmente a partir do momento em que a festa se carnavalizou, tornando-se também um evento turístico, além de religioso, como veremos.

O historiador Océlio Teixeira de Souza elenca três momentos expressivos que denotam mudanças no curso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha: o primeiro se refere ao início do Cortejo do Pau da Bandeira, em 1928, por iniciativa do padre José Correia Lima, preponderando o aspecto “religioso oficial” sob controle do vigário; o segundo momento sobre o qual nos fala Océlio alude ao processo de carnavalização da festa, a partir da década de 40 do século XX; por fim, ressalta o autor, como terceiro momento, que a partir da década de 70 há a “folclorização do dia do pau da bandeira”¹⁰⁹.

A tradição de carregamento e hasteamento da bandeira em homenagem ao santo padroeiro remete, segundo alguns pesquisadores, à passagem do Padre Ibiapina pelo vale do Cariri, que se deu em dois momentos específicos, de outubro de 1864 a fevereiro de 1865, e de julho de 1868 a junho 1869. Ralph Della Cava tece considerações sobre a presença de Padre Ibiapina no Cariri, observando que o seu “legado mais duradouro” para a história da região decorreu sobretudo da construção das casas de caridade nas quatro principais localidades do Cariri - Crato, Barbalha, Missão Velha e Milagres. Segundo o referido historiador, as casas de caridade exerciam a função de escola, orfanato, “centro

¹⁰⁹ SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 20.

para manufaturas de tecidos baratos” e de convento para a congregação de freiras, que deveriam ajudar o padre em seus propósitos e ações futuras¹¹⁰.

Os trabalhos desenvolvidos por Padre Ibiapina não se limitaram à construção das casas de caridade. Padre Ibiapina incentivou o empreendimento de certas obras – açudes, poços, cacimbas, cemitérios, estradas – que visavam permitir melhorias nas condições de vida da população local. A influência do Padre, portanto, não ficou restrita aos mais pobres, já que os trabalhos desenvolvidos pelo missionário eram também bem aceitos pelas famílias mais abastadas do Cariri, uma vez que o Padre Ibiapina instituíra uma certa moral ligada ao trabalho, e principalmente designava trabalhadores a fim de que levassem adiante determinadas obras que eram de pleno interesse de fazendeiros e lavradores do Cariri, os quais dependiam, por exemplo, de melhores condições de viação terrestre com vistas a levar, sem grandes entraves, seus produtos e mercadorias às distintas praças comerciais interessadas. Em um período de crescimento econômico, de surto algodoeiro, como o foi a primeira metade da década de 60 do século XIX, em face à demanda comercial europeia por algodão, motivada pela impossibilidade produtiva e comercial dos Estados Unidos, seu principal fornecedor, que estavam imersos em uma guerra civil (Guerra de Secessão), as iniciativas tomadas pelo Padre Ibiapina, no que concerne sobretudo às obras públicas que eram capazes de melhor influenciar o desenvolvimento comercial de certas localidades, tornaram-se muito bem aceitas.

O Padre Ibiapina teria sido o “introdutor do costume religioso de hastear o mastro para a bandeira do santo na região, da mesma forma que incentivou o surgimento dos primeiros grupos de penitentes”¹¹¹. Outros autores se aproximam de tal assertiva. Napoleão Tavares menciona que no dia da festa do padroeiro da cidade o Padre Ibiapina pedia para que os devotos hasteassem a bandeira do santo em frente a suas casas, ou perante as capelas existentes nas localidades por onde passava, e Barbalha foi um desses espaços. Portanto, na historiografia produzida sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, não há considerações que divirjam sobre este ponto; a hipótese sobre a influência do Padre Ibiapina, referente à tradição de hasteamento da bandeira do santo padroeiro, é algo que a maior parte dos trabalhos aceitam e acabam por reproduzir. De uma maneira geral, as pesquisas desenvolvidas que adotam tal premissa não trataram diretamente sobre a referida temática, tampouco se debruçaram sobre questões que aludem ao período oitocentista.

¹¹⁰ CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 68.

¹¹¹ CARIRY, Rosemberg. Festa do Pau da Bandeira de Barbalha. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. **Sentidos de Devoção: Festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013, p. 93.



Imagem 13: Hasteamento do Mastro da Bandeira de Santo Antônio, Barbalha, 2010.

Autor: Maurício Albano.

Em fins do século XIX e princípios do século XX, a produção de rapadura de Barbalha foi crescente. Se a produção de todos os engenhos da cidade de Barbalha indicava uma produção que girava em torno de 18.000 a 20.000 cargas de rapadura por ano na última década do século XIX, a produção rapadureira de apenas um engenho- engenho Tupinambá¹¹²-, na década de 40 do século XX, atingia aproximadamente entre 3.000 e 4.000 cargas. Um engenho de pequeno porte assinalava uma produção de 500 ou 600 cargas de rapadura por ano. Com a expansão comercial de Barbalha, que teve a rapadura como principal gênero de produção, houve crescimento das atividades referentes à Festa de Santo Antônio¹¹³, “Além das atividades religiosas da programação oficial (missas, novenários, procissões e os três leilões que ocorriam no largo da igreja) passaram a ser realizadas outras, que se desenvolveram à sua sombra e sob a organização das camadas mais populares desta sociedade”¹¹⁴.

A partir de 1928, o ritual de carregamento do pau foi incorporado aos festejos oficiais dedicados a Santo Antônio, organizados pela Igreja. Em 1928, o mastro foi retirado do sítio Joaquim, pertencente à família Teles, e doado pela primeira vez a pedido do padre José Correia Lima, a fim de dar seguimento às atividades programadas pela Diocese. Océlio Souza menciona que José Edvar Costa de Araújo propugna a ideia de que o Cortejo do Pau

¹¹² O engenho Tupinambá chegava a ter mais de 50 hectares de terreno dedicados à produção canavieira.

¹¹³ OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para Além do sagrado** – Tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, 2009, p. 116.

¹¹⁴ Id.

da Bandeira já existia antes de 1928, como expressão da religiosidade popular que se desenvolvia em paralelo às manifestações oficiais da Igreja e das famílias mais ricas de Barbalha. A incorporação do cortejo durante os festejos oficiais teria sido uma forma de controle da expressividade referente à religiosidade popular¹¹⁵.

Océlio Teixeira observa que José Edvar não apresenta quaisquer documentos que lhe permita atestar que o Cortejo do Pau já se desenvolvia antes de 1928, denotando uma manifestação religiosa das camadas "subalternas" da sociedade, e que ao incorporar tal prática junto a sua programação oficial a Igreja buscou ter o máximo controle sobre a manifestação. Océlio, assim como José Edvar da Costa Araújo, não apresenta referências documentais atinentes aos pontos elencados, adotando também como premissa de suas considerações a ideia de que o Cortejo foi incorporado pela Igreja com vistas a controlá-lo. Nesse sentido, o autor lança algumas hipóteses que poderiam explicar os motivos que suscitaram o padre José Correia Lima a buscar um maior controle sobre o Cortejo do Pau da Bandeira: a primeira explicação mencionada pelo autor refere-se ao processo de romanização¹¹⁶ por que estava passando a Igreja Católica, desde a segunda metade do século XIX a meados dos anos 40 e 50 do século XX, que apresentou como uma de suas premissas centrais a busca pela "purificação das práticas religiosas populares"; a segunda explicação refere-se à possibilidade de José Correia Lima ter procurado combater a influência crescente de Padre Cícero¹¹⁷, impedindo que a religiosidade popular praticada em Juazeiro do Norte se alastrasse a Barbalha.

¹¹⁵ SOUZA, op. cit., 2000, p. 30.

¹¹⁶ Francisco Régis Lopes Ramos menciona que com o processo de Romanização a Igreja buscou diferenciar a figura do especialista e a do leigo. O especialista era o representante da Igreja e, portanto, detentor de legitimidade e conhecimentos suficientes que o habilitava a lidar com questões referentes ao sagrado. A diferença estabelecida entre especialistas e leigos visava primordialmente a exercer algum controle sobre as práticas religiosas exercidas para além da influência da Igreja Católica; na medida em que determinadas manifestações religiosas eram lideradas e exercidas de forma alheia à estrutura hierárquica e de formação concebidas por uma certa cúpula da Igreja Católica, com a Romanização tais práticas não tinham razão de ser. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

¹¹⁷ Em 1º de março de 1889, Maria de Araújo encontrava-se na capela de Juazeiro a fim de acompanhar a missa que, todas as sextas-feiras, ocorria "em honra do Sagrado Coração de Jesus". Ao receber a comunhão, como normalmente o fazia, Maria de Araújo "caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue". Tal fato se repetiu ao longo de toda a quaresma, às quartas-feiras e sextas-feiras, tornando a ocorrer diariamente "do domingo da paixão até o dia de festa de Ascensão do Senhor, por 47 dias". Francisco Régis Lopes Ramos menciona que Padre Cícero Romão Batista, a partir do milagre de 1889, foi se tornando em "grande santo protetor". Quando Padre Cícero chegou a Juazeiro, em 1872, a localidade era um simples povoado sem qualquer projeção política e econômica. A partir da última década do século XIX e no decurso do século XX, Juazeiro foi se transformando na principal economia da região do Cariri e em um dos principais centros de romaria do Brasil.

Carnavalização

As festas oficiais realizadas no período medieval, portanto as que eram organizadas pelo Estado e pela Igreja, tinham um caráter solene, obedecendo rigorosamente a determinados preceitos de ordem. A seriedade demarcava o tom de tais eventos festivos, que serviam como ocasiões a reforçar as relações hierárquicas vigentes. Ao referir-se à carnavalização em uma perspectiva bakhtiniana, Océlio Teixeira alude à ideia de Mikhail Bakhtin¹¹⁸, ao analisar manifestações culturais populares no medievo¹¹⁹, especificando que estas manifestações expressavam uma forma de questionar certa visão de mundo que atendia sobremaneira aos intentos de uma elite que se resguardava e se beneficiava nos diferentes âmbitos de exercício do poder. O carnaval, portanto, tornava-se uma ocasião na qual uma outra concepção referente à ordenação do mundo ganhava espaço, permitindo comportamentos que não acatavam às ordens morais e legais que davam algum sentido à vida cotidiana na Europa medieval.

Ao fazer menção que o cortejo realizado durante a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio passou por um processo de carnavalização, a partir da década de 40 e 50 do século XX, o citado historiador analisa que a mencionada prática passou a não mais ser realizada completamente “sob a orientação da hierarquia eclesiástica”, como o foi desde 1928, tornando-se cada vez mais fruto da iniciativa e evidentemente da “concepção de mundo e de religiosidade dos grupos populares”. A carregação do pau de Santo Antônio que fora incorporada à manifestação de devoção ao santo padroeiro da cidade a partir de 1928, já nas proximidades da metade do século XX, ganhava outros contornos, que sinalizavam maior liberdade de práticas que se distanciavam da ordem prevista pela Igreja. O crescente consumo de cachaça expressa bem esta mudança.

José Edvar Costa Araújo tece algumas ponderações muito pertinentes ao se debruçar sobre as relações de tensão e conflito envolvendo segmentos populares, e outros pertencentes a uma certa elite política e econômica, que se envolvem na configuração e no desenvolvimento do cortejo e dos festejos de um modo geral em Barbalha. Para o autor, houve decerto algumas conquistas relevantes que permitiram aos referidos segmentos populares maior participação e notoriedade em se tratando sobretudo da dinâmica do cortejo do pau. José Edvar, por exemplo, faz menção ao processo de escolha do capitão do pau, que, entre as décadas de 30 e 50, obedecia exclusivamente aos interesses de alguns indivíduos e famílias tradicionais, revelando a lógica patriarcal bem como o excesso de

¹¹⁸ Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi filósofo, intelectual, teórico da cultura e das artes, russo, que nasceu em 1895 na cidade de Orel e morreu em 1975 em Moscou.

¹¹⁹ Cf. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

poder referente a alguns potentados na organização da política, da economia e da vida cultural de Barbalha. Durante muito tempo, coube ao Sr. Taumaturgo Filgueiras a função de Capitão¹²⁰. Atualmente, o processo é mais democrático e envolve a participação dos carregadores na escolha do seu capitão¹²¹.

No entanto, José Edvar observa que, se por um lado, houve maior abertura e, portanto, participação dos segmentos populares na realização da festa, correspondendo “em certa medida a conquistas dos setores sociais subalternos”, por outro lado, explicita uma “estratégica concessão” concebida por uma elite de forma a garantir certo controle sobre o desenvolvimento e organização da festa. “Portanto contém não só elementos de afirmação das expectativas de democracia, como também elementos de dissimulação dos artifícios de dominação e consolidação das desigualdades”. O referido autor menciona que a organização e realização dos festejos dedicados a Santo Antônio sempre estiveram sob controle de “setores sociais dominantes” da sociedade barbalhense¹²².

Outro ponto que nos parece bastante relevante para a compreensão dos festejos dedicados a Santo Antônio, em Barbalha, alude à ausência de documentos oficiais sobre o cortejo até meados da década de 60. Uma das explicações lançadas como hipótese, a fim de explicar as diminutas referências documentais, refere-se ao fato de o cortejo ter sido criado e se desenvolvido “enquanto experiência religiosa popular dentro de uma relação de tensão e circularidade com a Igreja de Barbalha, ou seja, entre a religiosidade popular e a religiosidade pregada pelo clero”¹²³.

Desde o período colonial, as festas de santo eram ocasiões importantes nas quais se aproximavam distintos segmentos “sociais, raciais e religiosos”, servindo, portanto, como uma das principais ocasiões de sociabilidade e de “expressão máxima da relação entre os homens e o sagrado” na sociedade colonial brasileira. Tal como as festas de santo que ocorriam no Brasil colonial, os festejos dedicados a Santo Antônio de Pádua, em Barbalha, considerando o seu percurso ao longo do século XX, também permitiram maior

¹²⁰ O Capitão do Pau da Bandeira tem uma série de responsabilidades e funções no decurso do processo de corte e carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio. Desde a organização de toda a logística referente à escolha e ao corte propriamente da árvore que será carregada e servirá para hastear a bandeira do santo padroeiro, até a organização e ordenamento dos carregadores de maneira a evitar que quaisquer problemas viessem a ocorrer ao longo do processo. E é relevante mencionar que especificamente essa função requer muita habilidade na medida em que são muitos os carregadores e principalmente ingerem muita bebida alcoólica ao longo de todo o carregamento.

¹²¹ ARAÚJO, José Edvar Costa de. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 195.

¹²² Ibid., p. 198.

¹²³ SOUZA, op. cit., 2000, p. 35-36.

proximidade entre os diferentes segmentos componentes da sociedade, mesmo que isso implicasse, em algumas ocasiões, conflitos e tensões entre tais grupos envolvidos¹²⁴.

No verbete referente à palavra festa, constante no Dicionário do Brasil Colonial (1500-1800), também podemos verificar algumas considerações que se aproximam das análises empreendidas no parágrafo anterior. As festas, portanto, destacavam-se na medida que eram eventos em que se integravam “estratos sociais, etnias e religiosidades”¹²⁵. Rita Amaral destaca que, no período colonial, ao tempo que as festas religiosas suscitavam a participação de diferentes segmentos da sociedade conforme já fizemos observar, também se tornou um instrumento eficaz de poder com o devido propósito de reforçar a existência do Estado metropolitano português. A referida autora diz: “Espelho das formas modernas de governo, a festa era um meio de instituição política e manifestação do poder crescente do estado português”¹²⁶.

É certo que, embora as festas coloniais tenham atendido a interesses e propósitos de uma elite política e econômica, tais manifestações não ficavam restritas a um enquadramento comportamental em acordo a premissas estabelecidas por esta elite. Não era tão incomum a iniciativa de populares no sentido de questionar e, portanto, se contrapor ao tom oficial dos festejos. As festas, neste sentido, serviam como ocasiões não somente de celebração religiosa ou dedicadas a brincadeiras e outras euforias, mas denotavam, em certos momentos, a possibilidade de manifestação política, de crítica às condições precárias de vida de grande parte dos manifestantes envolvidos.

Importante também observar que estas posturas não se restringiam às festas coloniais; no início do Império - período joanino -, por exemplo, as posturas contestadoras também faziam parte das manifestações festivas. Sobre a malhação do Judas, que ocorre no sábado de Aleluia, Debret, em 1821, no Rio de Janeiro, observou que havia simulação do enforcamento de personagens ligados ao governo, como o “intendente geral e o comandante das forças militares de polícia”. A malhação do Judas expressava uma “vingança simbólica” dos indivíduos mais pobres, incluindo escravos, contra as autoridades que em outros momentos haviam se colocado peremptoriamente de forma contrária à realização do ato popular¹²⁷.

¹²⁴ OLIVEIRA, op. cit., 1999, p. p. 92.

¹²⁵ VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 233-234.

¹²⁶ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p. 62.

¹²⁷ MARTINS, William de Souza. Festas. In: VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira (orgs.). **Dicionário do Brasil Joanino**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 168.

Folclorização

Na segunda metade do século XX, o principal ramo da economia de Barbalha – produção e comércio de açúcar e rapadura – entrou em crise. Uma série de medidas, portanto, foram concebidas e encaminhadas a fim de permitir que outras atividades pudessem ocupar a centralidade e relevância econômica dos engenhos barbalhenses de outros tempos. A Festa de Santo Antônio, em Barbalha, tornou-se uma possibilidade plausível, implicando o início da exploração referente ao potencial turístico dos festejos dedicados a Santo Antônio de Pádua. A partir desse novo sentido atribuído à festa, houve uma série de mudanças em sua configuração. Segundo Antônio Glauber Oliveira, tornou-se a “festa do padroeiro de Barbalha em um acontecimento de caráter regional e fonte de divisas para o município”¹²⁸.

No dia do carregamento, enquanto os carregadores se reúnem e se preparam para o sacrifício devocional que envolve o enorme esforço de transporte do pau da bandeira de Santo Antônio, nas imediações da Igreja Matriz, na alvorada do dia, uma série de “grupos folclóricos” pouco a pouco vão se chegando e se organizando:

Daí a pouco vão chegando mais pessoas. Os coloridos e espelhados trajes dos Reis de Congos, à frente o Mateus careteiro, com o rosto preto de fuligem, a língua como uma cobra na boca banguela. A festa que os músicos populares anunciam é quebrada pela chegada soturna de dois grupos de penitentes, com suas opas pretas e azuis, os capuzes escondendo as caras magras, as manchas, as dores, o aço cortante da “disciplina” lembrando o sacrifício destes romeiros milenares. De onde vem este povo de fé.¹²⁹

Josier Ferreira da Silva nos reporta, por meio de suas lembranças, à festa do pau da Bandeira de Barbalha de outros tempos, e também nos fala sobre o desfile dos grupos folclóricos:

Ao amanhecer, o sol de domingo estende seus primeiros raios sobre a cidade. É o parto do dia, que nasce ao som do pipocar dos fogos, dos dobrados das bandas de música e das bandas cabaçais em alvoradas festivas, abrindo a Festa do padroeiro da cidade. Grupos de brincantes da cultura popular se deslocam dos sítios e bairros para ruas da cidade, marcado por sobrados e casarões do século XIX.

[...]

O sentido profundo das danças, cantos e rituais de fé, para a vida do homem do campo pode ser contemplado no desfile dos grupos folclóricos da Igreja para a praça. A praça acolhe a manifestação popular, regada de fé e alegria, tornando-se pequena para tanta gente. O povo rodeando o palco, armado no meio da praça, assiste à evolução dos brincantes. O povo se via e se identificava nas manifestações que expressavam suas raízes culturais. Enquanto ocorriam as apresentações, o povo ocupava toda a extensão da

¹²⁸ OLIVEIRA, op. cit., 1999, p. 119.

¹²⁹ Barbalha de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, 5 jun. 1997, ano LXX, n. 23.672, p. 1B.

praça e suas adjacências, sentado nas barracas, passeando na praça, jogando, praticando tiro ao alvo, rodando nos carrosséis. O clima festivo, em sintonia com a fé no santo padroeiro, preparava e reforçava a expectativa de todos, para, em algumas horas, no período da tarde, ver a chegada do pau da bandeira na cidade. Como num incremento de ansiedade, o próprio locutor intercalava as apresentações fazendo referência sobre o peso e tamanho do mastro a ser deslocado nos ombros dos devotos, da mata até a cidade¹³⁰.

As descrições constantes em alguns dos jornais cearenses e na memória de quem pode presenciar o desenvolvimento da festa por anos consecutivos, evocando lembranças ou apenas anotando suas impressões daquilo que presenciaram, destacam a diversidade de grupos, de cores e de sons que configuram o tom festivo da cidade. A presença de tantas cores e a diversidade implementada pela multiplicidade de formas de expressão que caracterizam o dia do carregamento não é algo espontâneo, embora em outros tempos tenha sido, motivado então exclusivamente pela vontade e necessidade dos membros dos grupos culturais em expressar sua fé e devoção ao santo padroeiro. A presença de tais grupos no dia do carregamento, conferindo diversidade e outras temporalidades à cidade refere-se a um dos elementos da festa, concebido e organizado pelo poder público com vistas a se tornar um dos principais atrativos para o crescente número de turistas que deveriam chegar a cidade a fim de acompanhar o cortejo.

Gorete Pereira Amorim Lima, que durante muito tempo trabalhou na organização da festa, lidando diretamente com os "grupos folclóricos", teceu algumas considerações sobre a maneira como desenvolvia o seu trabalho, enquanto representante do poder público municipal junto ao referidos grupos. As palavras de Gorete Pereira se referiam à preparação dos grupos, e todo o apoio prestado pelo poder público, a fim de que a participação de tais grupos ao longo da festa ocorresse da melhor maneira possível:

Antes disso, a gente procura os grupos, né. Que procura saber o que eles tão precisando pra que eles venham participar do cortejo. Aí esse trabalho a gente tá fazendo agora, a gente procurando eles pra saber o que, qual grupo vai tá disponível pra vim participar do cortejo da Festa de Santo Antônio, o que eles estão precisando, né. Aí tem toda essa preparação, a gente procurar, eles dizem o que tá precisando, eles vêm aqui trazem orçamentos, aí a gente vai, faz a cotação de preços e, e compra toda a indumentária, leva pra eles, lá eles mandam confeccionar, a prefeitura entra com todo aquele recurso de é, é quem faz a compra no caso, né. E aí a nossa parte é de entregar esse material e eles se encarregam do resto¹³¹.

¹³⁰ SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 222.

¹³¹ LIMA, Gorete Pereira Amorim. **Gorete Pereira Amorim Lima**. Entrevista [09 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira dos Santos. Barbalha, 2003.

No transcorrer das manifestações dos grupos, os olhares forasteiros de turistas e jornalistas entusiasmados se aglutinam para ver e para registrar os melhores momentos de cada folguedo. A cidade, que já inteiramente se encontra enfeitada – com bandeirinhas coloridas, cartazes, bonecos gigantes, barracas de comidas típicas e de artesanatos locais - por ocasião dos festejos dedicados a Santo Antônio, ganha outros contornos, movimentos e cores a partir do desenvolvimento de tais expressões que se espriam e se movimentam pelas ruas de Barbalha, nas proximidades da Igreja Matriz, conforme já mencionamos.

Decorridas algumas horas, os grupos se organizam a fim de dar início ao desfile pela cidade. Antes de seguirem desfilando por Barbalha, os integrantes dos grupos adentram à igreja matriz onde pontualmente às 9 horas da manhã ocorre uma missa abrindo os festejos de Santo Antônio, que deverá se prolongar até às 11 horas. A missa “tem uma estética de show. O colorido dentro da Igreja é significativo. As quadrilhas e todos os outros festejantes tomam de assalto a parte interna da matriz para ouvir os cantadores e emboladores”¹³². Ao longo da missa, os fiéis presentes são convocados ao ofertório e levam produtos agrícolas típicos da região:

MISSA POPULAR

Foi assim que uma senhora tradicionalista rotulou a missa celebrada pelo padre Danielle, acompanhada por um coro que castigou na música de protesto, puxada a sanfona e violão. Tendo ainda a participação do cantador Pedro Bandeira no agradecimento das oferendas. Bandeira, com aquela desenvoltura que o caracteriza, ocupou o lugar do padre no altar e soltou as rimas. Apoiando no refrão “deste meu Brasil caboclo de mãe preta e pai João, respondido com entusiasmo pela moçada “pra frente”. Produtos agrícolas, queijo e rapadura, enfeitavam a mesa das oferendas. Muito milho para a canjica do padre, aliás um apreciador do produto. Este ano, porque o inverno foi bom, os doadores carregaram na oferta¹³³.

Concluída a missa, seguem os referidos grupos – penitentes, banda de pífaros, lapinhas, maneiro pau, reisados, dentre outros – reunidos em um desfile, percorrendo as principais ruas de Barbalha até chegar à Igreja de Nossa Senhora do Rosário¹³⁴. É relevante mencionar que o desfile não se restringe aos citados grupos, além deles seguem desfilando por Barbalha algumas das autoridades políticas do município.

¹³² PRACIANO, Ivonildo. Festa de Santo Antônio tem o mesmo cheiro de terra. **O Povo**. Fortaleza, 02 jun. 1993, p. 6B.

¹³³ Fé e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 01 jun. 1988, p. 9.

¹³⁴ O Desfile já teve como destino o Parque da Cidade Tasso Jereissati, construído em 1991. Essa obra ocorreu no decurso da administração municipal do Prefeito Rommel Feijó de Sá. O intuito de se construir o Parque da Cidade se deu uma vez que o espaço destinado às atividades dos festejos de Santo Antônio, em Barbalha, limitava-se basicamente à praça Engenheiro Dória e adjacências. Mediante o crescente número de turistas e interessados em participar dos diferentes momentos da festa, o tradicional espaço tornou-se cada vez mais limitado. O parque tem área estipulada em aproximadamente 10 hectares.

Os citados grupos, que passaram a receber subsídios do Poder Municipal barbalhense a fim de que pudessem melhor se apresentar durante a festa - como "roupas, merenda, transporte e um cachê" ¹³⁵ -, conformes fizemos verificar, tiveram que se adaptar à nova realidade. Se antes não havia qualquer interesse ou apoio algum para que tais grupos pudessem se manifestar, a partir da década de 70, o poder público tornou-se elemento imprescindível no processo de valorização dos folguedos, implicando, com o tempo, algumas alterações na maneira como viriam a se apresentar os mencionados grupos; a princípio por ocasião da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, mas posteriormente nos distintos eventos nos quais se solicitou a presença de um grupo ou outro.

Simone Pereira da Silva desenvolveu uma pesquisa em que analisou a participação do grupo de Reisado de Congo durante a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha. Simone Pereira enfatiza que a encenação popular, com a proximidade do poder municipal incorporando essa e outras práticas culturais aos festejos dedicados ao santo padroeiro da cidade, passou a sofrer algumas mudanças importantes. Um primeiro ponto destacado pela autora alude ao fato de que os brincantes do grupo de Reisado passaram a não mais pedir, como sempre o fizeram, contribuições financeiras ao público presente quando de suas apresentações. Outro ponto destacado pela autora observa que os valores oferecidos pelos contratantes tornaram-se um critério analisado e decisivo na avaliação, quanto à possibilidade referente à realização de novas apresentações a serem empreendidas pelo grupo. Segundo Simone Pereira, houve, portanto, uma mudança na estrutura do folguedo: "Hoje, o que interessa é promover um espetáculo curto e dramático que seja fácil de atrair e, ao mesmo tempo, de dispersar o público alvo". Há que se observar que durante a encenação do Reisado, uma vez que o tempo disponível para as apresentações passou a ser mais curto, alguns dos personagens, que eram comuns e necessários nas apresentações que os grupos realizavam em outros tempos, foram sofrendo um processo de marginalização, afetando em algumas ocasiões o "sentido das encenações por parte dos brincantes" ¹³⁶.

A influência do Poder Municipal, suscitando mudanças nas manifestações culturais populares de Barbalha, conforme já fizemos verificar, não se deu apenas com o Reisado de Congo. Os Penitentes da "Irmandades da Cruz" de Barbalha, por exemplo, que também desfilam no dia do carregamento do pau da bandeira de Santo Antônio, passaram

¹³⁵ SILVA, Simone Pereira da. **Os Sentidos da Festa: (Re)Significações Simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, 2011, p. 61.

¹³⁶ PAZ, Renata Marinho; SILVA, Simone Pereira da. Nos bastidores da Festa: o reisado de Congo e a dinâmica das relações entre os grupos e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 167.

por acentuadas modificações. O ritual de penitência foi concebido para ocorrer secretamente; um grupo de "padres e leigos reuniam-se nas proximidades das capelas ou em locais desertos [...] tendo como principal propósito o pedido de perdão a Deus pelos pecados, já que se acreditava que a epidemia de Cólera Morbo¹³⁷ era resultado dos pecados cometidos pelo povo"¹³⁸.

A partir da década de 70, com o início do desfile das manifestações culturais de Barbalha, os Penitentes - que originalmente ritualizavam de forma secreta, de modo tal que era comum que um Penitente apenas fosse identificado quando de sua morte na medida em que deveria trajar vestimentas específicas e também por haver um ritual apropriado durante o velório do penitente que morrera¹³⁹ - passaram então a se apresentar em público e também a receber por suas distintas apresentações.

O desfile dos grupos folclóricos, portanto, foi uma das mudanças instituídas pela Prefeitura Municipal de Barbalha, a partir de 1973. A lógica era incentivar "resgatando e preservando" as manifestações de tais grupos, promovendo a visibilidade da festa, de maneira a atrair o maior número de visitantes à cidade¹⁴⁰. O Prefeito Fabriano Livônio Sampaio¹⁴¹, idealizador do desfile de folguedos durante a festa, conforme menciona Océlio Souza, pretendeu dar uma nova roupagem ao evento, "transformando-a num evento turístico-religioso"¹⁴².

A iniciativa do Prefeito Fabriano Livônio Sampaio fundamentou-se em acordo ao propósito político do governo militar que administrava o país no período, ou seja, "fomentar um sentimento nacionalista fundado na valorização do que era considerado como tradição e como cultura popular". A perspectiva cultural delineada pelo Estado brasileiro no decurso do período militar, menciona Alexandre Barbalho, referindo-se à crise política por que passou o governo a partir da segunda metade da década de 70, suscitou uma série de ações que visavam apresentar o regime de maneira tal que não se restringisse sua imagem tão

¹³⁷ Ao longo do século XIX, algumas epidemias devastaram a população de distintas localidades do Ceará -Varíola, Febre Amarela, Cólera, entre outras. Em 1862, por exemplo, inúmeras fontes documentais - jornais, Relatórios dos Presidentes da Província, ofícios das Câmaras Municipais e do Governo da Província - nos permitem perceber a gravidade da epidemia de Cólera que atingiu o Ceará. Os relatos sobre as vítimas da doença eram frequentes e também sobre a fuga de famílias inteiras, que percebendo o elevado índice de mortalidade nos locais e proximidades onde viviam, decidiam rumar em direção a outros espaços, que consideravam mais pela não incidência dos efeitos epidêmicos da doença.

¹³⁸ PAZ, Renata Marinho; SILVA, Simone Pereira da. op. cit., p. 165.

¹³⁹ Id.

¹⁴⁰ ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira; BEZERRA, Sandra Nancy Freire. Festa de Santo Antônio de Barbalha: Patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 68.

¹⁴¹ Fabriano Livônio Sampaio foi prefeito de Barbalha entre os anos de 1973 e 1977.

¹⁴² SOUZA, op. cit., 2000, p. 50.

somente a uma conhecida e desgastada face coercitiva. Nesse sentido, o governo militar intensificou o estímulo às ações culturais, vinculando essas ações a um certo "controle do poder nacional".¹⁴³

Antônio Glauber Oliveira afirma que após as mudanças que ocorreram na festa, a partir dos primeiros anos da década de 70, os papéis desempenhados pela Igreja e pela Prefeitura na organização dos festejos também sofreram alterações. A Igreja e a Prefeitura passaram a coordenar momentos distintos da festa. Coube à Igreja, portanto, “a organização dos eventos ligados tão somente ao sagrado, como as missas, os novenários e as procissões, além de leilões”. Já a Prefeitura se tornou responsável pela logística referente ao carregamento e ao desfile de folgedos, como também por licenciar, fiscalizar e fomentar a parte comercial do evento de maneira a garantir algum retorno financeiro, já que os investimentos empreendidos pela administração pública municipal anualmente a fim de que a festa fosse realizada se tornaram crescentes.

Além de maiores recursos designados pela prefeitura, houve certo esforço de mobilização dos brincantes dos grupos culturais “tradicionais” de Barbalha. A ideia, portanto, era fomentar as manifestações que já existiam e mobilizar os grupos escolares de Barbalha para que fossem atrás de outras formas de manifestações culturais, a fim de que fossem incluídas como parte da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio que, a partir de então, ganharia outra dimensão, tornando-se um evento maior, apto a receber milhares de interessados e curiosos que deveriam contribuir com o crescimento dos números ligados à atividade turística em Barbalha.

O próprio Prefeito Fabriano Livônio Sampaio foi às escolas a fim de solicitar o apoio dos estudantes, que teriam se empenhado de tal maneira que inclusive chegaram a prejudicar o bom andamento e o cotidiano das aulas nas escolas, comprometidas com os propósitos de transformação da festa. A inserção de cada um dos grupos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, se deu a partir da realização de uma gincana escolar, envolvendo os colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima, que empreendiam disputa visando a catalogar o maior número de manifestações culturais populares existentes no município de Barbalha¹⁴⁴.

Portanto, a partir dos anos 70 aos dias atuais, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, passou por grandes transformações, que a tornaram cada vez mais um "espetáculo de consumo", em vez de um "espetáculo de devoção", como o foi desde a sua concepção e como decerto se consolidou tal manifestação ao longo do tempo.

¹⁴³ BARBALHO, Alexandre A. **Relações entre Estado e Cultura no Brasil**. Ijuí: Unijuí, 1998.

¹⁴⁴ CARDOSO, Antônio Igor Dantas. **(In)visibilidade de espaços festivos: A centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013, p. 64.

A crescente participação da administração municipal na organização da festa é um elemento a se levar em consideração quando das discussões acerca das implementações e mudanças por que passou a festa dedicada a Santo Antônio de Pádua, no município de Barbalha.

Conforme uma grande parte da festa foi sendo organizada pela Prefeitura Municipal da cidade, Antônio Glauber Alves Oliveira tece considerações acerca de dois pontos que passaram a nortear a relação das sucessivas administrações municipais com a festa, em Barbalha. O primeiro ponto refere-se à busca por se assegurar o retorno dos investimentos municipais feitos, de maneira a permitir que a festa ocorresse sem representar prejuízos financeiros ao município; o segundo ponto abordado pelo autor alude à associação que se buscou fazer entre a suntuosidade e expressividade da referida festa e o desempenho amplo da administração municipal vigente. Portanto, cada novo prefeito de Barbalha, desde a década de 70, buscou implementar mudanças na festa de maneira a demarcar a relevância de sua administração¹⁴⁵.

A “folclorização” do dia do carregamento, portanto, não foi a única mudança implementada em torno da programação referente ao festejo de Santo Antônio, em Barbalha. Outras ações foram concebidas a fim de possibilitar que a referida festa ganhasse maior notoriedade e expressividade. Além das atrações regionais, foram contratados artistas reconhecidos nacionalmente de modo que pudessem compor as atividades programadas da festa, atraindo dessa forma o interesse de grande público, que se deslocaria das cidades próximas a Barbalha, ou até mesmo de cidades um pouco mais distantes, incrementando o fluxo turístico do município durante o período festivo. Em 1990, por exemplo, na programação da festa constavam shows de Nando Cordel, Luís Fidelis, Waldick Soriano e o puxador de samba da escola Império Serrano Belo X; em 1992, participaram da festa o artista Belchior, os Irmãos Aniceto, Cid Guerreiro, dentre outros; em 1993, Fágner, Ednardo, Baby Consuelo, Luiz Melodia, Tom Zé, Waldonys, entre outros cantores marcaram a presença ao longo do evento.

Ademais, também foram contratados artistas reconhecidos com vistas a gravar e compor músicas, tendo a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como tema central. Océlio Souza¹⁴⁶ menciona que Luiz Gonzaga gravou a música “A festa de Santo Antônio”, que a cada ano, por ocasião da festa, ouve-se com muita frequência como se fosse um hino da cidade e da festa. O historiador ainda informa que o Quinteto Violado gravou uma música tecendo referências às três festas do nordeste e inclui a Festa de Santo Antônio, além da de Campina Grande e a de Caruaru. Também faz menção Océlio à gravação de “Verdes Canaviais”, por Alcimar Monteiro. A gravação de tais canções pretendia dar maior

¹⁴⁵ OLIVEIRA, op. cit., 1999, p. 133.

¹⁴⁶ SOUZA, op. cit., 2000, p. 60.

visibilidade e repercussão à festa, contribuindo então para que convergisse a Barbalha o maior número de público possível, em face à notoriedade que foi ganhando a festa no decorrer dos anos.

1.3.1. A Trezena de Santo Antônio

A origem da Trezena de Santo Antônio remete à devoção ao santo de Pádua na cidade de Barbalha, ainda no século XVIII. Porém, segundo os panfletos que contêm a programação dos festejos, produzidos pela Prefeitura e Paróquia de Santo Antônio, as trezenas dedicadas ao santo tiveram início na localidade no ano de 1710, antes mesmo da construção da capela dedicada ao padroeiro, erigida entre 1778 e 1790. Segundo Antônio Glauber Oliveira, somente após três anos da consagração da Paróquia, em 1838, é que foi designado o padre Pedro José de Castro e Silva, que passou a comemorar a data relativa à morte do santo e a realizar os festejos em sua homenagem, declarando Santo Antônio, o padroeiro de Barbalha.¹⁴⁷ Ainda segundo o autor, inicialmente, a vila realizava apenas algumas missas e leilões para Santo Antônio, que estavam ao lado de outros festejos como os organizados pela irmandade da Nossa Senhora do Rosário, protetora dos homens negros e escravos. Indica-se que foi com a presença do Padre Ibiapina, entre os anos de 1864 e 1869, que a vida religiosa de Barbalha ganhou novas formas, inclusive com a incorporação do ritual de hastear uma bandeira em homenagem ao santo.

Para a Igreja Católica, responsável pela organização da trezena por meio da Paróquia de Santo Antônio, ela representa um momento de reflexão da vida cristã de Santo Antônio, nos treze dias que antecedem o dia 13 de junho, data da morte do santo. Nela se evidenciam a fé e devoção dos paroquianos a esse considerado “Doutor da Igreja”, que em sua vida havia adquirido muitos conhecimentos não só dos textos bíblicos, mas também da hierarquia eclesiástica. Dessa forma, a vida de Santo Antônio, canonizado em 1232 pela Igreja Católica, é cultuada como um modelo a ser seguido pelos fiéis.¹⁴⁸

É importante destacar o papel central que a Igreja Matriz e seu entorno assume durante a trezena do padroeiro. Nela ocorre a maioria dos festejos organizados pela paróquia, como a missa de abertura, a benção da bandeira, as missas diárias e o acolhimento dos noitários. É também o ponto de chegada da procissão, momento final de todos os festejos. Também em seu entorno, ao lado do Salão Paroquial, ocorre a Quermesse de Santo Antônio.

¹⁴⁷ OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para Além do Sagrado: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha.** UFC: Fortaleza. Dissertação, 1999. p. 113

¹⁴⁸ OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para Além do Sagrado: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha.** UFC: Fortaleza. Dissertação, 1999. p. 128.



Imagem 14: Procissão de Santo Antônio, 1963.

Autor: Padre Paulo Gurgel.

A Paróquia de Santo Antônio divide suas ações na festa em “sociais” e “religiosas”. Compõem os festejos religiosos as celebrações eucarísticas diárias e a participação dos noitários. Os festejos sociais resumem-se a Quermesse que ocorre na Rua da Matriz, na qual são realizados leilões, apresentações musicais e campanhas beneficentes.

A organização da Trezena de Santo Antônio começa já nos primeiros meses do ano, com a escolha do seu tema e a definição da programação e dos noitários, por parte dos membros do Conselho Paroquial, que é responsável pela organização geral dos festejos religiosos. Há também a organização de equipes que cuidam da liturgia, procissões, comentários, cânticos e quermesses ligados às treze noites da celebração.

Nos festejos religiosos destacam-se os Noitários pela intensa movimentação que provocam em vários bairros da cidade. Durante a trezena eles recebem o andor com a imagem de Santo Antônio em suas casas para momentos de oração e reflexão. É escolhido um noitário por dia, entre os dias 31 de maio e 12 de junho. O noitário do dia tem o compromisso de restituir a imagem do padroeiro à Paróquia no início da noite, para que em seguida tenha início a celebração eucarística diária, na qual são lidos textos bíblicos e biografias do santo padroeiro, como o “Responso” e “Ladainha de Santo Antônio”.

RESPONSO DE SANTO ANTÔNIO

Se milagres desejais,
Recorrei a Santo Antônio;
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais.

Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
Se moderam, se retiram,
Digam-no aqueles que o viram,
E digam-nos os paduanos. [...]

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são. [...]



Imagem 15: Noitários entregam em procissão a imagem do padroeiro, 2005.

Autor: Iphan-CE

Após a missa, uma nova procissão com a imagem do santo é direcionada para a casa de um novo noitário. Esses podem ser pessoas, comunidades ou entidades (sindicatos, associações etc.)¹⁴⁹. Em cada residência é rezado um terço de Nossa Senhora, além de leituras bíblicas.

A quermesse acontece durante a Trezena, após as missas diárias, e é um importante espaço de sociabilidade. Na quermesse são montadas barracas na Rua da Matriz nas quais ocorre a venda de comidas típicas e artesanato local. É na quermesse que ocorrem também os leilões e as doações dos paroquianos, que serão revertidos para a manutenção das atividades pastorais da Paróquia de Santo Antônio.

Ao término da trezena do padroeiro é realizada a Procissão que encerra a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Para o Padre Jovanês Vitoriano:

A procissão não é algo desconectado de toda a festa. Eu digo que tudo se uni aí, mesmo a festa como se diz profana, não é, do hasteamento do pau da bandeira, tudo tá né, desembocando lá na procissão de Santo Antônio, que é, na verdade o encerramento de tudo. Então, uma preparação já existe, desde uma preparação festiva que a cidade se veste, a cidade fica bonita, se enfeita, se arruma. Então, as festa aí profana, como se diz que acontece, as quermesses do lado da igreja, também toda trezena, tudo isso é uma preparação não é, para esta procissão. É convocado é sempre lembrado, porque é o dia que o povo vai caminhar com Santo Antônio no meio das ruas. Então, a preparação já vem aí da trezena de toda festa, já que a procissão é a última coisa que acontece, né. Na tarde, no último dia¹⁵⁰.

Essa fala sintetiza bem o momento importante que a Procissão simboliza para a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. É nela que todos os sentidos, inclusive o que se conhece como profano e social, tendem a se unir na cidade depois de toda a preparação das “vestes” para essa caminhada final. Dessa maneira, desde o hasteamento do pau, e é interessante perceber como o carregamento do pau não foi mencionado pelo Padre, passando pelas quermesses que acontecem “do lado” da igreja, a procissão consegue convocar todas as pessoas que durante os treze dias se preparam de forma festiva para momento de encerramento, que reúne também as comunidades próximas a Barbalha com os seus determinados santos.

¹⁴⁹ Na festa de 2015 foram escolhidos como noitários os Carregadores do Pau no primeiro dia (30/05); as comunidades da Bela Vista e Cirolândia no segundo; os Agricultores e Pecuáristas no terceiro; as comunidades do Rosário e do bairro Alto do Rosário no quarto dia; os Comerciantes e Industriais no quinto; o sexto dia dedicado aos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário; no outro dia, aos moradores do Conjunto Nossa Senhora de Fátima; no oitavo dia os Profissionais da Saúde; a noite da Educação e da Juventude no nono dia; os Advogados e os Serventuários da Justiça no décimo dia; O Grupo do Terço dos Homens no décimo primeiro dia; as Pastorais e movimentos da Paróquia no décimo segundo dia ; e finalizou com a noite dos Antônios, Antônias e similares no dia 12 de junho, finalizando a trezena.

¹⁵⁰ VITORIANO, Jovânes. **Jovanês Vitoriano**. Entrevista [25 ago.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.



Imagem 16: Procissão de Santo Antônio, 2010.



Imagem 17: Chegada do carro andor à Igreja Matriz, 2010.

Autor: Maurício Albano.

A procissão tem início na tarde do dia 13 de junho, por volta das 16 horas, no ponto inicial que é a casa do Senhor Marciano Teles. É lá onde se fabrica o Carro-Andor, que é um trabalho que tem toda uma preparação para a forma como a imagem de Santo Antônio será transportada durante a procissão. O andor, antes levado a mãos, desde os anos setenta é conduzido em um carro que é decorado com flores que circundam a imagem do santo. Para Maria Olímpia Macedo Duarte, uma das responsáveis pela fabricação do Carro-Andor, ele tem um sentido que “pra comunidade é num sentido que eu acho que todo barbalhense acha bonito vê o padroeiro sair bonito, num andor bonito, bem, bem ornamentado.”¹⁵¹ Foi a partir de 1995 que ela e sua família passaram a ser responsáveis pela fabricação do Carro-Andor, o que não é uma decisão apenas da Paróquia, mas da própria comunidade que acredita na residência da família como um ponto também estratégico para o início da procissão. Outro fator que indica a sua escolha, seria por que desde a década de 1980, essa atividade já era alegada a Dona Sinhazinha Sampaio, ex-proprietária da casa. Toda a preparação do carro também recebe doações de flores da população. Maria Olímpia ressalta a importância da beleza que o andor exerce numa procissão: “Andor, eu acho se que andor de, de festa religiosa; andor é flor. Andor é sinônimo de flor.”¹⁵² Além do carro dedicado a imagem de Santo Antônio, outras comunidades próximas também levam cada uma o seu andor dedicado ao respectivo santo padroeiro. Após a saída da casa do Senhor Marciano Teles, a imagem percorre em procissão pelas principais ruas da cidade como a Avenida Coronel João Coelho, Pinto Madeira, Rua do Vidéo, entre outras. O cortejo segue ao som das Bandas Cabaçais com fogos de artifício e vozes cantando o hino de Santo Antônio. Durante a caminhada são cantados também alguns louvores dedicados ao santo. Algumas famílias aguardam em suas casas a passagem da procissão, e outras vão adentrando no movimento da caminhada. Por fim, ao chegar à Igreja Matriz por volta das 19 h, a Procissão termina com as bênçãos finais para a população, e é também o momento de agradecimento ao padroeiro por mais uma festa realizada em sua homenagem.

¹⁵¹ DUARTE, Maria Olímpia M. **Maria Olímpia Macêdo Duarte**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

¹⁵² Idem.

longo dos festejos de Santo Antônio, em Barbalha, a árvore passou a ser retirada do sítio São Joaquim, cujo proprietário era João Teles Quental, o qual, atendendo à solicitação do padre José Luís Correia, permitiu tal prática, que perdura aos dias atuais¹⁵⁴.

Os critérios utilizados para a escolha da árvore que deverá ser cortada a fim de ser carregada e hasteada durante os festejos dedicados a Santo Antônio, em Barbalha, atendem a preceitos fundamentais, carregados de duplo sentido: o "pau deve ser grande e grosso"¹⁵⁵. Conquanto tenhamos feito menção ao duplo sentido que se evidencia na referida frase, há que se observar que a resistência e a qualidade da madeira são elementos considerados cruciais quando do processo de sua escolha.

A resistência da árvore, portanto, visa a evitar que, durante o seu carregamento - nos momentos de descanso dos carregadores, quando soltam o "pau" de seus ombros em direção ao chão -, a madeira não sofra quaisquer danos, prejudicando o "carregamento" e o ato de fé que envolve expresso esforço físico. Outro ponto a considerar alude à necessidade de os carregadores utilizarem, durante o referido ritual, uma madeira de "valor", "de lei", à altura, portanto, do santo homenageado.

As dimensões do "pau", além de suscitarem brincadeiras de duplo sentido, como já mencionamos, também geram expectativas por parte dos carregadores. Um "pau" fino, que não exija tantos esforços para ser carregado, é algo inaceitável durante o cortejo, por parte dos expectadores e dos carregadores. As dimensões do "pau", portanto, na medida em que o carregamento, e todo o esforço físico empreendido durante essa prática, se configura como um ato coletivo de fé, expressam uma demonstração pública de esforço e sofrimento em homenagem a Santo Antônio.

Francisco Cândido de Barros tece descrição sobre os processos que envolvem a escolha e o corte da árvore, quando tal prática ainda ocorria no sítio São Joaquim:

O pessoal que mora no sítio São Joaquim são os derrubadores, são os empregados de lá de dentro do sítio. Eles é quem derruba, procura a árvore, marca. Quando chega lá, às vez, o pessoal acha pequeno aí vão procurar outra árvore, em cima da hora, aí fica um negócio que num é, num fica... É muito chato até pro capitão, porque vai ter que procurar outro. Já teve doutor Teles ainda vivo, andou várias vezes dentro da mata

também teria introduzido o processo do carregamento. Cf. SOUZA, Océlio Teixeira de. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): uma experiência religiosa popular. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa.** João Pessoa: ANPUH, 2003. CD-ROM.

¹⁵⁴ OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para além do sagrado - tradições religiosas e novas formas de sociabilidade:** a festa de Santo Antonio de Barbalha-Ce. (1999). 188 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 1999, p. 133.

¹⁵⁵ ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira de; BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. Festa de Santo Antônio de Barbalha: Patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da. **Sentidos de devoção:** festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: IPHAN, 2013.

procurando local pra procurar um pau que o pessoal agradasse o povo. Porque tá escassa a madeira. E sempre o corte, o pessoal quer que seja de lá, do sítio São Joaquim. Aí nesse, nesse itinerário, o pessoal corta a árvore, é preparado o quê? Os capitão é quem faz essa parte de corte, o corte da árvore. Aí chega lá, corta, às vez, vai os poeta como Pedro Bandeira, vai vários poeta aqui da região, cantam lá antes do derrubamento do pau e aí começa a preparação do corte pra tirar de dentro da mata, para onde chama a cama do pau da bandeira¹⁵⁶.

O grupo escolhe e “Faz a trilha. Pra quando for no dia, fazer o arrasto pra fora da mata”. Conforme já fizemos observar, não é qualquer árvore ou madeira que correspondem às premissas da Festa de Santo Antônio. O processo de escolha da árvore para o corte leva algum tempo até que se tenha certeza sobre as condições da árvore escolhida. Os membros do grupo, que adentram à mata para a escolha e corte do pau, por exemplo, chegam a abraçar algumas das árvores previamente selecionadas com vistas a perceber as condições e a viabilidade de transporte, tanto para retirá-la do seu local de origem, como também pensando no seu transporte pelos carregadores.

Océlio Teixeira observa que o início da festa a partir do Corte - portanto, alguns dias antes do cortejo - teria principiado nos idos da década de 40. Também menciona o referido historiador que a prática de empreender o corte em um dia e o carregamento em outro reporta à década de 70, com o “processo de folclorização” da festa, acerca do qual nos deteremos mais detalhadamente em outro momento¹⁵⁷.

¹⁵⁶ BARROS, Francisco Cândido de. **Francisco Cândido de Barros**. Entrevista [22 fev.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

¹⁵⁷ SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): entre o controle e a autonomia (1928-1998)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000, p. 65.



Imagem 18: Grupo de pessoas se dirigindo ao local do corte do Pau da Bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano

Selecionam a Aroeira, o Jatobá, o São Gonçalo, o Angico, dentre outras – que atendem às expectativas do grupo responsável pela escolha do referido “pau”. O processo do corte do “Pau de Santo Antônio” indica o princípio dos festejos dedicados ao mencionado santo. Há inicialmente um corte simbólico empreendido pelo “Capitão do Pau”, que fará os primeiros cortes para que, em seguida, a derrubada da árvore ocorra efetivamente.

Os instrumentos utilizados para o corte e preparo da árvore são basicamente o machado e a foice: o primeiro, para o corte propriamente do “pau” e o segundo, para desgalho e descasco da árvore. O trabalho exige certa perícia e, sobretudo, experiência. Além da pré-seleção da árvore, cabem aos responsáveis pelo corte, a responsabilidade para que todo o processo ocorra sem transtornos. Portanto, há uma preocupação em não danificar o “pau” designado para o corte, assim como também devem se ater os responsáveis em evitar maiores danos ambientais e acidentes que possam vir a machucar quaisquer dos indivíduos presentes no local.



Imagem 19: O corte do Pau da Bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano

RELAÇÃO DAS ESPÉCIES E LOCAIS DE EXTRAÇÃO
DO MASTRO DO PAU DA BANDEIRA (2000-2015)¹⁵⁸

ANO	ESPÉCIE	LOCAL DE EXTRAÇÃO
2000	Rama Branca	São Joaquim
2001	Não identificada	São Joaquim
2002	Rama Branca	São Joaquim
2003	Aroeira	São Joaquim
2004	Timbaúba	Sítio Roncador
2005	Jatobá	Sítio Roncador
2006	Jatobá	Sítio Flores
2007	Aroeira	Sítio Flores
2008	Angico	Sítio Flores
2009	Pau d'óleo	São Joaquim
2010	Jatobá	Sítio Flores
2011	Rama Branca	São Joaquim
2012	Açoita Cavallo (Jacarandá)	São Joaquim
2013	Jatobá	Sítio Flores
2014	Rama Branca	São Joaquim
2015	Angico	Sítio Flores

¹⁵⁸ Tabela elaborada a partir de fontes periódicas de grande circulação.

O processo que leva ao corte deixa claro a hierarquia que fundamenta o ritual. O Capitão do Pau é o responsável por algumas orientações centrais referentes ao corte, dentre outras funções ao longo da festa, sobre as quais abordaremos em outro momento. Não se pode ir à mata "caçar" à árvore a ser cortada sem a aquiescência do Capitão e, claro, sem a permissão do proprietário do sítio onde deverá ocorrer o corte. Antes do dia propriamente do corte, há uma pré-seleção da árvore que deverá ser cortada, para que no dia marcado para o corte, a tarefa seja concluída sem maiores embaraços. O jornal Diário do Nordeste, de 15 de maio de 2007, apresenta-nos artigo no qual tece descrição sobre o dia do corte:

Segundo o "capitão do pau", Rildo Teles, o corte da aroeira 15 dias antes é uma forma de facilitar para os carregadores. Com isso, o mastro fica mais leve, pela perda da seiva. O ritual do corte começa cedo. No domingo, pela manhã, populares se manifestam com blocos organizados ou em turmas de amigos para ir até o sítio onde está localizada a árvore escolhida para o corte. A distância é de cerca de 18 quilômetros, até as pessoas se embrenharem na mata e assistir ao corte.

A partir das 7 horas, de bicicleta, a pé, carro ou moto, segue uma romaria em busca de diversão. Bancas com bebidas alcoólicas se espalham na mata pelas proximidades do local onde haverá o ritual. Outros preferem levar os litros e quando secos, quebram nas estradas, deixando o rastro profano [...].¹⁵⁹

Após a derrubada da árvore escolhida, dá-se o seu desgálho e descasco. Quando da derrubada, a árvore é amarrada por cordas de maneira a evitar que sua queda leve ao destroço da vegetação aproximada ou de quaisquer acidentes. Em seguida, após ser deslocada, pelos homens presentes, a um local mais adequado ao seu transporte, a árvore é puxada por um trator. A equipe presente pode transportar a árvore "no braço" até o local que facilite a atuação do trator ou pode ser utilizado um equipamento denominado tifó, que serve para levantar e transportar materiais pesados.

Após ser cortado, o pau é transportado e deixado "descansar" em local denominado "cama do pau", para que possa secar, perdendo parte de sua seiva e permitindo que os carregadores consigam, então, transportar o "pau", que se torna um pouco mais leve durante seu "descanso". Toda festa, conforme menciona Rita Amaral, "refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidade de comportamentos profanos" ¹⁶⁰. Dessa forma, o corte da árvore é o início do processo de sacralização de um dos principais símbolos da festa. Durante o processo do corte da árvore, a relação entre sagrado e profano já se faz presente. Antes que o "pau" seja cortado, por exemplo, há uma

¹⁵⁹ Começa a mobilização para Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, 15 mai. 2007.

¹⁶⁰ AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que "não é sério"**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p. 38.

reza em volta da árvore escolhida - Pai Nosso e Ave Maria -; após o corte do "pau", o ambiente festivo toma conta do espaço. Há bastante comida, bebida - cachaça -, que são distribuídos ao som da sanfona, do triângulo e do pandeiro; o forró torna-se a trilha festiva e o tom profano da primeira etapa dos festejos dedicados a Santo Antônio.



Imagem 20: Grupo de pessoas arrasta o Pau da Bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano

A relação entre o sagrado e o profano nas festas realizadas em território brasileiro remonta ao período colonial. Antônio Glauber de Oliveira, tecendo considerações sobre as festas do Brasil colônia, observa que essas festas "se inscrevem num sistema de troca simbólica, estabelecida entre os homens e os santos, originária da religiosidade vivida na Península Ibérica e para cá trazida juntamente com os primeiros colonizadores do Brasil". Desta sorte, alguns elementos que faziam parte da festa originalmente como tradições populares do povo português, reconhecidas como pagãs, ao chegarem ao Brasil eram incorporadas e se tornavam parte central da religiosidade brasileira.

1.3.3. O Carregamento

O processo do carregamento evidencia o protagonismo dos carregadores durante os festejos dedicados a Santo Antônio. O carregamento é um dos momentos mais esperados da festa - uma multidão de expectadores se amontoa pelas ruas de Barbalha, desde o momento em que os carregadores adentram à zona urbana da cidade. O percurso do carregamento, de aproximadamente seis quilômetros, parte da zona rural da cidade em direção à rua onde se localiza a Igreja Matriz. Os esforços empreendidos pelos

carregadores, que já demonstram feições de cansaço e de dor, quando da proximidade da referida Igreja, são acompanhados com certa aflição pelos expectadores, que aplaudindo e gritando tentam impulsionar o ato de fé e penitência em pleno curso.

Francisco Régis Lopes observa que as religiões são linguagens e “maneiras de construir sentido para o ser humano e seu mundo” ¹⁶¹. Segundo o referido autor, os devotos, por meio da religião, visam criar uma relação mais estável com o mundo a sua volta; seria, portanto, uma forma de simplificar as possibilidades de explicação para tudo aquilo que se vivencia no dia a dia. Os devotos, portanto, além de “um sentido para certos acontecimentos” ¹⁶², com a religião, almejam o fim dos problemas enfrentados.

Nesse sentido, todos os esforços desempenhados ao longo do processo de carregamento, para além dos significados que envolvem as relações e as distinções entre os grupos sociais que conformam a sociedade barbalhense, buscam principalmente reafirmar o ciclo devocional prestado ao santo padroeiro da cidade, conferindo certa estabilidade necessária no que concerne à relação entre esses indivíduos e o seu mundo envolvente, permitindo maior compreensão e aceitação para o que lhes ocorre na vida, de maneira que possam então prosseguir adiante.

Ainda seguindo algumas observações de Régis Lopes, temos que o catolicismo que se configurou no Brasil desde a colônia basicamente “carregou um código de regras que fabrica vários esquemas de apadrinhamento”. Os santos padroeiros das cidades fazem parte desses “esquemas”. E as relações de compadrio expressam sobremodo proteção. Os santos padroeiros, no caso de Barbalha, Santo Antônio, regem as relações de seus devotos com o mundo e são clamados a evitar infortúnios que possam afetar a vida individual e social da referida cidade.

É preciso considerar que, embora estejamos a tratar diretamente da participação dos carregadores na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, especificamente, dentre seus significados, do ato devocional que caracteriza e torna emblemático o processo e os esforços envolvidos durante o carregamento, não limitamos nossa compreensão acerca dessa festa religiosa como adstrita aos carregadores. Portanto, para além desses sujeitos que protagonizam os elementos ritualísticos das manifestações, os quais, decerto, contribuem para a concretização de uma festa como um evento de grandes dimensões, torna-se relevante mencionar que, de forma alguma, se restringe a estes elementos; configura-se também na logística e empenho administrativo em fazê-la acontecer, com seus shows, horários e programações definidos, recursos, contratações, licitações etc.

¹⁶¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 28.

¹⁶² Id.

A festa se delinea também nas inúmeras matérias jornalísticas, contratadas ou não, nas memórias e esquecimentos propagados, nos ensaios fotográficos e publicações, nas teses e dissertações, bem como nas ideias difundidas e aceitas, na divulgação profissional, nas produções literárias, nos vídeos, nos documentários, nas reportagens veiculadas em programas televisivos, nas políticas concebidas e instituídas, nas rezas e outras manifestações de fé, compartilhadas, assim como no cotidiano e exercício da política e nos caminhos e descaminhos da imaginação. Portanto, ao abordarmos algumas questões sobre o processo do carregamento, ainda que a percebamos como elementos ritualísticos centrais no decurso dos festejos, estamos considerando apenas um ponto específico sobre a festa.

A cada ano, no período da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, ocasião na qual o carregamento do pau de Santo Antônio se torna o centro das atenções no município de Barbalha, na região do Cariri, ganhando repercussão por todo o Ceará, as credices em torno do poder casamenteiro de Santo Antônio se renovam. O elemento central do carregamento, o afamado pau que é selecionado criteriosamente para o cortejo, passa a ser a mais significativa expressão material dessas credices. Acreditam, portanto, os partícipes dos festejos e devotos do santo que as mulheres que tocarem o pau, em no máximo um ano, lograrão êxito em seus intuitos casadoiros.

A partir da crença gerada sobre o poder milagroso do pau, não é tão raro, durante o cortejo, nos depararmos com mulheres que queiram, a qualquer custo, retirar uma lasquinha da madeira a fim de que possam em breve período conseguir um marido. Também não é difícil presenciar algumas mulheres sendo carregadas e literalmente esfregadas sobre o pau, sob vaias, gritos, risos, olhares curiosos e alguns até temerosos, vez que as mulheres presentes supõem a possibilidade de serem uma das selecionadas pelos carregadores galhofeiros que, já animados, buscam dar ressonância a toda a empolgação que estão a vivenciar, carregando essas mulheres e levando-as para que possam ter um contato mais direto com a madeira, mesmo que não haja um prévio consentimento. A distância dos carregadores é sempre um cuidado que não pode ser ignorado por aquelas que estão ali apenas por curiosidade ou para curtir a dinâmica do festejo barbalhense. O tempo do carregamento dirime as regras morais e impõe o duplo sentido, das brincadeiras, além dos tons festivos e jocosos como premissas fundamentais das relações sociais.

O poder milagroso do pau de Santo Antônio, além de ser, sem quaisquer dúvidas, um dos principais atrativos da festa, gera uma miríade de outras atrações, que, por vezes, circulam comercialmente por Barbalha e contribuem para imprimir o mencionado tom festivo e irreverente à cidade. Um caso exemplar refere-se à festa da noite das solteironas, organizada pela mais famosa solteirona de Barbalha, conhecida como Socorro Luna.

Observamos também as simpatias e chás que ganham enorme repercussão durante os festejos, e que são considerados receitas muito eficientes para quem deseja pôr fim a sua condição de solteiro. Escrever o nome no próprio pau da bandeira também é uma opção viável visando a tais intuitos.



Imagem 21: Pau da Bandeira na manhã seguinte ao hasteamento, 2010.

Autor: Maurício Albano

Muitas das mulheres presentes na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, levam em seus bolsos a oração de Santo Antônio, na qual é possível verificar a devoção ao santo e a crença de que ele pode ser influente, no árduo propósito de se conseguir um esposo:

Meu grande amigo Santo Antônio, tu que és o protetor dos namorados, olha para mim, para a minha vida, para os meus anseios. Defende-me dos perigos, afasta de mim os fracassos, as decepções, os desencantos. Faze que eu seja realista, confiante, digna (o) e alegre. Que eu encontre um namorado (a) que me agrade, seja trabalhador (a), virtuoso (a) e responsável. Que eu saiba caminhar para o futuro e para a vida a dois com as disposições de quem recebeu de Deus uma vocação sagrada e um dever social. Que meu namoro seja feliz e meu amor sem medidas. Que todos os namorados busquem a mútua compreensão, a comunhão de vida e o crescimento de fé. Assim seja¹⁶³.

As orações com preces dedicadas a Santo Antônio transformam-se em um dos itens mais disputados oferecidos pelo comércio local durante a festa. Em alguns locais, as orações são comercializadas com uma lasca do pau a fim de que possam as interessadas fazer o chá a partir da lasca, e já dar seguimento aos pedidos devotos ao referido santo. O jornal Diário do Nordeste, de 03 de junho de 2002, traz algumas referências sobre a venda da oração e da lasca do pau, especificando que a oração trazia como título “Pedido a Santo Antônio”, tecendo as seguintes observações:

Se você está com dificuldade no seu relacionamento amoroso, precisa encontrar um parceiro, ou parceira, para um feliz matrimônio, peça logo a Santo Antônio. Pedindo com fé, a sua prece não atrasa e nem falha, pegue no pau e reze assim: Meu Santo Antônio, até o dia 13 me dê um parceiro, um feliz matrimônio, suplicarei com fé e encanto e divulgarei em todos os cantos...Amém¹⁶⁴.



Imagem 22: “Kit Milagre”, vendidos durante a Festa de Santo Antônio, 2015.

Autor: Jeferson Hamaguchi.

¹⁶³ Barbalha inicia festejos a Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 04 de jun. de 2001, p. 4.

¹⁶⁴ Pau da Bandeira reúne 30 mil pessoas em Barbalha. **Diário do Nordeste**, 03 de jun. 2002, p. 4.

Além das mulheres que estão na festa com o propósito de conseguir um marido, há também muitas mulheres que participam do festejo a fim de agradecer a graça alcançada. Os pedidos feitos em festas anteriores, na medida em que foram plenamente atendidos, levam seus devotos a retornarem à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio para que possam agradecer ao santo. Muitas conseguiram namorados, outras casaram, há aquelas que estão grávidas e outras que, inclusive, levam seus filhos, que foram frutos de relacionamentos que principiaram na festa ou pouco tempo após a festa, mas em decorrência da fé nos poderes de Santo Antônio ou dos pedidos realizados por ocasião dos festejos dedicados ao santo.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, como é comum aos períodos festivos nos mais diversos espaços, explicita um outro tempo à cidade de Barbalha e aos seus moradores, mesmo que estejam ali apenas por alguns dias. A cidade fica toda enfeitada; as bandeirinhas dão um visual colorido a algumas ruas e edificações da cidade. O comércio formal e informal, de alimentos e demais produtos, como cordéis e artesanatos, ocupam os espaços onde no dia a dia é comum o tráfego corrente de pessoas e automóveis.

O carregamento não denota apenas sacrifício, cansaço e dor; ele é também um momento festivo, permeado de brincadeiras entre os carregadores, desde quando chegam à "cama do pau" a fim de iniciar o carregamento e ao curso do trajeto¹⁶⁵ até que o "pau" chegue à zona urbana de Barbalha. Antes do carregamento propriamente, os carregadores se reúnem nas proximidades de onde se encontra o pau, papeiam, comem, dançam, brincam e bebem bastante. O percurso do carregamento antes de chegar à cidade realiza-se em uma estrada de terra vermelha, na qual, com muita frequência, os carregadores jogam uns aos outros, simulando combates e disputas a fim de definir quem é detentor de maior força e agilidade. Aqueles que não são carregadores, e que, por motivos vários, estão assistindo ou registrando todo o processo, também podem ser vítimas das brincadeiras; mesmo que seja um abraço amistoso de um dos carregadores, as marcas da terra avermelhada inevitavelmente ficarão impressas nas lembranças e no corpo de quem cumplicia todo o movimento que envolve o carregamento. Francisco de Assis Queiroz teceu algumas considerações sobre as brincadeiras:

[...] Tem o mela-mela, um joa o outro no chão, o oto é pega o oto e enterra
[...]
Isso é no caminho. Nós peguemo o bebê chorão, bebê chorão ele fala é um
homem assim dá uns vinte centímetro a mais de Adauto, é um homão. Esse
ano enterramo ele e deu trabalho para nós tirar.

¹⁶⁵ O carregamento atualmente sai do sítio Flores e se dirige à Igreja Matriz de Barbalha.

[...] Cavemo um buraco e botemo ele dentro, só do lado de fora.
[...] Nós cava do tamanho que ele é, como se fosse uma cova.
[...] E a gente enterremos ele e tivemos trabalho de tirar ele...Adauto, mal nós tiremo ele, Adauto, o pau num tava como daqui nesse cinco metro, não. Quando nós terminemo de tirar ele, Adauto, o pau vei, ficou no canto que ele tava. E tem uma laminha gostosa, rapaz. [...] nós fazemo uma papa na areia com água, aí essa é gostosa, porque é o primeiro batizado, hein. Lá num tem negócio de num ter o batismo, o batismo a primeira vez que você chega, tem o batismo, tem tudo, você tem direito do batismo do pau¹⁶⁶.

Francisco de Assis observa que, além das brincadeiras comuns, das quais participam os carregadores, o batismo é um "rito de passagem" ao qual necessariamente todos os neófitos devem se submeter. As brincadeiras se desenvolvem ao ser solto o pau no chão, e então os carregadores podem hidratar-se, descansar e consumir um pouco de cachaça. A cachaça, por sua vez, é um elemento central durante o carregamento. As brincadeiras dos carregadores são regadas ao consumo de pinga, embora existam aqueles que prefiram não beber durante o processo.

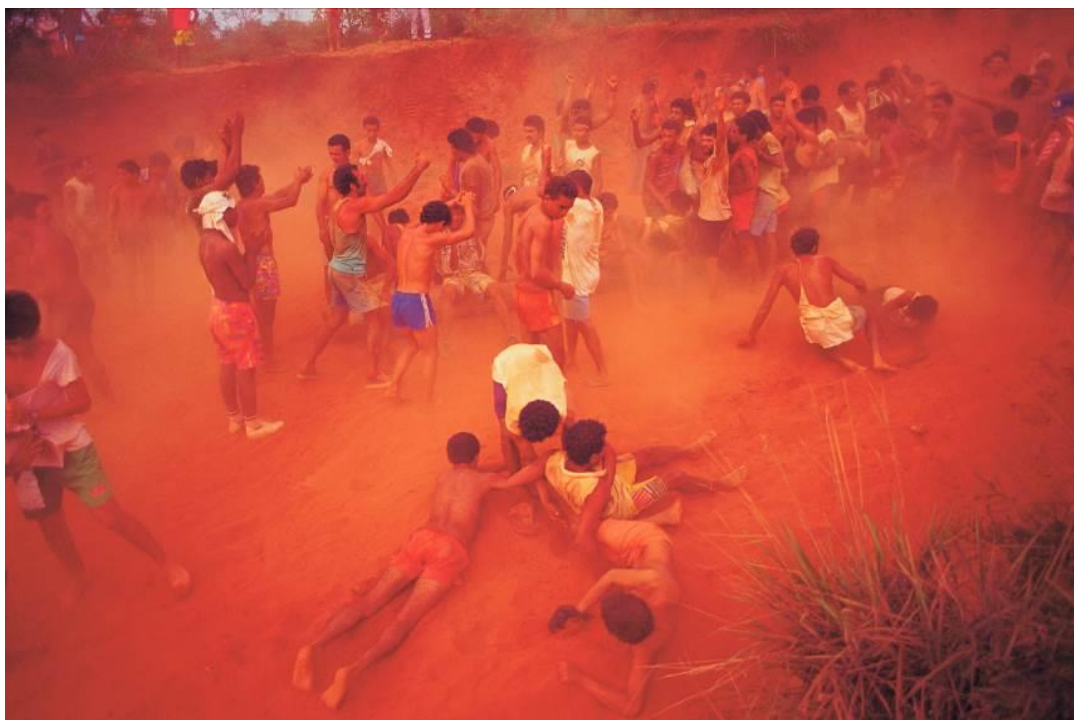


Imagem 23: Carregadores do Pau da Bandeira, 2006.

Autor: ©Tiago Santana

Com vistas a gerenciar o bom andamento do carregamento, há uma figura central a quem todos se reportam como “capitão do pau”, e que é eleito pelos carregadores. O capitão é uma liderança entre os carregadores e deve se esforçar a fim de que tudo

¹⁶⁶ QUEIROZ, Francisco de Assis. 17 de out. de 2005. Entrevista realizada no município de Barbalha/CE e concedida a Jucieldo Ferreira Alexandre.

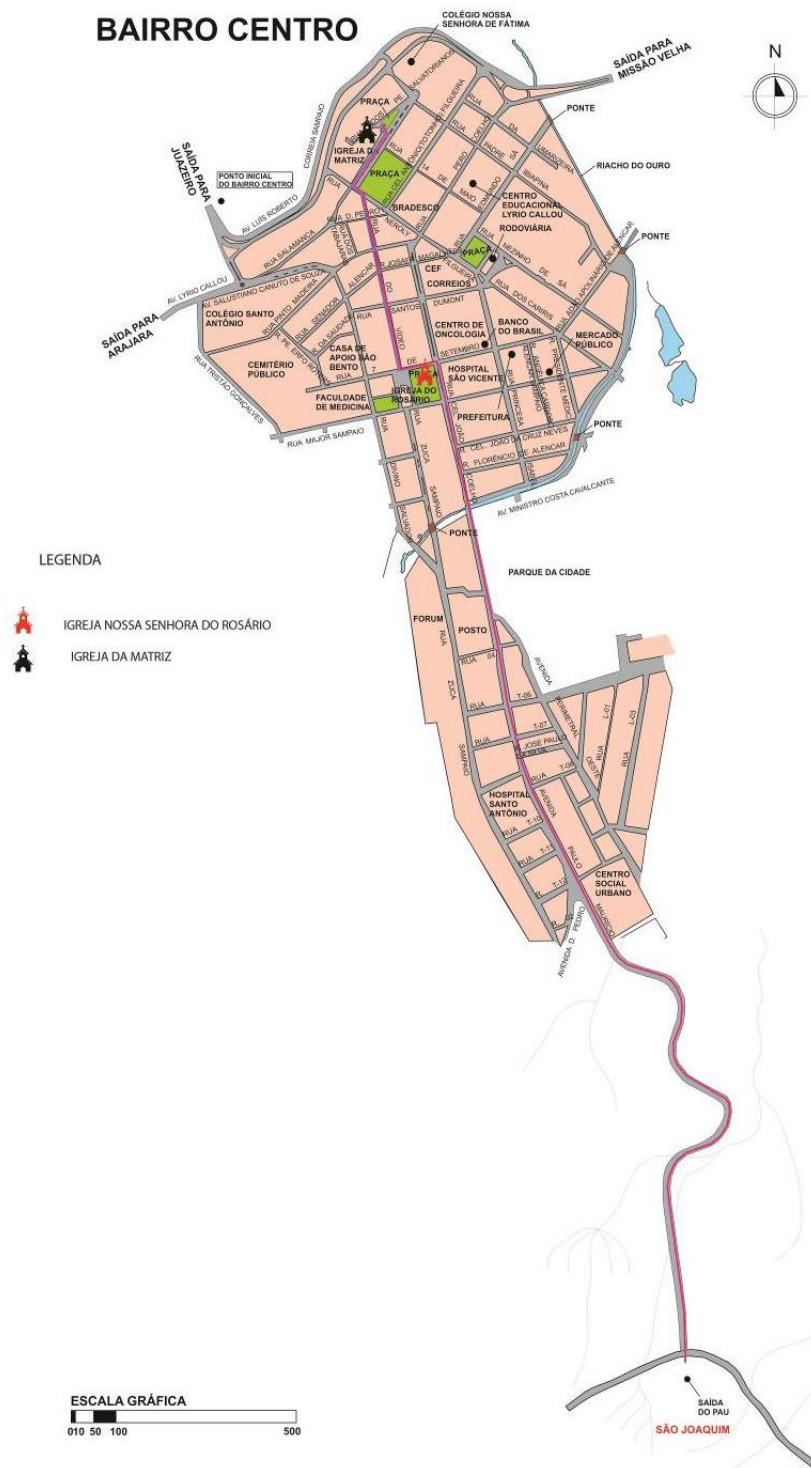
ocorra sem grandes entraves e acidentes durante o corte, o carregamento e o hasteamento do pau da bandeira. Como o consumo de bebida alcoólica é extravagante, ao longo do carregamento, o êxito de seus propósitos não é tão simples. Augustinho dos Santos tece considerações sobre a função do capitão:

A minha função é de gerenciar, é de administrar os bebo. Essa administração feita desde o corte. A gente vai pra escolha, escolhe de maneira democrática, a gente leva carregadores, cortadores e lá na mata do São Joaquim. Esse aqui é aquele e no final tem muitas árvores lá de muitas qualidades, aí, é aquele ali todo mundo. A partir dali a gente já vai começar a descascar direitinho, fazer o rancho, preparar uma merenda para os cortadores que vão trabalhar e tudo pra retirar e a turma vão se dividir lá dentro da mata. Então, aí, não a responsabilidade do capitão da bandeira, chama capitão da bandeira. A responsabilidade desse capitão é muito grande, que a gente tem uma responsabilidade louca de ver o ser humano carregando a árvore de mais de dois mil quilo nas costa, aonde tem gente de toda natureza. A gente se apegam com o milagre de Santo Antônio e isto tem acontecido eu num tenho nem dúvida que o milagre é verdadeiro pelo fato de mais de setenta, setenta e cinco ano de carregamento de bandeira nunca houve um caso fatal¹⁶⁷.

O capitão dita o ritmo do carregamento. O pau que sai dos sítios Flores e São Joaquim após o meio-dia, deve chegar à Igreja Matriz aproximadamente às 20 horas. É certo que o pau não deverá chegar além do horário estabelecido, e também não é menos problemático se sua chegada caso sua chegada se dê antes do que se esperava. Portanto, o cumprimento do horário e a não incidência de acidentes são parâmetros que servem à avaliação do trabalho desempenhado pelo capitão. Se tudo ocorrer sem grandes problemas, fica mais do que evidente a capacidade de determinado indivíduo referente ao exercício da função de capitão do pau. A preocupação é que a festa prossiga perfeitamente, sem prejudicar os milhares de expectadores que ansiosamente aguardam os diferentes momentos do cortejo e da festa.

¹⁶⁷ SANTOS, Augustinho José dos. **Augustinho José dos Santos**. Entrevista [16 abr.] Entrevistador: Eliane Pereira e Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

BAIRRO CENTRO



Mapa 02: Percurso realizado pelos carregadores do Pau da Bandeira de Santo Antônio, 2015.

Antônio Glauber Oliveira tece algumas considerações sobre o que ocorrera a um dos capitães do pau, Taumaturgo, que ao longo do período militar exerceu por longos anos a referida função de capitão. Em um dos anos, houve um grande atraso no carregamento, levando, portanto, Taumaturgo a deixar a referida função. Outra atividade central, acerca da qual tece considerações Antônio Glauber, é o “animador do pau”. Segundo o autor, o

animador do pau “encarna o perfil do barbalhense que sente orgulho e prazer em carregar nos ombros, durante um trajeto de quase 7 (sete) quilômetros, o imenso tronco da árvore”. Ao animador cabe principalmente a tarefa de sacudir os carregadores, visando tornar menos pesada a incumbência hercúlea do carregamento. Canta, profere versos de forma a levantar o moral dos carregadores, que já nas proximidades da Igreja Matriz se encontram feridos e fisicamente esgotados.

A cada 200 ou 300 metros, os carregadores param um pouco para que possam revigorar as forças e dar continuidade à árdua caminhada. Acompanhando a marcha dos carregadores, segue uma carroça transportando a afamada “Cachaça do Seu Vigário”, que vai sendo consumida ao curso do trajeto. Em distintas matérias publicadas nos jornais veiculados no Ceará, sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha, há referências sobre o consumo da mencionada cachaça:

[...] o pau da bandeira é acompanhado por um enorme barril de cachaça, a cachaça do seu vigário. A cachaça é combustível que dá energia e anima os transportadores do pau da bandeira”; “[...] os carregadores do pau cumprem o longo percurso estimulados por um combustível especial, a cachaça do seu vigário, transportada numa carroça”. Em 2001, no trajeto entre o sítio São Joaquim e a Igreja Matriz, cerca de 150 litros de aguardente foram consumidos¹⁶⁸.



Imagem 24: Carroça da “Cachaça do Seu Vigário”, década de 70.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Portanto, o consumo de pinga é muito marcante durante o carregamento, ao tempo que é um estímulo às brincadeiras envolvendo os carregadores, bem como alguns brincantes de outras manifestações, torna-se elemento imprescindível com vistas a

¹⁶⁸ Barbalha inicia festejos a Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 4 jun. 2001, p. 4.

amortecer as dores que permeiam a longa caminhada de carregamento do pau. Josier Ferreira da Silva observa que, embora seja o consumo de aguardente um dos elementos da festa, “a embriaguez é voluntária, não faz parte do ritual, sendo o uso da aguardente apenas uma forma de encorajar os devotos”¹⁶⁹. A motivação e devoção religiosa abria espaço então às necessidades mundanas. A cachaça é um meio de atender aos intuitos devocionais dos festejos, mas é também um claro e altissonante elemento que demarca o caráter profano e popular da festa. O consumo da cachaça, que é transportada por uma carroça completamente adornada, de maneira que ganha inexoravelmente alguma evidência ao curso da festa, torna-se simbolicamente a confirmação da relevância de práticas que se distanciam de uma certa moral religiosa durante os festejos.

Rosemberg Cariry, aludindo às palavras de Augustinho Santos, entrevistado pelo cineasta nos idos de 2009, observa que nem sempre existiu a afamada “Carroça do Seu Vigário” atuando no transporte e distribuição de cachaça entre os carregadores. Augustinho Santos, portanto, referindo-se a um tempo passado, menciona que havia um sujeito chamado Melquíades que portava uma cabaça cheia de cachaça. De tempos em tempos seguia Melquíades, ao longo do carregamento, a bater nas costas dos carregadores a fim de lhes regar a boca com a cachaça de sua cabaça.

Por outro lado, o consumo demasiado de cachaça provoca alguma margem de risco, na medida em que o carregamento demanda muita acuidade e concentração, sob pena de que certo acidente mais grave possa ocorrer. Um artigo publicado no jornal *Diário do Nordeste*, em 05 de junho de 1988, intitulado “O lado triste da festa de Santo Antônio de Barbalha”, tece considerações a partir de alguns dos carregadores acidentados, os quais fizeram observar que na hora que ocorreu o acidente pouco sentiram, já que estavam “anestesiados” pelo consumo demasiado de cachaça: “a dor só apareceu quando passou o efeito da cana”¹⁷⁰. Não são raras, portanto, as referências e lembranças que reportam a algum problema que tenha afetado um dos carregadores presentes em determinado ano. Em outro artigo publicado no jornal *Diário do Nordeste*, de 01 junho de 1988, há algumas considerações sobre essas questões:

O pau quando lançado ao chão, provocava um estrondo. Muita gente se machucou, inclusive, inclusive um caboclo teve suas mãos esmagadas. Mas ninguém desistia, que a fé em Santo Antônio está acima desses pequenos acidentes. O capitão do Pau, o comandante, não admite fraquezas¹⁷¹.

¹⁶⁹ SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé. In: Soares, Igor de Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Orgs.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013, p. 224.

¹⁷⁰ O lado triste da Festa de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 5 jun. 1988, p. 18.

¹⁷¹ Fé e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 01 jun. 1988, p. 9.

Marcel Mauss menciona que “o sacrifício sempre implica uma consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado. Mas as consagrações não são todas da mesma natureza”¹⁷². O referido autor chama de “sacrificantes” os indivíduos ou grupos que se beneficiam dos atos sacrificais, ou que sofrem diretamente de seus efeitos. Ademais, denominam de “objetos do sacrifício” “essas coisas em vista das quais o sacrifício é feito”. O carregamento é o ponto de partida dos festejos de Santo Antônio, em Barbalha, e também é o momento de consagração de um dos principais símbolos dos festejos - o mastro que será fincado com a bandeira de Santo Antônio. As festas de santo referem-se a um propósito primordial: “momentos de encontro e conagração dos humanos entre si e entre humanos e deuses”¹⁷³.



Imagem 25: Carregamento do pau da bandeira, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

A superação da dor e de todas as dificuldades que envolvem o longo percurso de transporte do mastro é um ato fraterno de sacrifício que não se restringe aos carregadores, mas envolvem e buscam beneficiar todos os devotos de Santo Antônio. Segundo Antônio Glauber Oliveira, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em

¹⁷²MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naif, 2005. p. 16.

¹⁷³PANTOJA, Vanda. As festas de Santo no Marajó. In: LIMA, Maria Dorotéia; PANTOJA, Vanda. **Marajó: culturas e paisagens**. Belém: Iphan, 2008, p. 31.

Barbalha, “transcende a diversidade dos atores envolvidos; afinal é em torno dela que todos, durante um período de quinze dias, passam a viver”¹⁷⁴.

Ainda que estejamos tecendo considerações sobre o caráter integrador da Festa de Santo Antônio, cabe-nos observar que a organização e realização da referida festa sempre esteve sob o controle de instituições e agrupamentos sociais que expressavam uma elite política e econômica da sociedade barbalhense¹⁷⁵. Em um primeiro momento, os membros dos potentados familiares de Barbalha exerceram, de forma centralizada, juntamente aos integrantes da Igreja, embora exercessem função secundária, o controle sobre os processos de organização e realização da festa. Em outro momento, a Igreja tornou-se o agente central, recebendo o apoio das citadas famílias barbalhenses. Nos dias atuais, o poder municipal tornou-se o responsável direto por todo o processo que envolve a organização e o desenvolvimento da festa, com a participação da Igreja¹⁷⁶.

José Edvar Araújo observa que foi no “interior desta moldura” que se processou a participação popular nos festejos; os “setores subalternos” puderam influenciar os rumos da celebração ao lidar com certos limites impostos; puderam, portanto, delimitar e propagar suas visões e concepções de mundo, desconstruindo certa conformação social que insistia em bradar pela sua insignificância¹⁷⁷.

O Carregamento do pau de Santo Antônio, conforme já fizemos observar, expressa a consolidação do papel protagônico que os carregadores passaram a representar, ao longo da principal festa de Barbalha, tornando-se um dos momentos mais festejados, que atrai a atenção de um aglomerado turístico e midiático para a cidade - implicando necessariamente acréscimos na economia barbalhense. Ao tempo que o Carregamento indica integração da sociedade em torno da fé em Santo Antônio, também expressa simbolicamente um processo de reversão dos papéis sociais. Os carregadores, em sua maioria indivíduos oriundos das classes populares da cidade, tornam-se o centro dos olhares e da lógica de funcionamento da sociedade. Durante o Carregamento, nada se torna mais relevante que o movimento hercúleo e heroico daqueles indivíduos, que por longas horas aceitam o compromisso de levar o peso e a dor de uma mediação com o mundo sagrado.

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para além do sagrado – Tradições Religiosas e Novas Formas de Sociabilidade**: A Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE. (1999). 188 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce, 1999, p. 132.

¹⁷⁵ ARAÚJO, José Edvar Costa de. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidade e multiangulações. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Orgs.). **Sentidos de devoção**: festa e carregamento em Barbalha. Fortaleza: IPHAN, 2013, p. 198.

¹⁷⁶ Id.

¹⁷⁷ Id.



Imagem 26: O carregamento do pau da bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano



Imagem 27: O carregamento do pau da bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano

As festas brasileiras, ou como nos propõe Rita Amaral, festas à brasileira, são capazes de, a depender das especificidades e relações políticas e sociais que as concebem e as organizam, “diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular que a realizam” ¹⁷⁸. Diz a autora que as festas, no plano simbólico, também poderiam servir como resolução a certos conflitos e contradições da sociedade, mesmo que por um tempo fugaz. Como já verificamos, as festas se modificam, à medida que as configurações de forças sociais e os sujeitos envolvidos na organização dos festejos se transformam. Segundo Rita Amaral, as festas religiosas expressariam “utopias vivas”, pois dimensionariam a sociedade para além de suas hierarquias correntes, de suas conformações, que implicam no cotidiano as diferenças entre os homens. O período em que se processam as festas religiosas impõe outro ritmo e outra lógica à sociedade.



Imagem 28: O carregamento do pau da bandeira, 2010.

Autor: Maurício Albano

¹⁷⁸AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira:** Significados do festejar, no país que "não é sério". 1998. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p. 8.

1.3.4. A Benção da Bandeira e o Desfile dos Folguedos

As manifestações culturais não são importantes porque são tradicionais. Mas tornam-se tradicionais porque tiveram ou têm significado (importância) na vida das pessoas e suas comunidades.

José Edvar Costa de Araújo¹⁷⁹

As práticas culturais descritas neste tópico foram introduzidas ao longo dos últimos 40 anos na Festa de Santo Antônio. Apesar de recentes, frente à temporalidade do carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira, e das novenas, quermesses e missas em homenagem ao santo de Pádua na cidade de Barbalha, são ações e eventos que já integram o imaginário coletivo como aspectos que a caracterizam e que dela não podem ser desassociados. O que articula tais práticas é o espaço e o tempo no qual ocorrem, seus protagonistas e o significado que possuem para a festa como um todo. Hodiernamente, marcam o início oficial da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, na manhã do último domingo de maio ou do primeiro domingo de junho, na Igreja Matriz de Santo Antônio e em seu entorno.

Atualmente, na manhã do dia de abertura da festa, desde às primeiras horas, reúnem-se no adro da igreja matriz, antes mesmo do templo religioso abrir suas portas, centenas de pessoas. A multidão é constituída basicamente por dois grupos: os grupos folclóricos ou de folguedos¹⁸⁰ e os seus espectadores. Dentre os folguedos há zabumbas

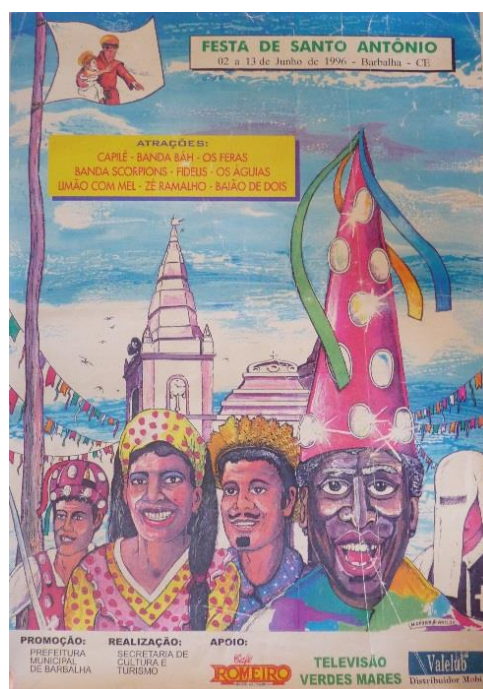
¹⁷⁹ ARAÚJO, José E. C. de. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações. In. SOARES, I. de M; SILVA, Í. B M. da. **Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 209.

¹⁸⁰ Nas falas dos entrevistados os termos “folclore”, “folguedo”, “grupos da cultura popular” são utilizados como sinônimos e remetem aos grupos que participam do desfile. Luís da Câmara Cascudo faz distinção entre os dois primeiros termos, inclusive são verbetes distintos em seu dicionário. O autor considera *folclore* “a cultura do popular tornada normativa pela tradição” e *folguedo popular* uma manifestação folclórica que reúne as seguintes características: letras, música, coreografia e temática. CASCUDO, Luís da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 240-242. Sempre que possível utilizaremos o termo grupos da cultura popular, entendendo a cultura popular como sugerida por Roger Chartier, ou seja, ela não se constituiu em um espaço independente ou encerrada em si mesma, o que leva a uma ideia equivocada de pureza, e não se trata de uma versão inacabada frente a uma cultura dita erudita e subordinada aos dominantes. CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, p. 179-192, 1995. Tentaremos, sempre que possível, ao longo deste capítulo e no destinado à salvaguarda destes grupos e suas práticas, inseri-los em uma “historicidade cotidiana, indissociável da existência dos sujeitos que são os autores e atores de operações conjunturais”. Compreendemo-los como “marcados por usos” e que “apresentam à análise as marcas de atos ou processos de enunciação; significam as operações de que foram objeto, operações relativas a situações e encaráveis como modalizações conjunturais do enunciado ou da prática; de modo mais lato, indicam por tanto uma historicidade na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos mas como instrumentos manipuláveis por usuários”. E que para “pensa-los, deve-se supor que a essas maneiras de fazer correspondem procedimentos em número finito [...] e que implicam uma lógica dos jogos de ações relativos a tipos de circunstâncias”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 82-83.

(ou bandas cabaçais), reisados (de congo, de couro e de baile), capoeiristas, lapinhas, maneiro pau, as danças do milho, do pau-de-fitas, da maresia, de São Gonçalo e do capim da lagoa, quadrilhas, cocos, além de bacamarteiros, vaqueiros, penitentes e incelências. Dentre os espectadores é impressionante o número de fotógrafos que registram as performances dos grupos folclóricos, pesquisadores e jornalistas, que em meio às apresentações, tentam colher depoimentos dos mestres da cultura popular. É uma missão praticamente impossível um fotógrafo registrar alguma imagem sem que outros fotógrafos não estejam no plano. Há também turistas, em menor número, e moradores do núcleo urbano de Barbalha e dos sítios localizados em sua zona rural. Os últimos normalmente estão acompanhando os familiares que se apresentam durante o desfile. Todos os iniciados na “cultura popular” do Ceará ratificam que a manhã da abertura da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio constitui-se num verdadeiro catálogo das formas de expressão tradicionais do Cariri cearense. E para quem não conhece a “tradicional cultura popular” do Nordeste, a visita à Barbalha no dia da abertura da festa seria uma excelente forma de conhecer. Pelo menos é esta a mensagem que os cartazes de divulgação da festa e as matérias na imprensa escrita e televisiva propagam. Em matéria no Caderno Regional do periódico *Diário do Nordeste*, de 31 de maio de 2003, o desfile dos grupos de folguedos é descrito como “uma explosão de cultura popular”¹⁸¹, e no cartaz da festa do ano de 2004 o tema foi “Fé, tradição e cultura”, estando a fachada da Igreja Matriz emoldurada por uma fotografia do carregamento do pau da bandeira e imagens de três bonecos gigantes, ao estilo do carnaval pernambucano, representando brincantes de reisado, quadrilha e banda cabaçal; tema novamente reafirmado no cartaz de 2003. Em 2005, o tema foi “Cultura, religiosidade e alegria”¹⁸².

¹⁸¹ Barbalha festeja pau da bandeira de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 31 maio 2003. Caderno Regional, p. 4. Ver também: A festa do povo de fé. **O Povo**, Fortaleza, 5 jun. 1997. Vida & Arte, p. 6B; Lendas ao vivo e a cores. **O Povo**, Fortaleza, 28 maio 1998. Turismo, p. 8.

¹⁸² De forma geral, na ilustração do material de divulgação impresso produzido pela prefeitura de Barbalha a partir da década de 1980, fontes as quais tivemos acesso, são privilegiados os grupos de folguedos (bandas cabaçais e reisados) e os penitentes em detrimento do carregamento e hasteamento do pau da bandeira e da própria efígie de Santo Antônio.



Imagens 29 e 30: Cartazes da Festa de Santo Antônio (1992 e 1996).



Imagens 31 e 32: Cartazes da Festa de Santo Antônio (1997 e 2003).

Como sintetizou o cineasta Rosemberg Cariry:

A senhorial Barbalha, com seus sobrados e casarões antigos, nobres e belos, seus canaviais verdes, explode, em cores e vidas. Num movimento ao mesmo tempo sacro e profano, manifesta-se a riqueza da arte popular, as bandas de pífaros de sons misteriosos e cheios de força telúrica; os violeiros com seus repentes poéticos; os emboladores com suas peripécias rítmico-linguísticas; os poetas populares versejando a vida e a luta do homem do campo; os reisados e congo e suas lutas de espadas afiadas apontando uma luta maior, enfim, “Festa do Pau da Bandeira” é uma tradição renovada a cada ano pelo povo¹⁸³.

E o pesquisador José Edvar Costa de Araújo:

A praça da Matriz e seus arredores parece que não cabem tanta gente e luz: crianças, adultos, homens, mulheres, pobres e abastados. Tudo é roupa e clima de festa. Vendedores se espalham por todos os cantos. Por entre a multidão circulam, ainda mais cheios de cores e alegrias, brincantes de reisado, quadrilhas, lapinhas. Até mesmo os severos membros das irmandades de penitentes e as cantadeiras de “incelença” perdem um pouco a gravidade de seus tons escuros. Toca a última chamada da missa. Ainda chegam grupos retardatários. Os organizadores, funcionários da Secretaria de Cultura do Município, correm de um lado para outro. Tentam levar cada grupo para o seu “devido lugar” no interior da igreja. Tudo isso em meio a dobrados, frevos, marchas, Mateu, palhaços, reis, lutas de espadas, sertanejos endomingados, pipoca, café, chapéu, óculos escuros, flashes, filmadoras. Cor, sabor e som. Nos olhos, nos pés e nas bocas. Da gente que faz e da gente que olha¹⁸⁴.

Próximo às 8 horas da manhã, finalmente a Igreja Matriz tem suas portas abertas. Muitos moradores da cidade começam a entrar no templo e se acomodar para aguardar o início da celebração paralitúrgica que se seguirá e a qual detalharemos mais adiante. Cabe, porém, já informar que os grupos da cultura popular possuem papel destacado no ritual da celebração. Encerrado o ritual, por volta das 11 horas da manhã, todos seguem em cortejo pela Rua da Matriz e do Vidéo até o largo da Igreja do Rosário ao som da Filarmônica São José, bandas cabaçais e sanfoneiros. À frente do cortejo segue a bandeira de Santo Antônio que após, ser benta pelo pároco da igreja matriz, será hasteada ao final do dia.

¹⁸³ CARIRY, Rosemberg. Festa do Pau da Bandeira. In. ____; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982, p. 196.

¹⁸⁴ ARAÚJO, José Costa de. **O papel político-pedagógico das manifestações da cultura popular na construção de modelos e conceitos de relações sociais: o caso da festa do Pau da Bandeira, de Barbalha**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 1994, p. 87.



Imagem 33: Praça da Matriz de Santo Antônio na manhã do desfile, 2010.

Autor: Maurício Albano.



Imagem 34: Brincantes na Rua da Matriz antes do início do desfile, 2010.

Autor: Maurício Albano.



Imagem 35: Concentração dos grupos na Praça da Matriz de Santo Antônio, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi.

Antes de retomarmos a descrição dos bens culturais em questão, propomos uma reflexão em torno da relação tão presente na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio entre “fé, tradição e cultura”, articulada principalmente pelos gestores municipais, e que se tornou uma das suas principais características, tendo como síntese deste aspecto a presença destacada dos grupos da cultura popular no dia de abertura da festa.

De forma unânime, a bibliografia disponível e os depoimentos apontam o ano de 1973 como o momento inaugural da participação formal, sistemática e organizada pelo poder público municipal dos grupos da cultura popular na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Como levantado por Simone Pereira da Silva com relação aos Reisados de Congo de Barbalha, antes desse período, os grupos iam à festa do padroeiro tentar “tirar a sorte”, ou seja, se apresentar nas ruas da cidade que estavam movimentadas, e receber alguma restituição financeira espontânea dos espectadores. Não existia nenhum acordo financeiro ou dependência de uma agenda organizada pela prefeitura, bem como não existia um lugar e tempo determinados para as apresentações. Para a pesquisadora, a diversão e a “tirada de sorte” eram os grandes motivadores dos brincantes.

Antes, eles brincavam por espontânea vontade, sem ter uma quantia específica ajustada para receber, o que parecia ser bem mais lucrativo e divertido do que no tempo presente, caracterizado por intensa cobrança para receber o pagamento. Os brincantes barbalhenses da segunda metade da década de 60 do século passado, iam brincar na festa do padroeiro de Barbalha por espontânea vontade, sem estabelecer nenhum tipo de acordo ou contrato com o poder municipal. Mesmo assim, brincar naquela época se

mostrou bastante lucrativo, ao ponto de proporem ao senhor Olímpio Ludugério o cadastro do Reisado de Congo no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS¹⁸⁵.

Foi a partir da gestão do prefeito Fabriano Livônio Sampaio, entre os anos de 1973 e 1977, que a participação dos grupos da cultura popular foi institucionalizada e, como veremos, normatizada. Em depoimento dado ao Iphan, o então prefeito narrou o início desse processo:

Minha relação com a festa, inicialmente, como puro espectador, assistente, eu participava. Quando eu voltei pra morar aqui, foi pra construção da fábrica de cimento de Barbalha, eu participava muito dos leilões, da festa, mas eu como prefeito eu tive a ideia de, de fazer ressurgir o folclore que existia no município e que estava praticamente inativo, tendendo a desaparecer, que num aparecia mais na, nas festividades públicas. E eu consegui mobilizar o colégio Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima pra que os alunos é, fossem em campo pesquisar o que existia de folclore e o (...), e orientá-los e estimulá-los a ir se apresentar no dia do pau da bandeira que a prefeitura daria todo o incentivo a eles, não o incentivo de pagar mensalão a ninguém, mas incentivo eu dava roupas típicas pra eles usarem, sabe, eles tinham refeições aqui. Enfim, eles tinham uma manutenção deles e o vestuário pra se apresentar na festa. Essa foi a ajuda que a prefeitura dava todos os folclore e realmente foi um sucesso, foi uma surpresa enorme que eu tive. Eu num esperava nunca no dia da festa de Santo Antônio, eu me levantei de madrugada, levantei não, num tinha mais sono, a expectativa era tão grande, me levantei fui pra rua, fui pra praça onde tava sendo montado as barracas, (...) ao nascer do dia assisti a chegada do folclore. Foi realmente emocionante, o sucesso é muito grande e até o hoje esse folclore vem se apresentando pro público, eu num sei lhe dizer o tipo se eles estão satisfeitos com o que recebe hoje, com o apoio que recebe hoje da prefeitura, num sei dizer¹⁸⁶.

Destacam-se, no depoimento dado pelo ex-prefeito ao Iphan e também a outros pesquisadores, a noção de folclore e o desejo de fazê-lo “ressurgir”. O chamamento aos alunos dos Colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima para irem a campo pesquisar o folclore evidencia um exercício de alteridade. Tal percepção se aproxima de uma visão romântica do folclore e do popular, ou seja, encerrado em si mesmo, autônomo ao sistema e, principalmente, puro, não maculado pela vivência cidadina e pronto para ser pesquisado e recuperado pelos jovens estudantes. Tudo isso justificado por uma “retórica da perda”¹⁸⁷.

¹⁸⁵ SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa: (re)significações simbólicas dos brincantes do reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970)**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2011, p. 51.

¹⁸⁶ SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio: entrevista [10 out.]**. Entrevistador: Juciêdo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

¹⁸⁷ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

Em outra passagem, Fabriano Sampaio apresenta as suas motivações para a criação do desfile e evidência a perspectiva de estabelecer uma programação que ocupasse o dia de abertura da festa, já que o cortejo do carregamento do pau da bandeira só chegava à zona urbana de Barbalha no final da tarde. Além disso, aponta outros elementos introduzidos à trezena do padroeiro, como a venda de artesanato:

O evento que, que representa, que firma, que mostra a abertura da festa, realmente é o dia do pau da bandeira e mas o pau da bandeira só chega aqui no final do dia, durante o dia são as apresentações folclóricas, sabe, e a, a praça naquela época, a praça da festa já tava instalada funcionando já com as barracas de artesanato, se instalava aqui também nas praça, por exemplo, coisas como roda de casa de farinha, aqueles home rodando (...), cantando aquela entoada, sabe. Durante toda a festa têm essas apresentações, esse tipo de cultura que ainda existia aqui. Então durante o dia inteiro já tinha as barracas vendendo alimentação, vendendo artesanato, essas apresentações, os parques de diversões já estavam funcionando. Então durante o dia todo tinha essas, essas... já funcionava antes do pau da bandeira chegar e hoje já depois de apresen..., de plantado essa apresentação folclórica, aí tem o desfile dos grupos folclóricos, sabe. Realmente a primeira, o primeiro evento da festa é o desfile folclórico no dia do pau da bandeira que é o primeiro dia da festa. Aí depois de, de o pau da bandeira aí vem os festejos que precedem o leilão¹⁸⁸.

De fato, foi isso o que aconteceu. Os alunos das escolas mencionadas se deslocaram até a zona rural da cidade e encontraram o desaparecido “folclore”. A prefeitura para estimular os colegiais propôs uma competição, uma gincana. Cada escola deveria montar a sua barraca na Praça da Igreja do Rosário (Praça Brasília) para a venda de comidas típicas juninas e artesanato da região, e levar o maior número de grupos da cultura popular ou do “folclore” para se apresentar. As barracas eram a Kancela e o Barril¹⁸⁹.

¹⁸⁸ SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**: entrevista [10 out]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005. Em depoimento dado a Océlio Teixeira de Souza, Fabriano Sampaio evidenciou não apenas a necessidade de criar atividades para o dia do carregamento, mas também para toda a trezena: “Entre o dia do pau da bandeira e a procissão, eu peço até desculpas por eu não ter falado da procissão, até a procissão ficava esse hiato. Que próximo à procissão, os três últimos dias eram os leilões, e precisava preencher esse hiato. Então foi a ideia de fazer essa festa na praça, dotada de barracas com comidas típicas, com apresentações folclóricas, venda de artesanato”. SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE)**: entre o controle e a autonomia (1928-1998). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p. 50.

¹⁸⁹ Na entrevista ao Iphan, Fabriano Sampaio identificou a outra barraca, além da Kancela, como Cabanabana. Já Francisco Cândido de Barros, conhecido como Jackson, a chamou de “Cabana e abana”. Optamos por manter a redação dada pela imprensa escrita que identificou a barraca como “Barril”. BARROS, Francisco Cândido de. **Francisco Cândido de Barros**: entrevista [22 fev]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.



Imagem 36: Desfile da Barraca Kancela, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Não nos foi possível precisar quais grupos foram “resgatados” e participaram do desfile em seus primeiros anos através dos depoimentos. Porém, outras fontes documentais podem nos ajudar a mapeá-los, como o acervo fotográfico do Padre Paulo Gurgel¹⁹⁰ e as matérias em jornais de grande circulação, provavelmente custeadas pela Prefeitura Municipal como forma de divulgar a celebração a partir da década de 1970. O jornal *O Povo*, de 01 de junho de 1974, relatou que:

Amanhã terá início nesta cidade os festejos de Santo Antônio. Tradicionalmente, há quase um século esta festa vem sendo realizada, sempre com intensa movimentação popular, atraindo inclusive, pessoas de outros estados. Tudo começa com o hasteamento da Bandeira do Padroeiro, ou seja, o Dia do Mastro da Bandeira, como é comumente chamado [...]. Domingo é todo de festa. Antecedendo o transporte do mastro, as barracas Barril e Kancela organizadas pelos alunos do 2º e 3º anos do 2º grau do Colégio N. S. de Fátima, armadas na Praça do Rosário, local que faz parte do percurso do cortejo, têm suas atrações folclóricas. Lá estarão servindo comidas típicas regionais e contarão com uma exposição de artesanatos. As principais ruas recebem durante todo o dia intensa movimentação, com desfiles de quadrilhas, casamento do matuto, maneiro o pau, reisado, penitentes, zabumbas e diversas outras atrações folclóricas¹⁹¹.

¹⁹⁰ Padre Paulo de Sá Gurgel faleceu aos 88 anos em 2009, foi pároco de Barbalha e professor e diretor do Colégio Santo Antônio. Documentou por meio de fotografias a cidade de Barbalha durante a segunda metade do século XX. Bastante sensível, o religioso captou imagens que foram fundamentais para a compreensão das transformações pelas quais passou a festa de Santo Antônio e a cidade neste período.

¹⁹¹ Festa de Santo Antônio começa amanhã: Barbalha. *O Povo*, Fortaleza, 01 jun. 1974, p. 14.



Imagem 37: Entrada da Barraca Kancela, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

No acervo fotográfico do Padre Paulo Gurgel foram documentados os penitentes, reisados de couro e do congo, rendeiras, vaqueiros, quadrilhas, zabumbas (bandas cabaçais), a dança de São Gonçalo e outros folguedos que, exclusivamente através do registro fotográfico, não nos foi possível definir.



Imagem 38: Barracas instaladas na Praça da Igreja do Rosário (Praça Brasília), 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Outra fala bastante esclarecedora sobre a introdução formal dos grupos na festa é a da funcionária da Prefeitura de Barbalha Maria Celene Sá de Queiroz, uma das

principais articuladoras e organizadoras do desfile, juntamente com Benedita Ferreira Magalhães (Benivalda), a partir do final da década de 1970:

Uma pracinha, na outra pracinha perto da igreja os leilões, as quermesses com os leilões e isso foi resgatado agora, né, então na década de setenta (1970), setenta e três (73), precisamente, foi a primeira vez que os grupos folclóricos participaram do cortejo em Barbalha. É, foi no governo do então prefeito doutor Fabriano Livônio Sampaio, foi ele que, barbalhense, passou muito tempo fora, conhecedor da cultura da Barbalha. Esses penitentes que são famosos, que desde pequeno se escuta eles cantando nas estradas e tudo. Então ele procurou dar um, uma nova dimensão a festa e então fez esse resgate, foi essa parte cultural que graças a Deus ele foi feliz no pensamento que foi isso que fez a festa de Santo Antônio crescer. Quer dizer, foi esse cortejo desses grupos folclóricos juntamente com esse cortejo do pau da bandeira à tarde foi que foi devagarinho levando isso. Por que o que era o pau da bandeira antigamente? Quando dava quatro horas (4h) vinha o pau, pronto, a manhã passava silenciosa, a cidade ninguém via ninguém. Então, a partir do momento teve esse primeiro cortejo e nunca de setenta e três (73) pra cá, nunca nenhum prefeito teve a coragem, a ousadia, que diga, de acabar, encerrar essa história, quer dizer, por quê? Porque eles veem que isso é um, um, é um bem pra Barbalha, isso aí chama o turista, a cidade logo de manhã começa de festa, é o dia todo de festa e transformou a festa numa parte de cultura. Por que quantos, quantos estudiosos vêm no dia do pau da bandeira, né?¹⁹²

No depoimento, novamente ficou evidente a perspectiva do “resgate” e a necessidade de criar uma programação para a manhã de abertura da festa. Porém, Celene Queiroz deixa explícita a relação com o turismo, ou seja, era preciso oferecer atividades aos visitantes durante todo o dia até que o pau da bandeira chegasse à cidade, e a clara consciência de que o carregamento e o desfile dos folguedos foi o que tornou a Festa de Santo Antônio, em Barbalha, tão grandiosa e nacionalmente conhecida. Na sequência da fala, Celene Queiroz complementa o seu entendimento com relação aos turistas: “Eles vêm porque sabe que existe a tradição, existe a cultura viva aqui em nossa cidade, espalhada. Por onde se anda em Barbalha se vê cultura. É o dia da cultura da Barbalha, é o dia do pau da bandeira”.

As percepções de Fabriano Sampaio e Celene Queiroz sobre a cultura popular e o seu “resgate” não estão isoladas das de outros gestores públicos e intelectuais cearenses e brasileiros do período. Conforme expôs Ana Lorym Soares em seu estudo sobre a Comissão Cearense de Folclore (CCF), existiu uma “relação tênue entre as ideias e a ação dos folcloristas pertencentes à CCF, e a elaboração e execução de políticas culturais no Ceará das décadas de 1960 e 1970”.¹⁹³ Assim como as ações da CCF estavam articuladas

¹⁹² QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

¹⁹³ SOARES, Ana Lorym. Folclore e políticas culturais no Ceará entre as décadas de 1950 e 1970. In: SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (orgs.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Vol. I. Fortaleza: Iphan, 2014, p. 525.

às propostas nacionais da Comissão Nacional de Folclore e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Ainda segundo a autora, “essa rede de intelectuais visava defender as manifestações folclóricas da ação corrosiva dos tempos modernos, apresentando-as à nação como o elemento característico de sua identidade”.¹⁹⁴ Tal conexão pode ser observada no convite divulgado pela imprensa para que o presidente da Associação Cearense de Folclore fosse a Barbalha participar da festa:

No sábado ocorreu a festa do pau da bandeira, que foi a abertura oficial dos festejos alusivos a Santo Antônio. Além de outras atrações programadas, merece destaque durante o período dos festejos de Santo Antônio, as danças folclóricas. O prefeito Fabriano Livônio Sampaio, por telegrama, convidou o presidente da Associação Cearense de Folclore, professor Filgueira Sampaio, para se fazer presente à Festa de Santo Antônio e apreciar as belas manifestações do folclore barbalhense¹⁹⁵.

O “resgate” do folclore barbalhense e a sua introdução formal na Festa de Santo Antônio também não podem ser desassociados da expansão do movimento intelectual folclorista ao interior do Ceará, especificamente ao Cariri, e a construção discursiva que se operou a partir de então dessa região como “celeiro da cultura popular” ou “caldeirão da cultura popular”, no estado do Ceará e no Nordeste brasileiro. Vivendo seu apogeu na metade do século XX, esse pujante movimento intelectual no Cariri, principalmente na cidade do Crato, dedicou-se a mapear o folclore da região. Tal movimento ganhou publicidade através dos periódicos *Itaytera*, *Região*, *HYHYTÉ* e *A Ação* e institucionalizou-se no Instituto Cultural do Cariri (ICC). Entre os integrantes do movimento destacam-se J. de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro e Pe. Antônio Gomes de Araújo. Eles percebiam e construíam a região do Cariri, e principalmente, a cidade do Crato, como diferenciada culturalmente e como repositório de expressões culturais que caracterizariam a autenticidade do ser brasileiro e nordestino aos moldes do ideário modernista¹⁹⁶. É oportuno, então, trazer um fragmento da obra *O Folclore do Cariri*, publicada em 1962, por J. de Figueiredo Filho:

Mesmo com o progresso que começou a penetrar no Cariri, e após longo período de menosprezo pelas elites, por tudo quanto era genuinamente nosso, o folclore deste pedaço importante da terra cearense continua bem vivo, sendo até mesmo dos mais característicos do Nordeste brasileiro. Pelo milagre da pertinácia do caboclo dos pés-de-serra, brejos e bairros

¹⁹⁴ Op. cit. p. 527.

¹⁹⁵ Festa de Santo Antônio movimenta barbalhenses. **O Povo**, Fortaleza, 04 jun. 1975, p. 19.

¹⁹⁶ VIANA, José Ítalo B. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato**: memória, escrita da história e representações da cidade. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

cidadinos, conservaram-se, mais ou menos puras, muitas das tradições que o tempo não conseguiu destruir¹⁹⁷.

Tais ideias deviam estar bem presentes no imaginário e nos discursos dos gestores de Barbalha quando buscaram na zona rural do município o “folclore” que lhe seria característico. Esse processo poderia ter caminhado rumo ao estabelecimento de um núcleo de pesquisas, como ocorreu no vizinho Crato, destinado a institucionalizar o Folclore, com letra maiúscula, enquanto um campo do conhecimento. Contudo, o ideário folclorista caminhou em outra perspectiva em Barbalha, mais próxima à percepção do folclore enquanto produto cultural¹⁹⁸.

Desde então, os discursos sobre a identidade da cidade passam necessariamente pela riqueza do seu folclore. Barbalha seria a cidade cearense que melhor articularia “fé, tradição e cultura”, tendo como pano de fundo da gênese desse discurso identitário a Ditadura Militar no país, que, segundo Lúcia Lippi Oliveira, se apropriou da herança modernista do “nacional-popular, com a sua preocupação com as manifestações culturais das classes populares”, permitindo a sua absorção pelo mercado¹⁹⁹. É importante para a compreensão desse discurso identitário barbalhense esclarecer os locais de fala do ex-prefeito Fabriano Sampaio e das suas colaboradoras Celene Queiroz e Benivalda. O primeiro era oficial reformado do Exército Brasileiro, e as últimas compunham a comissão municipal do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), programa criado pelo governo militar em 1967, destinado à educação de jovens e adultos.

Chamou-nos atenção o fato de que exatamente em 1973 foi lançado o Programa MOBRAL Cultural como uma ação pedagógica complementar ao programa principal. Destinava-se a “concorrer de maneira informal e dinâmica para difundir a cultura do povo brasileiro e para a ampliação do universo cultural do mobralense e da comunidade a que ele pertence”. Conforme apontou Bárbara Freitag, o MOBRAL foi um experiência que acabou rompendo com os ideais de uma educação libertária, amplamente discutidos e difundidos por Paulo Freire e pela Igreja Católica no momento anterior ao golpe militar, e que

¹⁹⁷ FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore do Cariri**. Fortaleza: Impr ensa Universitária do Ceará, 1962, p. 9.

¹⁹⁸ Em nossa opinião, tanto o caminho tomado pelos intelectuais cratenses, que percebiam a cultura popular como objeto de estudo, como o tomado pelo poder público em Barbalha, que via a cultura popular como um produto turístico, estão associados a uma mesma discussão em torno do conceito de identidade nacional no Brasil, qual seja, a da construção excludente da identidade nacional a partir do controle sobre esses grupos. Ver: ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. Gestão ou gestação pública da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. In: RUBIM, Antônio A. C. (org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: UFBA, 2007, p. 61-86.

¹⁹⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 167. Existe uma vasta bibliografia disponível sobre as políticas culturais durante a Ditadura Militar. Deixamos como sugestão: MICELI, Sérgio (org.). **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel/Idesp, 1984; ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985; RUBIM, Antônio A. C. (org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: UFBA, 2007.

articulavam cultura popular e educação popular.²⁰⁰ O programa educativo do governo militar buscava a homogeneidade da identidade nacional, minimizando os conflitos por meio de uma ação paternalista. Aspecto sintetizado na fala do Ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, em palestra para a turma da Escola Superior de Guerra, em 1975: “Respeitar a índole do povo brasileiro; colaborar com a cultura nacional, apoiá-la e incentivá-la; e preservar as características regionais em busca do sincretismo nacional”²⁰¹. E em sua associação à cultura popular, era preciso resgatar o folclore, fomentá-lo e protegê-lo, do contrário, sem a tutela do estado, este desapareceria²⁰².

Com já apresentado neste estudo, a cidade de Barbalha passava desde o final da década de 1960 por uma forte crise econômica em decorrência de transformações na economia canavieira da região – sistema econômico a partir do qual Barbalha se estruturava econômica e socialmente. Em entrevista ao Iphan, o ex-prefeito Fabriano Sampaio também viu como decisivo para crise o fato de Barbalha não ter sido atendida pela estrada de ferro que chegou ao Cariri na década de 1920, fazendo com que a cidade não possuísse uma forma mais dinâmica e rápida de escoar a sua produção, bem como de participar do comércio regional. O ex-gestor deixa clara a sua preocupação com relação a economia da cidade, bem como a junção entre cultura e turismo como forma de dar visibilidade ao município e amenizar a crise²⁰³.

²⁰⁰ FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade**. São Paulo: Editora Moraes, 1986.

²⁰¹ BRAGA, Ney. Apud. CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil: dos anos de 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 81.

²⁰² Conforme sugere Alexandre Barbalho sobre as políticas culturais durante a Ditadura: “A ‘Mitologia Verde-Amarela’, sempre re-trabalhada pelas elites brasileiras de acordo com o contexto, assume agora o lema *Proteger e Integrar a Nação*. Com isso, a cultura popular, elemento central dessa mitologia, é apropriada pela classe dominante através de determinada visão do nacional-popular que representa a nação de forma unificada. [...] O lema da diversidade na unidade referenda a ação governamental na cultura, dando-lhe aspecto de neutralidade, de guardião da identidade nacional brasileira definida historicamente. A miscigenação revela uma realidade sem contradições, já que o resultado do encontro entre as culturas passa por cima das possíveis divergências, e acaba por qualificar a cultura brasileira como democrática, harmônica, espontânea, sincrética e plural”. BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In. RUBIM, Antônio A. C. (org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: UFBA, 2007, p. 43.

²⁰³ Fabriano Sampaio, além de fomentar a inserção do folclore na Festa de Santo Antônio, inventariou o patrimônio edificado da cidade, inclusive transformou um dos casarões oitocentistas localizados na Rua da Matriz em hotel. Do mesmo período é a criação do Balneário do Caldas. Em síntese, Barbalha deveria ter sua imagem associada à cultura e ao patrimônio cultural e ser transformada em um importante polo de turismo na região. Ver: SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio: entrevista** [18 out]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005. De acordo com Cícera Patrícia Bezerra, a associação entre cultura e turismo como forma de dinamizar a economia cariense foi amplamente difundida pelos intelectuais do ICC através da revista Itaytera, bem como a articulação desse ideário com a política nacional, desenvolvida pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), e estadual, implementada pela Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR), esta última criada em 1973. Dentre as propostas do grupo descava-se a perspectiva de “dar um sentido turístico aos acontecimentos religiosos da região”. BEZERRA, Cícera Patrícia A. **Outras Histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz-Barbalha/CE**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010. Ver especialmente o Capítulo 2.

Além do folclore, o artesanato local passou a ser exposto na Festa de Santo Antônio. Segundo Fabriano Livônio, após a Semana Santa eram formadas comissões para a organização da festividade, sendo a do Artesanato e a do Folclore estratégicas para o fomento ao turismo. Ainda segundo o ex-gestor, a prefeitura criou escolas de artesanato (couro, madeira, tecido) para que os artesões mais habilidosos transmitissem o seu conhecimento. O poder municipal fornecia todos os insumos necessários à produção e depois a comprava e estocava para ser vendida na Festa de Santo Antônio. Os lucros com a venda eram divididos entre a paróquia e a prefeitura²⁰⁴.

Atualmente, o artesanato vendido na festa não está sob a responsabilidade do poder municipal. As barracas de artesanato compõem a quermesse e estão localizadas na Rua da Matriz. As peças são em sua maioria em tecido, abordam temas alusivos ao padroeiro, e misturam-se à venda de produtos industrializados importados de baixo custo.

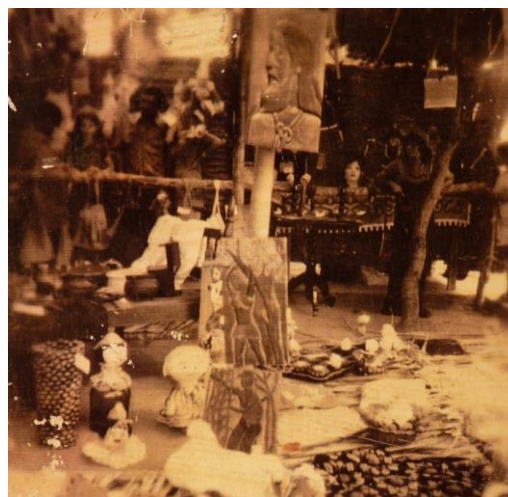


Imagem 39 e 40: Venda de artesanato na Festa de Santo Antônio, década de 1970.

Autor: Padre Paulo Gurgel

O processo de introdução do folclore e do artesanato na festa, associada a mudanças no cortejo do carregamento do pau da bandeira, foi definido pelo historiador Océlio Souza como *folclorização*. Segundo ele, a *folclorização* seria “o processo iniciado em 1973, quando o poder público municipal e a paróquia resolveram juntar suas forças com o objetivo de transformar a Festa de Santo Antônio num evento religioso de cunho folclórico-

²⁰⁴ SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio:** entrevista [10 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005. Conforme observado por Ana Lorym Soares, o artesanato, juntamente com o folclore, teve destaque nas políticas culturais no Ceará nas décadas de 1960-1970, como forma de mediatizar uma identidade cearense. SOARES, A. L. op. cit. Em âmbito nacional, podemos citar as experiências do Centro Nacional de Referências Culturais (CNRC), que inicialmente ligado ao Ministério da Indústria e Comércio, introduziu o artesanato em uma lógica de mercado, “valorizando a capacidade inventiva do artesão sem se ater às noções de autenticidade ou de patrimônio artístico”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Op. cit. p. 171.

artístico-cultural”.²⁰⁵ Em sua análise, delinea-se o movimento pelo qual vários elementos da festa foram ganhando um ar folclórico, principalmente o Cortejo do Pau da Bandeira. A decoração das ruas e barracas; a carroça que servia de apoio aos carregadores ganhou uma decoração e virou carroça da “Cachaça do Senhor Vigário”. Anterior à década de 1970, a abertura dos festejos a Santo Antônio em Barbalha ocorria no dia 03 de junho, apenas com a chegada do mastro à cidade, pois antes de ser uma trezena, a festa do padroeiro era uma novena. Os festejos poderiam ter início em qualquer dia da semana. Com o avanço da *folclorização*, a festa passou a ter início, necessariamente, em um domingo, dia mais adequado para o deslocamento de visitantes da região à Barbalha. Bem como o dia de abertura da festa passou a ser oficialmente o Dia do Folclore no município²⁰⁶.

A participação dos grupos da cultura popular na festa tem início ainda na madrugada. A maioria deles habitam a zona rural ou a periferia da cidade, daí a necessidade de se deslocarem nas primeiras horas da manhã. São normalmente moradores dos sítios.²⁰⁷ A prefeitura providencia o transporte e as refeições dos integrantes enquanto estes permanecem na sede municipal cumprindo a programação estabelecida.

Na década de 1970, os grupos realizavam apresentações durante todo o dia nas barracas já citadas, e à noite havia apresentações durante toda a trezena. Tinham como principais espaços de apresentação a Praça Brasília (Praça da Igreja do Rosário), na qual eram montados palcos, e a Praça Engenheiro Dória (Praça da Estação). Além disso, desfilavam em cortejo no centro histórico da cidade, da Praça do Rosário até a da Matriz.

²⁰⁵ SOUZA, Océlio T. de. op. cit. p. 49.

²⁰⁶ Encontramos a seguinte referência à abertura da Festa de 1974: “A abertura das festividades em Barbalha será no dia 2 de junho, também Dia do Artesão Barbalhense. Às 17h haverá o solene hasteamento da Bandeira na Praça da Matriz e às 20h leilão de objetos de artesanato na Praça Dória. Funcionarão naquele dia em caráter de competição as Barracas Kancela e Barril”. Barbalha se empenha na Festa de Santo Antônio. **O Povo**, 30 maio. 1974, p. 14.

²⁰⁷ Os sítios ganham em Barbalha um significado maior do que apenas uma propriedade rural. Tratam-se de comunidades. Destacam-se o Sítio Cabeceiras, Farias, Santo Antônio, Lagoa, Barro Vermelho, dentre outros. Sobre os sítios em Barbalha, ver: CARDOSO, Antônio Igor D. **(In)visibilidade de espaços festivos: a centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.



Imagem 41 e 42: Apresentações dos grupos de folguedos na Praça Brasília, década de 1970.

Autor: Padre Paulo Gurgel

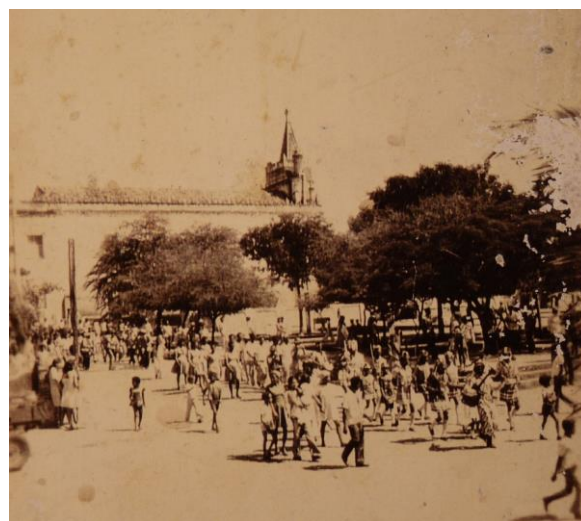


Imagem 43 e 44: Desfile dos grupos de folguedos na Festa de Santo Antônio, ano de 1976.

Autor: Padre Paulo Gurgel

O percurso do desfile normalmente varia conforme os entedimentos do poder municipal e da paróquia, mas de forma geral, inicia ou termina, necessariamente, na Praça da Igreja Matriz. A outra extremidade, de início ou término do desfile, é que pode sofrer alterações, podendo ser na Praça da Igreja do Rosário ou no Parque da Cidade. Em 2015, o percurso do cortejo foi da Praça da Igreja Matriz até a Praça da Igreja do Rosário, seguindo pelas Ruas da Matriz e do Vidéo.



Mapa 3: Percurso do Desfile dos Grupos de Folgedos, 2015.

Quando da abertura do Parque da Cidade, em 1991 – parque de exposições com 7 hectares destinado a acomodar a parte social da Festa de Santo Antônio – os grupos de folgedos passaram a se apresentar em seu palco principal. Para Celene Queiroz, as apresentações no parque eram inadequadas, pois existiam vários problemas técnicos, como o tamanho do palco, que por ser muito grande era inapropriado a maioria dos folgedos. Porém, na fala da gestora, o maior problema era o público, julgado “desatencioso”, pois a maioria procurava no parque os shows das grandes bandas nacionais e regionais custeados pelo poder público, estando os grupos da cultura popular em papel secundário. Ao contrário do desfile, no qual são os protagonistas²⁰⁸.

A organização dos grupos no cortejo também é controlada pela Prefeitura, sendo a sua cartografia variável conforme as mudanças políticas, administrativas e até religiosas que ocorrem no poder municipal²⁰⁹. Ainda segundo Celene Queiroz:

A gente organiza, bota na frente os mais sérios, quer dizer, geralmente no desfile é a bandeira de Santo Antônio. Em seguida vem a banda de música, as autoridades, a bandeira, né, e depois a gente coloca, é, cavaleiros, mas os cavaleiros, quer dizer, são aqueles vaqueiros. Eles vêm com a

²⁰⁸ QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

²⁰⁹ TEIXEIRA, Cícera Patrícia A. op.cit.p.80.

indumentária, né, ou dois ou três, ou um mesmo, chegamos até a trabalhar com um vaqueiro só, por quê? Porque o vaqueiro é um símbolo do Nordeste, né, depois do vaqueiro colocamos o grupo dos penitentes, vem em seguida o grupo das incelências, as lapinhas, depois da lapinha a gente coloca, é, os reisados, aí vai. Depois as danças e fechamos com as quadrilhas. As quadrilhas a gente bota por causa do som e elas evoluem na, na avenida e então fica o final organizado dessa maneira, né, que os grupos mais sérios, mais religiosos ficam lá na frente pra num tarem no meio daquela dança, daquele barulho, né?²¹⁰

Conforme os relatos de Celene Queiroz, Benivalda e Goretti Amorim – a última substituiu as primeiras na organização do desfile e, atualmente, é a funcionária da Secretaria de Cultura e Turismo de Barbalha (SECTUR) responsável pela sua organização – a etapa mais complexa na preparação do cortejo é a que elas definem como de “mobilização”, que começa aproximadamente três meses antes da festividade. O trabalho consiste em manter contato com os grupos, colher quais as demandas de vestuário, adereços e instrumentos musicais, adquirir e distribuir os insumos conforme as demandas apresentadas, acertar o pagamento dos cachês e organizar a logística de transporte e alimentação. Além disso, as depoentes afirmam que no dia do desfile é como se os participantes estivessem sob a responsabilidade da prefeitura, e como muitos são idosos ou crianças, é necessário ter atenção com a ingestão de água, com o calor excessivo, já que o desfile ocorre próximo ao meio dia, e, principalmente, com a alimentação²¹¹.

Na década de 1970, como informam Celene Queiroz e Benivalda, à mobilização era acrescida a identificação e posterior convencimento dos grupos para que participassem da festa, pois alguns “tinham vergonha” ou a sua apresentação ao público era incompatível com os rituais e práticas que deveriam exibir, como o Ritual da Penitência.

Em entrevista concedida a Cícera Patrícia Teixeira, Celene Queiroz informou como se dava o processo de identificação dos grupos:

O itinerário em busca desses sujeitos-práticas se fazia primeiramente pela conversa com pais, vizinhos e parentes mais próximos, eram estes que sinalizavam e mapeavam os lugares onde esses homens se encontravam *escondidos*. A cada questionamento feito pelas alunas, uma nova história era ouvida, um novo personagem inserido: *sempre um tinha uma história para contar*, relata Celene Queiroz²¹².

Após constituída a rede de informações que levaria até os brincantes, iniciava a prática do convencimento. Conforme Simone Pereira da Silva, em análise sobre a

²¹⁰ QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

²¹¹ LIMA, Goretti Pereira Amorim. **Goretti Pereira Amorim Lima**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2005.

²¹² TEIXEIRA, Cícera Patrícia A. op.cit.p.83.

participação dos Reisados de Congo de Barbalha na Festa de Santo Antônio, esse processo não era pacífico e, inclusive, deixou marcas na memória dos grupos:

Brincar na festa pode ser visto hoje com satisfação por alguns, mas na época não foi nada fácil. Olímpio Ludigério narra como foi a primeira vez que participou da referida festa:

Na primeira vez, nos ficamos com tanta vergonha por que a gente só era brincano aqui no sítio nas casa do pessoal. Mas quando a gente foi pra rua, quer dizer, eu mermo não estranhei muito não. Mas meu pessoal, uns dero dor de cabeça, outros dero febre. Esse mesmo Tico Neves era embaixador, deu uma dor de cabeça que não pode brincar. Aí foi com muito tempo que resolveu brincar, que recuperou. Aí meu irmão que era o Mateu, Raimundo Ludugério da Paixão que era o Mateu, foi quem tomou de conta da espada dele no lote que nós fomos, nessa primeira vez que nos fomos brincar na Barbalha. O Mateus foi que tomou de conta da posição de Tico Neves e o outro Antôn Januário que era o contramestre. Meu cunhado, digo: Bil Supriano você toma de conta da traseira, da parte do mestre, [corrige] do reis e Raimundo que é o Mateus, toma de conta do lado que eu resolvo a frente. Aí eu fiquei pra eu lutar com os dois, eu sozim lutar com os dois. Pra eu receber dois do outro Reisado. Até quando eu subi, aí subi mesmo e graça a Deus até o tempo que eu brinquei todo mundo deu valor a minha brincadeira²¹³.



Imagem 45 e 46: Reisado de Congo na Festa de Santo Antônio, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Tal conclusão também vai ao encontro da participação dos Penitentes da Irmandade da Cruz²¹⁴ na festa do padroeiro. Porém, o que estava em jogo para esses últimos não era apenas o constrangimento público de ser exposto de forma desterritorializada, mas o fato de revelar a identidade do penitente, que conforme os

²¹³ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 57.

²¹⁴ Existem outras duas irmandades de penitentes em Barbalha que participam do desfile, a das Santas Missões e a da Santa Cruz, ambas habitam o Sítio Lagoa.

preceitos da ordem deveria ser mantida em sigilo. De acordo com o estudo de Cícera Patrícia Bezerra, a participação dos Penitentes da Irmandade da Cruz na festa também não foi consensual. O líder espiritual do grupo à época, o Decurião Joaquim Mulato de Souza, foi colocado diante de um impasse. Tendo em vista que o convite partiu do prefeito Fabriano Sampaio, entendido como uma autoridade pelo grupo, o Decurião não viu escolha e teve que aceitar a participação²¹⁵.



Imagem 47: Penitentes da Irmandade da Cruz na Festa de Santo Antônio, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Questionada sobre a existência de evocação religiosa no desfile dos grupos de folgedos em depoimento ao Iphan, Celene Queiroz expõe algumas tensões com relação a participação dos Penitentes da Irmandade da Cruz, bem como evidencia o processo de resignificação de suas práticas rituais ao serem introduzidas no cortejo:

E por outro lado a parte religiosa, porque entre esses grupos de folgedos, nós temos grupos puramente religiosos como é o caso dos penitentes, porque o penitente não é um grupo folclórico, penitente é um grupo religioso é um grupo ligado à parte religiosa. Mas à parte ninguém pode excluir também o penitente de uma demonstração dessa de cultura popular, a partir

²¹⁵ BEZERRA, Cícera Patrícia A. op. cit. p. 85-87.

do momento que o penitente entra naquele cortejo no meio da rua, ele passa automaticamente a ser um grupo folclórico. Mas ele na realidade não é um grupo folclórico, ele é um grupo puramente religioso e hoje não porque já passou, mas quando eu comecei eles eram um bocado resistentes, eles não gostavam de, de almoçar junto com os outros, se fechavam num local, hoje em dia eles estão mais abertos, num sei se isso foi bom ou foi ruim, só sei que ele é um grupo puramente religioso e a gente trabalha com muitos outros²¹⁶.

O que conclui Cícera Patrícia Bezerra a partir de um relato semelhante de Celene Queiroz – conclusão a qual partilhamos – é que a participação da irmandade no desfile em seus primeiros anos foi marcada por um processo intenso de negociação.

Atualmente, é interessante observar como a maioria dos grupos que participam do desfile compartilham da ideia de que aquele momento é estratégico como forma de obter visibilidade junto ao poder público e à imprensa, capitalizando o máximo possível nessa economia das trocas simbólicas que o desfile dos grupos de folguedos instituiu na Festa de Santo Antônio.²¹⁷ Como perspicazmente sugeriu Simone Pereira da Silva sobre as relações dos Reisados de Congo com o poder público municipal de Barbalha, a partir da criação do desfile – sugestão que pode ser estendida também a outras expressões culturais, foi estabelecida uma rede de interdependência entre os grupos e o poder municipal, na qual a municipalidade lucra a partir da imagem de “cidade patrimônio” que Barbalha passou a possuir, e das receitas advindas das mais de 350 mil pessoas que a visitam no dia do Desfile dos Grupos de Folguedos e do Carregamento do Pau da Bandeira. Já os grupos passam a ser tutelados e protegidos pelo poder municipal, inclusive saindo da ilegalidade, como no caso dos Reisados de Congo,²¹⁸ ou não sendo observados com tanta estranheza, como os Penitentes e seus rituais. Esses conseguem manter uma agenda de apresentações durante o ano mediada pela SECTUR, que passa a ser a interlocutora dos grupos junto à imprensa, aos pesquisadores e ao próprio Iphan; recebem vestuário e objetos musicais e rituais. Em alguns casos conseguem se legitimar enquanto mestres de um saber tradicional, o que confere um lugar socialmente distinto em suas comunidades e, inclusive, retorno financeiro.

Diferente do passado, hoje a SECTUR possui os contatos de todos os grupos que participam do desfile, pois, como dito anteriormente, o trabalho da secretaria junto a estes não se resume às suas participações na Festa de Santo Antônio. Em 2015, segundo

²¹⁶ QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

²¹⁸ O transporte das espadas de aço dos guerreiros do reisado sem licença era considerado porte ilegal de armas, o que levou inclusive à detenção de brincantes. A partir da introdução do Reisado de Congo no desfile e das novas relações estabelecidas com as autoridades, os mestres passaram a receber licenças especiais para transitar, inclusive entre estados da federação, portando-as. Ver: SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 92-103.

dados da SECTUR, 52 (cinquenta e duas) expressões participaram da festa, sendo: 07 (sete) Bandas Cabaçais, 01 (um) grupo de bacamarteiros, 01 (um) grupo de percussão com madeira (Som da Madeira), 03 (três) grupos de Capoeira, 02 (dois) grupos de Samba de Roda, 01 (um) de Dança da Maresia, 01 (um) de Dança do Capim da Lagoa, 01 (um) de Dança do Cesário Pinto, 01 (um) de Dança do Milho, 03 (três) de Maneiro Pau, 01 (um) de Dança do Pau de Fitas, 02 (dois) grupos de regional, 01 (um) grupo de Incelências, 03 (três) irmandades de Penitentes, 01 (um) Reisado de Baile, 01 (um) Reisado de Couro, 04 (quatro) Reisados de Congo, 02 (dois) grupos de Dança do Maculelê, 01 (um) grupo de Dança do Fogo, 02 (dois) grupos de Dança do Coco, 01 (um) grupo de Vaqueiros, 01 (um) grupo de Violeiros, 01 (um) grupo de Folia de Reis e 10 (dez) Quadrilhas Juninas.

Celene Queiroz fala com orgulho do crescimento do número de expressões que participam atualmente do desfile em comparação ao seu início, novamente informando sobre a resistência de alguns em participar:

Então o papel da gente foi exatamente esse. Onde a gente sabia que existia, a gente ia lá procurar. Às vezes, não queriam vir, resistiam, mas a gente começava com aquele trabalho educativo e terminava, eu sei que a quantidade de pessoas, grupos que era mais ou menos doze (12), treze (13) mais ou menos, é, último ano que nós tava na secretaria, que eu tive na secretaria de cultura tinha na faixa de uns sessenta e dois (62) grupos folclóricos, fora sessenta e dois (62) que eu digo repetido, né?²¹⁹

Ocorre que, conforme percebido por Simone Pereira da Silva, muitos mestres de Reisado de Congo veem com desconfiança o crescimento do número de grupos, bem como a ruptura de alguns – quando um integrante sai para constituir um novo grupo autônomo. Para a pesquisadora tais rupturas ocorrem em virtude da concorrência criada pelas políticas do poder público de espetacularização da expressão. Cachês, viagens, prêmios e titulações passam a ser objeto de disputas. Segundo a autora, esse processo tem levado à perda dos sentidos simbólicos tradicionais de tais expressões, por exemplo reverenciar o santo protetor²²⁰.

Voltando às etapas de organização do desfile, observamos que cada gestão municipal estabeleceu na rede de interdependência construída um retorno diferente aos grupos da cultura popular. Conforme o relato de Fabriano Sampaio, durante a sua gestão os grupos recebiam exclusivamente o transporte, a alimentação, o vestuário e os objetos rituais e musicais necessários à apresentação. Essa parece ter sido a lógica que predominou até a década de 1990, quando foram introduzidos os cachês como forma de pagamento. Em suas falas, as gestoras municipais já citadas evidenciam as negociações que ocorrem com os

²¹⁹ QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

²²⁰ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 84-85.

grupos para fazer render o orçamento municipal frente às demandas apresentadas. Segundo elas, cada expressão tem sua própria dinâmica, por exemplo, as Bandas Cabaçais recebem o vestuário e calçados todos os anos, porém são responsáveis pela compra e manutenção de seus instrumentos que podem durar décadas, além disso, recebem diárias pelos dias em que atuam na festa; os Reisados recebem adereços como fitas e espelhos para reformar seus trajes e recebem os calçados, que desgastam rapidamente devido às embaixadas, e suas espadas muitas vezes são produzidas com sucatas; as opas dos Penitentes são refeitas a cada dois anos²²¹ e seus objetos rituais têm maior valor simbólico quanto mais velhos e usados são, pois conforme as narrativas do penitentes, são vestígios da visita do Padre Ibiapina a Barbalha no século XIX; os demais folguedos, como as quadrilhas juninas e danças, é que têm seus figurinos renovados a cada ano. Sobre as negociações Celene Queiroz informa, evidenciando a importância dos grupos estarem bem apresentados aos turistas:

Tem muitas reuniões, orçamento, faz, desmancha, faz, dá tanto? Não, prefeitura só tem tanto. Aí vai refazer. Volta, renegocia com os grupos, num dá pra gente dá isso. [...] é muito gasto e os grupos folclóricos num tem esse que você arruma sessenta e dois (62), cinquenta e oito (58) folclóricos com qualquer mil reais (R\$ 1.000,00) não. Que pra você botar um negócio desse no mei da rua e botar, quer dizer, maltrapilhos, roupas desbotadas, quer dizer, só quem perde é a cidade, já que é uma festa puramente turística. Então a gente, embora que a realidade nossa e deles não seja essa, mas para o turista tem que mostrar uma visão melhor. Então eles têm, a gente tem que rever. Todo ano a gente faz isso, a gente vai na comunidade, pergunta como é que tá as roupas, procura ver, ver como é que tá a situação das fantasias. Então muita, muita coisa a gente aproveita, mas muita [...]. Isso é orçamento da alta, a prefeitura serve pra bancar isso e atrasa e fica devendo, o pessoal fica com raiva e esse negócio todo²²².

Nas pesquisas de pós-graduação realizadas por Cícera Patrícia Bezerra, sobre a ordem dos Penitentes da Irmandade da Cruz, e Simone Pereira da Silva, sobre os Reisados de Congo, ambas pesquisadoras do Projeto Cariri, percebemos que os grupos da cultura popular estão bem cientes das regras do jogo negociadas com o poder municipal; sabem do

²²¹ Com relação às vestes tradicionais dos penitentes, conhecidas como opas, há narrativas dentro da Irmandade da Cruz que tributam o seu uso à introdução da ordem no desfile dos grupos de folguedos e a necessidade de uniformizá-los. Segundo Cícera Patrícia Bezerra: “Como o próprio Decurião assinala, para participarem das comemorações a Santo Antônio, os penitentes precisam todos estar uniformizados com as vestimentas “doadas” anualmente pelo poder público municipal de Barbalha. As narrativas sobre as pretensas “origens” dessas vestimentas envolvem diversas controvérsias, alguns penitentes afirmam que a ideia das roupas teria surgido da iniciativa de funcionários da Secretaria da Cultura, na década de 1970; outros dizem que ela já existia anteriormente, sendo apenas readaptada para os fins da referida festividade. O que vai se tornando evidente entre os fios que ligam essas narrativas é a preocupação em afirmar a importância da vestimenta como forma identitária do grupo [...]”. BEZERRA, Cícera Patrícia A. op. cit. p. 85-87.

²²² QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

papel de destaque que possuem na construção do discurso turístico de Barbalha como “celeiro da cultura” e têm consciência que a divisão dos lucros capitalizados com esse discurso não é igualitária, conforme expressa o mestre de reisado Antônio José da Silva à pesquisadora Simone Pereira da Silva:

Ganha tudo, ganha a vida. Por que é muito dinheiro que fica aqui, é dinheiro que fica. Que dizer, as nossas custa, a custa de nossos folclore. Em todo Estado, de onde tiver mundo vem gente pra assistir essa festa aqui no dia desse pau. Quer dizer, só faz isso o folclore. Dia de Reis... dia da Festa do Pau da Bandeira aqui, a gente num pode nem andá com tanto fotógrafo tirando foto da gente. Se fosse... Antônio eu vou, Antônio eu tô te pagando reportagem que tu faz, esse quarto aí era chei de dinheiro (risos), pela festa.²²³

E o também mestre Francisco Belisário dos Santos:

[...] Eu tenho um traje aí só vendo, eu pedi quinhentos espeí vei trezentos e setenta pra dezoito pessoa e eu tenho um ali e eu lhe mostro agora pra você ver; é cento e vinte só na capa e no peitoral, cento e vinte espeí. Olhe foi daqui [fez um gesto passando a mão no rosto pra dizer que foi com o próprio suor], eu fui mais o outro mestre pro Crato e fomo comprar enfeito, nós compremo foi quinhentos e noventa de enfeito e espeí. Espontânea vontade e gosto nosso. Ai um cachêzim de trezentos reais, ai desconta cinco por cento. É agora num sei pra que é esses cinco se é pra seguro, se é pa... num sei não. Quando chega aqui eu quebro a cabeça pra fazer o racha pra dezoito pessoa, porque num vou pegar um adulto já vei de idade da igual a menino pequeno. Ai quando eu faço o racha, o menino que vai ganha onze, doze ai diz, mas fulano de tal ganhou vinte e cinco. Mar rapaz, mas foi ele. Ai dá uma confusão danada, pois num vou não, bote outro. Ai fica descontrolado²²⁴.

Tais tensões provavelmente se intesificaram a partir da década de 1990, quando, segundo o pesquisador José Edvar Araújo, a prefeitura exacerbou o discurso da profissionalização dos grupos da cultura popular e a sua introdução em uma lógica de mercado. Naquele momento, o custeio dos insumos necessários às apresentações foi suspenso e estabelecido o cachê como única forma de pagamento dos grupos. Eles deveriam se organizar e profissionalizar para, a partir do pagamento recebido, custear todas as despesas. Conforme apontou o citado pesquisador em 1994, e cuja conclusão permace atual mais de 20 anos depois, a relação do poder público de Barbalha com os grupos da cultura popular ocila entre duas tendências:

Uma tendência que identifica os produtores das manifestações da cultura popular como pessoas ingênuas e puras, que não querem se envolver com dinheiro nem “profissionalizar” as atividades culturais. Como consequência

²²³ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 88-89.

²²⁴ PAZ, Renata M; SILVA, Simone P. Nos bastidores da Festa: o reisado de Congo e a dinâmica das relações entre os grupos populares e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. In. SOARES, I. de M; SILVA, Í. B M. da. **Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 177.

dessa compreensão o pagamento quebraria a característica do que é popular, identificado no caso como folclórico. Por outro lado, uma tendência que se surpreende diante de uma manifestação da cultura local, em franco processo de tornar-se espetáculo e oportunidade de investimento. Esta passagem significa, para esta tendência, a quebra de muitas relações marcadas por um determinado tipo de dependência (paternalista), tendo em vista o estabelecimento de outras relações, ao que parece, determinadas pela necessidade de integração a um mercado²²⁵.

A gestão municipal atual paga os cachês, fornece o vestuários e insumos necessários ao desfile e providência toda a logística (transporte e alimentação). Além disso, mantém a servidora Goretti Amorim, que substituiu Celene Queiroz²²⁶, como mediadora dos grupos com o exterior (imprensa, pesquisadores e o Iphan). Tal quadro pode ser alterado sempre a cada nova eleição municipal.

As apresentações e o desfile dos grupos de folguedos tornaram-se elementos indissociáveis da festa do padroeiro e ganharam destaque juntamente com o Cortejo do Pau da Bandeira. Segundo o historiador Océlio Souza, tais festividades adquiriram tanta projeção ao ponto de ofuscar as celebrações religiosas promovidas pela paróquia aos moldes do catolicismo romanizado. Dessa forma, em 1984, novamente o poder público e a paróquia se reuniram e criaram uma nova celebração para o dia de abertura da festa: a Missa Regional, conferindo ao evento religioso a prerrogativa de abrir os festejos a Santo Antônio na cidade – provavelmente com objetivo de equilibrar a balança entre o sagrado, entendido pela Igreja Católica como as formas de religiosidade por ela sancionadas e instituídas, e o profano, nos quais estavam incluídas as formas de religiosidade desviantes e a parte social da festa²²⁷.

A Missa Regional, conforme Océlio Souza, consistiu na iniciativa dos organizadores, paróquia e prefeitura, em: “trazer o folclore para dentro da religiosidade’ [Celene Queiroz]”. Trata-se de “uma missa diferente. Uma ‘missa regional’, com a participação dos ‘grupos folclóricos’, de cantadores de viola, a oferta de ‘produtos típicos’ do município, como a rapadura, a cana de açúcar e outros, enfim, missa simbolizando a fé e a ‘cultura’ dos barbalhenses”²²⁸.

De acordo com o referido historiador, conforme a festa foi crescendo e, cada vez mais se tornando também um evento turístico além de religioso, a paróquia de Santo Antônio foi perdendo o controle sobre a celebração e a sua organização. Bem como a

²²⁵ ARAÚJO, José Costa de. **O papel político-pedagógico das manifestações da cultura popular na construção de modelos e conceitos de relações sociais**: o caso da festa do Pau da Bandeira, de Barbalha. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1994, p. 90-91.

²²⁶ Celene Queiroz atuou na organização do Desfile dos Grupos de Folguedos de 1978 a 2003.

²²⁷ Apenas 1998, a Igreja Católica considerou a missa regional como a abertura oficial dos festejos religiosos da Festa de Santo Antônio.

²²⁸ SOUZA, Océlio T. de. op. cit., p. 61.

progressiva *carnevalização* do cortejo do pau da bandeira foi levando a paróquia a tentar se desassociar dele²²⁹. Daí a necessidade tão forte da Igreja Católica e demais paroquianos de Barbalha em dividir a Festa de Santo Antônio em “parte social” e “parte religiosa”. Ao nosso olhar, a “missa regional” acaba assumindo um híbrido das duas dimensões.²³⁰ Citemos, então, o primeiro registro da celebração no Livro de Tombo da paróquia, ocorrida em 1984:

Dia 3 – DIA DO PAU DA BANDEIRA que é hasteado às 17 horas. A grande novidade deste ano foi a missa celebrada em frente à matriz, às 8 horas, pelo vigário (Pe. Eusébio) e cantada pelos poetas populares Pedro Bandeira e Geraldo Amâncio e a colaboração dos sanfoneiros senhor Furtado, Antônio do Farias e Delídio. No ofertório, acompanhada de [2 palavras ilegíveis], foi feita a entrega dos seguintes objetos característicos de Barbalha: CANA DE AÇUCAR, RAPADURA, AÇUCAR, COCO BABAÇU, MACAÚBA, PEQUI, FRUTAS REGIONAIS, ARTESANATO, REDE, etc. O restante da programação obedeceu ao esquema do ano passado [...].²³¹

A missa, que ocorre sempre pela manhã, em seu início era campal e ocorria em frente à Igreja Matriz. Porém, em virtude do desconforto térmico provocado ao celebrantes, foi transferida para dentro do templo religioso. Participam da celebração poetas populares e violeiros repentistas, que em meio ao ofertório de produtos regionais, improvisam cânticos em homenagem ao padroeiro, ao pároco e até mesmos aos políticos que participam da celebração, principalmente em anos eleitorais. De fato, os bancos mais próximos ao altar são reservados às “autoridades” da cidade e aos políticos. Também possuem lugares especiais próximos ao altar as irmandades de Penitentes e as Incelências.

O ofertório é realizado por representantes dos grupos da cultura popular escolhidos pelo poder municipal. Conforme Goretti Amorim, as formas de expressão que participam do ofertório são: os Vaqueiros, que ofertam a carne e o queijo; o Mateu Epitácio, que oferece a rapadura; o Reisado de Congo, que oferta a cana de açúcar; os Penitentes, que ofertam a macaxeira; o anjo das Incelências, que oferece a água; o Maculelê, que oferta a samambaia – representando a flora do município; o Pau de Fitas, que oferta a batata doce

²²⁹ De acordo com Océlio Souza, as formas com as quais a Paróquia de Santo Antônio interage com o cortejo do pau da bandeira mudam conforme os entendimentos do pároco responsável. Ver: SOUZA, Océlio T. de. op. cit., especialmente o capítulo “A Igreja e a Festa: tensões e circularidades”. Conforme temos observado nos últimos anos, tanto o padre Renato Simoneto quanto o seu sucessor padre Cícero Alencar oferecem total assistência ao cortejo, inclusive se deslocam até a “cama do pau” após a celebração paralitúrgica de abertura para benzer os carregadores antes do início do carregamento.

²³⁰ Os livros de tomo da Paróquia de Santo Antônio são fontes fundamentais para percebermos a necessidade da Igreja Católica em segmentar a programação da Festa de Santo Antônio em duas: social e religiosa. Registro significativo é o do ano de 1989, quando são definidas as atividades que comporiam cada dimensão, sendo os festejos religiosos o hasteamento do pau da bandeira, a trezena, a memória litúrgica de Santo Antônio e a procissão. Já a parte social seria o carregamento do pau da bandeira, apresentações folclóricas, ações beneficentes dos paroquianos e os leilões. A missa não é mencionada. **Livro de Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha (1961-1999)**, p. 135.

²³¹ **Livro de Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha (1961-1999)**, p. 106.

e o jerimum, o Reisado de Couro, que oferece a imagem de Santo Antônio, além do mestre do reisado oferecer uma mala de couro; e as Bandas Cabaçais que participam do ofertório representando a riqueza da cultura popular do município. Além disso, conforme as observações de campo da equipe do INRC, são expostas fotografias de edificações que integram o centro histórico da cidade e ofertados produtos industrializados e artesanais, como cimento, aguardente e produtos farmacêuticos. Cremos que a oferta do cimento seja em virtude de a cidade sediar uma fábrica deste material cerâmico e cuja instalação, ainda nos anos 60, é tributada parte da sua recuperação econômica. Dessa forma, a partir do relato, fica clara a associação da Missa Regional e do seu ofertório com a construção de um discurso identitário sobre a cidade de Barbalha.

Celene Queiroz, em entrevista ao Iphan, apresenta um interessante relato sobre a criação do ofertório diferenciado e que acabou levando a missa a ganhar o qualificativo de regional. Segundo ela, o ofertório teria sido sugestão de uma senhora, por ela não identificada, e que a ideia teria tido grande aceitação por parte das comunidades rurais que prontamente trouxeram parte da sua produção para oferecer ao santo padroeiro. As doações por sua vez eram direcionadas à paróquia que as incluía entre os itens dos leilões²³².



Imagem 48: Missa Regional na Igreja Matriz de Santo Antônio, 2010.

Autor: Maurício Albano

²³² QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.



Imagem 49: Ofertório durante a Missa Regional, 2015.

Autor: Jeferson Hamaguchi

Em 1995, segundo Océlio Souza, a missa – considerada uma Celebração Eucarística – foi substituída pela Celebração da Palavra. A mudança foi motivada pela “[...] informalidade cada vez maior existente na missa, sobretudo no momento do rito das ofertas, quando havia alguns exageros por parte dos repentistas que faziam versos pouco ortodoxos para os produtos ofertados, entre eles a aguardente de cana, e para o “pau de Santo Antônio”.²³³ Manter o controle sobre os corpos dos integrantes dos grupos da cultura popular durante a celebração eucarística, garantindo que eles executassem estritamente o que lhe era determinado, era uma preocupação frequente para dos organizadores da missa regional. É o que podemos depreender do depoimento de Benivalda ao Iphan, ao falar das

²³³ SOUZA, Océlio T. de. op. cit., p. 6. A Igreja Católica divulgou a Instrução Redemptionis Sacramentum destinada a normatizar a celebração das missas em 2005. Apesar de posterior à decisão da Paróquia de Barbalha em substituir a Celebração Eucarística pela Celebração da Palavra, alguns artigos da instrução podem nos ajudar a perceber o quão conflituosa poderia ser para a doutrina católica a conjugação da missa com o atípico ofertório, vejamos: Art. 75. Pelo sentido teológico inerente à celebração da Eucaristia ou de um rito particular, os livros litúrgicos permitem ou prescrevem, algumas vezes, a celebração da santa Missa unida com outro rito, especialmente dos Sacramentos. Nos outros casos, sem dúvida, a Igreja não admite esta união, especialmente quando que se tornaria um caráter superficial e sem importância; Art. 78. Não está permitido relacionar a celebração da Missa com acontecimentos políticos ou mundanos, ou com outros elementos que não concordem plenamente com o Magistério da Igreja Católica. Além disso, se deve evitar totalmente a celebração da Missa pelo simples desejo de ostentação ou celebrá-la de acordo com o estilo de outras cerimônias, especialmente profanas, para que a Eucaristia não se esvazie de seu significado autêntico. Instrução Redemptionis Sacramentum: sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html>. Acesso em 19 jun. 2015, às 16h.

reuniões que eram realizadas entre a prefeitura e a paróquia de Santo Antônio prévias à celebração:

Benivalda: Bom, a função do padre é, é dizer pra gente os cuidados que a gente tem que ter porque você sabe que são pessoas que têm uma educação rudimentar, num tem bom, boas maneiras, né? E a gente tem que ficar com cuidados pra não beber muito, é pra não fazer baderna muito na hora da celebração, da eucaristia, da missa.

Entrevistadora: Controlar um pouco eles, isso?

Benivalda: Esse controle você tem que fazer²³⁴.

A manifestação de Benivalda e a decisão da paróquia em retirar a missa da celebração remeteu-nos à resistência das percepções dos intelectuais brasileiros sobre a cultura popular a partir do final dos oitocentos, conforme apontou Durval Muniz de Albuquerque Junior:

Este povo que se estuda como curiosidade etnográfica, que representa a existência de outras temporalidades convivendo com o pretense tempo do progresso e da civilização vivido pelas elites governantes do litoral, que são incapazes de olhar para sua própria gente, que vive nos sertões entregues a outros ritmos temporais e a outros complexos culturais, seria o genuíno povo brasileiro e guardaria nossas tradições, embora requeresse urgentes políticas por parte do Estado, no sentido ser resgatado da ignorância e da inferioridade, inclusive racial, em que se encontrava. **Surge, nesta geração de pensadores, toda uma tensão que tende a atravessar grande parte das reflexões sobre a cultura popular daí em diante. Ou seja, estas elites gostam da cultura popular, mas simpatizam muito pouco com o povo que a produz, povo mestiço, povo atrasado, povo amolecido pelo clima dos trópicos, povo que necessita de políticas eugênicas urgentes para resgatá-lo de sua indolência e de seu atraso racial e civilizacional.** (Grifos nossos)²³⁵.

Interessante observar que mesmo com a alteração da liturgia da celebração, os moradores de Barbalha ainda a entendem como uma missa tradicional, e por isso, neste dossiê, manteremos a designação da celebração como ela é amplamente conhecida: a Missa Regional, mesmo existindo alguns poucos, normalmente integrantes do Conselho Paroquial, que a definam como uma “celebração parafolclórica”.

Durante a missa ocorre um dos momentos mais emocionantes de toda a trezena: a benção da bandeira de Santo Antônio, que será hasteada na Praça da Matriz no mastro que os carregadores trarão até a cidade ao final do dia. Há sempre muita expectativas dos paroquianos em saber como santo padroeiro será representado.

²³⁴ MAGALHÃES, Benedita Ferreira. **Benedita Ferreira Magalhães**. Entrevista [08 mar.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

²³⁵ ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. op. cit., p. 65.



Imagem 50: Benção da Bandeira de Santo Antônio, 2015.

Autor: Jeferson Hamaguchi

Uma das principais características da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio na cidade de Barbalha é o fato de que muitas atividades e responsabilidades na organização da celebração são frutos de promessas. Estes compromissos, assumidos primeiramente com o santo e depois com a comunidade, acabam se tornando transgeracionais. São exemplos a doação do pau da bandeira na família Teles, a tradicionalíssima família de carregadores do pau conhecida como os “Francelinos” e as famílias Sampaio e Teles Duarte envolvidas com a ornamentação do carro andor da procissão. Da mesma forma, a confecção da bandeira de Santo Antônio está envolta em compromissos de tal ordem.

Atualmente, a bandeira de Santo Antônio é confeccionada por Sandra Valéria Costa Silva e Maria de Lourdes Luna Nascimento. Cabe à primeira criar o desenho e à segunda adquirir o tecido e costurar a bandeira. Ambas se envolveram com o trabalho a partir de promessas ao santo. Segundo seus relatos, as primeiras doadoras da bandeira que se tem notícia foram Dona Santaninha Feitosa e sua filha Mariinha Feitosa, que confeccionavam a flâmula na década de 1920. Após concluir o trabalho – que começa no mesmo dia do corte do pau da bandeira, cerca de 15 dias antes do início da festa – a bandeira é entregue à Paróquia de Santo Antônio²³⁶.

Na manhã da abertura da festa, João Victor Custódio Romão recebe a bandeira da paróquia e a acomoda em uma vara de madeira que ele mesmo portará durante a entrada solene da flâmula na igreja matriz para ser benta e no Desfile dos Grupos de

²³⁶ NASCIMENTO, Maria de Lourdes Luna. **Maria de Lourdes Luna do Nascimento**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005; SILVA, Sandra Valéria Costa. **Sandra Valéria Costa**. Entrevista [29 maio]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

Folguedos, pois a bandeira é o elemento que abre o cortejo. João Victor Romão exerce há quinze anos os ofícios deixados pelo seu pai, que por mais de 40 anos produziu as tesouras necessárias ao hasteamento do pau da bandeira e foi o porta estandarte da bandeira de Santo Antônio. Além dessas funções, João Victor herdou uma tarefa de grande responsabilidade e relevância simbólica. É ele que amarra a vara com a bandeira ao mastro trazido pelos carregadores e que se tornará o pau da bandeira do padroeiro. Em depoimento ao Iphan, João Victor Romão narra seus sentimentos ao substituir o pai na celebração:

É um sentimento que traz alegrias, sentimento de prazer e que quer queria quer não me traz à tona saudade porque é, eu sigo a tradição de meu pai, ele que por mais de quarenta anos esteve à frente dessas atividades e eu quis honrar essa tradição e venho trazendo já há cinco (5) anos, assumindo essa responsabilidade que não deixa de ser grande perante o tamanho da importância da bandeira na festa de Santo Antônio. [...] A festa de Santo Antônio pra mim, sempre me traz ansiedade, a verdade é esse, é um sentimento que me estimula que me dá vontade de participar e eu todos os anos contava os dias que antecediam a festa pra chegar esse, o momento do pau da bandeira. Então, o papai ser a pessoa responsável pela confecção das tesouras, eu sempre acompanhava ele pra que a gente pudesse fazer e eu também não tinha a intenção, assim, digamos assim de aprender, né, era mais pelo intuito de andar já que eu era criança e tudo. Não me passava pela cabeça, no futuro, eu tomar a frente²³⁷.

Retomando o Desfile dos Grupos de Folguedos, constata-se que passados mais de 40 anos da sua implantação e da construção da rede de interdependência entre os grupos da cultura popular e o poder público municipal, que hoje está bem consolidada, torna-se talvez o maior desafio decorrente da “patrimonialização” da festa pelo Iphan estabelecer o diálogo com esses grupos da cultura popular, sem no entanto apenas substituir a atual ação paternalista do poder público por outra.

A partir de todo levantamento bibliográfico realizado e dos dados coletados pelo INRC, os pesquisadores e técnicos do Iphan, dentre os quais nos incluímos, pouco conseguiram evoluir para além do fato de evidenciar as transformações e problemas decorrentes da *folclorização*. Porém, retomando a epígrafe que abriu este tópico, temos a convicção que tais expressões culturais não foram identificadas ao acaso pelos alunos dos Colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima. Elas “tiveram ou têm significado (importância) na vida das pessoas e suas comunidades”, constituem em Barbalha, seja nos sítios ou no centro histórico, o seu território, envolvem saberes tradicionais, estabelecem relações com o sagrado, operam momentos de diversão e lazer, criam laços geracionais. Esses motivos já são mais que suficientes para reconhecer tais formas de expressão como integrantes do patrimônio cultural brasileiro através do registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, bem com suscitar uma ação durante a salvaguarda mais intensiva de

²³⁷ ROMÃO, João Victor Custódio. **João Victor Custódio Romão**. Entrevista [05 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

documentação e diálogo com os detentores desses bens culturais, com ênfase nos Reisados de Couro, de Gongo e de Baile, nas Zabumbas (Bandas Cabaçais) e nas Ordens Penitentes – reconhecendo que tais práticas estão presentes em toda a Região Nordeste do país. E promovendo discussões que permitam, conforme sugere José Edvar Araújo, “assegurar o direito que os grupos sociais têm de gerir os seus patrimônios”²³⁸.

Passemos, então, à descrição das Formas de Expressão que compõem o Desfile dos Grupos de Folguedos. Cabe neste momento esclarecer que as Zabumbas, como são conhecidas as bandas cabaçais em Barbalha, diferem-se das demais formas de expressão que participam do Desfile dos Grupos de Folguedos por desempenharem outras funções rituais durante a trezena de Santo Antônio. Dessa forma, tal forma de expressão será descrita em tópico especial, sendo entendida como um bem associado à Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio para além da sua participação no desfile dos folguedos.

Reisados

Luís da Câmara Cascudo definiu o Reisado como a “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro)”; seria um auto popular pertencente ao ciclo natalino formado por “músicos, cantadores e dançadores que vão de porta em porta anunciar a chegada do Messias e homenagear os três Reis Magos”.²³⁹ Conforme Oswald Barroso:

Aparecendo na Europa e no Oriente, desde a Idade Média, [...] o Reisado tomou feições as mais variadas, incorporando elementos das mais diferentes procedências e ganhando características locais, para refletir um universo multicultural em suas manifestações. No Brasil, ele se manifesta com diferentes nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes – Boi, Rancho de Reis, Guerreiros etc.), por todo o seu território. O Reisado é, a um só tempo, rito, autoépico, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro tradicional. É rito porque encena o mito de origem do mundo cristão popular, com o nascimento do Divino. Autoépico porque narra a saga dos Reis Magos a Belém, em busca do Menino Deus. Brincadeira de Terreiro porque se dá em roda, com a participação ativa da comunidade. Cortejo de brincantes porque se constitui em caminhada festiva de atores brincantes. Ópera popular porque reúne o conjunto das linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e

²³⁸ ARAÚJO, José E. C. de. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidades e multiangulações. In. SOARES, I. de M; SILVA, Í. B M. da. **Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 185.

²³⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 581.

adereços), numa só apresentação. Teatro tradicional porque se trata de manifestação cênica construída secularmente pela coletividade²⁴⁰.

A complexidade do Reisado e as habilidades necessárias à sua execução foram exaltadas pelo mestre Tico Neves em depoimento ao Iphan, segundo ele é preciso “[...] lutar, né, é cantar, é dançar, é jogar espada e fazer por onde ser bem ligeiro e fazer bonito que é, tem muita pessoa que já entende, se o caba der bobeira, os caba dão é vaia na gente também, né, tem que fazer o negócio sério”²⁴¹.

Os Reisados são um verdadeiro caleidoscópio dos elementos que constituem a cultura brasileira e ganham características particulares nas diversas regiões do país. Alguns autores o consideram como originário ou uma variante do Bumba-meu-boi ou até mesmo da Folia de Reis. Na existência dos entremeses, personagens móveis que podem assumir as formas de animais, como o Boi e a Burrinha, são identificados elementos dos cultos totêmicos de procedência banto. São apontadas também relações com os Autos dos Reis do Congo e com os Autos Natalinos da Península Ibérica²⁴². Conforme aponta Barroso:

Na realidade, rigorosamente, não existem dois Reisados iguais, porque nas suas construções há algo de improvisado, a partir das circunstâncias, não só de quem o faz, mas até mesmo do público que o assiste. Daí, os Reisados constituírem um universo aparentemente caótico, comportando um sem número de possibilidades, tanto na estrutura de personagens, quanto na quantidade e na qualidade dos entremeses.

Assim, cheguei à conceituação do Reisado como um cortejo de brincantes, que representa a caminhada dos Reis Magos a Belém, para adorar o menino Jesus, e que tem no episódio do Boi, seu entremês principal. Porém, como no universo descrito desta maneira, há uma variação enorme de possibilidades, precisamos ir mais adiante, ou seja, selecionar e destacar outros elementos. Um dos elementos a ser destacado seria a estrutura de sequência de suas apresentações. Porém, rigorosamente em comum, teríamos a chegada ao local da apresentação em cortejo, a “Abrição” da Porta, ou seja, o pedido de licença ao dono da casa para fazer, diante do oratório da sala da frente, a saudação ao Menino Deus; em seguida, a volta ao terreiro, rua ou praça, defronte à casa, para a sequência de peças, bailados e entremeios da brincadeira (obviamente incluindo o Boi); e, no final, a Despedida²⁴³.

²⁴⁰ BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. In: SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (Org.). **Cultura, política e identidades**: Ceará em perspectiva. Fortaleza: Iphan, 2014, p. 181-182. v.1.

²⁴¹ SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

²⁴² Existe uma vastíssima bibliografia sobre o Reisado e suas variantes, o que inclui a sua associação ao Bumba-meu-boi e a Folia de Reis, como sugestão de leitura deixamos o balanço historiográfico realizado pelo pesquisador Oswald Barroso em: BARROSO, Oswald. Os Reisados, os Bois e os Reisados de Caretas. In: **Teatro como encantamento**: bois e reisados de caretas. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007, p. 21-33.

²⁴³ BARROSO, Oswald. Os Reisados, os Bois e os Reisados de Caretas. In: **Teatro como encantamento**: bois e reisados de caretas. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007, p. 30-31.

Em Barbalha, os grupos que festejam o Dia de Reis se definem como Reisados e existem de três tipos: de Congo, de Couro (ou Caretas) e de Bailes.²⁴⁴ De forma geral, as três modalidades caracterizam-se por ser “um cortejo de brincantes, representando a peregrinação dos Reis Magos a Belém, e se desenvolvem, em autos, como a rapsódia de cantos, danças e entremeios, incluindo, obrigatoriamente, o episódio do Boi”.²⁴⁵ É importante esclarecer que os reisados se diferenciam a partir da estrutura de figuras e personagens que possuem. Ainda de acordo com Barroso, no Cariri, os Reisados de Congo são mais numerosos, e apenas alguns municípios apresentam Reisados de Couro (Caretas), sendo Barbalha a única cidade que possui um Reisado de Bailes. O Reisado de Bailes seria uma variante do Reisado de Couro. O primeiro além de apresentar os personagens que constituem a “família dos Caretas”, também apresenta outros agregados ao núcleo familiar do fazendeiro, como as Damas e os Galantes. Assim, Oswald Barroso diferencia os Reisados:

No Reisado de Congos, a estrutura é de uma pequena tropa de nobres guerreiros chefiada por um Mestre, com dois Mateus e uma Catirina fazendo o contraponto cômico. No Reisado de Bailes, o Amo, ou Mestre, é um nobre ou fazendeiro, que constitui a base da brincadeira, reunindo, em um baile, suas filhas e pretendentes, que formam o conjunto de Damas e Galantes. Já o Reisado de Couro ou Caretas, baseia-se no universo de uma fazenda de Gado, dramatizando o conflito entre o Amo (Patrão ou Capitão) e os Caretas (seus moradores). Neste caso, o Velho e a Velha Careta fazem o par cômico²⁴⁶.

Se a composição dos personagens afasta os diversos tipos de Reisados, para Oswald Barroso, todos aliam-se no desejo de reverenciar o Deus Menino e criam suas narrativas em torno da viagem dos Reis Magos a Belém. O Reisado de Congo seria o cortejo de ida ao encontro do Menino Jesus, no qual os homens comuns por encantamento tornam-se reis. O Reisado de Couro seria o cortejo da volta, no qual os reis se disfarçariam de trabalhadores comuns, os Caretas, para enganar o Rei Herodes, passando despercebidos em meio ao povo. Em depoimento dado ao Iphan em 2005, quando

²⁴⁴ Oswald Barroso informa que no Ceará existe ainda um quarto tipo de reisado, o Reisado de Caboclos, encontrado no município de Meruoca, que se caracteriza pela presença dos índios, denominados de caboclos. Em sua pesquisa foram identificados 180 grupos de reisados distribuídos em 101 municípios do Ceará.

²⁴⁵ BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. In. SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Vol. I. Fortaleza: Iphan, 2014, p. 183.

²⁴⁶ BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. In. SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Vol. I. Fortaleza: Iphan, 2014, p. 185.

questionado sobre a origem do Reisado, o Mestre Tico Neves informou que este existe há 2005 anos, desde o nascimento de Cristo²⁴⁷.

Em sua pesquisa sobre os Reisados no Ceará, Oswald Barroso documentou em Barbalha a existência de “um Reisado de Caretas (em Barro Vermelho, com a denominação de Reisado de Couro, do Mestre José Pedro de Oliveira), quatro Reisados de Congos (Sítio Cabeceiras, Conjunto Nova Esperança, Sítio Lagoa e Bairro Alto da Alegria, tendo como Mestres Damião Barbosa e Francisco Belizário dos Santos, entre outros) e um de Bailes (no Sítio Pelo Sinal, o único que aparece em todo o Estado, tendo como antigo Mestre, Luís Vitorino)”.²⁴⁸ Já Simone Pereira da Silva identificou sete Reisados de Congo em Barbalha, sendo seis masculinos e um feminino, este último formado pelas alunas da Escola de Ensino Fundamental Josefa Alves de Sousa e cujo Mestre é Antônio José da Silva²⁴⁹.

Segundo dados da SECTUR, em 2015 participaram da Festa de Santo Antônio um Reisado de Baile, do Mestre José Pedro do Barro Vermelho, um Reisado de Couro, também do Mestre José Pedro do Barro Vermelho, um Reisado de Congo do Bairro Alto do Rosário, do Mestre Antônio José da Silva, dois Reisados de Congo do Sítio Lagoa, sendo um do Mestre José Paulo Felipe e outro do Mestre Serginaldo Gomes, e um Reisado de Congo do bairro Cirolândia, do Mestre Luís Tomé da Silva²⁵⁰.

²⁴⁷ SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

²⁴⁸ BARROSO, Oswald. op. cit. p. 185

²⁴⁹ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 106-107.

²⁵⁰ Durante a salvaguarda será necessário realizar uma nova identificação e documentação dos grupos de Reisado de Barbalha, tendo em vista que os dados que o Iphan-CE possui, excluindo-se a bibliografia e as informações transmitidas pela SECTUR, foram produzidos entre 2003 e 2005, no âmbito do Projeto Cariri. Além disso, as entrevistas seguiram fielmente os questionários de aplicação do INRC, discutindo exclusivamente a participação dos reisados na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Temos poucos dados biográficos dos mestres, nenhuma documentação sobre o repertório desses folguedos e suas formas de transmissão. Além disso, o Reisado de Bailes não foi identificado durante o INRC.



Imagem 51: Reisado de Congo na Praça Matriz de Santo Antônio, 2010.

Autor: Maurício Albano



Imagem 52: Reisado de Congo no desfile do grupo dos Folguedos, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel



Imagem 53: Reisado de Couro na Praça Matriz de Santo Antônio, 2010.

Autor: Maurício Albano



Imagem 54: Reisado de Couro no desfile do grupo dos Folgedos, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Sobre os Reisados de Congo no Ceará, Oswald Barroso ratifica as percepções Théo Brandão de que “em Alagoas e nas regiões influenciadas por sua cultura, os Reisados e Bois se fusionaram com os autos dos Congos, para formar um tipo de Reisado, no caso Reisado de Congo”²⁵¹.

Em sua pesquisa sobre os Reisados de Congo em Barbalha, Simone Pereira da Silva recompõe através dos relatos dos brincantes os sentidos históricos construídos sobre o folguedo. Dos depoimentos e do levantamento de fontes realizado pela historiadora, emergem referências a uma espada que teria pertencido a Dom Pedro II e que hoje estaria sob os cuidados do Mestre Luís Tomé da Silva; às Coroações dos Reis de Congo promovidas pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário²⁵², santa protetora dos negros; e às guerras entre cristãos e mouros no Século VIII, na Península Ibérica, destacando-se a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*. Este último elemento tornou-se fundamental para a composição do enredo dos Reisados de Congo em Barbalha, sendo apropriado do folheto de cordel *A Batalha de Oliveiros contra Ferrabrás*, que narrava uma parte da epopeia de Carlos Magno, publicado por Leandro Gomes de Barros, em 1949, e bastante difundido no Cariri. O folheto de cordel trata da batalha de Mormionda ocorrida entre um príncipe turco de nome Ferrabrás e Oliveiros, um dos doze pares de França. A história tem desfecho na vitória de Oliveiros e na conversão do príncipe turco ao cristianismo. A historiadora também observou nas narrativas dos brincantes a associação entre os doze pares de França e os Três Reis Magos. Dessa forma, o Reisado de Congo em Barbalha se caracteriza pela existência da corte e seus guerreiros²⁵³.

²⁵¹ BARROSO, Oswald. Os Reisados, os Bois e os Reisados de Caretas. In. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007, p. 26.

²⁵² O Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Barbalha data de 1860.

²⁵³ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 7-35. Ver especialmente o Capítulo 2: Corte simbólica dos Reis de Congo: vozes que constroem o auto.



Imagem 55, 56 e 57: Reisado de Congo na Festa de Santo Antônio, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

O Reisado de Congo é composto por personagens fixos (atores/dançarinos, banda cabaçal e/ou violeiro) e móveis (os entremeses), os últimos desenvolvem pequenos atos com narrativas independentes durante o folguedo. Os personagens fixos são o mestre, o rei, a rainha, o contramestre, dois embaixadores, dois Mateus e as figurinhas. São opcionais nos reisados de Barbalha os seguintes personagens fixos: um par de Segundos Embaixadores, dois Guias, dois Contraguias, dois Coices e dois Contracoices, as Damas e a Catarina ou Catirina. Como entremeses temos o Boi, a Burrinha, o Jaraguá, o Javali, o Sapo, o Urubu e o Guriabá, que, conforme Oswald Barroso, são oriundos da confluência de elementos das culturas africanas, portuguesa e indígena. Além deles há outros personagens como é o caso da Alma, do Cangaceiro; do Cão, a Doida, o Gentí (homem valente). Dentre os personagens, Simone Pereira da Silva destaca o Mateus:

O Mateus é um dos personagens mais emblemáticos do folguedo. Ele se assemelha a um palhaço com o rosto pintado de tinta preta, com um chapéu vermelho em forma de cone e com a roupa cheia de adereços cômicos. Tem amplo poder de improvisação e seu papel é livre de qualquer compromisso institucional. [...] Ele tem liberdade para debochar dos brincantes e da plateia sem que, para isso, seja mau visto: detém o poder de transitar entre todos os reinos sem ser repudiado por nenhum. No momento da batalha, é ele o encarregado de cuidar da rainha do grupo adversário ²⁵⁴.



Imagem 57: Mateus na Festa de Santo Antônio, 2009.

Autor: ©Tiago Santana

Merece destaque o encontro entre dois Reisados de Congo, chamado de *Quilombo*. Nesse momento são postas à prova as habilidades dos mestres e brincantes através de uma batalha. Nas falas dos mestres ao Iphan, foi reiterada a necessidade dos treinos e ensaios como forma de desenvolver as habilidades dos brincantes para a evolução das *embaixadas*, que são as disputas e acrobacias com as espadas. Trazemos, então, o relato do Mestre Tico Neves sobre uma batalha na cidade de Jardim na qual saiu “fogo das espadas” e com a qual ele recebeu reconhecimento da autoridade policial da cidade:

Porque... Num sei se essa encaixa com, com a sua pergunta, que nois tava no Jardim com o pessoal de lá de frente da delegacia, aí o Zé de Antão que era uma banda cabaçal que tinha aqui muito bom aqui em Barbalha e ele sabia que o nosso reisado era muito ajeitado, era bem treinado e eu pedi lá a ele: “Zé de Antão, você puxa um baião ai bem forte pra mim mostrar aqui no Jardim o que é o reisado, que aqui eles num sabe o que é, eu quero

²⁵⁴ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 37-38.

mostrar.” Aí eu peguei o meu embaixador que era o Zezim, né, esse Deus já levou também, inclusive, eu fiz até uma peça com ele. Os dois embaixador, o primeiro já morreram, aí deu um jogo de espada lá que saía fogo da espada, mas Deus tava no meio, eu botei pra pinicar aí, ele botava neu também, quando o mestre apitou, o delegado parou e disse “agora venha cá o senhor, esse aí venha aqui, por favor!” Subi. “Me diga uma coisa, se eu chegar cortar esse rapaz, ferir ele, como é que vai ser?”. eu digo “bom, ele pode me cortar, mas deu bater nele, eu me responsabilizo que eu num bato.” Ele disse “que conversa!” eu digo “num bato, não” Ele disse “por quê?” “porque eu só vou no limite certo nem furo e nem eu bato nele, eu treino é pra isso” “e se ele lhe bater?” Eu digo “eu perdoo, que o errado foi eu que deixei ele me bater” “verdade?” Eu digo “sim, senhor.” “desça” aí, eu desci “diga a ele que venha aqui, o oto.” Chegou Fernando, Fernando deu a mesma resposta.

Aí, o que foi que ele fez? “vocês vão pra onde?” Aí nois fumo pra casa de, de como é aquele home ali do Jardim? Antoin Roriz, ele pois olha, aqui dentro de Jardim nenhuma mosca incentiva vocês, quem tá vendo sou eu. Vocês merece apoio, ali pra mim foi uma vitória, foi um orgulho e entregou dois soldado e disse “pega os dois carro - que tinha duas D20 - vá deixar ele lá” eu digo “doutor, desculpa minha proposta pro senhor, nós quer sair batalhando é no mei da cidade até chegar lá.” “então, pronto, a vontade de vocês” aí entregou a polícia e nois fomo, chegamo lá fomo bem recebido já com a polícia no prédio, tudo bem guarnecido, fazendo aquilo com orgulho, né, foi novidade, foi coisa boa. Nois vamo pra exposição, se elas chamava nois era meus menino da Barbalha, meu reisado de Barbalha, a maior alegria de nois, mas o que é bom dura pouco, já morreu passou foi outro, mas também era nosso, entendeu? Aí teve muitas partes aí que eu passei delas que eu fiquei satisfeito, com orgulho.

Interessante perceber na fala do Mestre que, em sendo atingido pela espada durante a batalha, a responsabilidade é do brincante que foi ferido por sua falta de perícia, em virtude de não ter conseguido desviar do golpe do adversário.²⁵⁵ Ao brincante de reisado, além das habilidades físicas dos guerreiros, é necessário aprender todas as peças e canções, pois não há um roteiro pré-definido. Cabe ao Mestre construir a apresentação a partir do contexto no qual ela se dará, e que muitas vezes só é conhecido no momento da encenação. Sobre a importância dos treinos e do Mestre, segue um trecho do depoimento de Antônio Wilson Abel (Antônio de Corina), embaixador no Reisado do Sítio Lagoa.

“É, pequenininho. Bem uns cinco ano que eu comecei a brincar reisado. Faz tempo muito. Aí, o reisado daqui tá... é o daqui é de primeira, é bom pra home nenhum botá defeito. Se nós tamo sem treinar de jeito nenhum, mas disser vamo hoje, vamo hoje brincar? O reisado tá todo em forma. Brinca do mesmo jeito que nem se treina todo dia, num sabe? [...] É, quem faz a preparação do frocore é nós mermo, né? Nós vamo tem um ensaio aqui

²⁵⁵ Percepção diferente é a do Mestre de Reisado de Couro José Pedro de Oliveira. Em entrevista ao Iphan, ele informou que foi brincante do Reisado de Congo até acontecer, conforme suas palavras, um “desastre”: Foi nuns tirano em Juazeiro. Aí... O mestre entregou a espada, eu brincava de Mateu né. Aí entregou a espada mode a tumação da rainha. E aí eu era novo no giro só a boba, o cara botou o rolo de espada em mim, eu aparei. Aí eu rodei a espada, quando eu botei nele. Ele num aparou e pegou lá nele, arriba do oi. Eu vi foi à lapada de sangue. Eu entreguei a espada o mestre e... Nunca mais eu peguei numa espada”. OLIVEIRA, José Pedro de. **José Pedro de Oliveira**. Entrevista [28 maio]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

hoje, convida o mestre Nego convida nós pra vim brincar aqui na casa dele, aí, pra fazer um preparo físico, né? Que às vez a pessoa tá sem ter um preparo, aí, nós vamo assim, nós vamo, tem uma viagem, assim, que nós fumo um tempo pra Fortaleza, nós fumo pra Fortaleza, aí, tem que dá uns treino pelo assim uns dois dias antes pra poder ir, né?²⁵⁶ [...]

Tico Neve, mestre Tico Neve. Toda música é ensaiada por ele, que a música que ele ensaiá é que nós acompanha o ritmo dele. É um ritmo que ele tira a música e nós já tem que aprender aquela música que ele tá cantando pra nós acompanhar com ele quando ele vai cantar aquela música. Nós num souber cantá aquela música ele é quem tem que ensiná a música a nós pra nós cantá com ele aquela cantiga, né? Toda vida é desse jeito. Se ele tirar uma peça, uma cantiga veia que nós já sabe toda vida que nós já somo acostumado, num carece mais isso, não. Mas quando ele rima uma peça, uma peça nesse tanto, aí, com esse home ou com qualquer pessoa que ainda num sabe, nós tem que aprender a peça que tá rimando, que ele é o rimador, né? Que ele é quem é o cabeça pra acompanhar aquela peça pra poder cantá lá no Pau da Bandeira ou numa casa, assim, onde nós tiver tem que aprender aquela peça primeiro pra mode de poder cantá, pra poder responder, né? É isso.²⁵⁷

A introdução do Reisado de Congo na Festa de Santo Antônio levou a uma série de transformações na prática do folguedo, que serão melhor discutidas no capítulo destinado à salvaguarda da celebração. Contudo, conforme Simone Pereira da Silva, a Festa de Santo Antônio fundou um novo território para os reisados, que até então apresentavam-se exclusivamente no Ciclo Natalino e nas Renovações²⁵⁸. Segundo a historiadora, “a ligação do folguedo com Santo Antônio agrega um sentido transcendental e ritualístico à prática, na qual os valores e significados socialmente construídos se fazem presentes por toda a apresentação”²⁵⁹.

Como apontou Oswald Barroso, Barbalha é o único município do Ceará que possui três tipos de Reisado, além de ser o único que possui um Reisado de Bailes. Conforme o autor:

Em Barbalha, onde predominam os Reisados de Congo, podem ser encontrados os Caretas, em Reisados das duas modalidades, anteriormente citadas. Na localidade de Barro Vermelho, o Reisado de Caretas tem em sua estrutura, além do Velho e da Velha, quatro Caretas filhos. Vale notar que neste Reisado, à maneira dos Reisados de Congo, aparecem ainda o Mestre e o Contramestre.

²⁵⁶ SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

²⁵⁷ ABEL, Antônio Wilson. **Antônio Wilson Abel**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

²⁵⁸ As Renovações são celebrações em consagração do Sagrado Coração de Jesus e estão presentes em todo o Cariri. Anualmente, as famílias renovam sua devoção aos santos da casa ao som dos Reisados e Bandas Cabaçais. A adoração ao Sagrado Coração de Jesus foi introduzida no Brasil durante o século XIX como parte do processo de Romanização, sendo bastante estimulada pelo padre Cícero. Ver: PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora INEPH, 2001.

²⁵⁹ SILVA, Simone P. da. op. cit. p. 49.

O mesmo acontece no Reisado de Bailes, do Sítio Pelo Sinal, no qual, ao lado de um par cômico de Caretas, colunas de quatro Galantes e quatro Damas, comandadas por um Mestre animam uma série de bailados, cuidadosamente coreografados, ao estilo das contradanças medievais. As Damas são filhas do Mestre, que aparece como o dono do salão e promotor do baile. Durante o brinquedo, revezando-se com os bailados, pequenos dramas são encenados, geralmente criticando costumes²⁶⁰.

O Reisado de Couro ou Caretas reproduz em sua forma a organização social das fazendas de gado do Nordeste do Brasil. O personagem principal é o fazendeiro, que pode ser chamado de Amo, Capitão ou Patrão. Os Caretas são os funcionários e moradores da fazenda, principalmente vaqueiros, e constituem o núcleo principal do enredo, que tem na morte e ressurreição do Boi, um dos entremeses obrigatórios, seu momento apoteótico. A designação de Caretas tem origem nas máscaras usadas pelos personagens, tradicionalmente feitas de couro. Os principais personagens são o Velho e a Velha e seus filhos: o Careta Vaqueiro, o Careta Magarefe, o Careta Poeta e o Careta Caçula. Além do Capitão, que é o dono da casa, e o Dono do Boi. Em oposição ao núcleo familiar aparecem a Polícia e os Índios. Podem também compor o reisado personagens do Reisado de Congo, como o Mestre e o Contramestre, Reis e Rainhas²⁶¹.



Imagem 58: Integrantes do Reisado de Couro na Festa de Santo Antônio, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

²⁶⁰ BARROSO, Oswald. op. cit. p. 184.

²⁶¹ A descrição do Reisado de Couro foi fundamentada na seguinte obra: BARROSO, Oswald. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

O Reisado de Couro de Barbalha é tido como uma brincadeira por aqueles que fazem parte desta referida atividade. Geralmente são homens já adultos que trazem consigo a tradição e a prática dos mais velhos. Suas cantorias trazem no enredo uma série de pequenos momentos relacionados com o cotidiano de cada integrante, bem como o próprio momento que eles estão vivendo por ocasião da apresentação do grupo. Existe um diálogo muito bem concatenado da parte daqueles que executam tal momento durante a apresentação do Reisado.

No grupo de Barbalha existem o mestre, os cantadores, os dançarinos e os diversos personagens que realizam a encenação daqueles que, segundo conta a tradição popular, fizeram parte do encontro dos reis magos com o menino Jesus em Belém. São vaqueiros, animais e diversos outros personagens que fazem da apresentação um momento lúdico e festivo para todos os que ora assistem e prestigiam o Reisado de Couro. No Reisado do Mestre José Pedro de Oliveira do Barro Vermelho os entremeses têm grande destaque, sendo eles o Boi, a Burrinha, o Babau, o Jaraguá, a Véia, o Urubu, a menina da Véia e o Véi Amâncio. O Reisado de Couro se apresenta ao som dos Regionais, grupo musical constituído por sanfona, zabumba e pandeiro, pois, segundo o mestre, o fole “ativa mais” o público e os integrantes do reisado, deixando a brincadeira mais animada. Estão associados à forma de expressão as técnicas necessárias à confecção das máscaras dos brincantes, que inicialmente eram feitas de estopa e cola, e às fantasias dos entremeses e dos vaqueiros.

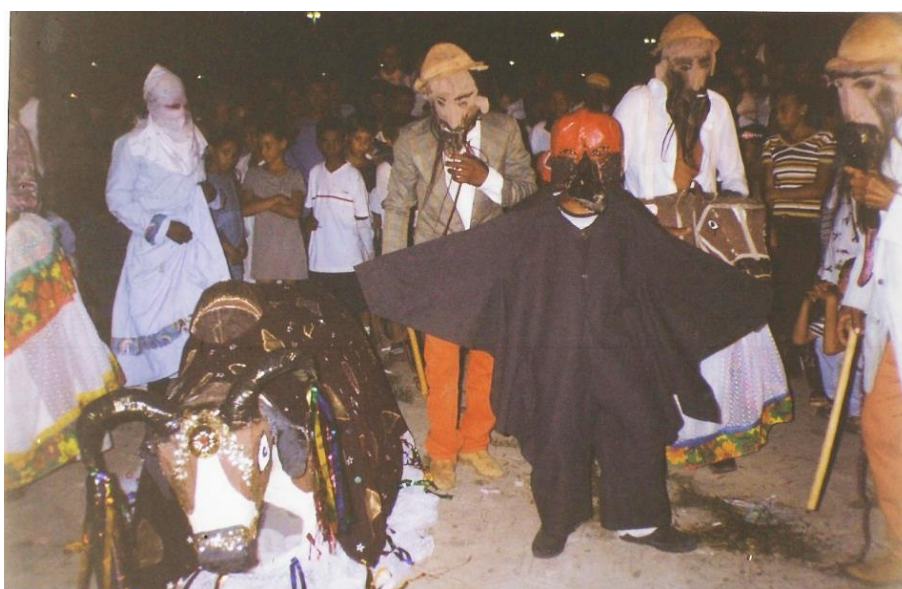


Imagem 59: Integrantes do Reisado de Couro na Festa de Santo Antônio, Sem data definida.

Autor: Acervo IPHAN/CE

O Reisado de Bailes também reproduz a organização social das fazendas de gado, contudo seus personagens principais estão associados ao núcleo familiar do fazendeiro. Além de um par de Caretas, há quatro filhas do fazendeiro, as Damas, e seus pretendentes, os Galantes. Os casais então desenvolvem um bailado ao estilo das contradanças medievais. Sigamos, então, Oswald Barroso:

O Reisado de Bailes, do Sítio Pelo Sinal, em Barbalha, como vimos tem sua estrutura em uma família rural, de nobres ou fazendeiros, em que o pai organiza um grande baile para apresentar as filhas (damas) à comunidade e particularmente a possíveis pretendentes (galantes). Embora inclua figuras outras, tiradas do Reisado de Caretas, desenrola-se em torno da apresentação de entremeses, dramas e comédias, geralmente cantados, intercalados por contradanças (os bailes).

O primeiro deles é o Baile da Pantomina, em que se encena uma pequena comédia cantada e mimada, que tem por tema a preguiça. A segunda comédia precede o Baile do Pedido de Casamento. Há também o Baile da Fazenda, que se dança após uma pequena comédia, em que um vendedor de fazendas oferece seus produtos fiados. Segue-se um diálogo, em que o vendedor tenta trapacear o freguês, mas acaba sendo logrado por ele. No final, os brincantes executam a contradança do lenço, que tem uma coreografia simples, mas bem marcada.

A Comédia de João Alencar, também é seguida por um baile, em que se executa uma contradança. Um cordão de três Damas está dançando uma marchinha, quando chega o Pai e o Marido, que no caso é feito pelo Mestre. São vésperas de Natal e ele traz boas notícias. Havia conseguido um abono para os presentes da filha. Já a Comédia do Engenho, como as demais, é toda cantada. Trata das relações entre patrão e trabalhador, fazendo uma crítica aos maus empregados²⁶².

De forma geral, na fala dos mestres de Reisado entrevistados há uma diferença bastante clara entre brincar na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e brincar o reisado em outros momentos, como no Dia de Reis e nas Renovações. Na festa existe a percepção de que o Reisado faz parte da “cultura” e do “folclore” de Barbalha, termos por eles utilizados, o que justificaria a sua participação. Nos outros momentos, o Reisado é entendido pelos brincantes como prática devocional, como obrigação para com os santos, que pode ser Santo Antônio, caso este esteja entronado no altar das residências nas Renovações. O que é bastante comum em Barbalha. Também nas falas percebemos que o ofertório durante a Missa Regional é tido por muitos como o momento de maior vínculo com o santo padroeiro, já que o que é oferecido muitas vezes vem das plantações dos próprios mestres, que em sua maioria são agricultores.

²⁶² BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. In. SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (orgs.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Vol. I. Fortaleza: Iphan, 2014, p. 199-200.

Ordens Penitentes

Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo definiu o penitente como a “pessoa que cumpre promessa feita ao santo de sua devoção, geralmente com sacrifício pessoal, [...]. É também chamada de penitente a pessoa que, na Sexta-feira Santa, para se redimir dos pecados cometidos, flagela-se com chicote”²⁶³.

Em meados do século XIX, a Província do Ceará recebeu a visita da Comissão Científica de Exploração, expedição financiada pelo Império brasileiro, através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), destinada a estudar as províncias (seus habitantes, meios físicos e potenciais econômicos) tendo como paradigma o conceito etnocêntrico de civilização e as possibilidades de o Brasil ingressar no mundo civilizado²⁶⁴. Francisco Freire Alemão, médico, botânico e presidente da Comissão, deixou um diário de viagem no qual existem inúmeros registros das práticas que, passados mais de um século e meio, seriam (re)classificadas como patrimônio imaterial. Na narrativa existem menções sobre os rituais de penitência, identificados pelo viajante em várias localidades da província. Assim descreveu o ritual em Lavras, sul do Ceará, em novembro de 1859:

Nas sextas-feiras à noite concorre o povo à igreja para adoração. Nesta tem lugar a disciplina dos penitentes (esta penitência começou com a pregação do padre (pausa)), e quando o vigário mandou fechar o coro, porque o sujava de sangue, se disciplinavam de noite na praça. Dizem-nos que são de ordinário gente dos matos, homens e mulheres, mulatos, cabras, pretos e não sei se brancos também; vão com o corpo nu para a igreja. Os homens com um capote e as mulheres de lençol, todos com a cara coberta²⁶⁵. Estando nós dormindo (a casa é na praça e muito próxima à igreja), ouviu-se depois da meia-noite (era sábado) oração cantada na igreja. Era o canto forte, entoado, monótono, grave e que me infundia sentimento religioso, mas atentando-se bem ouvia-se também tinido de disciplina, então acresceu ao sentimento religioso certo horror. O Lagos e o Reis levantam-se e vão para fora ouvir, aproximando cuidadosamente do templo, então, dizem eles, ouvia-se perfeitamente o tinido das disciplinas, e horrorizados se retiraram; eu levantei-me também, assim, como Vila Real e Manoel – fomos mais perto ouvir, mas nem pude perceber no meio do canto o som das disciplinas que os outros ouviam. Enfim nos recolhemos fazendo cada um reflexões diversas segundo seu modo de ver a respeito desses homens. Mal nos tínhamos deitado quando ouvimos na calçada da nossa casa um dos penitentes pedindo esmola e pedindo padre-nossos, cantando num tom lamentável e sepulcral que nos fez ainda mais horror²⁶⁶.

²⁶³ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 510.

²⁶⁴ Sobre a Comissão Científica de Exploração ver: KURY, Lorelai (org.). **A Comissão Científica do Império (1859-1861)**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio Editorial, 2009; LOPES, Maria Margaret. “Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará”. Rio de Janeiro, **Manguinhos**, vol. III, mar.-jun., p. 50-64, 1996.

²⁶⁵ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 200.

²⁶⁶ ALEMÃO, Francisco Freire. op. cit. p. 217-218.

O ritual deve ter impressionado os membros da comissão, pois Freire Alemão dedicou algumas páginas de seu diário para detalhá-lo e o desenhista da expedição, José dos Reis Carvalho, retratou os penitentes em aquarelas.

A leitura sobre a prática era negativa, viam-na como uma forma de religiosidade desvirtuada, fanática e “fruto de um falso misticismo”. Em seu livro *O folclore no Cariri*, de 1962, J. de Figueiredo Filho informa com alívio que os penitentes estavam em processo de desaparecimento na região, tendo como últimos refúgios as cidades de Missão Velha, Brejo Santo e Jardim. Sua interpretação considerava a prática penitente como um elemento que depunha contra a expansão da “civilização” no Cariri. Vale ressaltar que tal percepção perdurou até pelo menos a segunda metade do século XX²⁶⁷.

As interpretações sobre o ritual e as construções idenitárias dos próprios penitentes, tendo como objeto de análise os membros da Irmandade da Cruz, do Sítio Cabeceiras, em Barbalha, “conviveram/responderam a partir de sentidos diversos às mudanças operacionalizadas no campo das relações políticas, econômicas e administrativas da região do Cariri cearense”, das quais faz parte a sua introdução na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e a sua leitura enquanto “folclore” e “cultura”. “Essas novas configurações deram origem a novos discursos e representações imagéticas desses homens; de símbolos do atraso e de religião *mal compreendida* eles tornaram-se a materialização *legítima* de uma cultura “popular” caririense”²⁶⁸.



Imagem 60: Integrantes dos Penitentes na Praça da Matriz, 2010.

Autor: Maurício Albano

²⁶⁷ BEZERRA, Cícera Patrícia A. **Outras Histórias:** memórias e narrativas da Irmandade da Cruz-Barbalha/CE. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

²⁶⁸ *Ibid.* p. 13.



Imagem 61: Penitentes no Desfile de Folguedos, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

De acordo com as narrativas dos penitentes da Irmandade da Cruz, a prática da autoflagelação na região do Cariri teve seu início no final do século XIX, trazida pelos padres das Santas Missões, tendo como principal divulgador o Padre Ibiapina, durante a epidemia de Cólera Morbo, que dizimou grande parte da população dessa região. No período foi introduzido por ele também, além de vários grupos de penitência, casas de caridade e cemitérios devido à preocupação com a higienização dos locais onde ocorria a epidemia. À noite, padres e leigos reuniam-se nas proximidades das capelas ou em locais desertos, para iniciarem as práticas de penitência, tendo como principal propósito o pedido de perdão a Deus pelos pecados cometidos, já que se acreditava que a epidemia de Cólera Morbo tinha como principal causa os pecados da população local. A Irmandade da Cruz, nome dado ao grupo pelo próprio Padre, teve sua fundação ainda no final do século XIX, sendo criado um grupo com o mesmo nome no Estado da Bahia.

Segundo Jana Rafaella Machado, a prática da penitência é composta por três elementos: os benditos, as orações e o autoflagelo ou disciplina. “Os benditos são cânticos com letras ligadas a pedidos, agradecimentos ou exaltação a Deus ou algum santo (muitos ligados a Virgem Maria). Nas letras dos benditos, os penitentes pedem perdão pelos pecados ou agradecem uma graça alcançada”. Um exemplo de bendito é o cantado pelo Decurião da Irmandade da Cruz, Mestre Joaquim Mulato²⁶⁹, em entrevista ao Iphan:

²⁶⁹ Joaquim Mulato de Sousa (1920-2009) exerceu por mais de 60 anos a função de Decurião da Irmandade da Cruz. Segundo dados do INRC, seu interesse pela prática de autoflagelação surgiu quando ele era ainda criança e ouviu um grupo de penitentes passarem de madrugada próximo a sua

“Santo Antônio de Lisboa, amoroso imperador, que no dia 29 dos castigos no livrou, Antônio se corre Antônio, nesse mesmo continente, vai livrar teu pai da morte que vai morrer inocente, fica aqui na Itália que eu me vou pra Portugal, vou livrar meu pai da morte que o inocente vai morrer”²⁷⁰.

Ainda segundo a historiadora:

Os benditos se caracterizam pela oralidade, uma vez que estes não são escritos, estão somente na memória do grupo, principalmente do decurião – termo usado para designar o líder ou mestre do grupo. O decurião é o responsável por dar início ao canto dos benditos, portanto ele deve saber o maior número dos mesmos, sendo assim o detentor desse saber. Os grupos de penitentes de Barbalha afirmam saber mais de 180 benditos. As orações que rezam são geralmente aquelas contidas no terço, sendo todos eles católicos. O autoflagelo consiste no ato de mutilar-se com objetos cortantes, como o cilim e o cacho da disciplina, além de carregarem pedras pesadas e fazerem longas caminhadas. O autoflagelo é feito com objetivo de expurgar os pecados, mortificando o corpo²⁷¹.

As irmandades penitentes de Barbalha são restritas ao sexo masculino. A incorporação de novos integrantes ocorre normalmente dentro dos núcleos familiares dos próprios penitentes. É bastante comum que ao falecer um penitente o seu posto seja ocupado por um parente próximo.²⁷² Para tornar-se penitente é necessário pedir a autorização do Decurião. Este analisará o comportamento do pretendente, o que envolve observar sua conduta moral e religiosa. Segundo Rosemberg Cariry: “os membros da Ordem Penitente levam uma vida moral rigorosa, proibidos que são de beber, de jogar, dançar, fumar e fazer desordens. ‘Qualquer desobediência a estas regras é passível de advertência, depois de suspensão e finalmente de expulsão do grupo’”²⁷³.

Em Barbalha, os penitentes estão organizados em ordens: Penitentes Irmãos da Cruz, do Sítio Cabeceiras, Penitentes da Irmandade da Santa Cruz e Penitentes das Santas

casa cantando um bendito chamado ABC divino e se dirigindo a um local deserto para praticarem o autoflagelo. Depois de algum tempo (não soube especificar o período), ele entrou no grupo e, em 1936, quando o líder naquele período, Decurião Francisco José, se encontrava com idade avançada passou o cargo para Joaquim Mulato que, desde então, assumiu a liderança. Foi considerado Mestre da Cultura Popular pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, em 2004. Por conta da idade, ele não mais se penitenciava e não usava o capuz para esconder o rosto. Sobre a trajetória do Decurião Joaquim Mulato, ver: BEZERRA, Cícera Patrícia A. op. cit. Especialmente, o Capítulo 3 “Ecos do ABC Divino: Narrativas de/sobre Joaquim Mulato.

²⁷⁰ SOUSA, Joaquim Mulato de. **Joaquim Mulato de Sousa**. Entrevista [20 set.]. Entrevistadora: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

²⁷¹ MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites**: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade de Barbalha-CE. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2014, p. 50-51.

²⁷² Na Irmandade das Santas Missões o número de penitentes é limitado a doze, em alusão aos doze apóstolos de Cristo. A Irmandade da Cruz não possui um número de integrantes pré-definido.

²⁷³ CARIRY, Rosemberg. Ordens de Penitentes. In. ____; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa**: estudos e reportagens. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982, p. 188.

Missões, sendo as duas últimas do Sítio Lagoa. Conforme informações da SECTUR, as três ordens participaram da Festa do Pau da Bandeira em 2015²⁷⁴.

De acordo com o INRC, a prática da penitência no Sítio Cabeceiras tem fins religiosos, já que os componentes do grupo acreditam que é a partir dos seus sofrimentos que se tornarão mais próximos de Jesus, revivendo a dor que ele sentiu na cruz. Por esse motivo, a prática se realiza durante o período da quaresma, que é uma referência ao período de sofrimento de Jesus Cristo. Os componentes do grupo, vinte ao todo, dirigem-se a um cemitério, a um cruzeiro ou a um lugar deserto para iniciarem a penitência. Todos andam com os rostos cobertos com um capuz (para que não sejam reconhecidos) e usando uma vestimenta branca com uma cruz desenhada no centro. Dentre os objetos utilizados nos rituais está o cilin (cilício – cinto de metal composto por pequenas partes móveis para que possa ser abotoado à cintura; na parte de dentro há vários cravos de metal) que, de acordo com os componentes do grupo, ainda é o mesmo que foi trazido pelo Padre Ibiapina durante as Santas Missões. Esse objeto é utilizado para os pecados considerados de maior gravidade. Para utilizá-lo, o penitente comprime o abdômen e o coloca na cintura, apertando com bastante força. A pessoa que o utiliza precisa sair correndo de um lado para o outro para que, ao tentar respirar, sinta os metais entrando no seu corpo. O ritual só se encerra quando a dor se torna irresistível para o penitente. Outro objeto utilizado no ritual da autoflagelação é o cacho de disciplina (três folhas de alumínio móveis presas a uma correia de couro), que também foi trazido pelo Padre Ibiapina, segundo os entrevistados.

A prática da autoflagelação no Sítio Cabeceiras, em Barbalha, não possui período específico para acontecer, ela depende da necessidade espiritual dos praticantes. Porém, no período da quaresma, e sobretudo na Semana Santa, os Penitentes se dirigem ao cemitério ou a um cruzeiro e realizam suas atividades utilizando objetos rituais que eles afirmam ter sido trazidos pelo Padre Ibiapina. Na Festa de Barbalha, contudo, a apresentação tem lugar no Desfile dos Grupos de Folguedos e na Missa Regional.

Até a década de 1970, o grupo não era conhecido entre a população local. De acordo com o Decurião Joaquim Mulato, as reuniões eram secretas, e as pessoas só descobriam quem eram os penitentes no seu velório, já que existia um ritual e uma

²⁷⁴ Durante a salvaguarda será necessário realizar a identificação e documentação das irmandades penitentes do Sítio Lagoa, pois no inventário da Festa apenas foram identificados os penitentes do Sítio Cabeceiras. Além disso, o INRC possui dados superficiais sobre o ritual e seu repertório de benditos que, conforme Rosemberg Cariry, possui irmandades nas cidades de Juazeiro do Norte, Missão Velha, Barbalha, Brejo Santo, Jardim, Várzea Alegre, Farias Brito e Cedro. Ver: CARIRY, Rosemberg. op. cit. p. 187. Entre 2011 e 2013, Jana Rafaella Maia Machado estudou as políticas públicas patrimoniais destinadas às irmandades penitentes na cidade Barbalha no âmbito do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Iphan. Em sua pesquisa, foi identificada apenas uma irmandade no Sítio Lagoa, a das Santas Missões. Assim, concluímos que a Irmandade da Santa Cruz deve ter se constituído entre 2013 e 2015. Ver: MACHADO, Jana Rafaella Maia. op. cit.

vestimenta diferente para os componentes do grupo. As únicas pessoas que poderiam conhecer a identidade dos componentes eram suas esposas, e elas eram proibidas de declarar esse fato a outras pessoas. Na administração de Fabriano Sampaio, em meados dos anos 70 do século passado, os grupos de cultura popular de Barbalha foram levados para participarem do cortejo da festa de Santo Antônio, foram uniformizados com vestimentas criadas pela Secretaria de Cultura do Município e, desde então, todos os anos eles “desfilam” e participam da missa de abertura da Festa de Santo Antônio. A prática da autoflagelação tem fins religiosos e não possui caráter público, sendo que ela ocorre em lugares afastados para que eles não sejam reconhecidos. Nas apresentações que fazem em vários locais da região do Cariri e até mesmo em vários lugares do Brasil, eles apenas cantam os benditos entoados nos velórios e quando são chamados para “tirar” o terço.

Os Penitentes das Santas Missões também atribuem a criação da sua irmandade à orientação do Padre Ibiapina. Seus rituais e o respeito ao Decurião se dão de formase semelhante à irmandade do Sítio Cabeceiras. A Irmandade das Santas Missões possui uma visibilidade menor do que a da Irmandade da Cruz e foram introduzidos na Festa de Santo Antônio em momento posteriormente²⁷⁵.

Capoeira

Segundo a definição do Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil:

A capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma, mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural, seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo²⁷⁶.

Um marco divisor para essa forma de expressão foi a criação de uma modalidade de capoeira chamada “regional”, atribuída a Mestre Bimba, na década de 1930, associada a um processo de desmarginalização da capoeira. A “regional” propõe um ritmo mais intenso e acrobacias mais ousadas, passa a se contrapor ao estilo denominado “angola”, jogo mais rasteiro, mais cadenciado com um jogo de pernas e de mandinga (ginga). Há ainda o de iúna, jogo destinado aos mestres, utilizado na apresentação. É o

²⁷⁵ MACHADO, Jana Rafaella Maia. op. cit.

²⁷⁶ IPHAN. Dossiê de Registro: Roda de Capoeira e Ofício de Mestre. Brasília: Iphan, 2007, p. 11.

momento em que estes mostram o que aprenderam no decorrer do tempo de treinamento. Câmara Cascudo define a capoeira como uma “(...)luta com adversários, mas que possui um aspecto particular e curioso, exercitando-se amigavelmente, ao som de cantigas e instrumentos de percussão”²⁷⁷(1988, p. 193).

O “confronto” inicia-se na roda de capoeira, ou seja, um círculo de pessoas onde é jogada a capoeira. Os capoeiristas se perfilam na roda batendo palma no ritmo do berimbau e cantando a música enquanto dois capoeiristas jogam. O jogo entre dois capoeiristas pode terminar ao comando do capoeirista no berimbau (normalmente o mais experiente) ou quando algum capoeirista da roda entra entre os dois e inicia um novo jogo com um deles. O tamanho da roda pode variar de um diâmetro de 3 metros até diâmetros superiores a 10 metros, ao mesmo tempo em que pode ter meia dúzia de capoeiristas até mais de uma centena deles. O jogo normalmente se inicia ao pé dos berimbaus. A roda de capoeira pode se realizar em praticamente qualquer lugar, em ambientes fechados ou abertos, sobre o cimento, a terra, a areia, o asfalto, na rua, numa praça, num descampado ou em uma academia. Em Barbalha, o estilo praticado é a Capoeira Regional, onde a de Angola é usada eventualmente como aquecimento e momento de concentração no início da apresentação. No mais, a ginga e as demais características não diferem dos demais grupos do país. Em relação ao sistema de hierarquia de cordas, pode-se perceber uma pequena diferença na utilizada aqui, porém, são justificáveis, na medida em que cada grupo pode deliberar sobre tais assuntos.

As apresentações e os treinos costumam ocorrer em praças, colégios e outros locais, dependendo do evento a que sejam chamados a participar. Entre estes locais estão o sítio Santo Antônio, na localidade de Arajara, o parque da cidade, vila Santo Antônio e o Alto da Alegria. Nesses locais eles realizam suas lutas e praticam sua arte. Os capoeiristas têm da prefeitura, como órgão responsável pela administração das praças e do parque municipal, autorização para o uso desses ambientes. A SECTUR de Barbalha também cede, ocasionalmente, o Casarão Hotel para os treinos, além de ser uma das maiores agenciadoras dos grupos em apresentações nas épocas festivas. O Casarão Hotel é um antigo sobrado do séc. XIX, localizado no centro da cidade, próximo a Igreja Matriz e sede do órgão.

A origem da capoeira é muito controversa, debatendo-se muito sobre duas fortes hipóteses: uma afirmava que a Capoeira tinha vindo para o Brasil trazida pelos escravos e a outra considerava a Capoeira como uma invenção dos escravos no Brasil. O seu nome “refere-se aos moradores das capoeiras, antigas roças, terrenos semidesertos, refúgio de

²⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 193.

malandros, arruaceiros e valentões capadócios.”²⁷⁸. A princípio era chamada dança da Zebra ou Nangolo, posteriormente, devido aos maus tratos e violência sofrida pelos negros por seus carrascos, fundiram à dança golpes de artes marciais, transformando-a em uma espécie de luta para se defender. Todo negro que se tornava hábil na prática da Capoeira sentia-se preparado para, na primeira oportunidade, desferrar-se dos feitores.

Segundo o entrevistado Francisco George Dantas, professor do bem cultural em Barbalha, alguns passos da Capoeira foram tirados dos próprios movimentos dos negros trabalhando nas plantações de cana. O maculelê, por exemplo, saiu do movimento de cortar a cana com o facão. Tiraram-se também os movimentos dos animais para colocar nos passos da Capoeira, como é o caso do “cauda de arraia”. Ele afirma que a Capoeira foi uma mistura de elementos da cultura dos escravos (os movimentos do trabalho nas lavouras que foram imitados na capoeira), dos índios (o modo de sentar agachado ao pé do berimbau no jogo de Angola) e dos brancos (o andar sofisticado dos portugueses)²⁷⁹. Participam do Desfile dos Grupos de Folguedos dois grupos de **Maculelê**²⁸⁰, um do Sítio Santo Antônio e outro do bairro Malvina.

²⁷⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 193.

²⁷⁹ DANTAS, Francisco George. **Francisco George Dantas**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

²⁸⁰ Segundo Luís da Câmara Cascudo, o Maculelê seria uma representação tradicional das festas de Nossa Senhora da Conceição, na Praça de Salvador, e Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro, na Bahia. Citando Édison Carneiro, concluiu que se trata um jogo com bastões remanescentes dos antigos Cucumbis”. CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 346-347. Em Barbalha, não foi relatada nenhuma devoção às santas anteriormente citadas associadas à prática do Maculelê. Os participantes normalmente caracterizam-se como guerreiros africanos, tentando de forma deliberada evidenciar uma ancestralidade africana da prática. Durante a observação de campo, percebemos que na organização do desfile há uma perspectiva latente em evidenciar o mito das três raças como constituinte da identidade nacional e barbalhense, por consequência. Assim, há jovens caracterizados formando alas que representariam o elemento indígena e negro. A princípio não nos parece que exista de fato um vínculo identitário com essas etnias, contudo é ponto que carece de maior investigação. Sobre o mito das três raças ver: RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.



Imagem 62: Grupo de capoeira na Festa de Santo Antônio, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

Já em Barbalha, de acordo com Francisco George Dantas, o professor Nino teria difundido o esporte no município por volta de 1994, quando dava aulas no Centro Social Urbano, em algumas escolas da cidade e também no prédio da rádio difusora do bairro do Rosário, também em Barbalha. Deste período para cá, ele criou o grupo Filhos do Sol. Contudo, Francisco Gilberto da Silva, conhecido como Velho Chico, alega ter iniciado a prática em 1991, ou seja, antecedendo Nino.²⁸¹ As transformações ocorridas no esporte, relatadas pelos entrevistados, referem-se à criação do Centro de Cultura Física e da Capoeira Regional (seu jogo é mais rápido, acrobático e atlético) por Mestre Bimba, em 1930, acarretando no abandono do uso da calça boca larga, do chapéu de lado na cabeça, brinco (argola de ouro) na orelha, do jeito malandro de andar (jogando o corpo para um lado e para o outro). Passaram a usar abadás brancos e sempre limpos, e os jogadores deveriam provar que estudavam ou trabalhavam para fazer parte do grupo. Em 1990, as calças usadas pelos jogadores deixaram de ser confeccionadas exclusivamente de sacos de açúcar, e passaram a ser feitas de helanca. Em 1994, muitos saltos acrobáticos foram acrescentados às apresentações do grupo do entrevistado.

Em 2015, participaram da Festa de Santo Antônio os grupos *Capoeira Arte e Tradição*, do Sítio Santo Antônio, *Capoeira Muzemza* e *Capoeira Filhos do Sol*, ambos do Bairro Alto da Alegria. Associado ao Grupo de *Capoeira Filhos do Sol* há um grupo de **Samba de Balaio** e ao grupo *Capoeira Arte e Tradição* há um grupo de **Samba de Roda**.

²⁸¹ SILVA, Francisco Gilberto da Silva. **Francisco Gilberto da Silva**. Entrevistas [22 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

Incelências

A introdução das práticas cotidianas dos grupos da cultura popular relacionadas aos momentos de lazer ou à religiosidade no Desfile dos Grupos de Folguedos promoveu a ressignificação de muitas delas. As Incelências talvez sejam o exemplo paradigmático deste processo. Ao mesmo tempo, elas também são um caso intermediário, pois apesar do processo sistemático de classificação, normatização e espetacularização empreendido pelo poder municipal, tais práticas ainda estão fortemente enraizadas no cotidiano de suas detentoras, assim como os Reisados, Bandas Cabaçais e as Ordens Penitentes não perderam sua finalidade ritual e de ligação com o sagrado.

Conforme o INRC, a palavra “incelência” refere-se às orações cantadas que se dedicam às crianças mortas, conhecidas como “anjos”, e às almas dos mortos, em geral. Eram cantadas em Portugal, e vieram para o Brasil Colônia, fazendo parte dos rituais fúnebres do período²⁸². Os cânticos são monótonos e tratam da passagem da vida terrena para a vida eterna, refletindo o imaginário católico do purgatório, lugar de purificação para onde vão as almas dos que não foram tão pecadores em vida. O purgatório existe como uma etapa preparatória antes da chegada ao céu, o paraíso celeste dos cristãos. A tradição católica afirma que a entrada das almas no purgatório pode ser abreviada mediante a realização dos ritos fúnebres, das orações e das missas em prol dos falecidos, o que permite a intervenção dos vivos na situação em que se encontram os mortos. As incelências fazem parte dessas práticas intervencionistas no universo sagrado.

As incelências cantadas durante os velórios de crianças têm um sentido diferente das que são dedicadas aos mortos em geral, pois a criança até sete anos de idade é tida como inocente, tendo alma pura, daí por que a transição para o céu se dá rapidamente, ao contrário dos falecidos mais velhos, que têm de purgar suas culpas por longo tempo no purgatório. Gilberto Freyre afirma que a morte infantil começou a ser idealizada no Brasil Colônia com os Jesuítas. Ora, o contato entre brancos e índios gerou um aumento significativo na taxa de mortalidade dos curumins, o que levou os padres a “enfeitar ou embelezar a morte da criança. Não era nenhum pecador que morria, mas um anjo inocente que Nosso senhor chamava para junto de si”.²⁸³ A difusão desta crença fez das cerimônias fúnebres infantis uma espécie de festa, afinal nascia um anjo que ia para próximo de Deus, virando um intercessor dos familiares junto ao mesmo²⁸⁴.

²⁸² REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p. 130.

²⁸³ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

²⁸⁴ REIS, João José. op. cit. p. 137.

No Sítio Cabeceiras, a tradição oral aponta para a existência desta prática cultural já no século XIX. Segundo a entrevistada Maria Dolores de Lima de Azevedo, havia mulheres da comunidade que gostavam de rezar e cantar benditos por ocasião da morte de “anjos”. Contudo, não havia propriamente um grupo ou irmandade, ao contrário do que acontecia com os Penitentes. A “invenção”, termo da entrevistada, do grupo das Incelências se deu na década de 1980, quando Celene Queiroz e Maria Rodrigues de Lima, esposa do Penitente Chico Severo, reuniram um grupo de mulheres sob esse nome. A partir de então, esse grupo passou a andar junto com os Penitentes da Irmandade da Cruz e a se apresentar durante os festejos do padroeiro de Barbalha.²⁸⁵ A partir daí, passaram a se denominar “Incelências” e a aparecer uniformizadas, geralmente com vestes que lembram hábitos de freiras, nos eventos organizados pela SECTUR de Barbalha, onde, em geral, cantam seus benditos, acompanhadas por uma menina, menor de 10 anos, vestida de anjo (bata de cetim e asas feitas de papel).



Imagem 63: Incelências na Festa de Santo Antônio, 2010.

Autor: Jeferson Hamaguchi

O Sítio Cabeceiras, onde habitam os participantes das Incelências e dos Penitentes da Irmandade da Cruz, fica a cerca de 3 km de distância do centro urbano de Barbalha. Um marco edificado de referência na localidade é o cemitério. Segundo os moradores, o cemitério foi construído na década de 1860, quando uma epidemia de cólera

²⁸⁵ AZEVEDO, Maria Dolores de Lima de. **Maria Dolores de Lima de Azevedo**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

atingira o Cariri cearense, sob orientação do Pe. Ibiapina, missionário que atuou na região durante o período citado. O cemitério abriga os mortos da localidade, sendo um espaço onde os Penitentes e as Incelências praticam a oração pelas almas.



Imagem 64 e 65: Capela e Cemitério no Sítio Cabeceiras, sem data definida.

Autor: Acervo IPHAN/CE

A história das Incelências, enquanto grupo, exemplifica como atua a Prefeitura de Barbalha junto aos grupos, às práticas ou às celebrações da cultura popular local. Ora, a prática de mulheres cantando benditos dedicados às almas e o culto às crianças mortas já estavam presentes no Sítio Cabeceiras há bastante tempo, mas tal prática foi reconfigurada para outros fins, tornando-se mais uma atração folclórica a se apresentar na Festa de Santo Antônio. Há uma visível transformação do sentido da prática, realizada fora do contexto original. No entanto, segundo a entrevistada Maria Dolores de Lima de Azevedo, além das apresentações dos benditos, que realizam quase sempre acompanhando os Penitentes, elas ainda participam das celebrações fúnebres de costume (principalmente as dedicadas às crianças). Para além da controvérsia da transformação da prática em apresentação artística, é preciso perceber o sentido que a formação do grupo possui para essas mulheres. Percebe-se que para as mesmas o grupo trouxe a possibilidade de sair do Sítio e experimentar o reconhecimento do saber que carregam.

Entre risos, a entrevistada Maria Dolores de Lima de Azevedo narra que uma das Incelências, denominada “Madrinha Lalica”, por se sentir vocacionada, desejava entrar para o grupo dos Penitentes, formado exclusivamente por homens da localidade. Este desejo teria feito com que a mesma procurasse o Decurião Joaquim Mulato, Líder dos Penitentes. Contudo, não foi admitida no grupo. O Decurião não reconhece as Incelências como prática penitencial, apesar dos Penitentes cantarem benditos junto das Incelências, tendo inclusive já gravado um CD.

De acordo com a entrevistada Maria Rodrigues de Lima, sua função é rezar, junto com as outras Incelências, quando morre um anjo, uma criança que falece antes dos

sete anos de idade, ou quando da morte de uma moça ou rapaz da comunidade. “A gente vai pro cemitério sepultar o Anjo, cantando, essa prática é muito antiga”, afirma. Como é a líder e fundadora do grupo, tem como tarefa principal comandar o mesmo e agendar reuniões e terços, além de cantar os benditos e rezar nas casas das pessoas que as convidam. Também cabe a ela conversar com as mulheres do grupo que tomam alguma atitude tida como errada. Entretanto, afirma que, por motivo de saúde, – já que sofre de artrose, pressão alta e de um problema de garganta, não identificado durante a entrevista – está pretendendo deixar o grupo. Para isso, prepara uma sobrinha de nome Sueli, que a substituirá na chefia da forma de expressão. O aprendizado dos benditos que caracterizam o grupo de Incelências se deu quando ela era criança, com cerca de dez anos, ouvindo a sua avó cantar e rezar os benditos, e também com uma vizinha chamada Guida: “Minha vó [avó] cantava com os anjim [anjinhos], né. Quando morria um rapaz ou moça, também rezava. Ela era muito religiosa; a gente aprendeu com ela”. Quando perguntada sobre o repasse dos benditos e das orações para outras pessoas, afirmou acreditar que não há o que ensinar, pois para ela o domínio do terço e de alguns benditos são práticas de fácil domínio: “O que é rezar um terço e rezar numa sentinela? Todos sabem, e o que nós [Incelências] sabe é só isso mesmo”. O processo de aprendizagem é, desta forma, um trabalho de escuta: “Eu vou cantando e elas [as outras Incelências] vão aprendendo. Não tem o que aprender. Em casa mesmo, quando meus filhos tinham três a quatro anos, eu fui ensinando. Tem uma neta que é incelência” ²⁸⁶.

Dança de São Gonçalo

No outro extremo das práticas culturais inseridas no desfile está a Dança de São Gonçalo. Conforme o INRC, o bem cultural inventariado está ligado ao culto a São Gonçalo do Amarante, santo português, falecido em 1259. A hagiografia afirma que o santo era um eremita que conseguiu converter um grupo de prostitutas utilizando a música e a dança: “(...) Converteu as mulheres, dançando com elas, alegremente, mas tendo nos sapatos pregos que o feriam nos pés” ²⁸⁷. A imagem oficial do santo é a de “um monge, com o cajado de peregrino, e traz, sob os pés a ponte de pedra que construiu sobre o rio Tânega. No Brasil, pelas artes do povo, de viola em punho, é patrono dos cantadores” ²⁸⁸. A Dança de São Gonçalo está ligada às promessas feitas ao padroeiro de Amarante em Portugal, tendo duração de até doze “jornadas”, cada uma composta por doze estrofes cantadas.

²⁸⁶ LIMA, Maria Rodrigues de. **Maria Rodrigues de Lima**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Juciêdo Alexandre. Barbalha, 2005.

²⁸⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 364.

²⁸⁸ CARVALHO, Gilmar de. **Artes da Tradição: mestres do povo**. Fortaleza: Expressão Gráfica; Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE, 2005, 259.

Na década de 1950, Cascudo afirmava que só se dançava “por promessa. Jamais por distração ou curiosidade. É dança sagrada” ²⁸⁹. O inventário em Barbalha identificou outros sentidos à prática. Na localidade, as promessas dedicadas ao santo se extinguiram na década de 1960, segundo informação repassada pelas entrevistadas²⁹⁰. Na década de 1970, a Dança de São Gonçalo passou a ser um dos grupos “folclóricos” que se apresentavam uniformizados no dia dedicado ao Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Ao longo do tempo, as senhoras que participavam da dança foram sendo substituídas por meninas, treinadas para dançar diante do público.

É pertinente informar que em Juazeiro do Norte, na vizinhança de Barbalha, a Dança de São Gonçalo mantém seu caráter de dança sagrada, exposto acima por Cascudo. As jornadas em Juazeiro são exercidas por dançantes ligados a Madrinha Dodô, beata falecida em 1998, muito popular pelas peregrinações entre Santa Brígida – BA e Juazeiro do Norte – CE e pela acolhida aos romeiros em sua casa na subida do Horto, um dos lugares mais cultuados pelos devotos do Pe. Cícero. Há, inclusive, próxima à casa de Madrinha Dodô, uma pequena capela dedicada ao santo português, espaço que abriga a dança, especialmente na Romaria de Finados, no mês de novembro, quando o grupo de Juazeiro recebe o grupo de Santa Brígida, fazendo juntos um novenário dedicado ao santo.

Desde a década de 1990, a EEF. Cel. Gregório Callou, localizada no Sítio Santa Cruz, é o centro de ensaio e apoio à Dança de São Gonçalo. É dessa instituição de ensino que saem as crianças que atualmente integram o grupo que se apresenta nos festejos de Santo Antônio de Barbalha. Maria Jardelina da Silva, conhecida como Maristela, coordena a Dança de São Gonçalo. Tem como tarefa convidar meninas para fazer parte do grupo, além de ensaiá-las na dança e de repassar as letras. Pratica a forma de expressão apenas quando tem que ensinar os passos às alunas, facilitando assim o aprendizado. A entrevistada ainda é responsável pelo canto da música, que segundo ela é muito puxado, por isso tem que estar à frente do grupo nesse momento. Aprendeu a dança com uma professora de nome Albuína Maria de Jesus, na Localidade do Barro Vermelho, na zona rural de Barbalha, por volta da década de 1960, quando assistia a Dança de São Gonçalo organizada pela referida professora. Nessa época, apenas senhoras participavam da dança, o que impediu que a entrevistada a praticasse por um determinado momento. A Forma de Expressão inventariada era exercida quando uma pessoa fazia alguma promessa a São Gonçalo do Amarante. Quando a graça era alcançada, a pessoa responsável pela promessa

²⁸⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 364.

²⁹⁰ GONÇALVES, Francisca Maria. **Francisca Maria Gonçalves**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Bezerra. Barbalha, 2005. SILVA, Maria Janelice Santana da Silva. **Maria Janelice Santana da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Geraldo M. J. Barbosa, 2005; SILVA, Maria Jardelina da. **Maria Jardelina da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

procurava a professora e pedia que a dança fosse realizada em sua casa. Maria Albuína ia então em busca de senhoras para formar o grupo. Em troca, o anfitrião preparava comida, na maioria das vezes um almoço, como agradecimento às dançarinas²⁹¹.

Ainda segundo Maria Jaderlina da Silva, há uma senhora conhecida pelo nome de Toinha de Raimundo de Dosa, ainda viva e moradora do Barro Vermelho, que alcançou a cura de uma doença na década de 1960 e procurou a então professora Albuína Maria de Jesus para que esta realizasse a Dança de São Gonçalo como paga da promessa. Ela prometeu seis jornadas, cada jornada correspondendo ao canto ritual completo, composto por cerca de 12 estrofes, seguido da dança dedicada ao santo.

A atuação da entrevistada Maria Jardelina à frente do grupo data da década de 1970, quando o então prefeito de Barbalha, Fabriano Sampaio, convidou o Sítio Santa Cruz a apresentar alguma forma de expressão na Festa de Santo Antônio. Nesta ocasião, Maristela reuniu um grupo de senhoras da localidade e “fundou” (termo da entrevistada) o grupo da Dança de São Gonçalo, por já possuir um conhecimento com relação à mesma. Atualmente, ensina a dança para algumas de suas alunas, meninas que cursam o ensino fundamental da Escola de Ensino Fundamental Cel. Gregório Callou.

Os Sítios Farias e Santo Antônio e os Folguedos

Os sítios Farias e Santo Antônio, ambos localizados no Distrito de Arajara, ao sopé da Chapada do Araripe, reúnem um número expressivo dos folguedos que participam do desfile no dia de abertura da festa. Segundo Antônio Igor Cardoso, ao estudar as festas dos padroeiros dos Sítios Santa Rosa (São Sebastião), Cabeceiras (Nossa Senhora de Lourdes) e Riacho do Meio (São José), todos pertencentes à Paróquia de Santo Antônio de Barbalha, os sítios se constituem a partir de representações histórico-geográficas próprias e que podem passar despercebidas frente à grandiosidade da Festa de Santo Antônio²⁹².

O casal José Antônio Xavier e Lindete Maria Xavier, desde 1987, são os responsáveis no Sítio Farias pela organização das crianças e jovens da comunidade em torno dos folguedos e suas apresentações na festa do padroeiro. Os folguedos são: a **Dança da Maresia**, a **Dança do Capim na Lagoa**, a **Dança do Cesário Pinto**, a **Dança do Milho**, a **Dança do Pau de Fitas**, os **Cocos** e o **Maneiro Pau**. No Sítio Santo Antônio, é o mestre de capoeira Francisco Gilberto da Silva que coordena os folguedos, que são: os **Cocos**, o **Maneiro Pau** e o **Samba de Roda**.

²⁹¹ SILVA, Maria Jaderlina da. **Maria Jaderlina da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

²⁹² CARDOSO, Antônio Igor D. op. cit. p. 99-100.

Caracterizam as práticas nas duas comunidades a forte relação com a SECTUR de Barbalha, que incentiva os organizadores a difundir os folguedos em suas comunidades; a presença cada vez mais rara dos adultos entre os participantes e a presença preponderante de crianças e adolescentes; a reiterada afirmação de que todos esses folguedos em algum momento fizeram parte do cotidiano das comunidades, principalmente antes da década de 1970, como formas de lazer e diversão; e o aprendizado a partir da vivência e observação dos adultos.

De acordo com o INRC da Festa de Santo Antônio, os **Cocos** têm forte ligação com o Nordeste brasileiro, sendo praticados no litoral e no sertão. A influência rítmica africana é considerável, sendo que, “a disposição coreográfica coincide com as preferências dos bailados indígenas”, segundo Câmara Cascudo²⁹³. Segundo os estudiosos, a forma de expressão estava ligada ao trabalho de colheita do coco, sendo que foi adquirindo outros significados ao longo do tempo, a ponto de, na atualidade, ser visto como folclore, ou como espetáculo.²⁹⁴ O canto, puxado por um “tirador”, e a dança são seguidos pelo constante bater das palmas e pés, sendo que os dançarinos executam “seus passos, isolada e sucessivamente, no meio do círculo formado pelos demais”²⁹⁵, havendo ainda a possibilidade de formarem espécies de filas emparelhadas.

Em Barbalha, os Cocos estão ligados ao distrito de Arajara. Aproximadamente até a década de 1970, a forma de expressão era praticada durante os festejos em honra de São João e São Pedro. J. de Figueiredo Filho os considera um gênero de louvação²⁹⁶. Eram realizados nos engenhos da localidade em comemoração ao fim da moagem da cana-de-açúcar. Terminado o trabalho de moagem, os trabalhadores do engenho eram convidados pelo patrão a festejar em sua propriedade. Nesta ocasião, as diversas formas de expressão locais, Reisado de Couro, Reisado de Baile, Maneiro Pau e Dança do Coco, se reuniam. Nestas oportunidades, reuniam-se até 40 casais, compostos por jovens, adultos e velhos. Os casais se posicionavam em círculo ou emparelhados e dançavam, dando pisadas alternadas para os lados, e cantavam guiados por um puxador. Este era quem determinava o estilo da “pisada”, na medida em que cada música tinha especificidade rítmica. Aos casais de brincantes cabia seguir o ritmo ditado. A Dança do Coco era um momento de lazer em que os trabalhadores esqueciam o esforço braçal cotidiano e os jovens se divertiam. Na percepção dos entrevistados, a dança tem perdido espaço na vida cotidiana, influenciada pelos novos hábitos, como a TV como forma de entretenimento. Segundo Maria Felismina

²⁹³ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 147.

²⁹⁴ CARVALHO, Gilmar de. op. cit. p. 45.

²⁹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 147.

²⁹⁶ FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 61.

Nepomuceno, não existia um lugar fixo para realização da forma de expressão, já que qualquer casa que tivesse um terreno amplo podia abrigar a brincadeira²⁹⁷.

De 1940 até a década de 1970, José Teófilo Alexandre²⁹⁸ costumava dançar o Coco. Durante esse período, o entrevistado trabalhava em um engenho de rapadura que tinha por dono Plácido Ribeiro. Quando o trabalho de moagem chegava ao fim, o dono do engenho convidava os trabalhadores para festejar em sua casa. Nessa oportunidade, diversas manifestações culturais presentes na localidade, tais como o Maneiro Pau, o Reisado do Couro e o Reisado de Baile e a Dança do Coco, animavam o terreiro da casa grande. Além disso, realizava-se nessas ocasiões o chamado “forró de latada”, quando o forró, xote e baião, à moda Luiz Gonzaga, aconteciam em um espaço coberto por palha.

A Dança do Coco, denominada Palma quando os casais se posicionavam em círculo, e Coco Rebatido, quando os casais se posicionavam um na frente do outro, era puxada por um senhor de nome Raimundo Carapina, na época uma das pessoas “mais velhas da região” e o entrevistado respondia e dançava junto com os outros participantes. José Teófilo afirma que começou a participar da Dança do Coco quando passou “a ser de maior”, isso aos quinze anos de idade: “Porque com quinze anos a gente já era de maior. Com quinze anos não era adulto, mas já dançava e se divertia”. O seu aprendizado se deu a partir da observação das pessoas que participavam das brincadeiras realizadas na localidade, que ocorriam geralmente quando o trabalho nos engenhos ou nas casas de farinha chegava ao fim. Era um momento de festejar o trabalho realizado. As oportunidades de lazer se reduziam e esses momentos e às festas religiosas dos sítios, principalmente no mês de junho. Participar das danças era, portanto, um momento extraordinário na vida dos jovens e da população em geral.

Para o entrevistado José Teófilo Alexandre, a dança tinha o prazer como principal significado: “Dançar é prazer. O caba [cabra] dançar com uma pessoa que quer [a quem deseja ou ama], que tá querendo, não tem prazer melhor não [risos]”. Em uma época na qual os namorados eram vigiados constantemente, a dança permitia momentos extraordinários para os casais, na medida em que podiam dançar juntos. O entrevistado, citado acima, afirma, entre risos, que namorou muito nestas ocasiões. É pertinente salientar que, segundo José Teófilo Alexandre, desde a década de 1970, a dança inventariada caiu em desuso na localidade. O entrevistado acredita que a chegada da televisão e do aparelho de som e sua posterior popularização, acabou por tirar o brilho dos “forrós de latada” (festas

²⁹⁷ NEPOMUCENO, Maria Felismina. **Maria Felismina Nepomuceno**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005; ALEXANDRE, José Teófilo. **José Teófilo Alexandre**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

²⁹⁸ Todas as falas de José Teófilo Alexandre foram retiradas da seguinte entrevista: ALEXANDRE, José Teófilo. **José Teófilo Alexandre**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

realizadas embaixo de um alpendre de palha) e das brincadeiras que fizeram sua infância e juventude. As novas gerações acabavam por preferir as “novidades” e facilidades que chegavam, enquanto “os fundadores daquelas culturas velhas foram se acabando”. A modernidade, por um lado, e a morte das pessoas conhecedoras das brincadeiras “do outro tempo” são tidas pelo entrevistado como as responsáveis pela desvalorização dos Cocos, dos Reisados e de outras formas de expressão da localidade. O entrevistado ainda chama a atenção para o fato dos engenhos e casas de farinha do distrito de Arajara (local onde habita) terem entrado em declínio durante esse período. Dos seis engenhos que existiam na localidade restam três em funcionamento, que, na concepção do entrevistado, juntos “não valem um”.

A **Dança do Capim da Lagoa** é caracterizada por ser um tipo de coco, conforme Oneyda Alvarenga. Sobre a variedade de cocos, ela explica que:

Além dos cocos dançados, existe também uma espécie de cocos mais lentos e mais líricos, de ritmo muitas vezes bem livre, que não têm destinação coreográfica e são englobáveis, portanto, no gênero das canções. Os cocos canções apresentam uma grande variedade de nomes, que na sua quase totalidade se referem ao processo poético: coco-de-oitava, coco-de-décima, coco-martelo, coco-em-dois-pés, coco-desafio, coco-rimado, coco-agalopado, etc”²⁹⁹.

O Coco Capim da Lagoa, devido a seu corte rítmico e vivacidade, foi classificado pela pesquisadora como possuindo destino coreográfico.

Não existe um número específico de componentes para a dança. Todas as mulheres e homens precisam vestir-se com roupas da mesma cor. As músicas utilizadas são o xote ou baião, ritmos característicos das festividades do período junino. A música é tocada ao vivo pelos próprios componentes do grupo, divertindo a todos que dançam e também aos que observam. Uma parte do grupo diz o verso e a outra responde com um refrão: “Capim da lagoa, veado comeu, capim da lagoa, veado comeu, por cima daquela serra passa boi, passa boiada, só não passa meu benzinho da camisa encarnada [...] Capim da lagoa... vem cima daquela serra três pedras de amolar, uma é minha e a ôta é tua, ôta é de nós namorar”³⁰⁰.

A **Dança do Milho** tem uma profunda relação com a cultura brasileira – presente no imaginário, no cotidiano da lida com a terra, alimento dos homens e dos bichos. As festas juninas estão tradicionalmente relacionadas ao tempo da colheita, sendo que o milho é um dos elementos centrais dessas celebrações. Diversas canções de Luiz Gonzaga tratam desse produto e das práticas a ele associadas. A música Penerô Xerém trata do

²⁹⁹ ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950, p. 145.

³⁰⁰ XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

processamento doméstico do milho – pilar o milho, peneirar o xerém (o milho quebrado), para obter a farinha, base de diversas receitas. A dança do milho faz referência a esse processo e é, normalmente, realizada ao som do xote de Luiz Gonzaga, que retrata essa tradição nordestina. A dança é executada por um grupo de oito crianças (quatro meninos e quatro meninas), oriundas do Sítio Farias, em Barbalha.

Para que se dê início à apresentação, as crianças formam casais e começam todos de cócoras. Em seguida, entrelaçam-se mantendo o desenrolar da dança com seus passos e rodopios. Meninos pisam o milho simbolicamente para que o produto dessa atividade (o xerém) possa ser peneirado de igual forma pelas meninas. Ao final, os casais saem em retirada formando uma fila. De modo geral, o período em que realizam as apresentações é durante a Festa de Santo Antônio.

Com o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho, o pilão caiu em desuso, sendo mantido nas casas como recordação de tempos passados. Mas a tradição de pisar o milho e peneirá-lo sobrevive nas cidades do interior, tendo esta prática como etapa essencial na produção de pratos típicos, entre eles a canjica e o mugunzá.

Conforme o INRC da Festa de Santo Antônio, a **Dança da Maresia** é praticada por quatro casais de jovens, que têm 13 a 16 anos de idade, moradores do Sítio Farias, zona rural de Barbalha. Na coreografia, os rapazes e as moças se posicionam em duas filas, uma masculina e outra feminina, ou então fazem um círculo. Ao som de um xote, os brincantes cantam músicas típicas da forma de expressão, dando voltas sobre si mesmo e batendo com as palmas das mãos ou com os pés no chão de forma sincronizada. Os giros coreográficos são determinados pelo número de versos cantados.

Lindete Maria Xavier informa que aprendeu a Dança da Maresia observando as pessoas mais velhas da comunidade que já a praticavam, tais como Expedito, Maria Cornélio, Tetê, Dona Toinha (não soube precisar nomes e sobrenomes). Começou a dançar por volta dos treze anos de idade, na década de 1970, quando o grupo era coordenado por Laís Monteiro. Segundo a entrevistada, a criação do Desfile dos Grupos de Folguedos incentivou a passagem da Dança da Maresia para a juventude. Houve, na época, quem se recusasse a participar da forma de expressão para não passar por “palhaço”. Contudo, a entrevistada afirma que todos logo ficaram envolvidos com a dança. Lindete Maria Xavier não soube precisar a origem da dança na localidade nem o porquê do nome Maresia³⁰¹.

Há no INRC poucas informações sobre a **Dança do Cesário Pinto**. As informações mais descritivas da forma de expressão são oferecidas por José Antônio Xavier, que a descreve como um xote para dançar de mãos dadas por quatro casais e seu

³⁰¹ XAVIER, Lindete Maria. **Lindete Maria Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

ritmo seria um pouco mais rápido do que a Dança da Maresia.³⁰² Já Lindete Xavier diz ser uma dança dos idosos da comunidade e que, por isso, os jovens não querem dançar. Consideram-na “feia”. Assim a entrevistada descreve a forma de expressão:

É um tipo xote. É assim “cadê Cesário Pinto/ Cadê Jacarandá/ Cadê Boa ventura pra nós dançar/ Esse xote num é meu, esse xote é de laiá/ Esse xote é da menina que não sabe navegar/ (...) dança o xote” (...) os pezim, né, aí eles pega na mão dançando ligeiro, tem que ser ligeiro. “deita aqui no meu cangote”, aí eles deita tudo igual e sai rodando, aí “toca o xote, Zé (...), toca meu cunhado com o pé direito no chão.” Diz que é porque no tempo, o povo num sabia dançar, aí inventaram esse xote pros vei e (risos) dizem, que eu também num sei, né?³⁰³

A Dança do Pau de Fitas, segundo Câmara Cascudo, é uma:

[...] dança de roda em volta de mastros floridos, com quatro ou oito pares de dançadores. Com a mesma quantidade dos dançadores, as fitas ficam presas no alto do mastro, e cada um segura uma delas e, com movimentos coreográficos simultâneos, vão envolvendo o poste, formando desenhos geométricos. A partir de certo momento, os pares fazem meia-volta e começam a desentrançar as fitas, sempre seguindo o ritmo da melodia marcado por sanfona ou gaita³⁰⁴.

Na década de 1960, J. de Figueiredo Filho reconhece o distrito barbalhense de Arajara como um dos lugares nos quais podia de ser observado o Pau de Fitas. Conforme o autor a dança divide-se em duas partes: o enarançado e o desentrançado, e dança-se ao som de música de quadrilha: xote e baião³⁰⁵.

Atualmente, a Dança do Pau de Fitas em Barbalha está vinculada diretamente ao Desfile dos Grupos de Folguedos, ou seja, as pessoas resolveram exercê-la oficialmente, em fins da década de 1980 e sob a orientação de José Antônio Xavier. Todavia, José Antônio Xavier afirmou que a dança já era praticada no Sítio Farias na década de 1970. Informação respaldada pelo folclorista J. de Figueiredo Filho, como já citado, que confirma em seus estudos a presença, em períodos anteriores à criação do desfile, da referida dança no distrito de Arajara, onde o Sítio Farias se encontra. O Pau de Fitas, talvez, fosse então praticado enquanto momento de lazer para a comunidade, de ruptura com o cotidiano, tal qual acontecia por esta época com os Cocos³⁰⁶.

³⁰² XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

³⁰³ XAVIER, Lindete Maria. **Lindete Maria Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

³⁰⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 496-497.

³⁰⁵ FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 91-94.

³⁰⁶ XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

Os participantes dão voltas em torno de um mastro com cerca de 3 metros de altura. Cada componente segura uma fita de cetim colorido que pende de sua extremidade e então baila enrolando as fitas ao som do “xote”, a partir da sanfona, triângulo e zabumba, e alguém vai cantando versos durante a performance. As meninas dançam rodando em volta do mastro na direção oposta à dos meninos, formando um zigue-zague, o dito “tracelim”, até que as fitas coloridas, que estão presas ao topo do mastro, se unam numa trança que o envolve. Depois de o mastro estar entrançado, a dança se repete na direção contrária, para que o cruzamento das fitas seja desfeito.

A dança do **Maneiro Pau** é uma das formas de expressão que estavam fortemente presentes no Cariri antes da sua introdução na Festa de Santo Antônio. Câmara Cascudo a considera uma “dança de roda, cantada e ritmada com palmas”, e com relação à prática no Ceará informa ser “uma dança de roda com figurantes masculinos, acentuando a nota dominante com o entrechoque de pequeninos cacetes”³⁰⁷.

J. de Figueiredo Filho enfatiza a importância dos “cacetes”, porretes feitos da madeira de jucás, cujos choques constituem a musicalidade da dança, que não é acompanhada por nenhum instrumento musical. O autor associa o Maneiro Pau “ao esporte arriscado dos jogadores de cacete”; quando os porretes eram utilizados como armas defensivas, principalmente contra armas brancas. O folclorista informa que dança é executada em fila, só excepcionalmente em roda. Era prática exclusiva aos homens. Vestiam-se de camisa listrada, calças comuns e alpercatas quando das apresentações na cidade, não existindo indumentária especial nos sítios. “Os versos são entremeados do coro – MANEIRO PAU! MANEIRO PAU! Segundo o autor:

Não deixa o folguedo de ter o seu encanto especial, com o coro de vozes de homem e o troar dos cacetes, sincronizadamente, a encherem o espaço, ecoando em morros e serras. O espetáculo é impressionante em noites enluaradas e chama atenção de todos os moradores por onde desfila. A dança invariável não passa de volteio do corpo e na pancada, em sincronia, dos cacetes empunhados à mão direita de cada um, mais ou menos erguida, para que não atinja a cabeça do companheiro³⁰⁸.

De acordo com José Antônio Xavier, a primeira etapa da dança é a Abertura: “O pessoal está num círculo, então a música começa (os meus amigos me desculpe, maneiro, maneiro), aí eles respondem os versos (e agora eu vou falar, maneiro pau, maneiro pau, pra vir me ajudar). Os participantes começam a rodar, batendo de um lado para o outro do pau. São oito componentes, mais o tirador. No caso do grupo masculino são eles: Toim, Daciano, Zé Jaime, Louro, Burrego, Zé Antônio, Vovô, Luiz e João Benedito. “A função do tirador é falar o verso, e dos demais é jogar o cacete [batem-nos fortemente no chão] e responder”.

³⁰⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 383-384.

³⁰⁸ FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 70.

Logo em seguida vem a finalização: os participantes continuam dançando, e a pessoa que fica dentro do centro, fala o verso: (porque agora eu vou parar), “aí para de uma vez”³⁰⁹.

Os participantes do grupo são agricultores de Barbalha, conforme dados do INRC. Sebastião José Domiciliano é o líder do grupo. Na ocasião da entrevista, já tinha 36 anos de prática de Maneiro Pau, tendo iniciado aos 22 anos. Aprendeu com os seus tios na localidade onde nascera, Sítio Farias. Ensinou a diversas pessoas ao longo dos anos.³¹⁰ José Antônio de Xavier também participa. Faz e recita versos quando necessário, dança e joga com os membros do grupo. Aprendeu com os “velhos veteranos” e pratica desde os anos 70, tendo ensinado diversas pessoas³¹¹. Francisco Rinaldo de Souza, conhecido como Louro, também é brincador do maneiro pau. Em algumas ocasiões, assume o lugar do “tirador” (pessoa responsável por cantar as músicas que acompanham a forma de expressão). O tirador às vezes é chamado de “enfrentante”, como é conhecida a pessoa responsável pelo grupo (no caso, José Antônio Xavier), já que assume o comando do grupo durante a apresentação. Segundo o entrevistado, a sincronia entre “cacetes” (propriedade dos brincantes) e a competência do tirador, dão o grau de qualidade ao grupo de Maneiro Pau. O entrevistado aprendeu a brincar o Maneiro Pau a partir da observação dos grupos que o praticavam. Por volta dos 10 anos de idade, ele assistia às apresentações dos mais velhos e tentava imitá-los. Segundo ele, naquele período as pessoas eram “fanáticas” pela brincadeira e as apresentações viravam a noite. Ao longo do tempo, os mais velhos passavam orientações para os mais jovens, dando uma “forcinha” para que eles fossem se “ajeitando”, pegando a base da brincadeira³¹².

É uma prática vigorosa, associada à masculinidade, contudo há um grupo feminino no Sítio Santo Antônio.

Lapinha

A Lapinha é um auto voltado para a comemoração do nascimento do Deus Menino, pertencendo assim ao ciclo natalino. Câmara Cascudo explica que a origem do termo Lapinha estaria relacionada à tradição que conta que a Sagrada Família se recolheu a uma caverna (uma lapa ou gruta), tendo lá nascido o Menino Jesus. Diz o folclorista, ainda, que a Lapinha “é a denominação popular do pastoril, com a diferença de que era

³⁰⁹ XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

³¹⁰ DOMICILIANO, Sebastião José. **Sebastião José Domiciliano**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2004.

³¹¹ XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

³¹² SOUZA, Francisco Rinaldo. **Francisco Rinaldo de Souza**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem interferência de cenas alheias ao devocionário”³¹³. Por Lapinha, segundo Cascudo, seria denominado o pastoril que se apresentava diante dos presépios, ou seja, o grupo de pastoras que faziam as suas louvações na noite de Natal, cantando e dançando diante do presépio, divididas por dois cordões – o azul e o encarnado, as cores votivas de Nossa Senhora e de Nosso Senhor. Em outras palavras, tratava-se de uma ação teatral de tema sacro. Somente por volta do século XVI, ou seja, três séculos depois de ter sido criada a simbologia do presépio, é que a dramatização da Natividade, com danças e cantos, teve o seu início. Entoadas diante do presépio, a Lapinha, do final do século XVIII até o princípio do século XX, exibiam-se diante do presépio, cantando e dançando em igrejas ou residências particulares³¹⁴. A Lapinha começa a se apresentar no mês de dezembro e vai até o Dia de Reis (06 de janeiro).

Desde os anos de 1940, se dança a Lapinha no Barro Vermelho. Porém, Francimar dos Santos Oliveira, que participa do auto natalino desde 1976, afirma que não pode precisar como e quando chegou a prática à localidade, apenas lembra que foi com uma senhora idosa, chamada por todos de mestra Luca, a primeira professora que ensinou no Barro Vermelho³¹⁵. Geralmente, o grupo que coordena se apresenta na sua residência ou na capela no Sítio Barro Vermelho.

Quando criança, Francimar dos Santos Oliveira informou que tinha o costume de observar a apresentação da Lapinha da mestra Albuína (primeira professora da comunidade do Barro Vermelho a criar muitos grupos de teatro). Esta mestra, certo dia de 1962, resolveu convidá-la a participar do grupo, ela aceitou e ficou com a peça ou personagem da borboleta, depois apresentou o anjo, o pastor e o caçador. Nos anos de 1970, o grupo se desfaz, e só depois de 1976 (período em que sua mestra já havia falecido) é que Dona Francimar decide dar continuidade ao que havia aprendido. Então, nesse período, ela forma um grupo que atua até 1979. Por quatro anos o grupo cessa as apresentações, voltando às atividades em 1983, e permanecendo em funcionamento até hoje. Durante esse tempo em que trabalhou com a Lapinha, já ensinou a mais de cem jovens e crianças.

Quadrilhas Juninas

Segundo Câmara Cascudo, a dança teria sua origem na Inglaterra, sendo apropriada pela França durante a Guerra dos Cem Anos. Ela é introduzida no Brasil pela

³¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 325.

³¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 325. J. de Figueiredo Filho realizou um detalhado ensaio sobre a Lapinha e o Pastoril no Cariri, ver: FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 29-43.

³¹⁵ OLIVEIRA, Francimar dos Santos. **Francimar dos Santos Oliveria**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

corte portuguesa, no início do século XIX, espalhando-se pelo interior do Brasil, particularmente no Nordeste, e se tornando uma das principais danças do ciclo junino³¹⁶.

As festas juninas têm sua origem associada às festas pagãs, onde as divindades da fertilidade e da colheita eram homenageadas. Como a Igreja Católica não conseguiu reprimir essa tradição, acabou se apropriando desse culto “profano”, incorporando-o no calendário das celebrações religiosas.

Alguns estudos colocam que a dança de quadrilha teve origem na Inglaterra, por volta dos séculos XIII e XIV. A França adotou a quadrilha e levou-a para os palácios, tornando-a assim uma dança nobre. Rapidamente se espalhou por toda a Europa, sendo assim uma dança presente em todas as festividades da nobreza. Originalmente, em sua forma francesa, a quadrilha era dançada em cinco partes, em compassos que variavam de 6/8 a 2/4, dependendo da parte que estava sendo dançada, terminando sempre em um galope, que normalmente atravessava o salão. A quadrilha chegou ao Brasil no início do século XIX, com a vinda da Corte Real portuguesa, espalhando-se pelo interior e particularmente pelo Nordeste brasileiro. De acordo com Câmara Cascudo, “a grande dança palaciana do séc. XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo ‘marcante’, bisadas, aplaudidas desde o palácio imperial aos sertões.”³¹⁷.

No que se refere a presença de quadrilhas no Cariri cearense e particularmente em Barbalha, não se tem ideia ao certo de quando se iniciou. Porém, destaca-se como uma das principais danças das festividades juninas na região. Uma vez que o padroeiro da cidade é um dos principais santos desse ciclo, compreende-se por que a quadrilha é uma tradição forte em Barbalha, existindo grupos de diversos estilos e faixas etárias.

Diante da dinâmica por qual passam as manifestações imateriais, a tradição das festas juninas, principalmente no referente às quadrilhas, se modificou e ainda se altera bastante no decorrer dos anos. A forma de expressão transformou-se para se adequar às novas realidades socioculturais, aos interesses turísticos e da indústria cultural. Hoje, o caráter de culto e festividade das divindades está ficando à margem na prática das quadrilhas. Observa-se uma maior estilização dos grupos tradicionais nas últimas décadas. Rita de Cássia Amaral aponta para o processo atual de transformação dessa tradição que “[...]vêm se transformando, atualizando-se em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa das tradições, capazes de se reinventarem sempre que necessário e, assim, as festas juninas estão sendo redescobertas não apenas

³¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 547-548.

³¹⁷ Ibid. p. 548.

pelas populações locais como modo de identidade, mas também pela mídia, pelo turismo e pelos turistas”.³¹⁸ De modo geral, a discussão a respeito dessas transformações gira em torno da transformação da dança em espetáculo, a relativa padronização das indumentárias, que deixam de ter a característica “matuta”, improvisada, e passam a ser vestimentas estilizadas, e a transformação da apresentação em competição.



Imagem 66: Componentes de Quadrilha Junina em rua de Barbalha, 1962.

Autor: Padre Paulo Gurgel

No período dos festejos de Santo Antônio, muitos desses grupos tomam parte no Desfile dos Grupos de Folguedos. Durante a pesquisa do INRC, as informações sobre essa forma de expressão foram colhidas com representantes das quadrilhas Verdes Carnavais e Amanhecer do Barro Vermelho, porém, segundo dados da SECTUR, participaram do desfile, em 2015, dez quadrilhas juninas.

O primeiro grupo procura unir em suas apresentações as características tradicionais destas festividades com novas formas de se dançar a quadrilha. Sobre esta questão, Almir Cavalcante, coordenador do Verdes Canaviais, diz: “[...] tentamos unir a evolução ao tradicional, nós queremos uma quadrilha evolutiva, mas também queremos uma quadrilha tradicional, que busca os resgates da cultura, da verdadeira quadrilha, e a gente ensaia justamente pra isso, pra que todos possam dar sua sugestão de passos, sistema de homenagens, danças, essas coisas, principalmente no casamento, que pra mim é uma parte importante”. Sobre os ensaios o mesmo comenta: “Primeiramente, a gente

³¹⁸ AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira:** significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 180.

começa o movimento de quadrilha em janeiro, com as principais cabeças e destaques; o noivo, rainha, afinação, [...] o casamento, um estilo de dança, a quem vamos homenagear, quais os passos que iremos modificar, elaboração de casamento, esse tipo de coisa”³¹⁹.

Os componentes do grupo entrevistado não possuem local fixo para os ensaios, que acontecem com frequência no meio de uma Rua (L10), na Cirolândia. Sobre esse assunto, Almir Cavalcante diz: “Bom, nós não temos sede própria, nossa sede podemos se dizer, o local que guarda toda a vestimenta da quadrilha, é minha residência, a minha casa. [...] O local de ensaio, o local mais tradicional, onde você vai encontrar a Verdes Canaviais ensaiando, é na rua L10, uma rua lá na nossa comunidade, no bairro Cirolândia [...]. Aí, existe um colégio José Pauves municipal que a diretoria sempre nos cede a quadra, sempre na medida do possível. [...] Por isso eu digo, o verdadeiro local que a Verdes Canaviais ensaia é no meio da rua”.

Atualmente, a Prefeitura Municipal de Barbalha promove um festival regional de quadrilhas como parte da programação da Festa de Santo Antônio no Parque da Cidade, local onde ocorre a parte “social” da festa com shows de atrações artísticas locais e nacionais.

A quadrilha Amanhecer do Barro Vermelho, que é uma das quadrilhas mais antigas de Barbalha, surgiu como uma brincadeira de família e hoje se tornou uma quadrilha bastante representativa na cidade. O entrevistado Almir Cavalcante fala com entusiasmo sobre alguns episódios marcantes no grupo: “[...] um festival que ficou na memória da quadrilha, que nós tiramos o terceiro lugar e mesmo assim nós fomos dançar a final desse festival de quadrilha, porque a quadrilha que tirou o primeiro lugar não poderia dançar, que tava marcada uma apresentação em Fortaleza. Nós fomos no lugar dela. [...] o festival daquele dia, foi um julgamento feito errado, nós fizemos uma estilização na quadrilha em dois dias [...]”³²⁰.

As Bandas Cabaçais

“A festa sem uma banda cabaçal num tem alegria”; assim José Vitorino da Silva, conhecido como Zeca Vitorino, respondeu ao ser questionado sobre a importância que as bandas cabaçais teriam para as suas comunidades.³²¹ Zeca Vitorino é o primeiro *pifero* da banda cabaçal Santo André, do Mestre Pedro Elias. O lugar de fala do *pifero* poderia nos

³¹⁹ LIMA, Almir Cavalcante. **Almir Cavalcante Lima**. Entrevista [29 jan.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

³²⁰ LIMA, Almir Cavalcante. **Almir Cavalcante Lima**. Entrevista [29 jan.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

³²¹ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

levar a pensar que a sua afirmação teria o objetivo exclusivo de valorizar o seu ofício, porém, em nossa análise, ela sustenta-se numa constatação - a da incontestável importância das Bandas Cabaçais nas práticas festivas cotidianas no Cariri, ligadas ou não à religiosidade.

As Bandas Cabaçais transitam entre o “sagrado” e o “profano” das celebrações. Na verdade, o estudo de suas práticas poderia contribuir para perceber como tal rigidez conceitual pode, em determinados campos - como o da religiosidade popular - ser carente de consistência epistemológica. Pois, como afirma Pedro Raimundo da Silva, o já citado Mestre Pedro Elias, o instrumento musical zabumba serve para “louvar o santo e animação pra o pessoal”³²².

Na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, as Bandas Cabaçais e seus instrumentos são o objeto principal de pelo menos cinco verbetes: “Cabaçal”, “Pífano”, “Salvas”, “Taró” e “Zabumbas”. Além disso, são associadas a outros folguedos, como Reisados, Lapinhas, Pau de Fitas, Cocos e Bumba-meu-boi.

Na referida obra, a forma de expressão é definida como um “conjunto instrumental de percussão e sopro”, constituído por “dois zabumbas, espécie de bombos ou tambores, e dois pifes”. Ainda segundo o autor, “o cabaçal está presente nos bailes populares, animando as festas de rua, religiosas ou profanas, ocasião em que tocam tudo que conhecem: marchas, valsas, baiões, etc.”.³²³ Na bibliografia consultada, verificamos que a composição instrumental das bandas cabaçais pode variar, sendo agregados outros instrumentos, como pratos, tarol ou caixa, pandeiro, clarineta, reco-reco e triângulo. De acordo com o INRC, as bandas cabaçais de Barbalha são compostas normalmente por dois pífanos ou pifes, uma zabumba ou bumbo, e uma caixa ou tarol.

³²² SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

³²³ CASCUDO, Luís da Câmara. Cabaçais. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 85.



Imagem 67: “Zabumbeiros da Barbalha”, Década de 1970.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Outro elemento que também muda conforme a localidade é a forma pela qual são conhecidas as Bandas Cabaçais. Por exemplo, de acordo com Miguel Diégues Junior e Renato Almeida, em Alagoas e Pernambuco são conhecidas como “esquenta-mulher, carapeba, quebra-resguardo, pata choca” e constituem-se de três pifanos e uma zabumba. Recebem este nome “pelo fato de os seus músicos atribuírem tal sortilégio ao que tocam que nenhuma mulher lhes pode resistir, ficando, ao ouvir, esquentadas[...]”.³²⁴ J. de Figueiredo Filho, tendo como território o Cariri, as identifica como “banda-de-música-de-couro, zabumba-de-couro e cabaçal”. Informa em seu estudo, publicado em 1962, que o uso do termo cabaçal era recente e que o mesmo teve origem pejorativa, pois “caixa, zabumba e pifaros fazem tal zoadá que só podem ter semelhança com cabaças secas a baterem umas nas outras”.³²⁵ Pablo Assumpção, ao estabelecer os vínculos entre as Cabaçais e a cultura indígena, acredita que o termo cabaçal derive dos tambores confeccionados à base de moringas (também conhecidas como “cabaças”), e que tinham espaço central nos rituais dos índios Cariri.³²⁶ Opinião essa próxima a do *pífero* Francisco Isidoro de Almeida, conhecido como Chico Benício, que atribui o nome cabaçal ao aspecto rústico dos insumos necessários para a fabricação do instrumento, o couro e a madeira, semelhante à natureza

³²⁴ ALMEIDA, Renato; DIÉGUES Junior, Manuel Apud. CASCUDO, Luís da Câmara. Cabaçais. In: _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001. p. 85 e 763.

³²⁵ FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p. 87.

³²⁶ ASSUMPÇÃO, Pablo. **Irmãos Aniceto**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 21.

das cabaças.³²⁷ O conjunto musical ainda pode ser conhecido como Terno de Pífanos ou Bandas de Pífanos. Em Barbalha, as bandas cabaçais são chamadas de Zabumbas.



Imagem 68: “Zabumbeiros da Barbalha”, 1976.

Autor: Padre Paulo Gurgel

Océlio Teixeira de Souza, em seu estudo sobre o Carregamento do Pau da Bandeira, propôs uma periodização da celebração a partir das relações de força estabelecidas entre o catolicismo oficial e a religiosidade popular. Na fase inicial, a partir da criação do cortejo, em 1928, pelo padre José Correia Lima, teríamos o predomínio do sentido religioso do carregamento atrelado à ortodoxia da Igreja Católica. A partir da década de 1940, teria tido início um processo ascendente de *carnavalização* do cortejo pela cultura popular, no qual foram atribuídos outros sentidos ao ritual, caracterizados pela presença dos seguintes elementos: “a música, a dança, o comer, o beber, a brincadeira, o riso”, tendo os zabumbas um papel destacado³²⁸.

Océlio Souza ainda destaca que “a presença dos zabumbas na Festa do Pau da Bandeira é lembrada praticamente por todos os entrevistados, inclusive por aqueles que não fazem parte do grupo dos carregadores”.³²⁹ Citemos alguns depoimentos colhidos pelo pesquisador:

³²⁷ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociana Ferreira. Barbalha, 2003.

³²⁸ SOUZA, Océlio Teixeira de. op. cit. p. 48.

³²⁹ Ibid. p. 36.

Dona Maria de Moça, 83 anos, relembra com orgulho da festa nos anos 40, quando seu irmão, Vicente Moça, era o “chefe” do pau da bandeira: “O pau da bandeira ele tirava na mata de Dr. Teles. Aí Vicente ia com aquele horror de gente, zabumba de todo canto. Onde tivesse zabumba ele ia buscar na festa”.

Augustinho José dos Santos também destaca, na sua fala, a marcante presença dos zabumbeiros durante o Cortejo:

“Hoje tem dois, três zabumbas. Naquele tempo eram dez, doze zabumbas. Todos os zabumbas de Barbalha, da periferia de Barbalha, do município, os zabumbas da Esteira, da Lagoa, os do Caldas, da Arajara, do Pelo Sinal, do Venha Ver, do Sítio Santana, os zabumbas vinham tudo e todos eles desfilavam lado a lado com o pau. Era um delírio de zoadas maior do mundo quando entrava aqui. Talvez fosse até maior do que hoje, porque era zabumba demais”.

[...] Fabriano Livônio Sampaio, 62 anos, prefeito da Barbalha no período de 1973-1977, relata:

“As pessoas iam transportando o pau da bandeira, aqueles homens já muito sujos, muito suados e eram acompanhados pelos zabumbas. – Zabumbas que nós chamamos aqui é banda cabaçal. Mas naquela época, naquela época existiam muitos zabumbas aqui. Parece-me que se contava nas festas de Santo Antônio 40 zabumbas que tocavam durante todo o período da festa, que era do dia do pau da bandeira até a procissão no dia 13”³³⁰.



Imagem 69: Banda Cabaçal acompanhando o Carregamento do Pau da Bandeira, sem data.

Autor: Padre Paulo Gurgel

As bandas cabaçais têm suas práticas fortemente ligadas à religiosidade. As festas dos padroeiros, as Renovações do Sagrado Coração de Jesus³³¹, os Reisados de

³³⁰ Ibid. p. 36.

³³¹ J. de Figueiredo Filho traz uma descrição do ritual das bandas cabaçais durante as Renovações: “As bandas-de-couro têm cerimonial especial para a louvação dos Santos. Podem homenageá-los, em época de novenário, em casas de senhor de engenho, do morador ou do pequeno proprietário. A mesma cerimônia executa na Entronização, Renovação do Sagrado Coração de Jesus, ou mesmo diante do Menino Deus, na Lapinha. A banda executa, nesses casos, músicas correspondentes aos benditos populares da Igreja: QUEREMOS DEUS, NO CÉU, COM MINHA MÃE ESTAREI e outros. A

Congo, as Lapinhas, a Consagração e Entronização dos santos nos altares domésticos, as Novenas, são alguns exemplos de celebrações religiosas as quais os zabumbas estão associados. Dessa forma, a presença dos zabumbeiros no Cortejo do Pau da Bandeira e na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como um todo não deve ser observada como algo excepcional, mas sim como uma prática característica da religiosidade no Cariri cearense.³³² Luís Raimundo da Silva, conhecido como Luís Valentim, deixa claro em seu depoimento que “toca para o santo”³³³ e ao ser questionado pelo entrevistador se tocava por diversão ou por brincadeira, ele o repreende, afirmando o sentido religioso de sua prática. Ele diz ainda que fica “doente” quando alguém o convida para tocar em uma festa e ele não pode ir por já possuir outro compromisso, e quando o pagamento é muito baixo, ele costuma não recusar, tudo por medo de ser castigado pelo santo.³³⁴ Já Zeca Vitorino associa a identidade do seu ofício à Igreja Católica, esboçando o caráter paradoxal da prática entre o “sagrado” e o “profano”, ao afirmar:

É assim, minha, minha vida quando eu, quando eu.... Quando eu destino a aprender uma coisa, eu faço toda força.... Agora eu só não quero aprender coisas indiferentes, mas coisa que me..., que eu acho bom, que eu acho bonito e especialmente da minha, da minha profissão, porque é que a minha profissão é de Igreja. Eu toco samba, eu toco tudo no mundo, mas eu só gosto de tocar mais por que a banda cabaçal num é pra forró, é... É pra tocar em Igreja. Mas como a gente tem que agradecer a todo mundo, eu vou

cabaçal entra, formada, na sala e logo depois seus membros se destacam para louvação e sem prejuízo da tocada que prossegue. Um a um faz a reverência com a cabeça, quase um salamaleque e logo após, em genuflexão, beija o altar ou os pés do santo homenageado. Quando chega a vez do zabumbeiro, reverencia o orago com a inclinação de cabeça e após isso, coloca o zabumba ao chão, ajoelha-se, apoiando a mão esquerda sobre o instrumento. Após a homenagem individual, há outra de dois em dois, o mesmo cerimonial, com a música sempre a vibrar, mais zoadenta ainda por ser no interior da casa. Em seguida ao ato de louvação, o conjunto aboleta-se no terreiro, onde executa verdadeiro concerto, com variado repertório”. FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p. 85. O mestre Pedro Elias também oferece um interessante relato sobre uma casa em dia de Renovação: “Ah, isso é muita gente, ninguém sabe nem dizer é, é o... Que eu... Quando eu..., que eu vou ver uma coisa, nesse negócio de, de tocar bumba no dia de uma reza, ói, se num tiver, você num vê uma pessoa quase só as pessoa da casa. Mas tem zabumba, tem o bumba tocando, pronto, aquilo ali é o dia todim cheio de gente. É, um entra, oto sai, uns entra, otos sai, lá se vai naquele jeito e quando é de noite, é aquela... aquela diversão. E quando a gente entra pra louvar o santo depois da reza, aí, aí é que o povo fica que num podemos nem tá dentro de casa. Tudo isso é uma atividade que eles têm o prazer de, de..., né?” SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

³³² J. de Figueiredo Filho informa que o carregamento do pau da bandeira na festa da padroeira do município de Santana do Cariri é acompanhado por zabumbeiros e *piferos*. FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 87. Pablo Assumpção relata que no dia da sua segunda entrevista com os Irmãos Aniceto, eles iriam tocar no carregamento do pau da bandeira em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, no bairro Alto do Bode, na cidade do Crato. ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 58.

³³³ SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

³³⁴ SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

tocar nessas festas, o povo pede mode a gente tocar forró, tocar choro, tocar samba, marcha, frevo e isso. E eu toco.
[...] É o seguinte. Quando a pessoa aprende a tocar uma música cabaçal. Ele começa... Ele já deve saber que a profissão dele é pra produzir festa religiosa. Agora, depois das festa, como eu já lhe disse, tem a produção pra pessoa fazer show, fazer representação, tem tudo isso³³⁵.

Importante observar que mesmo percebendo sua prática como uma missão religiosa, os mestres demonstram compreender a rede de interdependência estabelecida com o poder municipal e o novo sentido atribuído ao seu ofício, entendido a partir da década de 1970 como “folclore” e todas as transformações que dele resultaram, como a introdução da prática em um campo organizado por uma lógica de mercado a partir da década de 1990. Tal percepção fica latente na afirmação de Zeca Vitorino sobre a sua participação no desfile dos folguedos, na festa do padroeiro de Barbalha: “Pra nós num significa nada. Significa muito esse evento, significa muito pra cultura deles, que eles são os secretários e pra dá nome é pra eles”.³³⁶ E na de Chico Benício, que se reconhece como artista, almejando entreter os espectadores iniciados e receber em troca o reconhecimento público do seu talento.

Aquilo ali porque se a gente tem prática de tocar tudo que o pessoal pede, toda música que o pessoal pede, bom, quer dizer que tá fazendo a vontade deles, né, dos assistente, tão escutando, tão apreciando. E pra quem num conhece a gente num tá fazendo nada, mas pra quem entende, sabe que a gente tá certo, tem muita gente também que, que nota que a gente entende de alguma coisa, agora, pra quem num sabe, num entende, num tá nem vendo nada.

[...] É porque eu já, já toco pela boa vontade e acho importante também é a gente se apresentar e a gente ser visto, ser conhecido por aí, em Fortaleza até no São Paulo a gente é visto, nesse mei de mundo, vai muita foto da gente pra fora, Recife, esse mei de mundo tudo tem foto da gente, lá eles tão vendo, na, na, na, pelas foto, lá na revista, tá vendo a gente e quem tem uma base de conhecimento, conhece a gente (...) fulano.

[...] É pra demonstrar as danças, demonstrar as músicas e a gente ganhar um prestígio de conhecimento, né, porque o artista tem que ele fazer alguma coisa pro povo apreciar “artista fulano de tal”³³⁷.

O mais antigo registro documental que se tem conhecimento sobre as bandas cabaçais encontra-se no diário de viagem do britânico George Gardner, que percorreu a Província do Ceará, em 1838. Nessa curta citação aos zabumbas já se pode perceber a sua associação às festas dos santos:

³³⁵ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³³⁶ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³³⁷ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Procianna Ferreira. Barbalha, 2003.

Durante minha estada em Crato celebrou-se o festival de Nossa Senhora da Conceição, precedido de nove dias de regozijo a expensas de vários indivíduos nomeados festeiros. Em todo o período da novena, como lhe chamam, o pequeno destacamento de soldados da Vila sustentou um fogo nutrido de dia e de noite. Com estas descargas, com as procissões e luminárias, com o estouro de fogos de artifício e os disparos de um pequeno canhão em frente da igreja, a Vila reboava incessantemente. Como me diziam que a última noite era a mais bela de todas, encaminhei-me pelas sete horas para a igreja diante da qual grande número de bandeiras flutuavam em mastros e duas grandes fogueiras crepitavam. No terraço em frente do templo, ondulava grande massa humana e meia dúzia de soldados disparavam, a espaços, seus mosquetes. A pouca distância tocava uma banda de música, dois pífanos e dois tambores, música da pior categoria, a correr parelhas com os fogos de artifício então exibidos³³⁸.

J. de Figueiredo Filho informa que, no início do século XX, o prefeito municipal da cidade do Crato proibiu a apresentação das bandas cabaçais, inclusive nas feiras, por considerá-las inadequadas à “civilização” e à chegada do progresso ao município. Tal proibição teria provocado animosidades com o vigário local, que “contava com elas para ajudar-lhes nas festas da Padroeira”.³³⁹ Provavelmente, a ajuda consistia nos cortejos que precediam as festas dos santos para coleta de donativos às paróquias e que eram capitaneadas pelas bandas cabaçais³⁴⁰, e nas apresentações dos hinos dos santos e benditos durante as celebrações. Luiz Valentim relembra em seu depoimento quando o padre Eusébio de Oliveira Lima, pároco de Barbalha entre 1962 e 1984, o procurava para que ele fosse tocar na Festa do Bom Jesus do Caldas.³⁴¹

³³⁸ GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil. Principalmente nas províncias do Norte e no Distrito do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836 a 1841**. Rio de Janeiro; São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 160. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/125/viagens-pelo-brasil-principalmente-nas-provincias-do-norte-e-nos-distritos-do-ouro-e-do-diamante-durante-os-anos-de-1836-1841>. Acesso em: 10 jun. 2015, às 13h.

³³⁹ FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 13.

³⁴⁰ FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 89. Câmara Cascudo informa que: “Outra função religiosa do terno de zabumba, além das *salvas*, é sair para pedir esmolas, acompanhando respeitosamente uma imagem de santo. Dentre eles o mais comum é Santo Antônio Caminhante”. CASCUDO, Luís da Câmara. Zabumba. In. _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 763.

³⁴¹ SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.



Imagem 70: Zabumba na Festa do Bom Jesus do Caldas, Década de 1960.

Autor: Padre Paulo Gurgel

De acordo com o INRC, são justamente os estudos “folclóricos”, empreendidos pelos intelectuais do ICC nas décadas de 1950-60, aliados ao estímulo da Diocese do Crato, que retirarão as Cabaçais da condição de indesejáveis e as transformarão em espetáculo “original”. Foram eles que estimularam a participação dos Zabumbas nas comemorações do Centenário de Elevação do Crato à categoria de cidade, em 17 de outubro de 1953, tornando-as “o principal atrativo dos folguedos folclóricos”³⁴². Na ocasião:

Cinco ou seis bandas desfilaram pelas ruas, a tocarem baião, sambas, marchas e valsinhas dolentes. Dentro em pouco tempo cada conjunto se fazia acompanhar de numerosas pessoas de fora, que nunca tinha visto nem ouvido semelhante e original banda de música, em qualquer outra paragem. Organizaram-se verdadeiros grupos carnavalescos a fazerem o passo, acompanhando a caminhada dos pifeiros e zabumbeiros.³⁴³

Conforme os relatos dos mestres entrevistados, que em sua maioria são agricultores, as Bandas Cabaçais atuam principalmente durante a seca, entre os meses de maio e janeiro, período de entressafra de suas lavouras. Além das Renovações, cuja data corresponde à entronização do altar em cada residência, ocorrendo principalmente entre os meses de maio e agosto, o calendário de apresentações está fortemente relacionado às festas dos padroeiros dos bairros, sítios e distritos de Barbalha e das cidades vizinhas,

³⁴² FIGUEIREDO FILHO, J. de. op. cit. p. 78. Pablo Assumpção considera que a participação dos Irmãos Aniceto, atualmente uma das mais conhecidas Bandas Cabaçais do país, no referido evento, foi determinante para a grande projeção que o grupo alcançou. Inicialmente foram apadrinhados pelo folclorista J. de Figueiredo Filho, depois receberam a proteção do poder público municipal e estadual e, por fim, foram amplamente divulgados pelos meios de comunicação. ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 32-42.

³⁴³ Idem.

inclusive no Estado de Pernambuco. O período da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é identificado como o dos mais movimentados, pois em maio há as comemorações em louvor a Nossa Senhora de Fátima e, em junho, a festa do padroeiro até o dia 13 e, a partir do dia 14, as comemorações a São João Batista, que é o padroeiro de pelo menos quatro sítios do município: Estrela, Pelo Sinal, Carrapicho e Boa Esperança. Período também significativo é o do ciclo natalino que se encerra no Dia de Reis (06/01), tendo em vista a participação das Bandas Cabaçais nos Reisados de Congo e Lapinhas.³⁴⁴ De acordo com o *pifero* Zeca Vitorino, depois que iniciam as apresentações “não param mais”:

Aí o povo... O povo faz... Vamo dizer, Arajara, no Calda que são... é sítio, mas tem mun... Mun... É uma vilinha. Santa Cruz é sítio, mas tem muita, muito habitante. Estrela que é uma colônia ali. Estrela, Lagoa, Venha Ver, aquele mundo afora li. Tudo é chei de gente. É uma colônia né. Aí faz aquela, aquela, aquelas festa de João Batista, de Santo Antônio, de Nossa Senhora da Saúde etc. e tal. Que é pra poder fazer... Fazer... É como se diz, mostra alegria pro povo se divertir também né³⁴⁵.

É impreciso o momento em que as bandas cabaçais passaram a participar da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. O que parece certo é que as Zabumbas, os Violeiros e os Regionais³⁴⁶ protagonizaram por muitas décadas a paisagem sonora³⁴⁷ da festa do padroeiro, perdendo esse protagonismo ao longo do processo de *folclorização* da celebração e das transformações decorrentes da sua leitura enquanto produto turístico.

³⁴⁴ Antônio Igor Dantas Cardoso sistematizou as capelas ativas no município de Barbalha, seus respectivos padroeiros e dias votivos, muitos citados pelos mestres como compromissos certos para os zabumbas. Seguem as informações: Sítio Santa Cruz - São Sebastião, 20/01; Sítio Macaúba - São Sebastião, 20/01; Sítio Santa Rosa - São Sebastião, 20/01; Sítio Cabeceiras - Nossa Senhora de Lourdes, 11/02; Sítio Riacho do Meio - São José, 19/03; Sítio Farias - São José, 19/03; Sítio Luanda - Santa Liduina, 14/04; Sítio Tabocas - Santo Expedito, 19/04; Sítio Mata dos Limas - Divino Espírito Santo Pentecostes, (data móvel); Sítio Bela Vista - Nossa Senhora de Fátima, 13/05; Sítio Pelo Sinal - São João Batista, 24/06; Sítio Carrapicho - São João Batista, 24/06; Sítio Boa Esperança - São João Batista, 24/06; Sítio Rua Nova - Senhora Santana, 26/07; Sítio Água Fria - Senhora Santana, 26/07; Sítio Melo - Senhora Santana, 26/07; Fazenda Betânia - Santa Marta, 29/07; Caldas (Distrito) - Bom Jesus dos Aflitos, 06/08; Sítio Barro Vermelho - Nossa Senhora da Saúde, 15/08; Alto do Rosário (Bairro) - Mãe Rainha, 22/08; Sítio Correntinho - Nossa Senhora das Dores, 15/09; Cirolândia (Bairro) - Santa Terezinha, 01/10; Sítio Silvério - São Francisco, 04/10; Rosário (Bairro) - Nossa Senhora do Rosário, 07/10; Sítio Espinhaço - Nossa Senhora Aparecida, 12/10; Sítio Taquari - Nossa Senhora das Graças, 27/11; Bela Vista (Bairro) - Santo André, 30/11; Arajara (Distrito) - Nossa Senhora Imaculada Conceição, 08/12; Sítio Saco - Nossa Senhora Imaculada Conceição, 08/12. CARDOSO, Antônio Igor D. **(In)visibilidade de espaços festivos: a centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013, p. 99-100.**

³⁴⁵ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³⁴⁶ Regionais são conjuntos musicais que, além da zabumba, possuem o triângulo, a sanfona e pandeiro. Conforme informações da SECTUR de Barbalha, dois grupos regionais e um de violeiros participaram da celebração em 2015.

³⁴⁷ Sobre o conceito de paisagem sonora, ver: SILVA Filho, Antônio Luiz M. e. Cultura sensível e história urbana. In. _____. **Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT**, 2006, p. 18-29.

Exemplos são: a introdução do carro de som no cortejo do pau da bandeira e dos shows com atrações regionais e nacionais no Parque da Cidade, e a disseminação dos “paredões”³⁴⁸. Provavelmente, o Carregamento do Pau da Bandeira era acompanhado, pelo menos até a década de 1970, exclusivamente ao som do Bendito e do Hino de Santo Antônio, e também de sambas, baiões, xotes, choros, galopes, dobrados, valsas, boleros, marchas e forrós, reforçando a *carnavalização* do cortejo através da ação das Bandas Cabaçais.

Durante os treze dias de festa, os zabumbas cumprem uma exaustiva programação. As bandas deslocam-se todos os dias, ainda durante a madrugada, dos sítios localizados na zona rural do município rumo ao largo da Igreja Matriz, onde executarão o Hino de Santo Antônio e alguns dobrados, pontualmente às 5 horas da manhã, em um ritual conhecido como Alvorada. Após efetivar o compromisso, os componentes das bandas tomam o café da manhã providenciado pelo poder municipal e seguem rumo ao centro histórico e aos bairros periféricos de Barbalha, onde devem “bater música” até próximo ao meio dia. Neste momento, retornam à Igreja Matriz para às 12 horas realizar a segunda Alvorada do dia. Em seguida, almoçam e voltam a peregrinar por Barbalha tocando marchas e dobrados. O ritual das Alvoradas assemelha-se às *salvas* descritas por Câmara Cascudo, que seriam as músicas de rezas, tocadas pelo terno de zabumba³⁴⁹. Normalmente elas se dão no interior das residências durante as Renovações e Novenas, ou capelas e igrejas nas festas dos santos; ocorrem às 5h, 12h e 18h, e o toque dos instrumentos é precedido por uma oração, que pode ser proferida por um dos músicos³⁵⁰.

³⁴⁸ Paredões são carros particulares que possuem alto-falantes de grande potência. Normalmente, os proprietários dos veículos competem entre si para ver quem possui o aparelho de som de maior potência. Os ritmos musicais mais ouvidos são o *axé music*, o forró eletrônico e o sertanejo universitário. Alguns municípios cearenses possuem leis ambientais que regulamentam a ação dos paredões. Não temos conhecimento se o município de Barbalha possui tal instrumento.

³⁴⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. p. 614.

³⁵⁰ Para a observação de campo da Festa do Pau da Bandeira de 2010, realizada pela equipe técnica do Iphan-CE, chegamos à Barbalha às 5h30 da manhã do dia de abertura da celebração. Nesse momento, inúmeras Bandas Cabaçais já caminhavam pelo Centro Histórico da cidade tocando seus instrumentos após realizar a Alvorada.



Imagem 71: Banda Cabaçal no adro da Igreja Matriz, 2010.

Autor: Maurício Albano.

Em Barbalha, as Bandas Cabaçais são dispensadas da alvorada do fim do dia, pois às 18 horas, os músicos devem se dirigir à casa ou sede do Noitário do dia para “buscar o santo” e levá-lo em seu andor até a Igreja Matriz ao som de benditos e do hino do padroeiro, onde será celebrada a missa e a trezena. O cortejo entra no templo seguido pelas bandas cabaçais até o altar. Os músicos normalmente voltam e aguardam o fim da celebração do lado de fora do templo para, em seguida, acompanhar a imagem do padroeiro até a residência ou sede do próximo Noitário, local ao qual deverão retornar às 18 horas do dia seguinte para repetir o ritual. Após cumprir a “tarefa de entrega do santo na casa dos

Noitários”, como afirma Zeca Vitorino, os integrantes dos zabumbas podem retornar às suas casas.

Celene Queiroz sintetiza a participação das cabaçais na festa, bem como deixa evidente a relação estabelecida entre os músicos e o poder municipal:

Então as bandas cabaçais ficam soltas na cidade, que Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio na Barbalha sem banda cabaçal não é Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio na Barbalha. Então as bandas cabaçais se soltam nas ruas, pegam itinerários diferentes e onde você passa, você escuta a banda cabaçal. Então, como eles param a vida, então, eles têm que receber pagamento. Prefeitura paga uma diária, a gente teve muito cuidado, quer dizer, arranja um local pra eles almoçar, eles almoçam todos juntos, aquele cuidado pra não fazer aquela comida que possa feder que eles todos são velhos. Quer dizer, o único grupo, que vem, que vem mesmo, uma coisa certa, são as bandas cabaçais. Os outros não, os outros (...), eles vêm mais pela, pela alegria de servir o santo, pelo costume já, entendeu? Agora, a gente gratifica de alguma maneira, que eles têm trabalho, são pobres, mas, quer dizer, num tem gratificação certa, somente a banda cabaçal porque os dias de festa é de manhã à noite. Quando eles vão pra casa, depois que deixa o santo na novena é dez hora (10h), dez e pouco, aí quatro hora (4h) da manhã tá em pé pra primeira alvorada na igreja. Quando dá meio dia (12h) outra alvorada na igreja e quando dá seis horas (6h) outra alvorada na igreja. Quer dizer, então, eles têm, é, são dez (10), quinze (15) ou treze dias (13) muito agitados e isso tem que ser gratificado, somente [...] ³⁵¹.

Com o processo de *folclorização*, a presença das bandas cabaçais na festa passou a ser agenciada pelo poder público, que paga diárias aos músicos ³⁵², fornece alimentação, transporte e farda (camisa, calça, alpercatas e chapéu), que aliás só é utilizada nas apresentações na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio ³⁵³. Cabe aos músicos a compra ou fabricação dos instrumentos musicais e sua manutenção. Conforme os relatos, a participação dos zabumbas na festa envolve uma dupla obrigação, primeiro com o santo e depois com a prefeitura.

³⁵¹ QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

³⁵² Conforme dados da SECTUR, em 2015, a diária de um músico de banda cabaçal foi de R\$35,00 (trinta e cinco reais).

³⁵³ Interessante apontar como a utilização das fardas pelas Bandas Cabaçais está associada à leitura da prática enquanto folclore. Todos os mestres entrevistados apontaram o uso da farda apenas na festa do padroeiro. Conforme Pablo Assumpção, os Irmãos Aniceto passaram a usar a farda depois que receberam o apoio do folclorista J. de Figueiredo Filho, após a festa do Centenário do Crato, em 1953. Murilo Mendes informa que os Aniceto utilizam o fardamento apenas nas “apresentações no palco, ou seja, aquelas em espetáculos que estabelecem uma divisão clara entre palco e plateia”, normalmente promovidas por órgãos públicos. Nas renovações, batizados, casamentos, os Aniceto, assim como os músicos de Barbalha, se apresentam à paisana. ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 36; MENDES, Murilo. op. cit. p. 57.



Imagem 72: Banda Cabaçal antes da *folclorização*, 1962.

Autor: Padre Paulo Gurgel



Imagem 73: Zabumbeiros fardados para o Desfile dos Folguedos, 1973.

Autor: Padre Paulo Gurgel

O Desfile dos Grupos de Folguedos é um dos momentos nos quais as bandas cabaçais são mais solicitadas na festa do padroeiro. Elas, juntamente com os violeiros e regionais, acompanham a maioria dos folguedos que evoluem pelas ruas da cidade. Dança da Maresia, Dança do Capim da Lagoa, Dança do Cesário Pinto, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Cocos, Quadrilhas Juninas e Lapinhas são alguns exemplos de formas de expressão que necessitam de acompanhamento musical. E dentre todos os folguedos, os Reisados de Congo são os que estabelecem uma relação mais próxima com as Bandas Cabaçais.

Como informa Antônio Wilson Abel, conhecido como Antônio de Corina, primeiro embaixador de Reisado do Congo, as Bandas Cabaçais são imprescindíveis ao jogo de espadas e às embaixadas. Segundo Simone Pereira da Silva, a apresentação dos Reisados de Congo durante a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio praticamente se restringe às embaixadas, “momento de executar as cenas mais intensas do confronto”. Tal decisão, segundo a autora, tem penalizado o próprio enredo do folguedo, bem como tem contribuído para o desaparecimento de alguns entremeses³⁵⁴. Afirmo a historiadora, que durante as apresentações na celebração:

[...] os brincantes passaram a efetuar as embaixadas corriqueiramente, bem diferentes daquelas mais antigas, que tinham um momento certo de se apresentar as embaixadas. Hoje, o que interessa é promover um espetáculo curto e dramático que seja fácil de atrair e, ao mesmo tempo, de dispersar o público alvo”³⁵⁵.

Existem outros instrumentos musicais que acompanham os Reisados de Congo, principalmente de fole (sanfona) ou de corda (violões, rabecas, violas), e de forma secundária a percussão³⁵⁶. De acordo com Oswald Barroso:

A música, nos Bois e Reisados, tem a função fundamental de dar e preservar o ritmo do espetáculo. Por isto está sempre presente. Em certo sentido, o Reisado pode ser visto como um espetáculo musical ou mesmo uma ópera, onde há solos executados por personagens ou pelo coro, e recitativos, dialogados entre diferentes personagens e coro. [...] No desenrolar da função, em seus vários momentos, a música toma características e funções cênicas particulares. Começa pelas marchas ou peças de rua, durante a caminhada do cortejo até o local da função. Nos Reis de Congo, [...] quando o cortejo é acompanhado por uma Banda Cabaçal, a música é apenas instrumental e dá o ritmo da caminhada. [...] Admite-se que não haja instrumentos melódicos, mas os instrumentos de

³⁵⁴ Tais aspectos serão discutidos no capítulo destinado às diretrizes de salvaguarda da celebração.

³⁵⁵ SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa: (re)significações simbólicas dos brincantes do reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. p. 62.

³⁵⁶ BARROSO, Oswald. Música. In: **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Tese (Doutorado em Sociologia) _ Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. p. 367-371.

percussão são imprescindíveis, para a marcação do ritmo mesmo nos Reisados mais pobres³⁵⁷.

Francisco Belizário dos Santos, mestre de Reisado, explica a escolha dos instrumentos conforme a peça ou ocasião em que atuará o folguedo:

O violão é porque é mais dança lenta, né, é mais pertencendo a marcha, é quando a gente vai cantar assim numa sala do Coração de Jesus, quando vai cantar assim na frente de qualquer um cidadão, vai elogiar ele ou um prefeito ou a cidade ou qualquer coisa, é com o violão. Mas aí quando passou pro duro, como se diz, na luta, na espada, já tem que ser com a banda cabaçal, que o violão não resolve. Inclusive, no mei da rua que é muito som, muita zoada, ninguém ao meno ouça. Em casa nois treina com o violão, mas na cidade num dá com o violão, tem que ser a banda cabaçal.³⁵⁸

E continua esclarecendo sobre os instrumentos musicais utilizados no Reisado de Congo, o papel dos músicos e formas de consegui-los para as apresentações, e também as estratégias de ensaio do grupo na ausência das Bandas Cabaçais. O trecho é um pouco extenso, mas também bastante elucidativo quanto à atuação do poder público na organização das apresentações para o desfile:

Esses instrumento aí, esses instrumento aí, o violão, esse violão daqui do focrore. É, nós toda vida tivemos essa viola e já tem o tocador certo, sabe? O outro grupo lá, o outro grupo lá [banda cabaçal] é por conta do prefeito. Mas toda vida quando nós vamo já tem a banda cabaçal pá acompanhar nós, cada focrore tem sua banda cabaçal pra acompanhar reisado. Nós tem a nossa, aquele reisado das cabeceiras tem outro, outro focrore, banda cabaçal. Cada um tem sua banda cabaçal no dia que nos vamo lá brincar. Aí, nós for brincar assim num canto bem particular, nós tem que levar o zabumba, nós tem que levar o violeiro, que nós só brinca se for com ele ou com zabumba e a viola, se num for, num dá certo não.

[...] Bom, o violão é nosso, nois tem, aí várias vez quando a gente vai se apresentar assim dia pau da bandeira que eu faço a relação e peço o acordeamento pro violão, e passando disso aí eu é que compro, é do meu bolso. E a banda cabaçal, eles têm os grupo de banda cabaçal lá que se apresenta no pau da bandeira, na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, aí eles fornece um (...), só escolhido só pra acompanhar nois nesse dia, que era uma cosia que eu também desejava muito, nois pudesse era uma banda cabaçal pra nois treinar aqui e quando sair daqui num ter preocupação “ei, cadê a banda cabaçal?” “arranja um bumbo, aí pra nois” “ah, num vei ainda, ainda num chegou”, ele aí sabe a dificuldade, né, ele é quem organiza isso aí. Se nois tivesse aqui era tão importante, era bom, mas num dá, tem que ser assim mermo, fazer o quê?

[...] inclusive, eu tenho até um CD aqui dos irmão Aniceto que você conhece do Crato, passa eles aqui e brinca com eles pra treinar a espada.³⁵⁹

³⁵⁷ 2011, p. 62.

³⁵⁷ Ibid. p. 368, 369 e 371.

³⁵⁸ SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³⁵⁹ SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.



Imagem 74: Bandas Cabaçais acompanham Reisados de Congo no adro da Igreja Matriz, 2010.

Autor: Maurício Albano.

Nas narrativas apresentadas pelos músicos das Cabaçais sobre a “origem”³⁶⁰ da forma de expressão, observamos uma outra aproximação com os Reisados, na medida em que os mestres atribuem a criação das bandas cabaçais aos Reis Magos como forma de homenagear o deus menino. É o que afirmam, respectivamente, os *píferos* Chico Benício e Zeca Vitorino:

Eu num sei lhe explicar bem direitim porque essa parte eu num estudei bem, mas que a banda cabaçal vem antes de Cristo, antes de Cristo. Eu num sei lhe explicar bem porque não estudei essas..., eu sou analfabeto. Por motivo religioso, que quando Cristo nasceu aí já tinha banda cabaçal. Aí foro como se diz, comemorar o nascimento de Cristo, mas aí já foi muita gente³⁶¹.

³⁶⁰ Vários autores esboçam interpretações sobre a origem étnica das Bandas Cabaçais. J de Figueiredo Filho acreditava que a prática teria surgido “nos campos de escravos, parecendo uma forma de exaltação religiosa dos povos africanos” e Pablo Assumpção, na sua etnografia sobre os Irmãos Aniceto, percebeu a prática da banda como herdeira dos rituais dos índios Cariri. ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 15-23; FIGUEIREDO Filho, J. de. op. cit. p. 85. Apesar de não possuímos um conhecimento aprofundado sobre as bandas cabaçais, a pesquisa realizada por Elídia Veríssimo foi a que nos pareceu menos preocupada em estabelecer um mito fundador e que melhor articulou as bandas cabaçais ao cotidiano do Brasil colonial, evidenciando as tensões étnicas, as possibilidades de apropriações e a capacidade lúdica e inventiva dos habitantes do Cariri. Também compartilhamos da interpretação do cineasta Rosemberg Cariry, que ao realizar um breve balanço das interpretações sobre o surgimento das Cabaçais, o que envolveria, além dos aspectos já citados, a herança advinda das bandas marciais do Brasil colônia, considerou que elas, “no seu atual estágio, mesclam as diferentes influências dos povos ibéricos, negros e índios, impondo-se como uma síntese original da cultura popular”. Ver: VERÍSSIMO, Elídia Clara Aguiar. O Bestiário nordestino na arte da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. **O público e o privado**. Fortaleza, n. 2, julho/dezembro, p. 129-141, 2003; CARIRY. Rosemberg. Bandas Cabaçais (Os Irmãos Anicetos). In. ____; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982, p. 121-127.

³⁶¹ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociara Ferreira. Barbalha, 2003.

Porque o trabalho da gente já é, já é um, uma profissão que o povo já num tá dando mais valor, já teve valor, mas hoje num dar mais valor, que era o que podia dar valor, porque a profissão da música cabaçal, deveria ser em primeiro lugar, que foi a primeira que foi, que foi construída no mundo foi a banda cabaçal. Você sabe que a banda cabaçal veio antes de Cristo. O povo tem um dizer que a banda cabaçal quem inventou foi os índios, é muito é da mentira. A banda cabaçal quem inventou foi os três Reis Magos, fazer a primeira visita quando Jesus nasceu. Cê sabe quem era o acompanhamento deles? A lapinha. Eles construíram a banda cabaçal e foram praticar a lapinha, pra você ver ainda hoje a lapinha tem o mesmo sentido³⁶².

Em entrevista concedida ao Iphan em 2003, no início do Projeto Cariri, Zeca Vitorino, nascido em 1925, faz uma *bricolage* na construção de sua narrativa sobre a criação das Bandas Cabaçais.³⁶³ Ele estabelece estratégias discursivas, como a citação de datas e eventos, para dar maior credibilidade à sua narrativa, que tem por objetivo ratificar o lugar dos três Reis Magos como criadores das Cabaçais em oposição aos índios Cariri. Como será observado, estabelece uma cronologia que refuta os Cariri como fundadores da prática, porém, os coloca como agentes ativos nos processos de ressignificação milenares que contribuíram para construção do que hoje identificamos como uma Banda Cabaçal.

Entrevistadora: Então tem sentido religioso? O senhor acha que tem um sentido religioso pra banda cabaçal?

José Vitorino: Tem. Tem porque agora eu vou falar pra senhora, que a banda cabaçal... A senhora já ouviu falar que a banda cabaçal quem inventou ela foi os índio num já? Ou ainda num viu?

Entrevistadora: Não.

José Vitorino: Num viu não? Num ouviu ainda essa, essa palavra que essa palavra isso é velha. Quando eu era menino eu já ouvia os mais velho dizer. Mas hoje...

Entrevistadora: E o que é que o senhor ouvia quando o senhor era menino, que o senhor ouvia dizer?

José Vitorino: Que a banda cabaçal quem formou foi os índio, os índio né.

Entrevistadora: Hum.

José Vitorino: Mas a banda cabaçal ela vem ante de Cristo.

Entrevistadora: Sei.

José Vitorino: Ela começou antes de Cristo, minha jovem. Num foi os índio que come... Que... Cê sabe, a senhora quer saber quando foi que os índio começou executar é, é, é... banda cabaçal?

Entrevistadora: Hum. Quando?

³⁶²SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³⁶³ Sobre o conceito de *bricolage*, ver: LÉVI-STRAUSS. Claude. **O pensamento selvagem**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2012.

José Vitorino: 1722. No dia 20 de janeiro. Pra levantar a segunda bandeira do Brasil, da igreja. A segunda não, a primeira bandeira no Brasil da igreja. Porque a primeira bandeira que foi hasteada foi do Brasil né. Tá se falando de religião.

Entrevistadora: Hum rum.

José Vitorino: A senhora talvez num saiba de qual foi... De qual é o santo né?

Entrevistadora: Hum rum.

José Vitorino: Pois pronto. Mas sabe quem é o santo guerreiro do, do, do...

Entrevistadora: Sei não. Não. Também não.

José Vitorino: Sabe.

Entrevistadora: (risos) Diga pra mim que eu quero saber.

José Vitorino: (risos) É São Sebastião minha jovem.

Entrevistadora: Tá vendo eu num sabia. Vivendo e aprendendo.

José Vitorino: Pois é. Foi levantado, foi quando eles começaram a executar a banda cabaçal. Num foi os índio que formou essa banda cabaçal, foi os três Reis Mago. Foi ante de Cristo.

Entrevistadora: Nossa.

José Vitorino: Que quando Cristo... Quando o anjo Gabriel anunciou, avisou para o profeta Isaias que ia nascer o filho de Deus, rei dos reis e pai dos pais, que ele avisasse para os três Reis Magos, que quando os três Reis Magos ficarem em atividade, o que que nós fazemos pra ir comemorar esse dia? Foi quando eles formaram a banda cabaçal. Não tinha pífano, os pífanos pode ter sido, eu num vou dizer que eu num vi. Pode ter sido a lá o, o... os índio que inventaram esses pífanos. Mas nesse tempo num tinha pífano. Você sabe qual era o acompanhamento do, da banda cabaçal?

Entrevistadora: Hum-hum.

José Vitorino: A lapinha.

Entrevistadora: Ah. Legal. Eu num sabia.

José Vitorino: Eles, elas cantando aquela... Elas num têm a tradição do hino que ela canta, executa até hoje?

Entrevistadora: Têm.

José Vitorino: Pois pronto. Elas saíram cantando e o bumbinha e o tarolzinho batendo. Aquela época foi quando Cristo nasceu. Foi ante de Cristo. Quem disser que foi... Quem disser que o, o, a música cabaçal quem inventou foi os índio, eles podem, podem dizer a ele que ele estude primeiro modo ele poder saber quem foi³⁶⁴.

As narrativas de origem sobre as Bandas Cabaçais enunciadas pelos músicos de Barbalha parecem associadas às suas tensões com os Irmãos Aniceto, que têm a

³⁶⁴ SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

construção da sua identidade amparada num discurso étnico de filiação aos índios Cariri. Ou seja, para os mestres entrevistados, desconstruir a origem indígena da prática pode colaborar com a retirada dos Aniceto do lugar “estabelecido” que o poder público, os intelectuais e os meios de comunicação os colocaram, e que de certa forma impôs aos demais grupos um lugar secundário³⁶⁵.

Retornando à participação das Bandas Cabaçais na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, infelizmente nenhum dos músicos entrevistados informou que ainda acompanha o Carregamento do Pau da Bandeira, como registrado nos depoimentos colhidos por Océlio Souza sobre o cortejo na década de 1940.

Conforme dados da SECTUR, existem sete bandas cabaçais em Barbalha, das quais seis participaram da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em 2015. São identificadas pelas localidades as quais pertencem - são elas da Mata dos Limas, do Sítio Brejim, do Sítio Macaúba, do Sítio Saco 2 e do Sítio Farias. Exceção é a Banda Santo André, do mestre Pedro Elias, que pertence ao Bairro Bela Vista.



Imagens 75 e 76: Bandas Cabaçais na Praça da Igreja Matriz, 2010.

Autor: Maurício Albano.

³⁶⁵ Outras questões que envolvem os Aniceto foram pontuadas pelos entrevistados e serão discutidas posteriormente. Sobre a categoria “estabelecidos”, ver: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

No INRC da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, cuja pesquisa de campo ocorreu entre 2003 e 2005, foram entrevistados quatro mestres (dois *piferos* e um zabumbeiro), pertencentes a duas bandas cabaçais, em um universo de pelo menos nove grupos existentes em Barbalha à época da pesquisa. Apesar do número pequeno de informantes – o que é compreensível já que o objeto do inventário não era a forma de expressão – as entrevistas nos possibilitaram entrever aspectos importantes dessa prática e dos saberes de seus detentores, e que serão brevemente esboçadas.

O primeiro aspecto a ser apontado é o papel que os Aniceto assumem nas narrativas dos mestres de Barbalha, através de representações que propõem aproximações e também distanciamentos. A banda do Crato assume em muitos momentos um papel paradigmático.

A Cabaçal dos Irmãos Aniceto é considerada a mais antiga e tradicional do Ceará. Tem a sua criação remetida a saberes e tempos imemoriais e seus membros se autodefinem como herdeiros dos índios Cariri, que habitaram a hoje região homônima até meados do século XVIII³⁶⁶. Trata-se de um grupo constituído por membros de uma mesma família e na qual a memória do patriarca e fundador da banda José Lourenço da Silva, o “Véi Anicete”, falecido com mais de cem anos no final da década de 1970, ainda desempenha um papel fundamental na identidade do grupo, tanto por ser filho de indígenas, como por ter sido através da observação de sua prática que seus filhos aprenderam o ofício da música.

Segundo Elídia Veríssimo, os Aniceto mimetizam a cultura regional através da música e da dança, em uma sincronia entre a música e a expressão corporal. Em seu espetáculo, o bestiário vivo do sertão nordestino evidencia-se através de atos que expõem situações peculiares do homem do campo no convívio com a natureza. Alguns exemplos são as peças: *O Casamento da Acauã com o Gavião*, que “explicita a associação da acauã ao anúncio de inverno ou seca no sertão”; *A dança dos sapos*, mimese dos movimentos dos animais; e *O Marimbondo*, que mostra a peleja do homem do campo ao ser atacado por um enxame.³⁶⁷ Pablo Assumpção, inspirado em Paul Zumthor, reconhece na “performance” dos Aniceto uma “obra plena”, segundo o autor: “como arte de fronteira, a performance oscila entre o teatro e as artes plásticas, entre o estético e o ritual, entre Apolo e Dionísio, entre o

³⁶⁶ Sobre os índios Cariri, ver: MEDEIROS, Ricardo Pinto de. História dos povos indígenas do Sertão Nordeste no período colonial: problemas, metodologias e fontes. **Clio Arqueologia**, Recife, v. 1, n. 15 p. 205-233, 2002. Disponível em: <https://www.ufpe.br/clioarq/images/documentos/2002-N15/2002a11.pdf>. Acesso em: 18 julho 2015, às 15h; POMPEU Sobrinho, Thomas. As origens dos índios Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. LXIV, a. LXIV, p. 314-347, 1950; OLIVEIRA, Adriana M. P. de. **Entre a Pré-história e a História: em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do Cariri paraibano**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

³⁶⁷ VERÍSSIMO, Elídia Clara Aguiar. op. cit. p. 129-141.

sagrado e o profano”. Para ele é como se os Aniceto falassem corporalmente, onde música e pantomima são ingredientes complementares³⁶⁸.

Em seu livro sobre a banda, Pablo Assumpção evidencia os mecanismos através dos quais os Aniceto tornaram-se a “banda mais tradicional do Estado” ou “Patrimônio Cultural do Cariri”³⁶⁹, ganhando o status de “celebridades” no meio intelectual cearense.³⁷⁰ Na urdidura desse discurso estavam os intelectuais, o poder público e os meios de comunicação. O fato é que os Aniceto estão envolvidos em uma certa mística, tornaram-se um tipo ideal do que seria uma Banda Cabaçal. Já viajaram por todo o Brasil, foram premiados, gravaram vinis, CDs e DVD, foram objeto de documentários, recebem subvenções do Governo do Estado do Ceará e da Prefeitura do Crato. Além disso, são o objeto principal das pesquisas acadêmicas no Ceará quando o tema é banda cabaçal³⁷¹.

A condição diferenciada dos Aniceto – porém, não ideal – aparece na fala dos mestres de Barbalha³⁷². É o que sugere o *pifero* Luiz Valentim, quando questionado sobre o número de Cabaçais da cidade:

³⁶⁸ ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 62-63.

³⁶⁹ No início dos anos 2000, quando começou a ser implementada a política de patrimônio imaterial do Iphan, ainda existia uma flexibilidade conceitual e metodológica na propositura e condução dos processos de registro. Em virtude disso, o Projeto Cariri tinha como um dos seus objetivos registrar os Irmãos Aniceto como patrimônio cultural brasileiro. Tal perspectiva individualizante também estava presente em outros objetivos do projeto, como o registro da obra do poeta Patativa do Assaré e do artesão Manoel Graciano. Com o amadurecimento das discussões em torno da formulação da política de patrimônio imaterial, o Iphan optou por priorizar os processos e práticas, entendendo o patrimônio imaterial como um bem coletivo. Sobre as discussões conceituais que levaram ao registro do patrimônio imaterial, ver: SANT’ANNA, Márcia. Patrimônio imaterial: do conceito ao problema da proteção. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 147, out.-dez., p. 151-161, 2001; IPHAN. **Patrimônio imaterial: o Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: MINC/IPHAN, 2006.

³⁷⁰ ASSUMPÇÃO, Pablo. op. cit. p. 32-42.

³⁷¹ Praticamente todos os estudos acadêmicos que tivemos acesso para a produção do dossiê da Festa de Santo Antônio tiveram os Aniceto como objeto. A Banda Cabaçal Santo Antônio, do Mestre Chico (José Antônio da Silva), de Juazeiro do Norte, aparece pontualmente, muitas vezes com o único objetivo de estabelecer um paralelo com os Aniceto. Ao longo da salvaguarda, deveremos aprofundar as pesquisas documentais e bibliográficas sobre as bandas cabaçais.

³⁷² Colocamos a expressão “não ideal”, pois mesmo tendo maior apoio e notoriedade, os Irmãos Aniceto, apesar de serem identificados como “artistas” e estarem inseridos também em uma lógica de mercado, não recebem o mesmo tratamento que os “artistas” não classificados como integrantes da “cultura popular” e representantes da “tradição”. Na pesquisa de Jéssica Soares Silva, os informantes apontaram questões relacionadas às condições de hospedagem, a apropriação não remunerada da imagem da banda e os valores dos cachês. Ao longo do processo de registro da Festa de Santo Antônio, cada vez mais nos parece confusa a forma com que o poder público e os produtores culturais lidam com as práticas culturais definidas como “tradicional”. É como se nessa economia de trocas simbólicas, que necessariamente está inserida em uma lógica capitalista, o alto capital simbólico não pudesse ser revertido em capital econômico; como se tradição fosse sinônimo de pobreza, baixo IDH e analfabetismo e a reversão de todos esses aspectos levasse à “descharacterização” da prática cultural. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004; GARCÍA CANCLINI, Néstor. A encenação do popular. In. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006, p. 205-254. Sobre as Bandas Cabaçais e suas relações com o mercado cultural: SILVA, Jéssica Soares. **Entre toadas, leis e cachês: as**

Luiz: É. Nove (9) banda. Agora depois de uns tempo desse pra cá, que se... Que... Foro, foi aumentando né. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio foi subindo. Mas era uma bandinha que tinha aqui que chamava Vêi de Bispo, que tocava. E ele era... Todo. Toda a festa toda não. Era uma noitinha sim ota não, era fraco. Aí depois pegaro com esse negócio de folcloro, a gente só num... Minha banda mermo, vou logo dizer ao senhor. Minha banda só num já tá muito, muito adiante, é porque num tem uma pessoa que tome de conta da gente pá... Pá... Pra atuzinar, pra arrumar festa. Pra bebe... Porque oh, tinha uma banda lá no Crato, já toquei mais eles, já... Vez enquanto vai uma apresentação lá no Crato. Mas... Os Aniceto. É uns caba que toca bom.

Entrevistador: Os irmãos Aniceto.

Luiz: É. Os irmãos Aniceto. Mas por quê? Eles foro longe. Porque tinha seu Elói na frente deles. Enfrentava tudo. Foro até o estrangeiro. Tem fita dele, chega de noite o caba escuta na televisão que passa. E... Mas é porque tinha um... Tinha um caba que tomava a frente. Uma pessoa que tomava a frente. E num ter, como aqui num tem, o povo num se interessa não³⁷³.

“Seu Elói” é Elói Teles, que por volta de 1968, passou a acompanhar os Aniceto em suas apresentações, substituindo o folclorista J. de Figueiredo Filho. Ele funcionava como uma espécie de mediador entre a banda e o público, fechando inclusive os contratos e organizando a agenda de apresentações. Não podemos chamá-lo de empresário, porque desconhecemos as relações entre este e os Aniceto, mas cabe esclarecer que, segundo Pablo Assumpção, J. de Figueiredo Filho acompanhava a banda e cuidava de sua produção com receio de que ela fosse descaracterizada. Tal perspectiva deve ter continuado com Elói Teles. Para o Mestre Luiz Valentim, o caminho percorrido pelos Aniceto foi de sucesso e poderia servir de modelo às outras bandas.

Ocorre que os Aniceto nem sempre são vistos como algo a ser seguido pelos mestres de Barbalha. O *pifero* Zeca Vitorino é o mais incisivo quanto a necessidade de se distanciar dos Aniceto como o modelo ideal de Cabaçal. Como já apresentado com relação à origem da prática, o *pifero* tem uma outra interpretação sobre um dos elementos que diferencia os Aniceto: a dança. Ele então propõe uma estética “moderna” de apresentação na qual a expressão corporal não seria tão determinante. Ao relatar e demonstrar as danças que conhece ao entrevistador, ele afirma que: “[...] uma coisa que eu nunca gostei foi de andar me... Me rebolando por o chão, como vejo uns caba aí. Se rebolando por o chão e se rasgando. Não. Aquilo ali nunca foi comigo não. Agora uma coisa moderna é comigo mermo”³⁷⁴.

práticas das bandas cabaçais do Cariri cearense e as ressignificações do conceito de culturas populares. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

³⁷³ SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

³⁷⁴ SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

O conhecimento sobre as Bandas Cabaçais de Barbalha, produzido através do INRC da festa, colocado em paralelo com a produção acadêmica sobre a prática, nos sugere que talvez os intelectuais tenham um papel determinante na construção das tensões entre as Cabaçais. Primeiramente porque parecem sempre mais propensos a investigar e evidenciar o que distancia os Aniceto dos demais e não o que os aproxima, e depois porque tais discursos de excepcionalidade irão justificar a construção de uma política pública excludente.

Passemos, então, a uma tentativa de apresentar os saberes dos mestres de Barbalha através de suas próprias narrativas, sem ter a preocupação de compará-los ou distingui-los dos demais. Mesmo porque o significado do termo “de Barbalha” é circunstancial. Alguns deles moraram em outras cidades do Cariri e até fora do Estado e sempre evidenciam as fortes relações com as vizinhas Crato e Juazeiro do Norte. Há também na fala nos mestres uma diferença muito clara entre morar nos sítios, na Zona Rural, e morar na Zona Urbana de Barbalha. A vivência dentro dos limites geopolíticos do município não é homogênea. Além disso, como veremos, o saber entre as Cabaçais se constrói “de ouvido”, ou seja, uma música “escutada” no rádio ou no aparelho de celular, de qualquer gênero musical, pode ser “gravada” e incorporada ao repertório do grupo³⁷⁵.

Luiz Valentim (Luiz Raimundo da Silva), nasceu em 16 de janeiro de 1936, no Sítio Correntinho. Apesar de ser morador do núcleo urbano há pelo menos 25 anos, ressalta que a sua formação como músico ocorreu aos 14 anos, no referido sítio, observando o pai, Raimundo Rodrigues da Silva, que era “chefe de uma banda” e os seus oito primos, que se revezavam acompanhando o tio. Segundo o músico, ele se apresenta como *pifero*, porém domina os outros instrumentos e também os confecciona para a venda a outros músicos. Sua atividade principal é na agricultura e no fabrico artesanal de cestas e balaios³⁷⁶.

Chico Benício (Francisco Isidoro de Almeida), agricultor, nasceu na Paraíba, em 03 de julho de 1930. Segundo o músico, foi batizado em Juazeiro do Norte, pois morava em um lugarejo próximo à cidade do Padre Cícero. Aos 16 anos mudou-se para Missão Velha, também no Cariri. Na década de 1980, mudou-se para o bairro Bela Vista, em Barbalha. É primeiro *pifero* na Banda Cabaçal Santo André. Aprendeu o ofício aos 17 anos, no sítio, observando o seu padrinho, José Vieira da Silva, que era músico e dono de uma banda. Começou tocando caixa e “prestando bem atenção nos movimentos” dos outros músicos, que eram parentes do seu padrinho, todos da família Ramos. Informou que o seu sogro também era músico de Cabaçal, sendo também importante no seu aprendizado.

³⁷⁵ Sobre o trânsito de informações na pós-modernidade que desconstrói percepções herméticas das práticas culturais, ver: GARCÍA CANCLINI, Néstor. op. cit.

³⁷⁶ SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

Chico Benício tem seis filhos, que conforme seu relato, não se interessaram pelo ofício. Apenas um chegou a tocar caixa, mas não prosseguiu no aprendizado³⁷⁷.

O agricultor **Zeca Vitorino (José Vitorino da Silva)** nasceu em 22 de maio de 1925. A trajetória do *pifero* foi comum à de muitos nordestinos durante o século XX, na qual a migração parecia ser a única alternativa de sobrevivência. Nasceu no Sítio Riacho do Meio, em Barbalha. Em 1951, migrou para o estado de São Paulo pela primeira vez. Ele informa que por três vezes permaneceu em São Paulo, a última por 16 anos. Também consta em sua narrativa uma passagem pelo estado do Mato Grosso. Entre idas e vindas, há 22 anos regressou a Barbalha definitivamente, passando a morar “dentro da Barbalha”, no Bairro do Rosário. Questionado sobre a sua relação com as Cabaçais, informou: “Minha relação é porque toda vida eu amei a banda cabaçal. Desde eu criança que eu achava bonito e fui crescendo, meu pai era... Fazia parte. E eu fui crescendo até que cheguei o tempo que eu, ele deixou e eu tomei de conta”. Ele afirma que começou a tocar aos 15 anos, com o pífano do pai, usado quando ele estava fora de casa, e que somente aos 22 anos se considerou um músico formado, que segundo ele consistia em conseguir acompanhar todos os instrumentos e tocar o pífano na primeira e na segunda posição. Além disso, tocar todos os instrumentos e também confeccioná-los. Na fala de Luiz Valentim são frequentes as comparações entre o tempo em que começou a tocar, quando tinha seus companheiros do Caldas, e os dias atuais. Às migrações que realizou, é tributada a dissolução do seu primeiro grupo, ao qual ele se refere sempre com muito saudosismo³⁷⁸.

Pedro Elias (Pedro Raimundo da Silva) é agricultor, dono e zabumbeiro da Banda Cabaçal Santo André. Nasceu em 09 de agosto de 1931, no Sítio Cabeceiras, zona rural de Barbalha. Em 1992, mudou-se para o Bairro da Bela Vista, onde formou a banda em homenagem ao orago do bairro localizado na periferia da cidade. Dentre os entrevistados foi o que aprendeu o ofício com mais idade, aos 43 anos, observando o pai do seu compadre Zé Elias, que era músico de Cabaçal e os convidava para acompanhá-lo nas Renovações³⁷⁹.

Como se observa nas sucintas biografias dos mestres, o aprendizado do ofício ocorre dentro do núcleo familiar. Mesmo quando o depoente não aprendeu com um parente próximo, evidencia outro núcleo familiar que mantém a prática ao qual o aprendiz se agrega, nos casos como “compadre” ou “afilhado”. As relações familiares acabam também sendo

³⁷⁷ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociara Ferreira. Barbalha, 2003.

³⁷⁸ SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003; SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³⁷⁹ SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

transpostas na formação do conjunto musical, pois alguns herdaram as bandas, instrumentos e lugares de seus familiares quando de seus falecimentos. Um exemplo é o de Chico Benício, que herdou o lugar de *pifero* da banda quando da morte de seu padrinho.

Nesse momento cabe apresentar a percepção que os músicos possuem sobre a aprendizagem do seu ofício. Quando questionados sobre como aprenderam a tocar os instrumentos, todos responderam com expressões que tributavam o aprendizado às suas capacidades individuais, evidenciando um autodidatismo. Pedro Elias afirmou ter aprendido “com a minha [sua] cabeça”, Chico Benício “através da inteligência” e Zeca Vitorino com “minha [sua] mente”. Vejamos a narrativa desse último:

Entrevistador: É... Quando foi que o senhor aprendeu?

José: Ah, eu tava com, com 15 ano e eu já tenho 80 (risos).

Entrevistador: O senhor poderia dizer como foi que aprendeu com ele?

José: Sei, eu aprendo com ele porque eu tinha muita vontade, porque tudo no mundo quando a gente vai fazer, a gente tem que ter força de vontade. [...] Eu via ele tocando, desde de eu pequeno, desde eu criança, que eu via ele tocando. E eu achava bonito, quando eles tavam tocando em festejo assim, eu tava encostado. Aí eu fui, fui, fui, fui crescendo, fui crescendo, com 15 anos eu comecei a tocar. Mas sozim, só por conta própria mesmo né. [...] No, no... Quando meu pai saia, dia de domingo eu pegava o pífano e ia tocar. Aí...

Entrevistador: O senhor ficava observando ele...

José: Ficava. Aí eu fui, a primeira música que eu aprendi a tocar foi Asa Branca. É, Asa Branca, depois passei pra Jardineira e fui indo, e fui indo, e fui indo aí aprendi a tocar. Minha mente...

[...]

Entrevistador: Aí o senhor aprendeu, começou a tocar sozim?

José: Sozim. Aí quando, aí o meu pai não deixava eu tocar... Aí quando foi um dia, ele chegou e viu eu tocando umas música, aí na primeira vez que o Bom Jesus fez... saiu do trono dele lá do Caldas em procissão, eu num tô bem presente que ano foi... [...] Aí ele foi, ele foi e o colega dele ficou doente dos dente, e não pode acompanhar ele. Aí ele disse: José, você vai mais eu... [...] Mais deixa que eu sabia tocar. Mas o negócio era que eu não sabia acompanhar, eu só tocava né som maior, o menor pra acompanhar eu num sabia. E assim eu fui tirando, e fui tirando, e fui tirando até que comecei tocar nim festa mais otos tocador, aí o otos tocador me deu as notas do acompanhamento todim³⁸⁰.

E quando perguntados sobre se já ensinaram o seu ofício a outras pessoas, os músicos enfatizaram que o seu saber não pode ser transmitido através do ensino, pois

³⁸⁰ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

“tocam de ouvido”.³⁸¹ Eles associam o ensino à cultura escrita e à educação formal, com diz Luiz Valentim, “num é escrito no papel a música tocada. Você vai aprender escutando o outro tocar”, e opõem-no ao seu saber, que está enraizado na oralidade e se constrói através da observação e da experiência, independente de partituras ou instituições. Os mestres descrevem uma rica prática sensorial que inclui observar o gestual dos músicos, primeiro na zabumba, em seguida na caixa, e por fim, nos pífaros (primeiro e segundo), depois “gravar” a música, que significa memorizar a melodia, e praticar até conseguir reproduzi-la. Assim, o zabumbeiro Pedro Elias define “tocar de ouvido”:

Pedro Elias: [...] Nós chama é de tocar de ouvido, entendeu? (riso) Chama-se tocar de ouvido, que a banda de música toca por letra, ele, ele num toca, tocada nenhuma pelo..., só pela cabeça, pelo juízo, né. Eles tão tocando olhando pra, pro ritmo da tocada, né. Aí chama tocar por letra. Tocar de ouvido é a pessoa tocar assim que nem nós toca, né. Só vê um, uma música ali, aí um daqueles que sopra o pífe aprende, aí vai, aí nós consegue, fica, né. Esse aí.

Entrevistador: O senhor já ensinou, o senhor ensina alguém a tocar bumba? É um instrumento...

Pedro Elias: Eu entrego pra o povo aprender, mas agora o povo é que num interessa mais hoje, eu num quero mais não. Eu num tenho mais essa, essa juventude de hoje num quer mais saber disso, não³⁸².

E o pífero Zeca Vitorino:

Entrevistador: O senhor ensina ou ensinou a outras pessoas?

José: Minha jovem, eu num ensinei porque quem toca de ouvido como nós; já vieram aqui em casa as meninas da Secretaria aí, veio aí, aqui em casa, mode eu ensinar. Eu digo: eu num posso ensinar, porque ninguém me ensinou. Que pra ensinar, se eu soubesse ler, quer dizer que era que nem a banda de música, era por letra, aí fica fácil a gente ensinar. Mas de ouvido. O repórter de Fortaleza me fez a pergunta pra eles lá nesse dia mesmo que eu respondi as duas pergunta primeiro. Perguntou: e vocês como é que toca de ouvido, que tudo são analfabeto, como é que toca de ouvido? [...] Digo pra tocar de ouvido é o seguinte, é como você botar um rádio em cima duma mesa e você, sintonizar uma rádio lá do Rio de Janeiro e São Paulo o que tiver tocando lá, num toca aqui no rádio? Ele disse: toca. É como quem toca de ouvido. Só toca a música quando ele grava ela na cabeça, enquanto num gravar, ele num toca³⁸³.

³⁸¹ Foram leituras fundamentais à descrição dos saberes das Bandas Cabaçais desenvolvida neste dossiê e ao entendimento da relação entre cultura escrita e oralidade as seguintes obras: CHARTIER, Roger. **Do palco à página:** publicar teatro e ler romances na época moderna XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002; YATES, Frances. **A arte da memória.** Campinas: Unicamp, 2013; ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec, 1997; _____. **A letra e a voz.** São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

³⁸² SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva.** Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

³⁸³ SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva.** Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

Logo, segundo eles, como os seus saberes se fundamentam na observação, memorização e reprodução dos sons independente da cultura escrita, eles não podem ser ensinados. Os músicos cedem seus instrumentos a aprendizes “interessados” e usam a expressão “orientar” no lugar de “ensinar” quando acompanham seus processos de autodescoberta. Tal percepção elucida a forma como eles tributam o seu aprendizado ao autodidatismo, pois a capacidade mnemônica de cada indivíduo torna-se determinante.

Chico Benício esclarece sobre a orientação e a aprendizagem:

Entrevistador: Ensina ou o senhor já ensinou a alguém a, a tocar?

Francisco: Não, a gente orienta, a gente orienta pessoa que interessa, a gente orienta “não é assim”, dá as posição, coloca na posição, mas num pode ensinar porque num tem letra, né, é negócio de ouvido.

Entrevistador: Percebendo, né, entendendo, mas...

Francisco: Só a gente só a faz a peça, só faz a música depois que a gente grava...

Entrevistador: Então, o senhor aprendeu só observando, né, assim só olhando...

Francisco: Tocando e eu escutando, acompanhando e escutando as músicas, mas gravando as músicas. Agora, depois que a gente grava as música a gente vai treinar no pife e até acertar, até fazer aquela³⁸⁴.

O “tocar de ouvido” também contribui para que o repertório musical e rítmico das Cabaçais seja diverso. Eles buscam atender aos pedidos do público e o rádio é a forma utilizada para aprender novas melodias. O *pifero* Luiz Valentim é o mais entusiasmado com o aprendizado de novas músicas, até mesmo porque cabe aos *piferos* ouvir e gravar as canções e dar o tom aos demais instrumentistas. Ele cita Luiz Gonzaga e bandas de forró eletrônico contemporâneas, cujas músicas são apropriadas pelos zabumbeiros, como integrantes do seu repertório. Além dos benditos e hinos religiosos, os mestres citaram outros ritmos que integram suas apresentações, como a Marcha, o Dobrado, a Valsa, o Bolero, o Samba, o Forró, o Choro e o Frevo. Mas parece ser com o Baião que as Cabaçais estabeleceram uma relação quase simbiótica, associadas aos momentos lúdicos e festivos. Segundo J. de Figueiredo Filho:

O baião tomou alma nova no Cariri. É o principal motivo das composições musicais dos zabumbeiros e pifeiros. É dançado também com passos multiformes, e dedilhado na viola, constituindo a toada dos cantadores de improviso. Encontra agora outro grande concorrente. É o baião sofisticado, criado ou readaptado nos grandes centros urbanos, inundando assim amplificadoras, rádios, eletrolas e até o próprio repertório musical do tocador de sanfona ou do zabumba-de-couro.

³⁸⁴ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociara Ferreira. Barbalha, 2003.

[..] O baião é o gênero que mais gostam. Pipoca é um baião que imita o milho pipocando no fogo. Marimbondo é tão agressivo em notas agudas quanto aqueles insetos tão valentes e de ferroada tão causticante. Cachorra é como se fosse a cadela a gritar com o açoite³⁸⁵.

Além dos ritmos, os zabumbeiros descreveram algumas danças que executam durante as apresentações. Conforme J. de Figueiredo Filho, “pifeiros e zabumbeiros não são tocadores somente. Dançam ao mesmo tempo que tocam. [...] Já vi tocador de zabumba com um pé só pulando vara deitada, a tocar no seu volumoso instrumento, sem perder o compasso da música e da dança”.³⁸⁶ Caranguejo, Trancelim, Canarinho, Cochilo, Sapo e Marimbondo foram algumas das danças citadas, ressaltando-se a referência aos animais. As entrevistas que compõem o INRC foram registradas apenas em áudio. A performance cênica dos músicos não foi documentada, bem como eles não tocavam os instrumentos enquanto realizavam os passos de dança, o que nos impede de avançar na análise³⁸⁷.

O saber relacionado à produção dos instrumentos musicais também deve ser pontuado com um aspecto importante para formação dos músicos. O principal instrumento musical das bandas cabaçais é o pife, pífano ou pífaro, que, de acordo com Murilo Mendes:

[...] são flautas tocadas transversalmente, feitas de bambu de taquara, taboca, cano PVC, metal, ou outro material cilíndrico que possa ser perfurado e transformado em flauta. Os pífanos possuem sete orifícios: seis para os dedos indicador, médio e anelar de cada mão e um para o sopro. A extremidade do cilindro próxima ao orifício onde o *pífero* sopra é vedada. Esta vedação pode ser feita com cera de abelha, borracha, sola de chinelo velho, cola ou qualquer outro material que possa tapar a passagem de ar. A outra extremidade fica aberta para que o fluxo de ar produza o som da flauta. Os seis orifícios cobertos pelos dedos, são articulados no intuito de alterar o fluxo de ar e determinar as alturas que compõem a melodia. O orifício onde se sopra na flauta é chamado de “bocal”. Esses orifícios da digitação, assim como o bocal, são arredondados e possuem, aproximadamente, oito milímetros de diâmetro cada um. A distância entre cada orifício que os dedos irão digitar é de aproximadamente 1,5 centímetros. Deve haver uma simetria entre a distância do bocal ao primeiro orifício e a distância entre o primeiro e o último orifício, ou seja, se do centro do bocal ao centro do primeiro orifício tiver doze centímetros, deverá haver doze centímetros entre o centro do primeiro e o centro do sexto orifício. Mas essa é uma proporção aproximada, uma referência que nem sempre é

³⁸⁵ J. de Figueiredo Filho já observa na década de 1960 como a chegada das amplificadoras foi decisiva na ampliação do repertório rítmico e musical das Cabaçais. Em seu livro, foi enfatizado em vários momentos as relações da música de couro com o Baião. Ver: FIGUEIREDO Filho, J. de. op. cit. p. 18; 82. Ver também: CASCUDO, Luís da Câmara. Baião. In. _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 41-42.

³⁸⁶ FIGUEIREDO Filho, J. de. op. cit, p. 82.

³⁸⁷ Deixamos como referência o estudo de Elídia Veríssimo sobre os significados atribuídos aos animais no universo da obra dos Irmãos Aniceto. VERÍSSIMO, Elídia Clara Aguiar. op. cit. p. 129-141.

seguida à risca. O acabamento dos pifanos pode ser feitos com pinturas, linhas de artesanato ou outros adornos da criatividade do *pifero*.³⁸⁸

Os *piferos* Zeca Vitorino e Chico Benício enfatizam a importância do pife para o conjunto. É através do tom dado pelo instrumento que os demais músicos identificam qual música será executada, bem como ele demarca o seu início e fim. Nas bandas cabaçais, normalmente há o primeiro e o segundo *pifero*, ambos executam a mesma música, porém em tons diferentes e complementares. As posições entre os *piferos* podem ser alternadas, sendo o primeiro *pifero* aquele que “tira a música”, ou seja, define a melodia, cabendo ao outro o acompanhamento.³⁸⁹ Geralmente os *piferos* sabem executar as músicas tanto na primeira como na segunda posição³⁹⁰.

Como a última citação evidencia, as práticas artesanais de fabricação dos pifanos passaram por mudanças, principalmente em decorrência do acesso a produtos industrializados que facilitaram a confecção dos instrumentos, como o PVC e o metal. Hoje a sua fabricação pode ocorrer de forma totalmente artesanal ou semi-artesanal. Entre os músicos entrevistados no INRC da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, todos utilizam o cano de PVC para a confecção de seus pifes, o que confere um caráter semi-artesanal à prática, pois mesmo utilizando um produto industrializado, a abertura dos orifícios, o que envolve a espessura e distância entre cada um, se dá a partir do saber do mestre. Os *piferos* relataram com detalhes a fabricação artesanal do instrumento, ainda quando este era produzido a partir de algumas espécies de bambus, como a Taboca (*Guadua weberbaueri*) e a Taquara (*Merostachys speciosa*). Evidenciaram que a opção pelo PVC se deu em virtude da resistência do material industrializado frente a dos insumos tradicionais, que muitas vezes se rompiam durante a apresentação³⁹¹.

O Zabumba e a Caixa são instrumentos de percussão. A produção dos instrumentos ocorre de forma semelhante e os insumos são os mesmos: a madeira Timbaúba (*Enterobium contortisiliquum morong*) e o couro de criação de cabra. Conforme

³⁸⁸ MENDES, Murilo. **Fé no pife**: as flautas de pifano no contexto cultural da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012, p. 47-48.

³⁸⁹ ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociana Ferreira. Barbalha, 2003; SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

³⁹⁰ Para informações técnicas sobre a execução da dupla de pifes, ver: MENDES, Murilo. op. cit. p. 62-73.

³⁹¹ Em sua pesquisa de mestrado, Murilo Mendes constatou que a mudança dos materiais não alterou o valor simbólico, o vínculo ancestral e a carga emocional depositada nos pifes por seus detentores. Porém identificou alterações com relação ao timbre do instrumento, bem como percebeu que a utilização do PVC, que possui um diâmetro padronizado, tem levado à padronização do instrumento. Tal perspectiva inexistia quando da utilização da taboca ou da taquara, pois cada bambu possuía um diâmetro próprio, o que exigia maior habilidade do artífice ao perfurar os orifícios garantindo ao instrumento uma boa sonoridade. Ver: MENDES, Murilo. op. cit. p. 52-54.

Murilo Mendes, “o zabumba é responsável pela acentuação mais grave e em alguns ritmos, toca em compasso composto em contraste com a caixa. A caixa, tocada muitas vezes em constantes semicolcheias, enquadra o ritmo e compasso da música no compasso quaternário ou binário [...]”.³⁹² No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Câmara Cascudo informa que a Caixa e o Zabumba são instrumentos comuns nos folguedos populares, o primeiro é relacionado ao maracatu pernambucano e o segundo aos sambas, batuques, maracatus, pastoris e zé-pereiras³⁹³.

³⁹² MENDES, Murilo. op. cit. p. 54.

³⁹³ CASCUDO, Luís da Câmara. Taró; Zabumba. In. _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001, p. 668; 763.



Imagens 77 e 78: Pifano (Pife) e Zabumba (Bumbo), 2010.

Autor: Maurício Albano.



Imagem 79: Tarol ou Caixa, 2010.

Autor: Maurício Albano.

2. O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO.

É irrefutável a forte relação existente entre a ideia de uma identidade cultural barbalhense e a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Não temos a menor dúvida de que é um tanto perigoso falarmos de maneira tão abrangente sobre uma sociedade complexa, como é a sociedade barbalhense, e a concepção de uma identidade cultural referente a indivíduos e grupos sociais, que se distanciam e se aproximam a depender dos ângulos e das frestas a partir de onde e por onde se resolve observar. No entanto, no período dos festejos dedicados ao santo padroeiro de Barbalha, Santo Antônio, a cidade e a população local ficam imersas de tal modo nas atividades festivas que nos parece mais simples a compreensão de que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, que é a principal festa da cidade - aquela que registra números mais vultosos no que concerne a expectadores, investimentos realizados e decerto recursos arrecadados - de forma alguma se limita a um ou outro determinado grupo social. A referida festa, portanto, dinamiza setores vários da cidade, permitindo-lhes sobremodo a conjugação de experiências que lhes remetem a ideia de origens, destinos e percursos comuns.

Rita Amaral observa que o Círio de Nazaré, em Belém do Pará, é um "fato social total, no mais pleno sentido, pois mobiliza todas as instituições sociais da cidade" ³⁹⁴. Além disso, a autora menciona que não somente a referida festa provoca transformações espirituais, mas também suscita mudanças sociais e econômicas. Segundo Rita Amaral, há, portanto, todo um mercado de "bens simbólicos e materiais criados a partir do referencial da festa do Círio" ³⁹⁵, os quais movimentam milhões de reais. Podemos, guardadas as diferenças e proporções, aproximar o que nos fala Rita Amaral sobre o Círio de Nazaré, a fim de pensarmos a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. A festa de Barbalha, portanto, também pode ser vista como um fato social total, na medida em que a partir de tal evento social "exprimem, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais [...] econômicas [...]; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam" ³⁹⁶.

A dimensão que ganhou a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, ao longo da segunda metade do século XX, uma vez que tal festejo vem ultrapassando as fronteiras locais, em face à grande repercussão midiática que provoca e também pela grande quantidade de pessoas que mobiliza e atrai - como pesquisadores, jornalistas e turistas curiosos -, reforça um sentimento identitário, que integra e alimenta a cada ano a ideia de

³⁹⁴ AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que "não é sério"**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p. 268.

³⁹⁵ *Ibid.*, p. 269.

³⁹⁶ MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo Cosac & Naify, 2003, p. 187.

que aquele evento é uma referência para o reconhecimento identitário dos comuns, que são os habitantes, o povo de Barbalha. Dada a maior expressividade que ganhou a festa de Barbalha, a Lei Estadual N. 15.271, de 28 de dezembro de 2012, instituiu o citado município como a Capital Cearense dos Festejos de Santo Antônio no Estado do Ceará. A atratividade da festa, para além das fronteiras de Barbalha, concebe e reforça um sentimento de inclusão por parte da população barbalhense. Ao tempo que os turistas são sempre bem-vindos aos festejos dedicados ao santo padroeiro de Barbalha, é inegável que a migração forasteira é um forte elemento de constituição da identidade daqueles que fazem parte da cidade. A identidade e a diferença, como nos reporta Tomaz Tadeu da Silva, são “criações sociais e culturais”. Ademais, o autor nos faz verificar que a identidade, assim como a diferença, sendo relações sociais, está sujeita às configurações de força que permeiam a sociedade em suas distintas instâncias³⁹⁷.

Com isso, queremos ressaltar que, de fato, os discursos, como outras atividades que remetem a construção da ideia de identidade cultural dos Barbalhenses a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, como outros processos que aludem à conformação identitária de determinado povo, cidade ou região, estão eivadas de premissas ideológicas que se interpelam com alguma constância, até que um ou outro símbolo identitário torna-se um tanto mais significativo e duradouro.

Neste sentido, é relevante mencionar que, conquanto a festa seja um expressivo símbolo identitário dos barbalhenses, figurando como uma referência cultural incontestável da cidade, não poderíamos tratá-la e analisá-la de forma simplória e ingênua, de maneira a abordar Barbalha como um espaço utópico sem seus conflitos e fronteiras, que delimitam os diferentes grupos sociais que conformam sua sociedade. No entanto, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, é uma ocasião diferente. A festa reconfigura a cidade e sua sociedade, definindo novas representações.

Outro ponto acerca do qual gostaríamos de fazer menção refere-se a algumas especificidades da referida festa, que ao curso do século XX passou por transformações que a levaram a se tornar algo além de um rito religioso, no qual se reuniam os membros de uma elite da cidade com vistas a professar a fé em Santo Antônio. No decurso do século XX, a restrição católica da manifestação se ampliou, conferindo a outros agrupamentos sociais mais populares outras formas de expressão que também aludiam à fé católica, no entanto, distanciavam-se das premissas ritualísticas e comportamentais que comumente era possível se verificar nas primeiras décadas do citado século.

³⁹⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 74.

É relevante mencionar que, para além das manifestações mais populares que possibilitaram se aproximar e se integrar elementos religiosos e profanos – como a inserção de instrumentos musicais pouco usuais durante ritos católicos, o consumo de bebidas alcoólicas, como a cachaça, e a própria carregação do pau da bandeira, incitando uma série de brincadeiras e referências de duplo sentido a partir do pau milagroso, capaz de levar ao altar qualquer devoto que lhe toque ou mesmo que venha a bebê-lo em chá –, cabe destacar que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, em face a sua grande dimensão e notoriedade, nos permite compreender como as festas tradicionais podem passar por mudanças, em acordo à organização das relações de força que configuram e confirmam a convivência política e social de uma certa localidade.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, portanto, é uma festa de grandes dimensões e congrega elementos que a tornam um evento específico para a referência identitária de toda uma cidade e região, ao passo que atrai milhares de pessoas que se sentem motivadas a participar do referido período festivo na medida em que enxergam uma especificidade que lhes parece algo além do que um momento comum do calendário religioso. É exatamente na congregação do religioso e do profano que a Festa do Pau da Bandeira, em Barbalha, se configura como um evento capaz de atrair uma multidão de pessoas que migram em direção à cidade com vistas a professar sua fé, a matar a saudade de amigos ou parentes, ou simplesmente aportam a fim de visualizar uma experiência pouco comum de se presenciar nos dias atuais; um evento ritualístico, que remete claramente a ideia de tradição, conjugando temporalidades distintas, capaz de por lado a lado elementos aparentemente tão díspares, mas que tendem a convergir em direção sobretudo a fé e ao sacrifício dedicado ao santo padroeiro.

Neste sentido, uma questão sobre a qual necessariamente temos de tratar refere-se ao processo do corte, carregamento e hasteamento do pau da bandeira de Santo Antônio. Todo o cortejo do pau da bandeira evoca a noção de devoção e sacrifício em torno do santo padroeiro. Centenas de homens levando em seus ombros o peso, a dor, o risco de morte, a fim de garantir e reforçar a relação do santo e de seus devotos torna a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, um evento singular. O cortejo, portanto, além de por em evidência um grupo social que pouca visibilidade tem, já que a maioria dos carregadores é composta por homens oriundos de classes mais populares, e que durante a carregação do pau passam a exercer uma função protagônica ao longo do evento mais relevante da cidade, não resta dúvidas de que é uma ocasião na qual os laços com o santo padroeiro se renovam. E, para além de uma integração social, ocorre uma proximidade entre o meio natural e o meio urbano, entre o tradicional e o moderno, garantindo uma espécie de comunhão simbólica, que evidentemente envolve pessoas e os diferentes espaços da cidade.

A Festa de Santo Antônio dá início às festas juninas no Brasil; começando com Santo Antônio, em 13 de junho, seguindo por São João, em 24 de junho, e, por fim, São Pedro, em 29 de junho. Essas festas figuram dentre as festas do solstício de inverno. O solstício de inverno é um fenômeno astronômico que demarca o princípio do inverno. No hemisfério sul, o solstício de inverno tem seu início em 21 ou 23 de junho, período no qual no hemisfério norte acontece o início do solstício de verão. No hemisfério norte, o solstício de inverno começa em 21 ou 23 de dezembro, data em que no hemisfério sul há o começo do solstício de verão.

O solstício de inverno representa, portanto, o período de colheita e, sem dúvida, renovação e preparação da terra para as atividades agrícolas vindouras. Câmara Cascudo, ao falar sobre São João, cujo dia dedicado ao santo se refere exatamente ao início do solstício de inverno no Brasil, menciona que era uma data em que “as populações do campo festejavam a proximidade das colheitas e faziam sacrifício para afastar os demônios da esterilidade, as pestes dos cereais, as estiagens etc.”³⁹⁸.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, é uma relevante expressão da relação entre o homem, o sagrado e seu espaço envolvente; é uma clara demonstração de reverência cujos intentos primordiais se centram na necessidade de garantir a prosperidade da terra, que sempre foi um dos esteios da produção e reprodução, da sobrevivência e da riqueza por sobre os terrenos do Cariri, bem como de outras localidades, durante os séculos XVIII, XIX e XX.

Ademais, outro ponto que nos cabe ressaltar alude ao fato de que as festas dedicadas a Santo Antônio, no Brasil, são períodos festivos muito comuns de se encontrar pelos distintos estados brasileiros, exatamente por ter sido o referido santo extremamente conhecido e venerado em Portugal, estendendo-se tal devoção pelos caminhos que seguiram os passos e movimentos da colonização portuguesa no Brasil. Portanto, a ideia de preservação da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, não deixa de ser uma referência à historicidade dos diferentes processos de ocupação dos espaços coloniais, os quais se reportaram à proteção do santo português com vistas a que tamanho empreendimento, um tanto inseguro, pudesse seguir sem grandes empecilhos ou riscos.

³⁹⁸ CASCUDO, 2002, op. cit. p. 298.

3. RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

O presente capítulo busca sintetizar as percepções da equipe técnica do Iphan-CE sobre a salvaguarda da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Trata-se de um documento preliminar e que subsidiará as discussões iniciais junto à comunidade detentora para a elaboração do plano de salvaguarda da celebração após o seu registro³⁹⁹.

3.1. Mobilização social dos detentores e ações de salvaguarda já realizadas

Antes de iniciarmos um diagnóstico preliminar para a futura elaboração do plano de salvaguarda da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha, e propor algumas recomendações, é necessário estabelecer um breve histórico sobre a atuação da Superintendência do Iphan no Ceará (Iphan-CE) na cidade de Barbalha e no Cariri. Tal retomada é fundamental para esclarecermos questões afeitas ao estágio atual de mobilização social dos detentores do bem cultural frente ao processo de registro.

No contexto de implantação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) e do Decreto nº. 3.551/2000, que instituiu o registro dos bens imateriais, o Iphan/CE estabeleceu o Cariri Cearense como um território prioritário de atuação, provavelmente em decorrência da representação dessa região como “caldeirão da cultura popular”, das incursões já realizadas pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan) e das reflexões em torno do conceito de *Paisagem Cultural*, que se urdia no Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (Depam/Iphan). A referida diretriz consolidou-se no *Projeto Cariri*⁴⁰⁰.

Existem escassos documentos institucionais que auxiliam na compreensão do que foi o *Projeto Cariri* e seus objetivos. Em um folder produzido pelo Iphan-CE há a seguinte definição:

Iniciado em 2002, o Projeto Cariri é fruto de um Termo de Cooperação Técnica e Científica celebrado entre o Iphan, através da 4ª Superintendência Regional, e a Universidade Regional do Cariri – URCA.

³⁹⁹ Para o desenvolvimento da discussão foi-nos de extrema valia o documento Termo de Referência para Salvaguarda de Bens Registrados divulgado ainda como minuta pela Coordenação Geral de Salvaguarda (CGSG/Iphan).

⁴⁰⁰ Sobre as ações do CNFCP ver: Instituto Nacional do Folclore. **Artistas de Juazeiro do Norte-CE**. Rio de Janeiro, 1985; ____; Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. **Centro de cultura popular de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte, 1985; LIMA, Ricardo Gomes (org.). **Engenho e arte populares**. Rio de Janeiro: Funart, CFCP, 1997. Sobre as ações do DEPAM/Iphan e o Projeto Cariri, ver: RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007, p. 110-111.

[...] O Projeto Cariri tem como principal objetivo a realização de estudos voltados às categorias do patrimônio imaterial: Lugares – Roteiro da Fé: Santuário de Nossa Senhora das Dores, Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Colina do Horto e Santo Sepulcro; Formas de Expressão: Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto; Saberes e Fazer: Obra do escultor Manuel Graciano; **Celebração: Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, e a obtenção de seu reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil.** [...] estão também em curso estudos relativos ao tombamento do acervo do Museu de Paleontologia da URCA, em Santana do Cariri. [...] visa a possibilitar à comunidade, através da aliança entre várias instituições, uma leitura correta dessa paisagem cultural [...], promovendo também a qualificação profissional, unindo a teoria à prática num permanente diálogo com a sociedade, resultando em ações de educação patrimonial (grifo nosso)⁴⁰¹.

Não chegamos a um recorte temporal preciso sobre o período no qual o *Projeto Cariri* esteve vigente, porém estimamos o intervalo entre os anos de 2001 e 2008.⁴⁰² Dúvidas e incoerências também pairam sobre quais foram os resultados concretos do *Projeto Cariri*, já que no acervo do Iphan/CE possuímos apenas um conjunto documental referente ao Poeta Patativa do Assaré, que supomos ser um dossiê para registro, e o Inventário Nacional de Referências Culturais da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, esse último recebido da instituição executora apenas em 2010, após o Iphan sanar pendências financeiras.⁴⁰³ Pelo que pudemos levantar, o referido inventário ocorreu em duas etapas, a primeira entre 2002 e 2003 e a segunda em 2005.

Em um contexto administrativo ainda hoje extremamente confuso e repleto de incoerências, o processo de registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio foi retomado em 2010, o que resultou na abertura do Processo Administrativo nº. 01450.008635/2010 e no início da sua instrução, conforme o referido Decreto e a Resolução Iphan nº. 01/2006.

Tais informações preliminares são importantes para percebermos dois aspectos: o primeiro, é que a proposta de registrar a celebração não partiu da comunidade detentora; e o segundo é que, por se tratar de um processo muito longo, com etapas interrompidas, a comunidade detentora foi mobilizada e desmobilizada por inúmeras vezes sem que o processo fosse concluído, levando ao descrédito a imagem institucional do Iphan.

Normalmente, a realização do INRC é um momento estratégico para esclarecer dúvidas sobre a política, mobilizar os detentores e articular parcerias. Porém, no caso em

⁴⁰¹ IPHAN. **Cariri:** Patrimônio Cultural do Povo Brasileiro. Fortaleza, [s.d]. Folder 3 dobraduras. Ver também: IPHAN. **Região do Cariri patrimônio de todos:** roteiro para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Fortaleza, 2007. 32 p. il.

⁴⁰² Há referência em jornal de grande circulação ao início do processo de registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio no ano de 2001, ver: Urca inicia processo de registro da Festa do Pau da Bandeira. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 2001. Regional, p. 2.

⁴⁰³ Para maiores informações sobre o INRC da celebração, ver a Informação Técnica nº. 042/2010-DITEC/IPHAN-CE, Processo Administrativo nº. 01450.008635/2010-08, fls. 43-52.

tela, não temos informações sobre o contexto no qual o inventário foi aplicado, se ocorreram reuniões com a comunidade esclarecendo os objetivos do registro e tão pouco se houve alguma discussão em torno da necessidade de os detentores anuírem ao processo. Nos áudios das entrevistas, nenhuma dessas questões foi discutida com os entrevistados. Eles são abordados pelos entrevistadores mais como informantes do que como detentores do bem cultural. Tal abordagem nos parece compreensível, já que a política de patrimônio imaterial ainda estabelecia suas normativas e diretrizes no momento em que o INRC foi realizado.

Foi nesse ambiente de dúvidas da comunidade detentora com relação ao trabalho do Iphan e da própria equipe técnica do Iphan-CE, a pouco reconstituída, no qual foi restabelecido o diálogo da superintendência com as instituições e a comunidade de Barbalha. Na retomada do processo, percebemos que apesar da desconfiança com relação à efetivação do registro e a atuação do Iphan, várias instituições de Barbalha acolheram a proposta. Foram importantes ao processo a Paróquia de Santo Antônio, a Prefeitura Municipal de Barbalha, o Centro Pró-memória de Barbalha Josafá Magalhães, o Instituto Cultural do Vale Caririense, a Câmara Municipal de Barbalha e a União das Associações de Barbalha-UNAB. Fora das representações institucionais, o Iphan recebeu o apoio dos Carregadores do Pau da Bandeira. Foi com eles que nos reunimos quando da nossa primeira viagem à Barbalha, em uma audiência pública na Câmara Municipal, em 30 de março de 2010, para explicar o que era o registro e que precisaríamos da concordância formal deles para que o processo continuasse. Nessa ocasião tivemos uma primeira demonstração de empoderamento dos Carregadores com relação ao registro. Nós nos dispusemos a preparar uma minuta do documento de anuência ao pedido e eles claramente expuseram que gostariam de produzir o documento, já que se tratava de um bem cultural do qual eles eram os detentores.

Após o envio do pedido, o DPI/Iphan constatou incoerências na definição do objeto a ser registrado, pois alguns proponentes pediram o registro apenas do Carregamento do Pau da Bandeira, e outros da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, o que contemplaria toda a trezena. Apesar de o impasse ter contribuído para o atraso no andamento do processo, foi extremamente positivo para o seu amadurecimento, pois o Iphan-CE, em parceria com a Secretaria de Turismo e Cultura de Barbalha (Sectur), promoveu discussões com a comunidade sobre a questão. Tensões foram evidenciadas, como as de natureza político-partidárias, e após uma audiência pública final, ocorrida em 14 de setembro de 2011, foi definido que a comunidade desejava o registro de toda a trezena em homenagem ao padroeiro.

A definição da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como objeto do registro nos colocou uma nova questão referente à legitimidade do processo e, por

consequência, à interlocução com seus detentores. Inicialmente possuíamos apenas a anuência dos Carregadores, o que seria suficiente para o registro do Carregamento, mas não para toda a celebração. Dessa forma, passamos a observar os múltiplos agentes que atuavam na celebração, tentando perceber quais seriam os demais atores legítimos a cancelar o pedido de registro, além dos Carregadores do Pau da Bandeira. Neste momento, nos deparamos com a dificuldade em definir qual seria a comunidade detentora, aspecto determinante também para a construção do plano de salvaguarda.

Como já foi apresentado neste dossiê, a celebração está enraizada em forte sentido de pertencimento dos moradores de Barbalha, que se manifesta tanto nos habitantes do núcleo urbano e sua periferia, como nos dos sítios e distritos. É o momento do retorno dos que partiram e reencontro entre famílias, é quando uma vivência comunitária, associativa e em muitos casos fundamentada em papéis transgeracionais se reafirma. Além disso, Barbalha é uma cidade na qual a maioria dos habitantes se declara católico apostólico romano. Conforme os dados do Censo do IBGE de 2010, de uma população residente de 55.323 habitantes, 51.312 declararam-se adeptos da referida religião.⁴⁰⁴ As festas dos santos padroeiros de capelas, comunidades, bairros, sítios e distritos estão disseminadas por todo o município e a festa de Santo Antônio é a maior delas. Dessa forma, praticamente todas as pessoas que vivem ou viveram em Barbalha são detentoras da celebração, e cabe na elaboração do plano de salvaguarda estabelecer estratégias para que a população de uma forma geral compreenda o instrumento do registro a que a festa do padroeiro será submetida.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio possui três agentes principais que em intenso diálogo a realizam: a Paróquia de Santo Antônio e seus paroquianos, a Prefeitura Municipal de Barbalha e suas secretarias vinculadas, e o Capitão do Pau da Bandeira, que representa os Carregadores nas discussões com o poder público e a paróquia. A percepção da importância de tais agentes ocorre de forma imediata logo nas primeiras aproximações com a celebração. Porém, após a experiência de campo na festa de 2010, do estudo da bibliografia disponível⁴⁰⁵ e do INRC, constatamos que existiam grupos

⁴⁰⁴ Número da população residente em Barbalha por religião: Católica apostólica romana: 51.312; Espírita: 106; Evangélica não determinada: 567; Evangélicas: 2.630; Evangélica de missão: 857; Evangélica de origem pentecostal: 1.206; Igreja de Jesus Cristo dos santos últimos dias: 105; Judaísmo: 9; Igreja messiânica mundial: 8; Outras religiosidades cristãs: 42; Sem religião: 918; Agnóstico: 40; Ateu: 9; Sem religião: 869; Testemunha de Jeová: 148; Não sabe: 44. Fonte: IBGE. **Censo Demográfico 2010:** resultados da amostra – religião. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=230190&idtema=91&search=ceara%7Cbarbalha%7Ccenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->. Acesso em: 30 jul. 2015, às 15:52.

⁴⁰⁵ Dentre os estudos consultados, dois trabalhos acadêmicos tiveram suas origens vinculadas à experiência no Projeto Cariri. Cícera Patrícia Bezerra e Simone Pereira da Silva foram bolsista da Universidade Regional do Cariri (Cariri) no projeto, e a partir da experiência de campo

que participavam ativamente da celebração, porém numa condição tutelada e mediada, e cuja natureza de suas práticas é convergente com as diretrizes do PNPI. Tratam-se dos grupos representantes da cultura popular que participam do Desfile dos Grupos de Folguedos.

A partir dessa constatação buscamos compreender melhor o lugar ocupado por esses grupos na celebração e inteirá-los sobre o processo e a necessidade de anuírem ao mesmo. Contratamos uma consultora que visitou nos sítios os mestres das referidas formas de expressão com a mediação da Sectur, e propusemos um estudo no âmbito do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural do Iphan sobre as Ordens Penitentes do município.⁴⁰⁶ A conclusão a que chegamos, e que será melhor desenvolvida em tópico específico, é que tais grupos devem receber uma atenção especial durante a elaboração do plano de salvaguarda.

Sabendo dos anseios da comunidade por um retorno concreto do Iphan e cientes de que a instrução do processo de registro levaria tempo, decidimos realizar ações de salvaguarda que atualmente são classificadas como de **Difusão e Valorização** da celebração. A experiência inicial consistiu na exposição fotográfica *Pau de Santo, Festa de Fé*, que itinerou pelas cidades de Crato, Barbalha e Fortaleza, entre 2010 e 2012. A recepção foi tão positiva que decidimos transformar algumas imagens em postais e também organizar uma nova mostra, dessa vez permanente e com objetos tridimensionais.

A nova exposição *Pau de Santo, Festa de Fé* foi aberta ao público durante a festa do padroeiro de 2013, no Casarão Hotel, sede da Sectur. A sua concepção foi fruto de um esforço coletivo, pois todos os objetos que a compõem foram doados ou cedidos pela comunidade. Destacam-se a cessão das bandeiras do santo padroeiro dos últimos 10 anos e alguns objetos pessoais de José da Costa Veloso, o Pavão, animador do Carregamento do Pau da Bandeira e personagem de grande importância simbólica para a toda a comunidade barbalhense. Cabe registrar que a cidade de Barbalha não possuía nenhuma unidade museológica até então. A exposição ganhou a função de memorial da celebração e recebe a visita de estudantes e turistas em Barbalha. A perspectiva inicial era a de manter um núcleo educativo permanente vinculado ao memorial, o que não conseguimos efetivar.

desenvolveram, respectivamente, questionamentos sobre a participação da Ordem Penitente da Irmandade da Cruz e dos Reisados de Congos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. BEZERRA, Cícera Patrícia A. **Outras Histórias:** memórias e narrativas da Irmandade da Cruz-Barbalha/CE. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010; SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa:** (re)significações simbólicas dos brincantes do reisado de Congo em Barbalha – CE (1960-1970). Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2011.

⁴⁰⁶ MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites:** memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade de Barbalha-CE. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2014.

Acreditamos que a concretização do registro nos permitirá retomar tal proposta, além de promover ações de capacitação da equipe técnica da Sectur para a conservação do acervo e também reavaliar o conteúdo da exposição.

Outra ação relevante foi a publicação do livro *Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha*, que reuniu artigos de pesquisadores da celebração, alguns deles integrantes do Projeto Cariri. O livro acabou se tornando uma obra de referência sobre a festa e sua primeira edição já foi esgotada. No processo de revisão do INRC e escrita do dossiê identificamos um número expressivo de pesquisas acadêmicas sobre a Festa do Pau da Bandeira e seus bens associados que ainda não foram publicadas. Somam-se a esses, os trabalhos de pesquisadores que de forma independente produzem conhecimento sobre a cidade Barbalha, como Napoleão Tavares Neves, cujas obras são de referência, porém de circulação limitada. É necessário também discutir no âmbito da salvaguarda as estratégias de divulgação dessa produção para os mais diversos públicos⁴⁰⁷.

Também dentro do eixo de Difusão e Valorização, realizamos o tratamento do acervo de fitas cassetes e VHS do Projeto Cariri, que estavam em estado de conservação sofrível, e o convertemos ao formato digital. Tal acervo será reproduzido, juntamente com o INRC do bem cultural, o presente dossiê e as pesquisas acadêmicas identificadas sobre o bem cultural, e encaminhado à Biblioteca Pública de Barbalha, que funciona na mesma edificação do memorial. A associação entre o memorial e a biblioteca do município pode contribuir para as discussões futuras em torno da criação de um centro de referência para o bem. Acrescenta-se a esta ação a digitalização do acervo do Padre Paulo Gurgel, fundamental a este dossiê, e cujos originais em papel fotográfico devem receber o acondicionamento adequado.

A partir das ações realizadas e das discussões entorno da definição do objeto de registro pudemos estreitar a relação com a cidade, porém a atuação do Iphan-CE é sempre mediada pela Prefeitura de Barbalha. Não conseguimos estabelecer uma relação direta com os detentores, o que é fundamental para que a salvaguarda seja construída de forma participativa e que de fato represente os anseios do número mais diverso de grupos e instituições. Além disso, a nossa relação sempre ocorre com outras instituições, ou seja, não conseguimos estabelecer diálogo com os detentores que não possuem tal forma de organização e mesmo entre as instituições, não nos inteiramos sobre o universo de ações promovidas por Ongs, Oscips e associações que atuam no campo cultural em Barbalha. Dessa forma, a **Mobilização e Articulação de comunidades e grupos detentores** deve ser intensificada após o registro, principalmente trazendo outros interlocutores, além da

⁴⁰⁷ Gostaríamos de destacar a iniciativa da publicação do livro infantil *Festa do Pau da Bandeira* pelos pesquisadores Océlio Souza e Sandra Nancy Bezerra, ver: BEZERRA, Sandra Nancy F; SOUZA, Océlio T. de. **Festa do Pau da Bandeira**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. 64p.

Prefeitura Municipal, da Paróquia e dos Carregadores para a construção do plano de salvaguarda⁴⁰⁸.

3.2. A Sustentabilidade da celebração

Retomando as questões referentes à realização da festa, a Paróquia de Santo Antônio, a Prefeitura Municipal de Barbalha e os Carregadores organizam praticamente todas as atividades, sejam da “parte social” ou da “parte religiosa”, que compõem a trezena festiva do padroeiro. A Paróquia e os Carregadores são mais dependentes de doações para que as atividades pelas quais são responsáveis ocorram. A Prefeitura de Barbalha realiza a festa com recursos do seu orçamento e capitados através de leis de incentivo à cultura e ao turismo, e também patrocinadores. Além disso, o poder municipal também oferece suporte aos outros agentes, principalmente no que se relaciona à infraestrutura, logística e segurança durante a celebração.

Conforme o projeto *Folclore – Alma Nordestina: Festejos dos grupos da cultura popular de Barbalha e Carregamento do Pau da Bandeira de 2010*, elaborado pela Secetur de Barbalha com o objetivo de captar recursos, toda a celebração estava orçada em 1 milhão e 100 mil reais⁴⁰⁹. Estima-se que no dia do Carregamento do Pau da Bandeira, a cidade de 55 mil habitantes receba 300 mil visitantes e que cerca de 60 mil pessoas frequentem todas as noites o Parque da Cidade, onde ocorrem os shows com bandas de projeção nacional e o Festival de Quadrilhas. Não encontramos referências a quantas pessoas participam da Quermesse na Rua da Matriz, mas esta é também muito concorrida. Dessa forma, o projeto do poder público contempla todas as ações necessárias a acomodar e entreter esse número de pessoas durante os 13 dias ou mais de festa, como: a infraestrutura e os cachês de artistas necessários às apresentações, as despesas com o Desfile dos Grupos de Folguedos (cachês, alimentação e vestuário), ornamentação da cidade e do Parque da Cidade, segurança particular, publicidade, tarifas públicas, dentre outros.

⁴⁰⁸ É importante que o Iphan repense a distribuição territorial dos seus escritórios técnicos no estado do Ceará, tendo em vista os processos de identificação e registro em andamento no sul do estado, como o da Festa do Pau da Bandeira, da Literatura de Cordel e das Romarias a Juazeiro do Norte. Seria extremamente inovador e relevante para a consolidação da Política de Patrimônio Imaterial que bens registrados motivassem a criação de unidades administrativas do Iphan, assim como os sítios tombados. Tal apoio administrativo poderia ser determinante no monitoramento dos bens registrados, bem como para a construção e implementação cotidiana e participativa dos planos de salvaguarda, respeitando assim o seu caráter processual, como definido no Termo de Referência para a Salvaguarda de Bens Registrados.

⁴⁰⁹ Não possuímos informações sobre a realização da festa em outros anos. PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA. **Folclore – Alma Nordestina: Festejos dos grupos da cultura popular de Barbalha e Carregamento do Pau da Bandeira de 2010**. Barbalha, 2010.

É pertinente reiterar que uma das principais características da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é o fato de que muitas atividades na sua organização celebração decorrem de promessas, e alguns desses compromissos, assumidos primeiramente com o santo e depois com a comunidade, acabam se tornando transgeracionais. São exemplos a doação do pau da bandeira pela família Teles, a família de carregadores do pau conhecida como os “Francelinos”; as famílias Sampaio e Teles Duarte envolvidas com a ornamentação do carro andor da procissão; as senhoras Sandra Valéria Costa Silva e Maria de Lourdes Luna Nascimento que substituíram Dona Santaninha Feitosa e sua filha Mariinha Feitosa na doação da bandeira de Santo Antônio; João Victor Custódio Romão que herdou a função do pai de confeccionar as tesouras para o hasteamento do pau da bandeira; Francisco Bernardo dos Santos (Fideral) que oferece a sua casa no bairro Bela Vista como ponto de apoio aos Carregadores, e Francisco Cândido de Barros (Jacson) que prepara a alimentação dos Carregadores.

Acreditamos que são nas atividades organizadas pela Paróquia de Santo Antônio – como a Trezena e seus Noitários, a Quermesse e os Leilões, e principalmente, a Procissão – e em torno do Carregamento do Pau da Bandeira, pelos Carregadores e seus admiradores, que a vivência coletiva na festa do padroeiro se renova, que os sentidos de pertencimento se transformam em ação, e nos quais a festa tem a sua sustentabilidade e continuidade garantidas.

Dessa forma, não identificamos problemas que de uma forma geral comprometam a realização da celebração, existindo, porém, alguns pontos mais frágeis no processo e que precisam ter uma maior atenção durante a salvaguarda, quais sejam, o Desfile dos Grupos de Folguedos e o Corte, Carregamento e Hasteamento do Pau da Bandeira.

3.3. Salvaguarda do Carregamento do Pau da Bandeira.

Não há lugar a dúvidas de que o Carregamento do Pau da Bandeira constitui um dos principais momentos da trezena do padroeiro, bem como a sua apropriação pelo poder municipal a partir da década de 1970 como um elemento tradicional da cidade, tornando-se uma atração turística, foi determinante para a projeção nacional alcançada pela celebração. Como já relatado, o carregamento é um processo que tem início com o corte do tronco da árvore que se tornará o pau da bandeira, cerca de 15 dias antes do início oficial da trezena, e conclui-se com o hasteamento da bandeira do padroeiro na Praça da Matriz. O presente tópico visa elencar questões referentes à salvaguarda desse processo.

O município de Barbalha possui uma parte considerável do seu território dentro de áreas de preservação ambiental: a Floresta Nacional do Araripe-Apodí (FLONA Araripe)

e a Área de Preservação Ambiental da Chapada do Araripe (APA Araripe)⁴¹⁰. A derrubada da árvore cujo tronco torna-se pau da bandeira ocorre tradicionalmente em sítios localizados na zona rural do município, destacando-se o Sítio São Joaquim, no qual o pau da bandeira foi retirado de forma ininterrupta entre 1928 e 2003, e o Sítio Flores. Tais propriedades rurais são portadoras de um relevante patrimônio ambiental, cujo monitoramento compete, dependendo da sua localização, ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e à Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Barbalha.

Os sítios Flores e São Joaquim estão localizados na área de amortecimento da FLONA Araripe e nos limites da APA Araripe. Segundo Antônio Igor Cardoso:

A localização dos Sítios São Joaquim e Flores, inseridas nos limites da Flona Araripe e da APA - Araripe, encontram-se em área de vertente da chapada. A esta área, no conjunto ecossistêmico natural, é atribuída uma grande importância, uma vez que aí, afloram os enxutórios naturais de água derivados dos aquíferos do relevo tabular. Sendo a cobertura vegetal um dos elementos prioritários para a manutenção e permanência destas fontes d'água, o corte de árvores acaba por se tornar um ato criminoso perante a legislação ambiental vigente⁴¹¹.

Em 2007, numa operação conjunta do ICMBio e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o pau da bandeira retirado do Sítio Flores foi apreendido e o capitão do pau da bandeira, Rido Teles, juntamente com o responsável pela propriedade, foram autuados por crime ambiental, pois o mastro tratava-se de uma Aroeira, espécie da flora brasileira ameaçada de extinção⁴¹².

Além da espécie da árvore, os órgãos ambientais acrescentaram outras questões relacionadas ao corte que também contribuíam para a degradação ambiental da APA. A mais determinante seriam os festejos que ocorriam no dia do corte dentro dos sítios e que atraíam um número significativo de espectadores, trazendo uma pressão demográfica danosa ao ambiente. Conforme a bibliografia de referência sobre a festa, o dia do corte é sempre relatado com muito entusiasmo pelos carregadores, com ênfase na presença dos Zabumbas e Regionais, as comidas e bebidas servidas com fartura e os banhos no Riacho

⁴¹⁰ Criadas, respectivamente, pelo Decreto-Lei nº. 9.226/1946 e Decreto nº. 04/1997.

⁴¹¹ CARDOSO, Antônio Igor D. **(In)visibilidade de espaços festivos:** a centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013. p. 82.

⁴¹² Ibama apreende pau de Santo Antônio. **O Povo**, Fortaleza, 18 maio 2007. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2007/05/18/noticiasjornalceara,696379/ibama-apreende-pau-de-santo-antonio.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2015; Ibama libera pau da bandeira em Barbalha. **O Povo**, Fortaleza, 19 maio 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/ibama-libera-pau-da-bandeira-em-barbalha-1.703688>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Batoque, no sítio São Joaquim.⁴¹³ Como forma de ilustrar tal momento festivo trazemos um fragmento da imprensa:

O ato foi marcado pelo corte do pau para o hasteamento da bandeira de Santo Antônio, padroeiro de Barbalha. É uma aroeira de 22 metros de comprimento, pesando cerca de duas toneladas. O pau caiu dentro de um riacho com mais de 20 metros de profundidade. Os carregadores passaram o dia tentando retirá-lo nos braços, o que só foi possível no final da tarde com a ajuda de um trator. [...] No riacho do Sítio São Joaquim, distante 500 metros do local onde o pau foi retirado, era realizado o chamado “fórró do pau”, com sanfoneiros, som mecânico, churrasco e muita cachaça. Para os carregadores a festa começa no dia do corte do pau⁴¹⁴.

A querela entre os carregadores e os órgãos ambientais foi encaminhada ao Ministério Público Federal e consolidou-se no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) nº. 01/2009, no qual o Município de Barbalha e o ICMBio foram os compromissários.⁴¹⁵ No TAC, alguns dos compromissos assumidos pelo poder municipal foram: apenas permitir o corte de espécies de árvores autorizadas pelo ICMBio, alterar o dia do corte do domingo para um dia útil, com objetivo de diminuir a participação popular, proibir a venda de bebidas e comidas na mata, coibir a poluição sonora e controlar o trânsito de pessoas, permitindo acesso a mata apenas àquelas indispensáveis ao ritual. Além disso, se comprometeu a recuperar as áreas degradadas pelo corte anualmente e estruturar um Horto Florestal, nas imediações da sede do município.

Realizamos no dia 18 de março de 2015, uma reunião entre as equipes técnicas do ICMBio e do Iphan para que esse último se inteirasse sobre a execução do TAC e transmitisse ao órgão ambiental informações pertinentes ao registro da celebração, buscando estabelecer uma política coerente entre os órgãos federais.⁴¹⁶ Inicialmente, foi-nos esclarecido pelo ICMBio que a sua ação tem como princípio “incentivar as manifestações culturais e contribuir para o resgate da diversidade cultural regional”, conforme previsto no decreto de criação da APA Araripe, e que por isso empreendem esforços para que o corte do pau da bandeira ocorra preservando o equilíbrio entre ação antrópica e a sustentabilidade da floresta.

Conforme o órgão ambiental, desde 2011, este expede autorização direta à Secretaria de Meio Ambiente de Barbalha para a realização do corte. A análise do ICMBio

⁴¹³ SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Entre o controle e autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

⁴¹⁴ INICIADOS festejos para o padroeiro Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, p.2, 20 maio 2003. Regional.

⁴¹⁵ O TAC compõe do Procedimento Administrativo nº. 1.15.002.000101/2008-48, da Procuradoria da República no Município de Juazeiro do Norte.

⁴¹⁶ Participaram da reunião representando o ICMBio os analistas ambientais Paulo Fernando Maier Souza e Quitéria Cavalcante Pereira.

acontece através de vistorias em campo anteriores e posteriores ao corte, e é subsidiada pelo georeferenciamento promovido pela Secretaria de Meio Ambiente das árvores escolhidas pelos carregadores como adequadas ao corte. Também nos foi esclarecido que é necessária a aprovação do ICMBio apenas para a extração de árvores que estejam em áreas superiores à cota de 500m, que determina os limites territoriais da APA dentro do estado do Ceará. Dessa forma, apenas as árvores do sítio São Joaquim são analisadas pelo instituto. As do sítio Flores, por estarem em conta inferior, são autorizadas pela Secretaria de Meio Ambiente de Barbalha. Atualmente, há 4 árvores cujos cortes já estão previamente autorizados pelo ICMBio no sítio São Joaquim, sendo a autorização válida até 2018. Elas são das espécies Jatobá, Pau d'óleo e Rama Branca. Segundo o capitão do pau, Rildo Teles, a perspectiva é de que haja um revezamento entre os sítios, e se esta regra for mantida, o sítio São Joaquim tem árvores aprovadas ao corte até 2022.⁴¹⁷ Cabe registrar que a Prefeitura de Barbalha declarou como de especial interesse social parte do sítio São Joaquim, nos termos do Decreto nº. 24/2011.

A análise de dois processos administrativos do órgão ambiental referente às autorizações do corte do pau da bandeira evidenciou o quão complexa são as questões ambientais que perpassam o ritual. É avaliada a proximidade entre as árvores, cuja queda pode provocar involuntariamente a derrubada de outras; a poluição sonora e seus impactos sobre a fauna; a necessidade de abertura de picadas, sendo recomendado o corte das árvores que já estão próximas das vias de acesso; a proibição do uso de fogo, como precaução a incêndios; a destruição da vegetação rasteira durante a caminhada até a árvores escolhida; a coleta desautorizada de plantas; a produção de resíduos sólidos durante os festejos. Mesmo quando as árvores pertencem ao sítio Flores, o ICMBio oferece orientação⁴¹⁸.

Conforme alertam Antônio Igor Cardoso e Josier Ferreira da Silva, a salvaguarda do ritual do Carregamento do Pau da Bandeira depende diretamente da garantia de sustentabilidade ambiental da APA. Até mesmo porque foram as condições geomorfológicas da floresta que garantiram o desenvolvimento biológico das árvores adequadas, conforme o olhar dos Carregadores, ao ritual do Carregamento. Os pesquisadores ressaltam a importância da realização de estudos técnicos “dos impactos ambientais nessas áreas, não apenas decorrentes do corte do pau da bandeira, mas de todos os fatores e atividades nelas desenvolvidas, que direta ou indiretamente, provocam a redução da sua cobertura

⁴¹⁷ XAVIER, Expedito Rildo C. **Expedito Rildo Cardoso Xavier**. Entrevista [15 mar.]. Entrevistadores: Igor Soares e Ítala Byanca M. da Silva. Barbalha, 2015.

⁴¹⁸ ICMBio. Autorização para corte do mastro da bandeira de Santo Antônio. Processo nº. 02103.000049/2011-09.

____. Autorização direta para corte de árvore/mastro da bandeira de Santo Antônio. Processo nº. 02103.000004/2015-50.

vegetal⁴¹⁹. Dessa forma, consideramos que tais reflexões devem ser incorporadas à discussão da salvaguarda da celebração e para as quais o ICMBio, a Secretaria de Meio Ambiente do Município, os proprietários os sítios, a URCA e o Geopark Araripe serão convidados a participar.

Outro aspecto referente ao Carregamento que requer diálogos com outras instituições é o papel desempenhado pela Polícia Militar durante o cortejo. Na primeira reunião que participamos com os Carregadores foi-nos relatado episódios nos quais o órgão de segurança agiu de forma enérgica com os carregadores. Tais situações ocorreram devido aos policiais não compreenderem os aspectos lúdicos do carregamento, que envolve a forma por vezes agressiva com que os carregadores se tratam. Segundo Océlio Sousa:

Ao longo do Cortejo são muitas as brincadeiras inventadas pelos carregadores para se divertirem. Uma dessas brincadeiras é o “mela-mela” de areia [...]. Essas brincadeiras ocorrem, sobretudo, quando o pau é arriado para que os carregadores descansem um pouco e bebam água ou pinga. Nesse momento, eles fazem um círculo em torno do pau e aqueles que tentam se aproximar nem sempre conseguem, ou então, são obrigados a participarem das brincadeiras. Muitas vezes a diversão se assemelha a uma briga, tal a agressividades com que eles jogam areia, ou na cidade, empurram-se uns aos outros. João Francelino chega a chamar essas brincadeiras de “brigas de amizade”⁴²⁰.

Dessa forma, é necessário apoiar os Carregadores na sensibilização dos policiais militares, fazendo-os perceber que durante o cortejo “temporariamente a hierarquia é quebrada, criando-se um espaço de autonomia e liberdade relativas. Nesse espaço nem mesmo a polícia pode intervir. Ali predominam os códigos, os valores, a organização e a estrutura de poder dos carregadores”.⁴²¹ Durante o Carregamento, o “Capitão” é o do pau da bandeira.

A ênfase dada ao Capitão do Pau de nenhuma forma secundariza o papel da Polícia Militar, pelo contrário, ela desempenha um papel sobremaneira relevante, pois como já relatado, cerca 300 mil pessoas deslocam-se para Barbalha neste dia. O que queremos dizer é que com relação à conduta dos carregadores durante o cortejo, cabe ao Capitão do Pau e aos seus homens de confiança, os “cabeças”, orientar e avaliar se o comportamento

⁴¹⁹ CARDOSO, Antônio Igor; SILVA, Josier Ferreira da. Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: intervenção cultural na natureza mediada pela fé. In. SOARES, I. de M; SILVA, Í. B M. da. **Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013, p. 146. Ver também: SILVA, Josier Ferreira da. **A relação entre cultura e natureza a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: a sustentabilidade ambiental e cultural de uma tradição como patrimônio imaterial incorporado ao turismo**. Projeto de Pesquisa. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2009.

⁴²⁰ SOUZA, Océlio Teixeira de. op. cit. p. 74.

⁴²¹ Em sua dissertação, o pesquisador cita outras intervenções da Polícia Militar. SOUZA, Océlio Teixeira de. op. cit. p. 87.

de algum carregador foi inadequado, sendo inclusive comum a retirada de algum carregador que, por exemplo, tenha consumido bebida alcóolica em excesso⁴²².

Acompanhado as matérias sobre a festa na imprensa escrita, percebemos que a partir da década de 1990, a divulgação turística da festa ganha uma dimensão mais profissional. Nessa década, o número de visitantes salta de dezenas de milhares para centenas de milhares. A grande maioria se aglomera no entorno das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário e da Matriz e ao longo da Rua do Vidéo para aguardar a passagem do Carregamento. Nesses espaços há palcos para apresentações musicais, veículos particulares, barracas para venda de comidas e bebidas, mesas e cadeiras de estabelecimentos comerciais e residências, etc. É disputando espaço com a multidão que o mastro de mais de 20 metros e cerca de 2,5 toneladas, carregado por cerca de 150 homens, tem que passar, inclusive fazendo curvas de praticamente 90 graus. Além disso, quando o cortejo adentra a zona urbana, muitas pessoas desautorizadas tentam segurar o mastro, o que sempre causa revolta aos carregadores, que repelem os aventureiros com violência. Tais pessoas desconhecem o caráter processual do aprendizado do ofício de carregador. Não se chega à “cabeça do pau”, a parte mais pesada do mastro, com rapidez. É necessário perícia e a aprovação do Capitão, pois nesse “balé” qualquer erro pode ocasionar acidentes.

Em 2015, ocorreu o primeiro acidente fatal durante o Carregamento, que vitimou um dos mais experientes carregadores, Cícero Ricart (Careca), de 40 anos. Careca era um dos homens de confiança do capitão e estava na cabeça, “posição que apresenta maiores dificuldades, exigindo, conseqüentemente, maiores habilidades por parte dos carregadores”. Lá ficam os carregadores mais experientes e fortes, que se “autodenominam, os ‘cabeças’, os ‘guias’ e os ‘enfrentantes”⁴²³. A perda do carregador causou consternação na cidade, e por três dias a festa foi suspensa. Ainda é muito cedo para tecer considerações sobre o acidente, porém é imprescindível que ocorram discussões em torno da forma com que a cidade é organizada para receber o Cortejo.

3.4. Salvaguarda do Desfile dos Grupos de Folguedos e das Bandas Cabaçais.

Trazidos para a Festa do Pau da Bandeira a pouco mais de 40 anos, os grupos que participam do desfile na manhã da abertura da festa do padroeiro talvez sejam os que mais suscitam discussões em torno da sustentabilidade e da continuidade de suas práticas. Conforme o INRC do bem cultural, eles são bastante heterogêneos. Alguns são organizados apenas para a apresentação no desfile e dependem totalmente do apoio financeiro da

⁴²² XAVIER, Expedito Rildo C. **Expedito Rildo Cardoso Xavier**. Entrevista [15 mar.]. Entrevistadores: Igor Soares e Ítala Byanca M. da Silva. Barbalha, 2015.

⁴²³ SOUZA, Océlio Teixeira de. op. cit. p. 79-80.

Sectur, e outros são detentores de práticas centenárias, como os Reisados, as Bandas Cabaçais e as Ordens Penitentes, e possuem uma dinâmica própria que não se restringe à Festa do Pau da Bandeira. O fato é que as informações que possuímos sobre essas práticas e seus detentores estão muito defasadas, pois há mais de dez anos foram produzidas.

Dessa forma, é importante estabelecer o diálogo com esses grupos logo após o registro, novamente reiterando o significado do instrumento e os papéis do Iphan e dos detentores nesse processo de reconhecimento. Acreditamos ser precipitado propor ações de identificação logo de imediato, pois não temos certeza sobre a receptividade da ideia pelos detentores. Contudo é importante esclarecer que práticas como as da Penitência e seu vasto repertório de benditos e alguns aspectos dos Reisados, como a participação dos entremeses, estão em processo de desaparecimento. No caso da Penitência pela perda de seus decuriões, na maioria bastante idosos, e detentores do saber do grupo que se fundamenta na oralidade. E nos Reisados pela lógica das breves apresentações fomentadas pelo poder público. Espetáculos que levam horas para serem executados acabam sendo encenados em poucos minutos, o que leva à exclusão de personagens. Assim, documentar tais formas de expressão é fundamental, desde que também seja algo demandado ou ratificado por eles.

Um dos aspectos estruturantes da salvaguarda, conforme o Termo de Referência para bens Registrados, é construir coletivamente meios que possibilitem a autonomia dos detentores. Como já discutido, há uma rede de interdependência estabelecida entre os grupos que participam do Desfile e a Prefeitura de Barbalha, constituída ao longo de mais de quatro décadas, e na qual o poder público tutela-os e media suas relações com outros órgãos públicos, como o Iphan, com pesquisadores e a imprensa. Seria imprudente por parte do Iphan criticar a gestão empreendida pela Prefeitura de Barbalha sem ter um modelo alternativo definido a partir de discussões coletivas, até mesmo porque muitos grupos dependem do apoio financeiro dado pelo poder municipal e o Iphan não tem condições de corresponder, a princípio, com tais expectativas. Dessa forma, no âmbito da salvaguarda, devemos empreender diálogos também com a Sectur para tentar construir ações que promovam a sustentabilidade desses bens culturais para além do pagamento de cachês.

Inicialmente, a estratégia consistirá em pedir o apoio da Sectur para iniciar uma série de visitas aos mestres. Depois de conhecer melhor o campo, tentar reuni-los por forma de expressão, criando pequenas câmaras setoriais, para tentar construir coletivamente propostas que atendam à salvaguarda do bem cultural do qual são detentores.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. Gestão ou gestação pública da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. In: RUBIM, Antônio A. C. (Org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: UFBA, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP. v. 7, n. 1, jun. 2011.
- ALEXANDRE, Juciello Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira de; BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. Festa de Santo Antônio de Barbalha: Patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013.
- ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2005.
- ARAÚJO, José Costa de. **O papel político-pedagógico das manifestações da cultura popular na construção de modelos e conceitos de relações sociais: o caso da festa do Pau da Bandeira, de Barbalh**. 1994. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Ceará, 1994.
- ARAÚJO, José Edvar Costa de. Dimensões socioeducativas da Festa do Pau da Bandeira: decifrando pluralidade e multiangulações. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013.
- ASSUMPTÃO, Pablo. **Irmãos Aniceto**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BARBALHO, Alexandre A. **Relações entre Estado e Cultura no Brasil**. Ijuí: Unijuí, 1998.
- _____. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antônio A. C. (Org.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: UFBA, 2007.
- BARROSO, Oswald. Reisado, um patrimônio da humanidade. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Fortaleza: IPHAN, 2014. v.1.
- _____. **Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BETARD, F.; PEULVAST, J. P.; CLAUDINO-SALES, V. Caracterização morfopedológica de uma serra úmida no semi-árido do Nordeste brasileiro: o caso do maciço de Baturité-CE. **Mercator**, Fortaleza, v. 6, 2007, p. 107-108.
- BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**. Fortaleza: Editora Fundação Waldemar Alcântara, 2009.
- BEZERRA, Cícera Patrícia A. **Outras Histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz-Barbalha/CE**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil: dos anos de 1930 ao Século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

CARDOSO, Antônio Igor D. **(In)visibilidade de espaços festivos: a centralidade da Festa de Santo Antônio e as manifestações periféricas de Barbalha, Ceará**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CARDOSO, Antônio Igor; SILVA, Josier Ferreira da. Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: intervenção cultural na natureza mediada pela fé. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: Iphan, 2013.

CARIRY, Rosemberg. Festa do Pau da Bandeira de Barbalha. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (Org.) **Sentidos de Devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013.

CARIRY, Rosemberg. Festa do Pau da Bandeira. In: ____; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

CARIRY, Rosemberg. Bandas Cabaçais (Os Irmãos Anicetos). In: ____; BARROSO, Oswald. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri Editora, 1982.

CARVALHO, Gilmar de. **Artes da Tradição: mestres do povo**. Fortaleza: Expressão Gráfica; Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cabaçais. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2001.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

_____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHUVA, Márcia. A história como instrumento na identificação dos bens culturais. In: MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Resende (Org.). **Inventários de Identificação: Um panorama da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

CORTEZ, Ana Sara R. P.; IRFFI, Guilherme. Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem: Uma Análise do Cariri no Século XIX. In: Encontro Nacional de Economia, 39, 2011, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu, ANPEC, 2011, p. 2. Disponível em: <<http://anpec.org.br/encontro/2011/inscricao/arquivos/000b3c878c112b2367b0dd6c566dce85b2d.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

FEIJÓ DE SÁ, Maria Yacê Carleial. **Os homens que faziam o Tupinambá moer: Experiência e Trabalho em Engenhos de Rapadura no Cariri (1945-1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. **Engenhos de Rapadura do Cariri: Documentário da Vida Rural**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Editora Moraes, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FUNES, Eurípedes A. Nasci nas Matas nunca Tive Senhor – história e memória dos mocambos do Baixo Amazonas. **Resgate** (Revista Interdisciplinar de Cultura). Campinas, n. 7, 1997, p. 138.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. A encenação do popular. In: _____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006.

GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e no Distrito do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836 a 1841. Rio de Janeiro; São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p.160. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/125/viagens-pelo-brasil-principalmente-nas-provincias-do-norte-e-nos-distritos-do-ouro-e-do-diamante-durante-os-anos-de-1836-1841>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

GONÇALVES, Naudiney de Castro. **"O fogo não está morto": engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Fortaleza, 2011.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: resultados da amostra – religião**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=230190&idtema=91&search=ceara%7Cbarbalha%7Ccenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

INSTRUÇÃO *Redemptionis Sacramentum*: sobre algumas coisas que se devem observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_r edemptionis-sacramentum_po.html>. Acesso em: 19 jun. 2015.

IPHAN. **Dossiê de Registro: Roda de Capoeira e Ofício de Mestre**. Brasília: IPHAN, 2007.

KURY, Lorelai. A Comissão Científica de Exploração (1859-1861). A ciência imperial e a musa cabocla. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Acces, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Jana Rafaella Maia. **Entre cantos e açoites: memórias, narrativas e políticas públicas de patrimônio que envolvem os penitentes da cidade de Barbalha-CE**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

MARTINS, William de Souza. Festas. In: VAINFAS, Ronaldo; NEVES, Lúcia Bastos Pereira (Org.). **Dicionário do Brasil Joanino**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naif, 2005.

_____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENDES, Murilo. **Fé no pife: as flautas de pífano no contexto cultural da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MOTT, Luiz. Santo Antônio, O Divino Capitão-do-Mato. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Adriana M. P. de. **Entre a Pré-história e a História:** em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do Cariri paraibano. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para além do sagrado - tradições religiosas e novas formas de sociabilidade:** a festa de Santo Antonio de Barbalha-CE. (1999). Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio:** um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PANTOJA, Vanda. As festas de Santo no Marajó. In: LIMA, Maria Dorotéia; PANTOJA, Vanda. **Marajó:** culturas e paisagens. Belém: IPHAN, 2008.

PAZ, Renata M; SILVA, Simone P. Nos bastidores da Festa: o reisado de Congo e a dinâmica das relações entre os grupos populares e os poderes públicos na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Moraes da. (Org.). **Sentidos de devoção:** Festa e Carregamento em Barbalha. Fortaleza: IPHAN, 2013.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri:** seu descobrimento, povoamento, costumes. Ed. fac-sim. Fortaleza: FWA, 2009.

POMPEU Sobrinho, Thomas. As origens dos índios Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, t. LXIV, a. LXIV, p. 314-347, 1950.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado:** a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

REIS, João José. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, Isabel Dâmaso. **Las fiestas de San Antonio em Lisboa:** Manifestaciones de cultura popular en espacio urbano. Disponível em: <<http://193.147.33.53/selicup/images/stories/actas4/comunicaciones/globalizacion/DAMASO.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2015.

SANTOS, Rafael Brondani dos. **Martelo dos Hereges:** Militarização e Politização de Santo Antônio no Brasil Colonial. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006.

_____. Santo Soldado: Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXIII, 2005, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina:UFPR, 2005, p. 2. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0839.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

SILVA Filho, Antônio Luiz M. e. Cultura sensível e história urbana. In. _____. **Rumores:** a paisagem sonora de Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2006.

SILVA, Cesar Augusto Tovar. Santo Antônio de Lisboa: a construção da santidade e suas fontes hagiográficas. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, XV, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Jéssica Soares. **Entre toadas, leis e cachês:** as práticas das bandas cabaçais do Cariri cearense e as ressignificações do conceito de culturas populares. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

SILVA, Josier Ferreira da. **A relação entre cultura e natureza a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha:** a sustentabilidade ambiental e cultural de uma tradição como patrimônio imaterial incorporado ao turismo. Projeto de Pesquisa. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2009.

SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé. In: SOARES, Igor de. Menezes; SILVA, Itala Byanca Morais da. (Org.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. Fortaleza: IPHAN, 2013.

SILVA, Simone Pereira da. **Os Sentidos da Festa: (Re)Significações Simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

SOARES, Ana Lorym. Folclore e políticas culturais no Ceará entre as décadas de 1950 e 1970. In: SILVA, Í. B. M. da; SOARES, I. de M. (Org.). **Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva**. Fortaleza: IPHAN, 2014. v.1.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu. Povoamento do nordeste brasileiro. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Tomo LI, 1937.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 11, 2001.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): Entre o controle e autonomia (1928-1998)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 11, 2001.

SOUZA, Marcos José Nogueira; OLIVEIRA, Vlândia Pinto Vidal. Os Enclaves Úmidos e Sub-Úmidos do Semi-Árido do Nordeste Brasileiro. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**. Ceará, ano 05, n. 09, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 95-118, 1998.

_____. **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**. São Paulo, n. 57, março/maio 2003, p. 28-32.

STUDART, Guilherme. Descrição do município de Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Ceará, Typ. Economica, 1888, t. II, p. 9-12.

_____. Geographia Physica e Politica da Barbalha. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, Typ. Minerva, t. XXIV, 1910.

VERÍSSIMO, Elídia Clara Aguiar. O Bestiário nordestino na arte da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. **O público e o privado**. Fortaleza, n. 2, julho/dezembro, p. 129-141, 2003.

VIANA, José Ítalo B. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

YATES, Frances. **A arte da memória**. Campinas: Unicamp, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

FONTES ARQUIVÍSTICAS

AIRES DE CASAL, Manuel. **Corografia Brasília ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por Hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato (T. 1)**. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1817.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Parecer emitido pela Câmara Municipal de Barbalha referente à representação que alguns moradores do município fizeram acerca da criação de gados em algumas localidades de Barbalha (Documento incompleto, não apresenta data e destinatário). Caixa: 21 A, pasta 1 (1847-1856), fl. s/n.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha à Assembleia Provincial do Ceará. Caixa: 21 A, pasta 1 (1847-1856), fl. s/n.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Presidente da Província do Ceará, Sátyro de Oliveira Dias. 11/03/1884. Caixa: 21 A, pasta 7 (1847-1856), fl. s/n.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha à Assembleia Provincial do Ceará. Caixa: 21 A, pasta 7 (1847-1856), fl. s/n.

APEC. Fundo: Câmaras Municipais. Série: Correspondências Expedidas, Balanços de Receitas e Despesas e Outros. Ofício emitido pela Câmara Municipal de Barbalha ao Governador do Estado do Ceará José Clarindo de Queiroz. 15/06/1891. Caixa: 21 B, pasta 9 (1847-1921), fl. s/n.

Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Fundo: Câmara Municipal. Série: Correspondências Expedidas (1857-1860).

Catalago dos Productos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatoria do Rio de Janeiro pela Comissão Central do Ceará (1892-1893). **Documentos (Ciência e Tecnologia)**. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005, v. 1, p. 22-24.

IPHAN. **Cariri**: Patrimônio Cultural do Povo Brasileiro. Fortaleza, [s.d]. Folder 3 dobraduras.

IPHAN. **Região do Cariri patrimônio de todos**: roteiro para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Fortaleza, 2007. 32 p. il.

CEARÁ (Província). **Leis provinciais** (1835 – 1861). Compilação das Leis Provinciais do Ceará. Org. Almir Leal de Oliveira e Ivone Cordeiro Barbosa. -ed. Fac. Similada -. Fortaleza: INESP, 2009. Tomo II.

LIVRO de Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Barbalha (1961-1999).

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA. **Folclore – Alma Nordestina**: Festejos dos grupos da cultura popular de Barbalha e Carregamento do Pau da Bandeira de 2010. Barbalha, 2010.

Processos do ICMBio nº. 02103.000049/2011-09 e 02103.000004/2015-50.

Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Ceará, em 1º de julho de 1848. Ceará: Typographia de Francisco Luiz de Vasconcellos, 1848, p. 22. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/174/000022.html>>, Acesso em 10 nov. 2014.

Relatório do Excellentissimo Senhor Soutor Joaquim Marcos d'Almeida Rego, Presidente da Província do Ceará, à Assembleia Legislativa, na abertura da 1ª sessão ordinária de sua 9ª legislatura, em 1º de setembro de 1852. Ceará: Typographia Cearense, 1852, p. 17. Disponível em <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/178/000017.html>>. Acesso em 10 nov. 2014.

Relatorio que apresentou o exm. senhor doutor Francisco de Sousa Martins, presidente desta provincia, na occasião da abertura d'Assemblea Legislativa Provincial no dia 1.o de agosto de 1840. Ceará, Typ. Constitucional, 1840, p. 10.

FONTES PERIÓDICAS

Jornal O Povo

Barbalha de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, 5 jun. 1997, ano LXX, n. 23.672, p. 1B.

Barbalha se empenha na Festa de Santo Antônio. **O Povo**, 30 maio. 1974, p. 14.

Festa de Santo Antônio começa amanhã: Barbalha. **O Povo**, Fortaleza, 01 jun. 1974.

Ibama apreende pau de Santo Antônio. **O Povo**, Fortaleza, 18 maio 2007. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2007/05/18/noticiasjornalceara,696379/ibama-apreende-pau-de-santo-antonio.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Ibama libera pau da bandeira em Barbalha. **O Povo**, Fortaleza, 19 maio 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/ibama-libera-pau-da-bandeira-em-barbalha-1.703688>. Acesso em: 15 jun. 2015.

Pau de Santo Antônio. **O Povo**. Fortaleza, 7 jun. 1987, p. 5.

PRACIANO, Ivonildo. Festa de Santo Antônio tem o mesmo cheiro de terra. **O Povo**. Fortaleza, 02 jun. 1993, p. 6B.

Jornal Diário do Nordeste

Barbalha festeja pau da bandeira de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 31 maio 2003. Caderno Regional, p. 4.

Barbalha inicia festejos a Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 04 de jun. de 2001, p. 4.

COMEÇA a mobilização para Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, 15 mai. 2007.

Fé e cachaça dão força aos devotos de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 01 jun. 1988, p. 9.

Iniciados festejos para o padroeiro Santo Antônio. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 20 maio 2003. Regional, p. 2.

O lado triste da Festa de Santo Antônio. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 05 jun. 1988, p. 18.

Pau da Bandeira reúne 30 mil pessoas em Barbalha. **Diário do Nordeste**, 03 de jun. 2002, p. 4.

Jornal O Cearense

BPGMP. RELATORIO sobre o Estado do Ensaio Estatístico da provincia do Ceará em 1º de julho de 1858. **O Cearense**, 24 ago. 1858, n. 1152, p. 3.

BPGMP. Vias de comunicação. **O Cearense**. Fortaleza, 08 dez. 1857, n. 1083, p. 1.

BPGMP. **O Cearense**. 25 abr. 1861, n. 1434, p. 2.

Jornal O Nordeste

Quixeramobim – A tradicional festa de Santo Antônio. **O Nordeste**. Fortaleza, 29 jun. 1938, p. 22.

FONTES VIAJANTES

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 155.

FONTES ORAIS

ABEL, Antônio Wilson. **Antônio Wilson Abel**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

ALEXANDRE, José Teófilo. **José Teófilo Alexandre**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

ALMEIDA, Francisco Isidoro. **Francisco Isidoro de Almeida**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Procianna Ferreira. Barbalha, 2003.

AZEVEDO, Maria Dolores de Lima de. **Maria Dolores de Lima de Azevedo**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

BARROS, Francisco Cândido de. **Francisco Cândido de Barros**: entrevista [22 fev.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

DANTAS, Francisco George. **Francisco George Dantas**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

DOMICILIANO, Sebastião José. **Sebastião José Domiciliano**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2004.

GONÇALVES, Francisca Maria. **Francisca Maria Gonçalves**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Bezerra. Barbalha, 2005.

LIMA, Almir Cavalcante. **Almir Cavalcante Lima**. Entrevista [29 jan.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

LIMA, Goretti Pereira Amorim. **Goretti Pereira Amorim Lima**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2005.

LIMA, Gorete Pereira Amorim. **Gorete Pereira Amorim Lima**. Entrevista [09 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

LIMA, Maria Rodrigues de. **Maria Rodrigues de Lima**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

MAGALHÃES, Benedita Ferreira. **Benedita Ferreira Magalhães**. Entrevista [08 mar.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

NASCIMENTO, Maria de Lourdes Luna. **Maria de Lourdes Luna do Nascimento**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

NEPOMUCENO, Maria Felismina. **Maria Felismina Nepomuceno**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

OLIVEIRA, Francimar dos Santos. **Francimar dos Santos Oliveira**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

OLIVEIRA, José Pedro de. **José Pedro de Oliveira**. Entrevista [28 maio]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

QUEIROZ, Francisco de Assis. **Francisco de Assis Queiroz**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

QUEIROZ, Maria Celene Sá de. **Maria Celene Sá de Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

ROMÃO, João Victor Custódio. **João Victor Custódio Romão**. Entrevista [05 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SANTOS, Augustinho José dos. **Augustinho José dos Santos**. Entrevista [16 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira e Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SILVA, Francisco Gilberto da Silva. **Francisco Gilberto da Silva**. Entrevistas [22 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

SILVA, José Vitorino. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SILVA, Luiz Raimundo. **Luiz Raimundo da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, Maria Janelice Santana da Silva. **Maria Janelice Santana da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Geraldo M. J. Barbosa, 2005.

SILVA, Maria Jardelina da. **Maria Jardelina da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

SILVA, Sandra Valéria Costa. **Sandra Valéria Costa**. Entrevista [29 maio]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

SOUSA, Joaquim Mulato de. **Joaquim Mulato de Sousa**. Entrevista [20 set.]. Entrevistadora: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

SOUZA, Francisco Rinaldo. **Francisco Rinaldo de Souza**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

XAVIER, Expedito Rildo C. **Expedito Rildo Cardoso Xavier**. Entrevista [15 mar.]. Entrevistadores: Igor Soares e Ítala Byanca M. da Silva. Barbalha, 2015.

XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

XAVIER, Lindete Maria. **Lindete Maria Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

ANEXO I – RELAÇÃO DE PESSOAS ENTREVISTADAS NA PESQUISA

ABEL, Antônio Wilson. **Antônio Wilson Abel**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

ALEXANDRE, José Teófilo. **José Teófilo Alexandre**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

ALMEIDA, Francisco Isidorio de. **Francisco Isidorio de Almeida (Chico Benicio)**. Entrevista [19 set.]. Entrevistador: Prociana Ferreira. Barbalha, 2003.

AZEVEDO, Maria Dolores de Lima de. **Maria Dolores de Lima de Azevedo**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

BARRETO, Francisco Adávio de Sá. **Francisco Adávio de Sá Barreto**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

BARRETO, Libânia Calou de Sá. **Libânia Calou de Sá Barreto**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Geraldo Maxminiano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

BARROS, Francisco Cândido de. **Francisco Cândido de Barros (Jacson)**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

BARROS, Francisco Cândido de. **Francisco Cândido de Barros (Jacson)**. Entrevista [22 fev.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

BATISTA, Pedro. **Pedro Batista**. Entrevista [12 set.]. Entrevistador: Prociana Ferreira e Marcela. Barbalha, 2003.

BATISTA, Raimundo. **Raimundo Batista**. Entrevista [13 jun.]. Entrevistador: Lilian Germana e Patrícia Alcântara. Barbalha, 2004.

CARDOSO, Márcia Leite. **Márcia Leite Cardoso**. Entrevista [24 abr.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

CORREIA, Francisco Coelho. **Francisco Coelho Correia (William Cordeiro)**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

COSTA, Francisca Celi da. **Francisca Celi da Costa**. Entrevista [20 dez.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

COSTA, Sandra Valéria. **Sandra Valéria Costa Silva (Sandra Sobral)**. Entrevista [29 maio]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

COSTA, Sandra Valéria. **Sandra Valéria Costa Silva (Sandra Sobral)**. Entrevista [29 mar.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

CUNHA, Josemberg da Silva. **Josemberg da Silva Cunha**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

DANTAS, Francisco George. **Francisco George Dantas**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

DEON, Leomar. **Leomar Deon (Padre Leomar)**. Entrevista [23 ago.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

DIAS, Vilmar Ramalho. **Vilmar Ramalho Dias**. Entrevista [08 maio]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2007.

DOMICILIANO, Sebastião José. **Sebastião José Domiciliano**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2004.

DUARTE, Maria Odália. **Maria Odália Duarte**. Entrevista [19 maio]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2007.

DUARTE, Maria Olímpia Macedo. **Maria Olímpia Macedo Duarte**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

DUARTE, Teresinha de Jesus Couto. **Teresinha de Jesus Couto Duarte**. Entrevista [08 maio]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2007.

FEITOSA, Joãzinho. **Joãzinho Feitosa**. Entrevista [14 jun.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2004.

FELIPE, José Paulo. **José Paulo Felipe**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

FIGUEIREDO, Expedito Pereira de. **Expedito Pereira de Figueiredo**. Entrevista [19 maio]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2007.

FIGUEIREDO, Leonard Ferreira de. **Leonard Ferreira de Figueiredo**. Entrevista [11 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

FRANCELINO, Luciana. **Luciana Francelino**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

FRANCELINO, Raimundo. **Raimundo Francelino (Seu Luciano)**. Entrevista [03 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

GONÇALVES, Francisca Maria. **Francisca Maria Gonçalves**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

GONÇALVES, Maria Viviane de Souza; MIRANDA, Rosângela de. **Maria Viviane de Souza Gonçalves Rosângela de Miranda**. Entrevista [08 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

GRANJEIRO, Darcílio. **Darcílio Granjeiro**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Geraldo Maxminiano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

LIMA, Almir Cavalcante. **Almir Cavalcante Lima**. Entrevista [29 jan.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

LIMA, Francisco José de. **Francisco José de Lima (Chico Severo)**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

LIMA, Gorete Pereira Amorim. **Gorete Pereira Amorim Lima**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2005.

LIMA, Maria Rodrigues de. **Maria Rodrigues de Lima**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

LIMA, Maria Rodrigues de. **Maria Rodrigues de Lima**. Entrevista [20 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

LUNA, Antônio Êrfo Feitosa. **Antônio Êrfo Feitosa Luna**. Entrevista [03 out.]. Entrevistador: Geraldo Maxminiano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

LUNA, Maria de Lourdes. **Maria de Lourdes Luna**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

MACHADO, Maria Aurizete Freitas. **Maria Aurizete Freitas Machado**. Entrevista [20 dez.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

MADEIRO, Socorro. **Socorro Madeiro**. Entrevista [17 jun.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2004.

MAGALHÃES, Benedita Ferreira. **Benedita Ferreira Magalhães (Benivalda)**. Entrevista [08 mar.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

NASCIMENTO, Ivonildo do. **Ivonildo do Nascimento**. Entrevista [14 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

NASCIMENTO, Milton do. **Milton do Nascimento**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

NASCIMENTO, Severino. **Severino do Nascimento**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

NASCIMENTO, Severino. **Severino do Nascimento**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

NEPOMUCENO, Maria Felismina. **Maria Felismina Nepomuceno**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

NEVES, Napoleão Tavares. **Napoleão Tavares Neves**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

NEVES, Napoleão Tavares; MAGALHÃES, Josafá. **Napoleão Tavares Neves e Josafá Magalhães**. Entrevista [14 abr.]. Entrevistador: Eliane e Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

NOGUEIRA, Maria Raquel Santos. **Maria Raquel Santos Nogueira**. Entrevista [09 abr.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

OLIVEIRA, Anne Karollyne de. **Anne Karollyne de Oliveira**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Geraldo Maxminiano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

OLIVEIRA, Francimar dos Santos. **Francimar dos Santos Oliveira**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

OLIVEIRA, Francimar dos Santos. **Francimar dos Santos Oliveira**. Entrevista [s/d.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha.

OLIVEIRA, José Pedro de. **José Pedro de Oliveira**. Entrevista [s/d]. Entrevistador: Eliane Pereira.

OLIVEIRA, José Pedro de. **José Pedro de Oliveira**. Entrevista [28 maio.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

PEREIRA, Cícero José. **Cícero José Pereira** (Cícero de Rex). Entrevista [03 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

PEREIRA, Cícero José. **Cícero José Pereira** (Cícero de Rex). Entrevista [s/d]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha.

PEREIRA, Maria do Socorro. **Maria do Socorro Pereira**. Entrevista [11 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

QUEIROZ, Francisco de Assis. **Francisco de Assis Queiroz**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

QUEIROZ, Maria Celene de Sá. **Maria Celene de Sá Queiroz**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

René Granjeiro (Francisco René de Oliveira). Entrevista [29 mar.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

ROMÃO, João Victor Custódio. **João Victor Custódio Romão**. Entrevista [05 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

SALES, Ana Caroline. **Ana Caroline Sales**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

SALES, Elaine Cristina. **Elaine Cristina Sales**. Entrevista [22 ago.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

SALES, Márcia Margarida de. **Márcia Margarida de Sales**. Entrevista [24 abr.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

SAMPAIO, Benjamim Soares. **Benjamim Soares Sampaio**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Geraldo Maximiniano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Darcy Libório. **Darcy Libório Sampaio**. Entrevista [22 ago.]. Entrevistador: Geraldo Maximiniano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**. Entrevista [10 out.]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Fabriano Livônio. **Fabriano Livônio Sampaio**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Jaqueline Cavalcante. **Jaqueline Cavalcante Sampaio**. Entrevista [14 jun.]. Entrevistador: Geraldo Maximiniano Justino Barbosa. Barbalha, 2004.

SAMPAIO, Rodrigo Torres. **Rodrigo Torres Sampaio**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SAMPAIO, Rodrigo Torres. **Rodrigo Torres Sampaio**. Entrevista [28 maio]. Entrevistador: Maximiniano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

SANTOS, Álvaro Guilherme dos. **Álvaro Guilherme dos Santos**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

SANTOS, Ana Raíssa da Conceição dos. **Ana Raíssa da Conceição dos Santos**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Maximiniano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

SANTOS, Ana Raquel dos. **Ana Raquel dos Santos**. Entrevista [22 nov.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

SANTOS, Aparecida Raquel Gonçalves. **Aparecida Raquel Gonçalves Santos**. Entrevista [08 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

SANTOS, Augustinho José dos. **Augustinho José dos Santos**. Entrevista [16 abr.]. Entrevistador: Eliane Pereira e Luciana Rodrigues de Melo. Barbalha, 2003.

SANTOS, Augustinho José de. **Augustinho José de Santos**. Entrevista [mar.]. Entrevistador: Ítala Byanca e Igor Menezes. Barbalha, 2015.

SANTOS, Enoque Raimundo dos. **Enoque Raimundo dos Santos**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SANTOS, Enoque Raimundo dos. **Enoque Raimundo dos Santos**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

SANTOS, Epitácio Fabrício do. **Epitácio Fabrício dos Santos**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SANTOS, Francisco Belizário dos. **Francisco Belizário dos Santos**. Entrevista [08 jan.]. Entrevistador: Roberto Costa Freire. Barbalha, 2004.

SANTOS, Francisco Bernardo dos. **Francisco Bernardo dos Santos (Fideral)**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SANTOS, Marcos Paulo dos. **Marcos Paulo dos Santos**. Entrevista [29 nov.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Marluce Alves dos Santos**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Jucieldo Alexandre. Barbalha, 2005.

SILVA, Cristóvão Francelino da. **Cristóvão Francelino da Silva**. Entrevista [03 out.]. Entrevistador: Aureliano Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, Cristóvão Francelino da. **Cristóvão Francelino da Silva**. Entrevista [29 jan.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

SILVA, Francisco Gilberto da. **Francisco Gilberto da Silva (Velho Chico)**. Entrevista [22 ago.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, Francisco Gilberto da. **Francisco Gilberto da Silva (Velho Chico)**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Aureliano de Sousa Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, José Elias da. **José Elias da Silva**. Entrevista [18 out.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

SILVA, José Vitorino da. **José Vitorino da Silva**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

SILVA, Lucilene Simplício da. **Lucilene Simplício da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

SILVA, Luís Correia da. **Luís Correia da Silva**. Entrevista [s/d]. Entrevistador: Prociana Ferreira. Barbalha.

SILVA, Luiz Raimundo da. **Luiz Raimundo da Silva (Luiz Valentim)**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, Luiz Raimundo da. **Luiz Raimundo da Silva (Luiz Valentim)**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Aureliano de Souza Gondim. Barbalha, 2005.

SILVA, Maria Janelice Santana da. **Maria Janelice Santana da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Geraldo Maxminiano Justino Barbosa. Barbalha, 2005.

SILVA, Maria Jardelina da. **Maria Jardelina da Silva**. Entrevista [26 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

SILVA, Maria Lúcia da. **Maria Lúcia da Silva**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

SILVA, Pedro Raimundo da. **Pedro Raimundo da Silva (Pedro Elias)**. Entrevista [13 set.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

SOUSA, Joaquim Mulato de. **Joaquim Mulato de Sousa**. Entrevista [17 out.]. Entrevistador: Cícera Patrícia Alcântara Bezerra. Barbalha, 2005.

SOUSA, Joaquim Mulato de. **Joaquim Mulato de Sousa**. Entrevista [20 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

SOUZA, Ademar de. **Ademar de Souza**. Entrevista [16 jun.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2004.

SOUZA, Francisco Rinaldo de. **Francisco Rinaldo de Souza (Louro)**. Entrevista [05 set.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

SOUZA, Maria Expedita de. **Maria Expedita de Sousa**. Entrevista [22 ago.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

TAVARES, Bruno José Macedo. **Bruno José Macedo Tavares**. Entrevista [29 ago.]. Entrevistador: Simone Pereira da Silva. Barbalha, 2005.

TAVARES, Maria Aída Sampaio; SAMPAIO, Maria Isolda Livônio. **Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio**. Entrevista [22 maio]. Entrevistador: Jucieldo Ferreira Alexandre. Barbalha, 2007.

TELES, Nilma. **Nilma Teles**. Entrevista [19 nov.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

VITORIANO, Jovanês. **Jovanês Vitoriano** (Padre Jovanês) Entrevista [25 ago.]. Entrevistador: Eliane Pereira. Barbalha, 2003.

XAVIER, Expedito Rildo Cardoso. **Expedito Rildo Cardoso Xavier**. Entrevista [mar.]. Entrevistador: Ítala Byanca e Igor Menezes. Barbalha, 2015.

XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [01 maio.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

XAVIER, José Antônio. **José Antônio Xavier**. Entrevista [12 jun.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.

XAVIER, José Antônio; DOMICIANO, Antony William. **José Antônio Xavier e Antony William Domiciano**. Entrevista [01 maio.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2005.

XAVIER, Lindelma Imaculada. **Lindelma Imaculada Xavier**. Entrevista [22 nov.]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2003.

XAVIER, Lindete. **Lindete Xavier**. Entrevista [01 maio]. Entrevistador: Luciana Rodrigues. Barbalha, 2004.